VEM COMIGO



SIMONE SOLTANI

Do mesmo universo de *Um amor sem freio*

VEM COMIGO

SIMONE SOLTANI

TRADUÇÃO DE BEATRIZ S. S. CUNHA

intrínseca

Copyright © by Simone Soltani, 2025

Publicado originalmente em 2025 por Pan, um selo da Pan Macmillan, uma divisão da Macmillan Publishers International Limited.

TÍTULO ORIGINAL
Ride with Me

COPIDESQUE
Renato Ritto

REVISÃO
Rachel Rimas
Júlia Moreira

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Leni Kauffman

E-ISBN
978-85-510-1302-1

Edição digital: 2025

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303
Barra da Tijuca, Rio de Janeiro – RJ
CEP 22640-904
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S675v

Soltani, Simone
Vem comigo [recurso eletrônico] / Simone Soltani ; tradução Beatriz S. S. Cunha. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2025.
recurso digital

Tradução de: Ride with me
Formato: ebook
Modo de acesso: Ride with me
ISBN 978-85-510-1302-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Cunha, Beatriz S. S. II. Título.

CDD: 813
25-100119.0 CDU: 82-31(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

intrinseca.com.br

@intrinseca

editoraintrinseca

@intrinseca

@editoraintrinseca

intrinsecaeditora



SUMÁRIO

[Avançar para o início do texto]

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
Calendário da Fórmula 1
Prólogo

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14

Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35

Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora

Para todos que se reconhecem merecedores de mais do que receberam.

E para minha mãe D. Por favor, não leia este.



CALENDÁRIO DA FÓRMULA 1

~~*Bahrain • 3–5 de março*~~
~~*Arábia Saudita • 17–19 de março*~~
~~*Austrália • 31 de março–2 de abril*~~
~~*Azerbaijão • 28–30 de abril*~~
~~*Miami • 5–7 de maio*~~
~~*Emilia-Romagna (Ímola) • 19–21 de maio*~~
~~*Mônaco • 26–28 de maio*~~
~~*Espanha • 2–4 de junho*~~
~~*Canadá • 16–18 de junho*~~
~~*Áustria • 30 de junho–2 de julho*~~
~~*Grã-Bretanha • 7–9 de julho*~~
~~*Hungria • 21–23 de julho*~~
~~*Bélgica • 28–30 de julho*~~
~~*Férias de verão*~~
~~*Holanda • 25–27 de agosto*~~
~~*Itália (Monza) • 1º–3 de setembro*~~
~~*Singapura • 15–17 de setembro*~~
~~*Japão • 22–24 de setembro*~~
~~*Catar • 6–8 de outubro*~~
~~*Estados Unidos (Austin) • 20–22 de outubro*~~
~~*México • 27–29 de outubro*~~
~~*Brasil • 3–5 de novembro*~~
Las Vegas • 16–18 de novembro
Abu Dhabi • 24–26 de novembro



PRÓLOGO

Thomas

Setembro — Singapura

Estou assistindo a um acidente em câmera lenta.

Pelo retrovisor, não consigo contar quantos carros ficaram destruídos nas barreiras atrás de mim, que agora estão sendo tomadas pelas chamas. Só sei que ninguém vai sair desse acidente ileso — *se é* que alguém vai sair dele.

— Bandeira vermelha, Thomas — meu engenheiro de pista informa pelo rádio, apesar de ser óbvio. — Repito, bandeira vermelha. Vá para o *pit lane*.

Não respondo. Não consigo fazer nada além de olhar para a fumaça preta atrás de mim, as luzes piscantes e a situação horrível que continua a se desenrolar, surpreso por não ter me envolvido. Foi por um triz.

É fácil esquecer como a Fórmula 1 pode ser perigosa. Poucos de nós morrem na pista hoje em dia, então ignoramos os riscos que corremos toda vez que entramos no carro. Mas vidas podem ser perdidas com muita facilidade. E a morte nem sempre é o pior destino.

— Eles conseguiram sair? — pergunto depois de recuperar a voz.

Não vou pedir mais detalhes. Não quero saber. Não por enquanto.

O homem fica em silêncio. As marteladas do meu coração são o único som em meus ouvidos.

— Vai, me fala. — Começo a procurar as cores da equipe enquanto dirijo para a entrada do *pit lane*, mas não consigo enxergar nenhuma delas direito. — Eles conseguiram sair dos carros?

Mais uma vez, não recebo resposta. Ele só fala comigo depois que já estacionei e ergui o corpo para fora do *cockpit* na tentativa de ver quem mais encostou o carro.

— Dois saíram — ele me avisa, finalmente. — Zaid Yousef. E Axel Bergmüller. Estão com os paramédicos.

Uma onda nauseante de alívio me atinge e se intensifica quando vejo o outro carro da McMorris atrás de mim. Meu companheiro de equipe não ficou preso no meio do caos.

— E os outros? — insisto. Não consigo adiar mais. — Quem mais se envolveu?

A resposta vem rápido desta vez:

— Dev Anderson, mas ele evitou o pior e ficou tudo bem com ele. Conseguiu sair andando sem ajuda.

Continuo passando os olhos pelos carros e pelos pilotos, tentando me lembrar de quem ainda não vi. Somos apenas vinte. Não deveria ser difícil.

Por fim, percebo quem está faltando.

— E o Lorenzo?

Meu engenheiro solta o ar devagar, fazendo meu estômago embrulhar. Já tive problemas com Lorenzo Castellucci no passado. A fama dele de terrorista na pista é justificada; eu mesmo já fui vítima da direção imprudente dele e da sua ânsia de se provar como filho de um tetracampeão mundial, resultando em acidentes e muitos *quase* acidentes. No fundo, sempre o odiei por isso.

Mas eu nunca desejaria a ele uma situação como essa. Nem a ninguém.

Só que aí percebo que desejei. Cheguei a dizer exatamente isso num momento em que não achei que houvesse alguém malicioso ouvindo. Mas havia, claro que havia. Agora vai virar notícia da pior maneira possível e vai me assombrar para sempre, Lorenzo estando bem ou não.

Eu nos amaldiçoei. E não sei se algum de nós vai sobreviver a isso.



CAPÍTULO 1

Thomas

Dois meses depois
Novembro — Las Vegas, Nevada

Não é fácil ser o homem mais odiado do automobilismo.

Às vezes me pergunto se estou exagerando. Sei que não sou *o mais* odiado, mas com certeza estou entre os cinco primeiros de muitas pessoas — as mesmas pessoas que já chegaram ou que estão a caminho da cidade para o Grande Prêmio de Las Vegas no fim de semana que vem. Mas aí rolam dias como hoje, nos quais tenho o privilégio de atestar em primeira mão que definitivamente *não estou* exagerando.

— Vai se foder — diz o homem de rosto vermelho na minha frente, a pele quase no mesmo tom da camiseta da Scuderia D'Ambrosi que está usando, o número de Lorenzo Castellucci estampado na frente. — Foi *você* quem fez aquilo com ele. *Você* arruinou a vida dele.

Considerando que eu não estava envolvido no acidente que supostamente deixou Castellucci paraplégico, a declaração do homem está um pouco equivocada. Ainda assim, não adiantaria de nada dizer a ele que tudo aconteceu por causa da imprudência do próprio piloto favorito dele. Sou o inimigo público número um, tudo por causa de um comentário infeliz.

Respiro fundo para me acalmar e olho por cima do ombro dele, procurando rotas de fuga desta maldita conversa, mas o cara está bloqueando a minha passagem para o lugar onde preciso estar: um ônibus-balada parado no meio-fio a dez metros de distância. Não pensei que teria que lidar com um fã furioso de Castellucci antes de participar

de uma despedida de solteiro, mas é assim que anda minha vida nos últimos tempos.

Enquanto os outros convidados embarcam, fico preso na calçada do lado de fora do hotel, já que o homem continua seu discurso inflamado. Não vou conseguir me desvencilhar dele sem que outra matéria mordaz seja publicada amanhã de manhã, mas talvez seja *até melhor* dar motivo para que ele faça um mau juízo de mim. Não é como se a Fórmula 1 fosse imune a escândalos, espionagens, trapaças, negócios escusos e mãos sendo molhadas com dinheiro sujo. Tudo isso está impregnado na história do esporte, e nós, pilotos, não somos diferentes. Não consigo pensar em nenhum de nós, no passado ou no presente, que *não* tenha se envolvido em algum escândalo que acabou na mídia.

Dev Anderson, por exemplo, e sua IST resistente a antibióticos, um boato que começara quando a ex-gestora de redes sociais dele pedira demissão em um acesso de fúria. Levou meses e uma reformulação completa de sua imagem para consertar a reputação do cara e convencer os patrocinadores de que ele não traria publicidade negativa — e de que não tinha IST nenhuma. Até hoje ainda existem algumas marcas "mais voltadas para a família" que se recusam a trabalhar com ele, tudo por causa das mentiras que foram espalhadas. Foi um pesadelo, e ele ainda está se reerguendo.

Mas eu trocaria de lugar com Dev de bom grado e preferiria ficar conhecido por uma falsa IST a saberem que desejei a morte de um colega.

A pior parte é que eu realmente fiz isso. Não houve rumores inventados por ex-funcionários vingativos nem clipes com edição de som para fazer minha caveira. Eu falei mesmo aquilo, apesar de ter me arrependido na mesma hora, pois foram palavras ditas em um momento de raiva depois de quase morrer na pista por causa desse homem.

Além disso, já sou bastante experiente neste mundo para saber que sempre tem alguém ouvindo. E, neste caso, alguém na nossa garagem gravou cada palavra furiosa que saiu da minha boca. Não sei quem foi o responsável pela filmagem e pela publicação nas redes sociais, mas em menos de uma hora minha fala já tinha viralizado em todas elas.

O caso gerou certa comoção na época, e recebi uma onda de ódio bastante justificada, mas foi só depois do acidente em Singapura, dois meses atrás, que me tornei oficialmente o homem mais odiado da F1.

Eu entendo o motivo e não posso colocar a culpa em ninguém. Posso até não acreditar em toda essa besteira de lei de atração e de "tomar cuidado com o que se fala", mas sei que algumas pessoas acreditam e

botam o acidente na minha conta. Virei o bode expiatório que recebe ameaças de morte o tempo todo.

Preciso dar uma ligada para Dev e perguntar como ele consertou a bagunça em que se envolveu. Talvez até contrate a mesma gestora de redes sociais que ele contratou, a que reverteu a opinião pública a favor dele. Pelo que fiquei sabendo, ela foi contratada por Reid Coleman, o piloto que hoje em dia é o número um da Scuderia D'Ambrosi, mas eu diria que preciso mais dela do que Reid. Se bem que a D'Ambrosi era — *é* — a equipe de Lorenzo, então ir atrás da gestora de redes sociais do cara talvez não seja visto com bons olhos.

As pessoas que cuidam da minha comunicação estão fazendo o melhor que podem para evitar que eu pareça um completo babaca, então a única coisa que me resta é esperar até que o próximo escândalo seja revelado e eu deixe de ser o alvo principal. Para o meu bem, espero que vazem uma fofoca de alguém tendo um bebê fora do casamento nas próximas semanas. Sigo na torcida.

— Entendo sua frustração — interrompo, tentando ser o mais diplomático possível, desesperado para entrar no ônibus. — E pode ter certeza de que vou pensar melhor antes de falar ou fazer alguma coisa no futuro.

Ele me encara como se tivesse crescido uma segunda cabeça no meu pescoço e então volta a esbravejar, me acusando de ser um *inglesinho pretensioso de merda* e enfiando o dedo no meu peito várias vezes. Resignado, apenas suspiro e aceito as ofensas.

Por mais que quisesse fugir, duvido que haja um lugar seguro para mim em Las Vegas inteira, com exceção do motorhome da McMorris, onde há um sistema de segurança de primeira linha. Tive que tolerar esse tipo de situação em todos os Grandes Prêmios desde Singapura: cinco corridas de pura tortura. Infelizmente, vai demorar alguns dias até que eu possa me abrigar com minha equipe no paddock, o que significa que até lá minha única estratégia é sorrir e acenar.

Nem era para eu ter saído hoje à noite. Não sou o membro da família Maxwell-Brown que deveria estar aqui, e sim Andrew, meu irmão mais velho e amigo de infância do noivo, mas a esposa dele está a semanas de dar à luz o primeiro filho dos dois. Ele não podia arriscar perder o nascimento do próprio filho, ainda que fosse por um evento como este, então fui oferecido como a segunda opção, um substituto para representar nossa família no casamento de amanhã, já que minha agenda de corridas coincidiu com a festa. Não esperava um convite para uma despedida de solteiro, mas Andrew deixou claro que eu não podia recusar.

O celular vibrando no meu bolso é a distração perfeita para os gritos na minha cara, e ao pegá-lo vejo a mensagem do meu melhor amigo. *Tá vivo?*, pergunta Joshua, e preciso reunir todas as minhas forças para não bufar enquanto digito: *Sendo abordado neste exato momento, na verdade*. Ao que ele responde: *Contanto que não vire notícia, vai ficar tudo bem*.

Pelo menos alguém se importa.

— Ei, tá me ouvindo? — ruge o fã de Castellucci, e levanto a cabeça. De alguma maneira ele ficou um tom mais escuro de carmesim.

Para livrá-lo do AVC iminente e poupar minha saúde mental de se deteriorar ainda mais, abro um sorriso tenso e dou um grande passo para o lado.

— Desculpa mesmo, mas preciso ir. Se cuida, tá?

Recebo apenas um breve momento de silêncio antes de ele gritar para as minhas costas, mas me recuso a voltar a encará-lo e ouvir mais desaforos. Por sorte, ele não me segue, então subo os degraus do ônibus e, já lá dentro, levo alguns segundos para me acostumar à pouca luz e aos flashes estroboscópicos. Quando meus olhos se ajustam, congelo.

Meu cérebro faz o melhor que pode para assimilar o que estou vendo. Se isso é uma despedida de solteiro… por que tem tanta mulher ali dentro? Jesus Cristo, por que a *noiva* apareceu?

A resposta chega um segundo depois. Não é só uma despedida de solteiro: é uma combinação de despedida de solteiro *e* de solteira.

— Senta aí, amigão! — grita alguém em meio à música alta. Olho em volta e avisto um homem de olhos vidrados, sorridente, segurando uma bebida. — A festa tá só começando!

Mas parece que já começou com tudo. Por um momento, fico pensando se não seria melhor sair do ônibus, e considero bem rápido todos os prós e contras de ficar ali ou na rua, mas as portas se fecham e decidem por mim.

Assim que o ônibus se afasta do meio-fio, eu me espremo ao lado de outros homens de smoking. Achei estranho quando Ron, o noivo, nos pediu para usá-los hoje à noite, e parece que a noiva pediu que as mulheres usassem vestidos brancos. Com essa escolha de looks, qualquer par de convidados poderia ser os pombinhos, embora eles estejam usando faixas e coroas de seda para se diferenciar dos demais.

Eu me arrisco a lançar um olhar ao redor para ver se mais alguém está tão chocado quanto eu com aquela reviravolta, mas todos parecem estar se divertindo muito. Ok, isso talvez não seja lá muito verdade: tem uma mulher mais para o fundo que parece preferir ser atropelada pelo ônibus a estar dentro dele. Mas, mesmo em claro estado de sofrimento, ela é deslumbrante.

Sou forçado a desviar o olhar dela quando alguém enfia uma taça de champanhe na minha mão e começam a surgir gritos me obrigando a virar a bebida de uma vez. Obedeço, mais para fazê-los parar de berrar do que qualquer outra coisa, mas também porque tenho a sensação de que vou precisar do álcool para sobreviver a esta noite.

O jeito é seguir o fluxo.



CAPÍTULO 2

Stella

Despedidas conjuntas de solteiro e solteira deveriam ser ilegais.

Os canadenses costumam se referir a esse conceito como *buck and doe*, mas eu, enquanto americana, chamo essas aberrações de "um grande desperdício da porra do meu tempo". Eu deveria estar bêbada quando concordei com isso, porque não existe realidade paralela em que eu fosse decidir, por livre e espontânea vontade, me sujeitar a entrar num ônibus-balada com um bando de tarados e de mulheres escandalosas, me encostar em uma barra de pole dance e ficar vendo os noivos se pegarem.

Mal consigo disfarçar o desgosto conforme assimilo tudo que vejo, meu lábio superior lentamente se contraindo a cada poucos segundos até estar pressionado contra o inferior. Eu até me preocuparia em borrar meu batom se já não soubesse que ele é praticamente à prova de bombas, já que foi testado durante a criação de várias receitas e degustações. Se não borra com uma mordida em um cupcake com tanta cobertura que é quase preciso deslocar a mandíbula para morder, não vai borrar com o meu escárnio.

Juro, não era para eu estar aqui. Eu deveria estar em um avião voltando da minha lua de mel, radiante depois de passar alguns dias em um bangalô flutuante nas Maldivas, transando sem parar com o amor da minha vida, mas esse plano foi por água abaixo quando ele me largou no altar. O cara literalmente *saiu correndo* quando chegou a hora de dizer os votos, e eu fiquei lá com a maior cara de tacho, só olhando enquanto ele fugia da igreja como o diabo foge da cruz.

Em vez disso, estou aqui: presa num ônibus-balada em Las Vegas, cercada por quarenta e poucas pessoas que mal conheço e desejando

poder me jogar pela janela no meio da rua; desejando nunca ter concordado quando minha prima favorita me convenceu a vir junto para me distrair do meu noivo fujão.

É, não resta a menor dúvida de que eu estava bêbada quando concordei com isso. Nos primeiros dias após meu casamento fracassado, fiquei bem amiga do vinho. Eu não estava bebendo muito, então aqueles pinot noirs encorpados e chardonnays diuréticos subiam para a cabeça rapidinho.

Vai saber com o que mais concordei durante aquele período. Ainda bem que não cuido dos assuntos do dia a dia da minha empresa, senão poderia estar à beira da falência. Pensando bem... merda, acho que me lembro de ter enviado um e-mail para o meu chef de cozinha em um horário nada adequado perguntando se poderíamos colocar um macaron de vinho tinto no menu da Stella Margaux.

E teve também aquele videozinho que viralizou…

— Stella! — grita alguém com voz aguda do outro lado do ônibus, me tirando da espiral de mau humor.

É Daphne, outra prima minha, uma mulher que eu queria poder arrancar fisicamente da nossa árvore genealógica. O cabelo dela, na altura do queixo, mal se mexe quando ela se estica para segurar minha mão, as unhas impecáveis num tom "mais fechado" de vermelho. Parece uma personagem do filme *Mulheres Perfeitas*, só que negra, cujos hobbies incluem bruxaria e devorar a alma de crianças. Se ela não me irritasse tanto com esse teatrinho de ser sempre tão amável, eu adoraria a vibe dela.

Infelizmente, ela é um monstro faminto por fofocas, e tenho certeza de que foi a responsável por vazar para a imprensa todos os detalhes sórdidos do meu casamento fracassado. Era de se pensar que uma cirurgiã plástica renomada de trinta e cinco anos e mãe de dois filhos teria coisas melhores para fazer com o próprio tempo do que falar merda de uma noiva rejeitada que é sete anos mais nova. Mas, bom... acho que no fim todo mundo tem as suas questões.

— Que bom que você veio! — dispara Daphne quando me encara com aqueles olhos escuros e penetrantes. — Como está se sentindo? Melhor depois de… tudo que rolou?

Essa parece ser a pergunta favorita das pessoas ultimamente. Eu adoraria dizer que nunca estive tão bem nessas duas semanas desde que meu noivo foi embora. Acho que é o que eles iam preferir ouvir. Mas não posso mentir, considerando que as evidências do meu desespero estão espalhadas por toda a internet.

Alguém deveria ter tirado o celular de mim, ou pelo menos mudado as senhas das minhas redes sociais. Talvez isso tivesse me impedido de abrir uma live no Instagram e fazer um discurso apaixonado, totalmente bêbada, para o mundo inteiro, de que o amor não existe, os homens são um lixo e os franceses que se fodam.

— Ah, tudo indo! — grito em meio à música alta. — Mas estou muito feliz por ter vindo! Muito feliz pela Janelle e pelo Ron!

Ela me encara como se não acreditasse nisso nem por um segundo, mas abre um sorriso amplo e falso. Os dentes dela são *tão* brancos e retos que só podem ser lentes de contato. Caramba, são incríveis.

— Que bom que decidiu vir. De volta pra pista!

— Isso aí! A mãe tá on! — brinco de volta, e sou acometida por uma vontade súbita de me matar.

Ela solta minha mão quando o ônibus balança ao parar e gritos animados tomam conta do ambiente. Lá na frente, Janelle dá batidinhas em um microfone, tentando atrair a atenção de todos. O som me causa arrepios, e fico tentada a tapar os ouvidos, mas não quero parecer uma grande estraga-prazeres logo de cara.

— E aí, tropa do casório! — grita Janelle no microfone. — Como está todo mundo?

Pessoas assobiam e berram, e desvio o rosto para não levar uma cotovelada de uma mulher sentada ao meu lado, que já exagerou um pouco no champanhe. Em comparação, ainda estou tomando minha primeira taça, apesar de querer pegar a garrafa mais próxima e virar todo o líquido de uma vez.

— Beleza, agora que sei que estão se divertindo — continua Janelle —, vamos repassar o itinerário da noite.

O cronograma inclui jogatina, um jantar degustação e um clube de *striptease* onde nós, mulheres, teremos a oportunidade de aprender dança erótica com profissionais e depois praticar a noite toda. Normalmente eu me animaria com todas essas coisas. Atropelo qualquer um em uma mesa de pôquer, adoro comer bem e a ideia de aprender dança erótica do jeito certo me soa divertidíssima. Mas não consigo me animar com nada disso. Aliás, não consigo me animar há séculos. É uma *merda*.

Sinto falta de me sentir eu mesma. De ser alegre, em vez de amarga. De ser a alma da festa e a primeira pessoa a topar um desafio e que se danem as consequências. Sinto falta de quem eu era antes do homem que eu amava e em quem confiava me deixar na mão.

Sinto falta de *ser eu mesma*: a porra da Stella Baldwin. Mas vai saber quando ela volta.

Por hoje, vou me consolar com o fato de que não pareço ser a única passando por um momento ruim. Quando desembarcamos do ônibus, entro na fila atrás de um homem de cabelo escuro que solta um suspiro cansado conforme nos arrastamos em direção à porta, os ombros largos curvados.

É, amigo, eu te entendo.

Faço cara feia quando Daphne tromba comigo e se mete na minha frente, arrastando outra mulher com ela. Fico tentada a derramar o resto do meu champanhe nelas "sem querer", mas considerando que estamos todas usando branco por exigência de Janelle, o tecido ficaria transparente e me colocaria em apuros. Trágico.

Não vou negar que fico bonita com esse vestido — um modelo curto de seda com bainha de plumas. Sempre fico maravilhosa de branco por ser uma mulher negra de pele mais escura. Mas também não posso negar que me ver assim é um gatilho para a ex-noiva dentro de mim.

Sinto uma pontada muito familiar no peito, uma espécie de mágoa. Tento afogá-la virando o restante do meu champanhe, torcendo para Janelle e Ron terem contratado open bar em todos os lugares a que estamos indo. Preciso encher a cara para sobreviver a isso. Contanto que alguém me impeça de pegar meu celular e gravar outro desabafo, acho que vou ficar bem.

Respiro fundo enquanto descemos do ônibus, grata por não torcer o tornozelo nas sandálias de tira nada práticas com estrelinhas brilhantes que estou usando. Elas fazem minhas pernas parecerem quilométricas, mas acho que foram feitas mais para a pessoa ficar sentada do que para andar. Ou talvez para jogar por cima dos ombros de um homem muito bonito. Não que eu tenha feito isso recentemente ou tenha planos de fazer. Quem diria que ter meu coração partido faria minha libido despencar?

— A gente vai se divertir tanto hoje! — Sydney, uma das madrinhas, grita atrás de mim enquanto entramos no cassino luxuoso. — Mas alguém aqui sabe, tipo, jogar cartas?

— Quem se importa? — Rachel, outra madrinha, responde antes de gargalhar. — É só uma desculpa pra ver caras gostosos de smoking perdendo um monte de dinheiro!

Elas passam correndo por mim em uma crise de riso, quase caindo enquanto tentam contornar o homem que estava na minha frente no ônibus.

— Ai, merda, desculpa! — solta Sydney, agarrando o braço dele ao tropeçar.

O homem se vira, leva a mão ao cotovelo dela e a segura firme.

— Tudo certo — diz ele, e posso jurar que capto uma pitada de sotaque britânico. Não é nenhuma surpresa, considerando que o noivo cresceu em Londres e a maioria dos padrinhos dele são amigos de infância ou jogadores de futebol da Premier League. — Mas cuidado, hein? Ron e Janelle não vão querer que ninguém vá parar no hospital hoje.

O sotaque, então, fica óbvio, mesmo com o barulho das máquinas caça-níqueis, e a maneira como ele constrói a frase confirma minha teoria. Mas é a expressão que vejo em seu rosto que de fato revela o lugar onde ele nasceu. O sorriso tem aquele ar britânico clássico, os lábios apertados que mais parecem uma careta do que uma expressão de alegria. É educado e atencioso, mas meio condescendente também. Com um sorriso desses, ele seria um ótimo membro do Parlamento.

E falando em lábios… o homem tem uma boca bonita, lábios fartos, e para mim fica óbvio que está familiarizado com o conceito de protetor labial. Não que eu esteja pensando… em *beijá-lo*. Homens paternalistas que ficam muito bem de smoking não fazem meu tipo. Pelo menos não deveriam fazer, já que foi exatamente esse tipo que virou minha vida de cabeça para baixo.

Mas não posso negar que o cara é bonito.

Sob as luzes quentes do cassino, o cabelo dele fica de um tom castanho escuro. Uma mecha ondulada e desalinhada à perfeição recai sobre sua testa, e não tenho dúvidas de que ele finalizou o cabelo desse jeito com uma pomada cara. Os olhos, de um azul penetrante, são emoldurados por cílios grossos, do tipo que me fariam inveja se eu não tivesse a melhor designer de cílios do mundo salva nos meus contatos. E, embora sua pele esteja no nível Branca de Neve na escala de palidez, ele tem um brilho dourado que me faz ter certeza: ele passou o verão tomando sol.

Como se isso tudo não bastasse, as feições dele são tão perfeitas que é como se algum escultor clássico o tivesse esculpido em um bloco de mármore. Nariz reto, maçãs do rosto altas, maxilar incrivelmente definido. Ele é… majestoso. O homem parece ter saído de um conto de fadas.

Ainda estou encarando quando as mulheres dão risadinhas e olham para ele por mais tempo que o normal. Não posso culpá-las. Se eu tivesse a oportunidade de chegar tão perto dele, talvez estivesse agindo igualzinho. A antiga Stella — quando era solteira, ousada e livre de preocupações — não teria perdido tempo. Já a versão atual…

— Nossa, que vergonha.

Olho para a minha direita e encontro Daphne ao meu lado, zombando da mesma cena que estou acompanhando. A diferença é que o foco dela recai sobre as duas mulheres cortejando o Príncipe Encantado, não no homem em si.

— A Rachel e a Sydney são incapazes de se comportar perto de um homem — reclama ela, balançando a cabeça como se estivesse testemunhando um grande papelão. — É melhor ele estar pronto para o ataque.

Não vou culpar mulher nenhuma por sentir desejo de atacar um homem (já passei por isso), então não me sinto no direito de concordar com Daphne. No entanto, o que faço é manter os olhos nele. Não faz mal tirar uma casquinha a mais.

A parte boa de não estar mais em um relacionamento é que posso olhar para quem eu bem entender quando eu bem entender. Sou uma mulher solteira pela primeira vez em cinco anos. Estou *livre*. É uma pena que toda essa *liberdade* me deixe a ponto de desmoronar a cada dez minutos.

Por mais determinada que eu esteja a seguir em frente, ainda estou de luto pelo meu relacionamento e pela vida que construímos juntos, e sei que vou continuar assim por um tempo. Mas também sei que poderia ter sido muito pior se eu estivesse um pouco mais apaixonada por ele.

Não que eu não amasse Étienne. Meu Deus, longe disso. Só que, ao longo do ano passado, nosso relacionamento foi ficando meio… desgastado. Coloquei a culpa nos planos para o casamento e na correria do trabalho, coisas que costumam sobrecarregar um casal, mas havia algo além disso. Naquela época, decidi ignorar os sinais e procurar por qualquer outro motivo para o distanciamento emocional dele que não fosse a perda de interesse em mim. No fim, foi a isso que tudo se resumiu.

Eu só não quero mais ficar com você, Stella.

Eu deveria mesmo ter previsto. A gente não transava havia quatro meses. Todos os nossos beijos não passavam de selinhos. Uma vez ele até se retraiu quando tentei segurar sua mão, dando a desculpa de que se assustou porque meus dedos estavam gelados. Teria sido um momento perfeito para pegar minha mão e aquecê-la entre as palmas dele, talvez até dar um beijinho, mas não. Ele se limitou a enfiar as mãos nos bolsos, e fui deixada para trás enquanto caminhávamos. Eu deveria ter percebido que era o nosso fim. Só queria ter aberto os olhos para tudo isso mais cedo.

Mas agora eles estão bem abertos e observando atentamente um homem que eu não teria notado algumas semanas atrás.

— Fico tão feliz por você não ser que nem elas — comenta Daphne, me tirando dos meus pensamentos. Há uma nota de doçura em suas palavras que não me agrada. — Você vem sendo tão graciosa e digna durante… *tudo que aconteceu, sabe.* Você poderia ter saído por aí, doida pra compensar os anos que perdeu ao lado do Étienne, mas não. Essas duas podiam aprender com você em vez de agirem feito duas piranhas, que nojo.

Quase tropeço quando ouço o insulto, meu calcanhar se prendendo a alguma protuberância invisível no carpete, mas consigo manter o equilíbrio.

— Como é que é?

Daphne faz um gesto com a mão como se estivesse apagando o comentário horrível que acabou de fazer.

— Eu sei que é meio grosseiro, mas mulheres assim são todas farinha do mesmo saco. Não tenho respeito nenhum por elas.

— Tá dizendo que não me respeitaria se eu agisse igual a elas? — desafio, cedendo ao impulso de transformar a pequena centelha de raiva em uma verdadeira chama.

Mas, para ser justa, tenho que dar esse crédito a Daphne, já que esta é a primeira vez que sinto algo diferente de um desespero esmagador ou de uma completa sensação de torpor desde o dia do meu casamento.

— Claro que não — repreende ela, entrelaçando o braço no meu e me puxando para mais perto. — Talvez eu só começasse a te enxergar de um jeito um pouco diferente. Mas duvido que fosse agir assim. Não tem nada a ver com a sua personalidade.

— Ah, é mesmo?

Podemos até ser da mesma família, mas está claro que ela não me conhece. Ou talvez tenha esquecido como eu era antes de uma carreira intensa e um relacionamento em ruínas sugarem lentamente minha energia e personalidade.

Ela parece achar que tenho sido *graciosa* e *digna* depois da minha vida toda ter ido pelos ares. Só que até onde eu sei, essas palavras não são sinônimas de *enlutada* e *deprimida*. Se ela acha que essa sou eu de verdade, está redondamente enganada.

— É — confirma Daphne, apertando meu braço de leve e me fazendo querer dar um soco nela. — Só não me parece algo que você faria, Stella.

Sinto uma pontada no peito que parece abrir as comportas para cada emoção que mantive trancada e me recusei a sentir nos últimos dias. Quem ela pensa que é para me dizer quem eu sou? Como ela poderia me conhecer melhor do que eu mesma? E por que acha que tem o direito de

julgar como eu ou qualquer outra pessoa vive a própria vida? Não afeta em nada a vida dela.

Mas tudo bem. Tá tudo bem. Se é isso que ela pensa, então foda-se. Foda-se *ela*. Eu vou mostrar quem eu sou de verdade, vou mostrar o caos que sou capaz de causar agora que não devo satisfações a ninguém.

Hoje a antiga Stella vai ressurgir. E vai causar.



CAPÍTULO 3

Thomas

Tudo bem, talvez eu não seja tão odiado quanto pensava.

Pelo menos não pelas mulheres nesta festa. As duas que estão penduradas em mim neste exato momento não parecem incomodadas com o fato de eu estar aqui. Na verdade, parecem estar gostando *bastante* da minha presença.

— Você é um *lorde* — fala a que está à minha esquerda, olhando para mim com olhos derretidos.

Depois de impedir que levasse um tombo no meio do cassino, virei o cavaleiro de armadura brilhante dela (e da amiga). Acho que a moça se chama Rachel… ou talvez essa seja Sydney. Não prestei muita atenção quando as duas se apresentaram, estava ocupado demais me preparando para outra possível abordagem colérica ao atravessar o andar do cassino em direção aos elevadores. Sair do ônibus-balada e passar no meio de uma multidão tinha sido bem estressante, mas por enquanto estava tudo bem.

— O mais gentil de todos — completa a que está à minha direita, pressionando ainda mais o corpo no meu enquanto nós e dez outras pessoas nos amontoamos no interior da caixa de metal. — Aposto que todo mundo se apaixona por você à primeira vista.

Se elas soubessem…

— Os fãs me adoram — minto, me aproveitando dos sorrisos e das risadas.

Elas são bonitas e devem ter a minha idade, talvez um pouco mais velhas, mas isso nunca foi uma questão para mim. Resolvo continuar dando corda para elas enquanto estiverem interessadas, mas não vai passar disso.

Não que eu não queira ir além, mas minha reputação já está tão manchada que não posso arriscar mais um tropeço. Preciso ficar longe de problemas. E sem querer ofender essas mulheres, mas estou com a nítida impressão de que qualquer escapada — na companhia de uma ou das duas — iria parar nos sites de fofoca amanhã cedo.

— Primeiro as damas — digo, quando as portas voltam a se abrir.

Sou brindado por mais piscadinhas e risadinhas antes de elas seguirem a multidão e se juntarem ao grupo que acabou de sair do outro elevador. Somos deixados no que presumo ser uma sala de aposta particular, e posso jurar que já vi uma igualzinha num filme do James Bond. Há mesas de pôquer, vinte e um e dados espalhadas pelo extenso espaço coberto por carpete preto e iluminação com clima aconchegante. Um bar elegante e espelhado cobre uma parede inteira, e do lado oposto vejo mesas e assentos em cabines intimistas. Tenho certeza de que a parede de vidro do outro lado da sala proporciona uma vista para a área de *striptease*, mas o espaço é tão vasto que tudo que enxergo pelas janelas escuras é o brilho da Torre Eiffel falsa e dos andares superiores dos hotéis do outro lado da avenida.

Mal entro na sala, e uma garçonete já se aproxima com uma bandeja de champanhe na mão, me conduzindo gentilmente à seção onde os outros homens estão se reunindo. É um pouco decepcionante ser separado da minha dupla de fãs, mas talvez seja melhor assim.

— Cheguem mais, rapazes. — Ron eleva a voz em meio à música, que é um pouco menos perturbadora que o techno monstruoso que viemos ouvindo no ônibus. — Quero propor um brinde antes do início desta noite de libertinagem.

Não sei quanta libertinagem pode acontecer tendo a futura esposa dele bem na sala ao lado, mas tudo bem.

— Aos meus compatriotas — começa Ron, erguendo a taça de champanhe e semicerrando os olhos para distinguir os outros ingleses na sala. — Obrigado por terem atravessado meio mundo para estarem aqui hoje. E, aos outros, fico feliz de ver a cara feia de vocês também. Para mim é muito importante ter vocês aqui comemorando minha última noite como um homem solteiro. Quem diria que minha hora ia chegar, hein?

Eu não diria. Na época em que jogava na Premier League, Ron era conhecido por trocar de mulher toda semana. Acho que tudo mudou quando ele se aposentou no ano passado e conheceu o amor de sua vida. Fico feliz de verdade por Ron, mas não vai ser uma grande surpresa se a noiva acabar de coração partido nessa história em algum momento.

Pode até ser que eu esteja sendo cético demais. E talvez eles até tenham um casamento sólido agora que ele saiu dos holofotes, mas de acordo com o que já vi e conheço dos meus colegas atletas, fidelidade não é o ponto forte de nenhum deles.

Já eu estou fora dessa equação. É impossível trair sem nunca ter tido um relacionamento.

— A Ron e Janelle! — brinda um homem perto de mim.

Perdi a última parte do brinde de Ron, mas levanto minha taça e me junto ao coro celebrando as núpcias iminentes. E é dada a largada.

Mais especificamente, Ron pede que a gente se divirta como nunca e aproveite a próxima hora de jogos antes do jantar. Nunca fui muito fã de jogar cartas nem de perder dinheiro, então para mim é um desperdício de tempo, mas não tenho motivos para reclamar por estar em um lugar como este. Estou a salvo de olhares curiosos e de câmeras indiscretas, e ninguém ali parece se importar com quem eu sou. Tem vários outros famosos na sala, e, no ranking de popularidade do esporte, tenho certeza de que os jogadores de futebol vencem os pilotos de Fórmula 1 — ainda que a cidade esteja prestes a girar ao nosso redor.

Terminando meu champanhe, coloco a taça vazia na bandeja de uma garçonete que passa e vou até o bar, pronto para algo mais forte. Não costumo beber durante a temporada, tirando as comemorações no pódio, mas vou abrir uma exceção para este fim de semana. Eu mereço.

Janelle deve ter terminado de brindar antes de Ron, porque as mulheres já estavam dispersas pela sala. Sorrio ao passar por um grupo amontoado em torno de uma bandeja de shots e paro quando outro grupo passa depressa em direção à mesa de vinte e um mais próxima. Quando consigo sair da passagem, continuo andando, mas diminuo a velocidade ao ver uma mulher sozinha: a mesma que tinha visto no ônibus.

A maioria das mulheres está em duplas ou em grupos, mas ela está à parte da bagunça, parada na outra extremidade do bar. Está sentada de costas para o balcão e com um cotovelo apoiado no mármore da bancada, tão inclinada que consigo ver a silhueta de seu corpo esbelto. As longas pernas negras estão cruzadas, um dos saltos preso na travessa inferior do banco enquanto o outro balança lentamente no ritmo da música. A cada movimento, a bainha de plumas de seu vestidinho branco sobe alguns centímetros.

Ela segura a taça de champanhe de modo casual junto à barriga, a postura relaxada, mas o brilho que noto em seus olhos conta uma história diferente.

Não há outra maneira de dizer: ela está caçando.

Fico parado quando percebo que me tornei alvo da atenção dela. Começa com um olhar rápido de cima a baixo, nada além de uma avaliação relâmpago, mas que se prolonga quando ela chega ao meu rosto novamente. Nossos olhares se encontram e se demoram um no outro, e rola um momento de tensão antes de os lábios carnudos dela se curvarem num sorriso. O gesto soa como uma ordem para que eu me aproxime.

E quem sou eu para dizer não a uma mulher?

Chegando perto dela no balcão, concentro-me em chamar a atenção do barman e peço um bourbon à moda antiga antes de me virar para ela, que é ainda mais bonita de perto, facilmente a mulher mais atraente do recinto — com minhas desculpas à noiva. Uma pele impecável, olhos grandes e castanhos e uma boca devastadora que eu, com a maior boa vontade, permitiria que acabasse comigo.

— Gostaria de beber algo diferente de champanhe? — pergunto.

Não é uma abordagem tão exuberante, mas não estou tentando cantá-la. Estou aqui para conversar com uma mulher bonita pelo tempo que ela permitir.

Ela lança um olhar em minha direção, e passo por mais uma breve avaliação antes de ela assentir.

— Bebo o que você estiver bebendo. Mas prefiro uísque, não bourbon.

Faço o pedido ao bartender e me sento no banco ao lado, observando-a com o canto do olho. Ela continua analisando o resto da sala, ainda caçando, mas vou considerar um desafio pessoal fazê-la se concentrar apenas em mim.

— E aí — começo —, de onde você conhece a noiva?

Ela faz uma pausa antes de olhar para alguma coisa às minhas costas. Ainda não consegui atrair sua atenção plena, provavelmente nem a metade, mas já é um começo.

— Janelle é minha prima — responde. E ela poderia deixar a resposta no ar e me forçar a manter a conversa interessante, mas, para minha sorte, pergunta: — De onde você conhece o noivo?

— É filho de um amigo de longa data da minha família — respondo, ignorando o fato de ele ser amigo do meu irmão. — Não somos muito próximos.

A julgar pela maneira como ela inclina um pouco a cabeça, a resposta desperta seu interesse. Ela tem a impressão de que existe uma história por trás disso. De que talvez algo em mim seja minimamente interessante.

— E ainda assim você veio.

Infelizmente.

— Tive que representar a família — respondo, dando de ombros. — Mas também estou viajando a trabalho e vou passar a próxima semana na cidade, então coincidiu com a minha agenda.

Ela inclina mais um pouquinho a cabeça, e os ombros acompanham o movimento dessa vez. Ainda não foi totalmente fisgada, mas está considerando a ideia.

— Você viaja muito a trabalho?

— Pode-se dizer que sim.

Ela faz uma pausa para que eu elabore e me olha fixamente, à espera da minha resposta.

— Quer compartilhar com a turma o que você faz?

— Você não sabe quem eu sou? — pergunto, sem nem me dar conta.

Mas é uma pergunta genuína, sem qualquer intenção de parecer um babaca, mesmo que a sobrancelha levantada dela indique que a impressão que passei foi justamente essa.

— Deveria? — rebate ela.

A confusão em seu rosto desfaz minha tensão. Não é fingimento: ela de fato não faz ideia de quem eu sou. Por mais que seja bem legal não ter que ficar explicando quem eu sou e o que faço, é ainda melhor encontrar alguém que não sabe nada a meu respeito. Nesse momento, sou apenas um cara em uma despedida de solteiro pretensiosa demais conversando com ela.

— Já deu uma olhada nos outdoors dessa cidade nos últimos dias?

Algo acende em seus olhos, e ela dá um suspiro dramático e agarra a taça de champanhe junto ao peito, fingindo empolgação. Embora esteja claramente prestes a tirar sarro de mim, sinto que alcancei meu objetivo: a atenção dela é toda a minha.

— Ai, meu Deus — diz ela baixinho, batendo o joelho contra o meu conforme se endireita na cadeira e vira o corpo na minha direção. — Você faz parte daquele grupo de dançarinos australianos? Eu *amo* o *Thunder From Down Under*. — Ela se inclina como se fosse me contar um segredo e pergunta, em um sussurro bem audível: — Posso ver seu tanquinho?

Preciso me esforçar para segurar o riso. A aparência sofisticada e a linguagem corporal confiante dela tinham me feito acreditar que ela seria uma pessoa mais séria, mas seu humor me pega de surpresa.

— Infelizmente sou inglês, não australiano — respondo, mas ficaria feliz da vida de tirar a camisa na frente dela.

Ela suspira, decepcionada.

— Ah, que pena. E eu aqui, já ansiosa pra ter um show particular. Algo me diz que você tem muita coisa escondida debaixo desse

smoking.

Ela pode até estar tirando uma com a minha cara, mas é ousada. Seus olhos escuros ainda não desviaram dos meus, e um resquício de provocação brilha lá no fundo. No entanto, por apenas um breve momento, sua expressão me diz outra coisa que não consigo decifrar.

— Espera aí — diz ela, antes que eu consiga devolver a provocação. — É por sua causa que as ruas estão uma bagunça por aqui?

Dou um sorriso irônico. Metade das ruas da cidade está prestes a ser fechada para dar lugar à corrida, e ela tem razão, está a maior bagunça mesmo.

— Me pegou.

O sorriso de Mona Lisa que vejo em seu rosto ganha vida de uma nova maneira.

— Então… você é *piloto de corrida* — solta ela lentamente, juntando as peças, e posso jurar que ela pressiona o joelho com um pouco mais de força contra o meu. — Acho que nunca conheci um piloto na vida.

Tenho o seu foco total agora, e a sensação é… revigorante. É algo que me captura, como se de repente eu fosse incapaz de me afastar dela, mesmo que quisesse. Eu me transformei na presa perfeita, e agora ela está pronta para brincar com a comida.

— Fico feliz por ser o seu primeiro — digo.

— Ah, mas eu não tenho a menor dúvida disso — replica ela, estendendo finalmente a mão para me cumprimentar e decidindo que sou digno do tempo dela. — Meu nome é Stella.

Envolvo os dedos dela com os meus, o calor de sua palma macia se infiltrando na minha.

— Thomas. Prazer em conhecer você.

Abaixamos as mãos quando o barman se aproxima com as nossas bebidas, o que interrompe nosso contato visual. Quando isso acontece, o resto da sala volta ao frenesi. Não me lembro de ter percebido os arredores perdendo a nitidez e o ambiente desvanecendo aos poucos, mas sou obrigado a piscar mais forte para recobrar os sentidos.

— Então, Thomas — diz ela, e a maneira como pronuncia meu nome, as consoantes afiadas em sua língua, aquele sotaque estadunidense… é tudo surpreendentemente sexy. — Está liderando o campeonato até agora?

A pergunta demonstra que ela de fato não sabe nada a meu respeito, porque estou tão longe de ganhar o campeonato que chega a ser cômico. O sétimo lugar não é ruim, de maneira alguma, mas com certeza não é a mesma coisa que o primeiro.

Seria impossível explicar de forma breve os desdobramentos da temporada até agora, então respondo com um simples:

— Não, mas subi no pódio na última corrida.

— Ah — murmura ela. — Então você perdeu.

Ela toca na ferida, mas mantenho o sorriso educado.

— Alguns diriam que sim.

— Ué, mas você não tem cara de perdedor. — Ela me olha com atenção outra vez antes de virar o resto do champanhe. Coloca a taça vazia no balcão com uma força um pouco exagerada, depois envolve o copo cheio de gelo com os dedos. — Se tem uma pessoa fracassada aqui, sou eu.

É uma mudança brusca da postura confiante de antes, e ela se retrai quando percebe o que acabou de falar.

— Nossa, desculpa — diz, soltando uma risada hesitante. — Só estou um pouco amarga. Não liga, não.

Consigo senti-la lutando para recuperar a atitude de antes, mesmo quando balança o cabelo e joga os ombros para trás. Parte de mim fica tentada a ir embora — não estou a fim de ter minha energia sugada pela autopiedade de ninguém —, mas o fato de ela estar tentando se libertar disso me mantém sentado. E tudo bem, admito: estou curioso para saber o que seria capaz de abalar uma mulher dessas.

Espero que ela termine de dar um grande gole na bebida antes de perguntar:

— Algum motivo específico para essa amargura?

Ela engole, e percebo, admirado, que não faz careta pela ardência do álcool.

— Você não lê as fofocas? — pergunta ela devagar, olhando para o lado. — Não dá aquela olhadinha no Deuxmoi todo dia de manhã com uma xícara de Earl Gray?

— Você é famosa assim? — devolvo, com um sorrisinho travesso.

É interessante estar conversando com uma pessoa tão famosa que figura em páginas de fofocas. Para a minha sorte, a pergunta a faz rir, e parte da tensão em sua postura se dissipa.

— É um bom jeito de baixar minha bola.

— Para ser justo, você também não sabia quem eu era.

— *Touché*. Bom, se quer mesmo saber da minha história profunda e sombria… fui largada no altar há duas semanas.

As palavras levam alguns segundos para fazerem sentido, mas logo em seguida fico boquiaberto. Alguém largou *essa* mulher no altar no dia do casamento? Parece inacreditável, por mais que eu só a conheça por uns cinco minutos, embora sob a bela aparência e todo o charme talvez

exista um monstro. Ainda assim, eu achava que esse tipo de coisa só acontecia nos filmes.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Infelizmente não estou — diz Stella, e abre um sorriso contido. — Cinco anos da minha vida foram pelo ralo em questão de segundos.

— Meu Deus! — exclamo, perplexo ao me colocar no lugar dela.

Mesmo que ela seja algum tipo de demônio, não consigo imaginar alguém enrolando tanto para terminar com outra pessoa que deixa para fazer isso no altar. Posso não ter experiência alguma com relacionamentos, mas *isso* eu sei que é errado.

— Que situação horrível.

— Sim, obrigada pelo lembrete — diz ela, numa falsa alegria.

Dou de ombros, indiferente, embora exista uma chance de eu tê-la feito se arrepender da decisão de conversar comigo. Mas não vou censurar meus comentários, nem mentir.

— Eu até diria que sinto muito pelo que aconteceu, mas me parece que você se livrou de uma roubada.

Ela congela, levando o copo à boca mais uma vez.

— Como assim?

É um bom sinal ela ainda estar disposta a conversar comigo, e estou sendo muito sincero quando digo:

— Um homem que te abandona no dia mais importante da sua vida é um cuzão, e não tem por que ficar amarrada a uma pessoa assim pelo resto da vida.

Ela arregala os olhos e faz uma pausa. Fico com a impressão de que ela vai me xingar… mas então ela ri. O som faz um estrondo no ar. Vem lá do fundo da garganta e é genuíno, nada melódico. Nada meigo ou fingido. E me agrada muito mais do que deveria.

— Uau, usando palavrão para falar do meu ex. E olha que eu mal te conheço, senhor.

— Pareceu adequado.

— Você está coberto de razão — concorda ela, levantando o copo um pouco mais alto. — Que tal um brinde a isso?

Pego minha bebida e levo o copo até o dela, e as bordas batem de leve uma contra a outra. Eu a encaro fixamente.

— Aos cuzões — anuncio com grandiosidade. — Que eles fiquem longe da nossa vida.

Ela toma um gole e passa a língua pelo lábio inferior, escarlate, abaixando o copo novamente. O movimento atrai meus olhos para a sua boca, e se interpreto bem o sorriso que logo surge ali, arrisco dizer que ela percebeu.

— Sabe… — comenta ela, ao colocar o copo no balcão. — Achei que você fosse fazer um brinde um pouco mais indecente.

— Ah, é? — pergunto, e dou mais um gole. Preciso alcançá-la. E preciso me distrair da tentação que são aqueles lábios. — O que queria que eu dissesse?

— Ah, talvez algo mais parecido com: *o único cuzão que me interessa hoje é o seu*.

Quase engasgo com o uísque. Tossindo, bato com o punho no peito para ajudar o álcool a descer.

— *Que isso*, moça?

Eu já havia notado que ela era ousada, mas não esperava que fosse nesse nível. Não chega a ser desagradável, nem inapropriado — aliás, nem um pouco. É atraente e bem divertido. Gosto de mulheres sem filtro, daquelas que falam o que pensam e vão atrás do que querem. Gente muito certinha é chato.

Além disso, ela não estava errada em esperar que eu dissesse algo um pouco mais indecente. Em circunstâncias diferentes, eu estaria mais do que disposto a oferecer exatamente o que ela havia pedido.

Ela envolve uma mecha de cabelo no dedo, fingindo inocência, mas com um ar de quem está se divertindo muito com a situação. Está fazendo um joguinho comigo. Mas tem alguma coisa por trás disso, algo um pouco mais sensual, e meu corpo está começando a arder também.

— Exagerei? — pergunta ela, num tom de timidez.

Jurei para mim mesmo que ia me manter longe de problemas durante esta noite, que ia me contentar com uma mera conversa. Era pra isso aqui ser suficiente. Mas a boca de Stella — em vários sentidos — está prestes a me fazer voltar atrás nessa decisão.

— Não — respondo, quase surpreso por ainda conseguir falar. — Foi na medida.



CAPÍTULO 4

Stella

A antiga Stella está de volta.

Fisguei um homem em exatos cinco minutos, o que não é nenhum recorde, mas faz jus à mulher que eu costumava ser. E, sério, a sensação é ótima.

— Na medida — repito, e não ouso desviar os olhos dos dele para não perder a confiança que acabei de recuperar. Mas o olhar que ele me lança é tão intenso que não sei se conseguiria me desvencilhar mesmo que quisesse. — Tá bom, então… se você diz.

Eu sei que acabei de abusar da sorte com o Príncipe Encantado aqui. Ele poderia ter considerado minha pequena correção em seu brinde uma baita grosseria e meio fora do tom. E isso nem teria me surpreendido, já que ele passa mesmo a impressão de ser bem engomadinho, mas, quando olhou para a minha boca como se estivesse imaginando o que ela poderia fazer além de falar, achei que valia a pena o risco.

E estou feliz por ter feito isso, pois o brilho nos olhos dele depois que recuperou o fôlego compensou. Uma vitória muito necessária para mim. A faísca que perpassou meu corpo todo foi só um bônus.

É gostoso voltar a me sentir desejada. É bom saber que ainda não perdi o charme. Tem sido difícil não pensar que meu poder de sedução sumiu, considerando que não consegui manter o interesse do meu noivo nos últimos meses do nosso relacionamento, mas isso aqui prova que ainda consigo ser atraente. Ainda posso ser desejada.

Infelizmente, não ajuda muito a fechar o buraco enorme que continua no meu peito, mas é como um band-aid aproximando as bordas. Prefiro ter pouco a não ter nada.

— Juro que foi um elogio — diz Thomas, encostando a ponta dos dedos em meu joelho despido. — Gosto de ousadia.

O toque dele deixa um rastro de calor em minha pele, despertando algo dentro de mim, mas não tenho a chance de identificar o que é, porque o sentimento é devorado por uma culpa aguda e nauseante. Culpa por ter traído meu noivo ao flertar sem o menor pudor com esse homem.

Então logo me forço a lembrar que não tenho mais noivo. Não estou em relacionamento nenhum. Não preciso ser fiel a ninguém, não tenho a quem trair. E eu disse que ia causar hoje à noite, não disse? O que vai ser impossível se eu meter o pé no freio.

Mas se eu quiser mesmo inspirar o caos — e provar a Daphne que não sou a santinha que ela pensa —, está na hora de atrair a próxima vítima. Esse cara deveria ser só uma parada, e não meu destino final, a primeira de muitas conquistas da noite.

Só que… eu não quero fazer outra parada.

Em primeiro lugar, estou confortável aqui no bar, longe dos gritos estridentes das mulheres que estão vencendo nas mesas e dos xingamentos dos homens que estão perdendo, ambos ecoando por todo o salão. Em segundo, Thomas está fazendo por merecer quando o chamei de *Príncipe Encantado*. O cara sabe brincar. E em terceiro… talvez a Antiga Stella não precise voltar *tanto assim*. Já provei a mim mesma que ela continua aqui, só estava hibernando. E isso vale mais do que provar algo a uma mulher desagradável qualquer.

E, sim, ele é facilmente o cara mais gato do salão. Por que eu o deixaria aqui e iria atrás de alguém menos atraente?

— Ah, que bom — digo a Thomas, e viro o restante da minha bebida. Quando coloco o copo vazio no balcão, olho para ele com um sorriso, sentindo o uísque descer e esquentar minhas veias. — Então me arranja outra bebida.

Ele ri, uma risada grave e baixa, mas no mesmo instante levanta a mão e faz sinal para o garçom. A tarefa me dá uma chance de avaliá-lo discretamente outra vez. Ele é mais bonito do que eu pensava, com algumas sardas claras no nariz e linhas de expressão bem suaves ao redor dos olhos. Pode até ter chegado aqui de cara amarrada, mas parece ser uma pessoa que sorri com frequência.

Quando ele termina de fazer o pedido, olha para mim e ergue a sobrancelha com expectativa.

— Alguma sugestão para o nosso próximo brinde?

Finjo pensar, batendo com o dedo no queixo.

— Que tal aos noivos mais ridículos do mundo, que acharam uma boa ideia fazer uma despedida de solteiro conjunta?

Ele ergue os cantos dos lábios e encara a multidão, onde tenho certeza de que Janelle e Ron estão agindo feito idiotas.

— Sabia que no Canadá eles têm um nome para esse tipo de festa? Chamam de *buck and doe*.

Que engraçado, eu estava pensando nessa mesma curiosidade mais cedo. Não vou interpretar como um sinal nem nada, mas é um pontinho para ele. Em vez de dizer o que pensei, balanço a cabeça com desgosto.

— *Sabia* que tinha alguma coisa esquisita com os canadenses.

Ele ri mais uma vez, e o som me envolve como um abraço acolhedor.

— Eu me sinto no dever de defender um país que faz parte da Comunidade das Nações, mas acho que uma coisa *dessas* é meio indefensável, mesmo.

— Tô só brincando — digo casualmente, olhando rápido para o garçom enquanto ele serve nossa próxima rodada. — Eu amo o Canadá. Minha loja de maior sucesso fica em Vancouver. É uma cidade linda.

— Loja?

— Ah, é verdade — penso alto comigo mesma, inclinando a cabeça e abrindo um sorriso meigo para ele. — Você ainda não sabe quem eu sou.

Rastreio seus movimentos enquanto ele pega o copo e… Jesus Cristo, que mãozona esse homem tem. Dedos longos e palmas largas, do tipo que consigo imaginar fazendo *várias* coisas.

Ainda não, Stella. Você não está pronta pra isso.

— Então me conta.

Um segundo se passa até que eu consiga levantar o olhar para ele de novo. Tenho que tomar um gole da minha bebida para molhar a boca, que secou de repente.

— Sou empresária.

É uma resposta vaga, mas não há muito mais que resuma minha carreira e todas as coisas que a compõem

E é claro que ele não deixa essa passar.

— Isso não explica por que você é famosa.

— Não sou assim famosa, famosa — corrijo. — Só conhecida em certos círculos sociais.

Ele balança a cabeça, quase como se estivesse decepcionado comigo por me esquivar do assunto. Acho que ele não estava mentindo sobre gostar de ousadia.

— Tá, agora me conta mais. — Ele se inclina, e nossos olhos se encontram novamente. Vejo um traço de curiosidade ali que me

surpreende, porque não consigo me lembrar da última vez que um homem olhou para mim com tanto interesse. — Me conta quem você é.

Meu coração começa a bater mais rápido. Não é uma competição, mas ainda parece que estou perdendo a vantagem. Era para *ele* estar na minha, não eu na dele.

— O que você quer saber? — pergunto.

— Começa do começo. Me conta as partes mais importantes.

— Do começo? Tá bom — solto uma risadinha e me ajeito no assento. — Nasci em Atlanta, sou filha do CEO de um grande conglomerado no ramo alimentício e de uma advogada corporativa. Eles se conheceram quando a empresa do meu pai estava sendo investigada por fraude. Minha mãe ganhou o caso. Ele a pediu em casamento logo depois. — Deixo de fora a parte em que o homem beija o chão em que ela pisa desde então e que minha ideia de amor verdadeiro é o que os dois têm. — Cresci participando de concursos de miss e fui modelo na adolescência, depois entrei na faculdade em Georgetown e fiz ciências contábeis. E aí… eu viralizei nas redes sociais.

— Viralizou?

Esse é o verdadeiro começo que interessa à maioria das pessoas, mas é hipocrisia deixar de fora as partes anteriores, especialmente a riqueza e o privilégio de ter vindo de onde venho. Nada na minha vida teria sido possível sem isso.

— Eu costumava fazer doces na época da faculdade — explico. — Era um alívio para o estresse, e eu era *muito* boa. — Não faz sentido ser humilde, considerando o que conquistei. — Então eu postava na internet fotos e receitas, fazia vídeos curtos, deixava minha personalidade brilhar… e me divertia no processo. Fiquei conhecida pelos meus macarons.

Acontece devagar, mas percebo que ele começa a me reconhecer. Ah, ele sabe quem eu sou. Só não havia se dado conta de que existe uma pessoa real por trás do nome na fachada.

— Recebi várias mensagens perguntando quando eu abriria minha própria confeitaria — continuo. — Foi só no meu último ano que comecei a considerar essa possibilidade de verdade. Quer dizer, uma carreira em contabilidade parecia estável, mas *chata demais*… a menos que eu pudesse transformá-la em algo com que eu realmente me importasse. Como confeitaria. Meus pais não amaram a ideia, mas mesmo assim meu pai financiou a pâtisserie principal na capital, e o resto é história. Em oito anos, abrimos cem lojas e temos outras a caminho.

Um silêncio denso acompanha o fim da minha explicação, e Thomas fica olhando para mim como se estivesse me vendo com novos olhos.

— Você não é só *Stella* — diz ele finalmente, e juro que há um tom de admiração em suas palavras. — Você é Stella *Margaux*.

— Me pegou.

— Uau. — Ele se inclina para trás e apoia o cotovelo no balcão, um sorriso tomando conta de seu rosto. — Que surpresa.

— Tão surpreendente quanto eu conhecer um piloto de corrida. — Tomo outro gole da minha bebida e sinto o álcool relaxar meu corpo todo. — E sou Stella Baldwin, na verdade — emendo. — Margaux é meu nome do meio. Achei que soaria melhor para uma loja de macarons.

— Combina muito, de fato.

— E macarons não são meu único empreendimento. — Não sei por que ainda estou falando, mas é que ele parece disposto a ficar aqui absorvendo cada palavra que sair da minha boca… e isso me faz querer divagar. — Coloco a mão na massa e faço umas tortas.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Literalmente?

— Tem dias que sim.

Ele deixa escapar outra risada.

— Também faço outros tipos de doce — prossigo, incentivada pelo interesse. — Meu lado formiguinha não se satisfaria só com macarons. E tenho uns cafés e butiques, mas são empreendimentos bem novos.

— Você está fazendo eu me sentir meio mal — diz ele, mas não há qualquer ressentimento por trás da confissão. — Tudo que eu faço da vida é dar umas voltas de carro em uma pista enquanto você está aí, dominando o mundo.

Baixo a voz até um sussurro audível:

— E você nem está ganhando. Eu sou *muito* mais impressionante.

Dessa vez, ele joga a cabeça para trás de tanto rir, atraindo meus olhos para o contorno de seu pescoço.

— Você me acha bem engraçada, né?

Ele fica encantado com quase tudo que digo, mesmo que eu seja seca ou pegue pesado com ele. Com a maioria das pessoas, tento suavizar o tom para não parecer ofensiva, mas não consigo me conter com ele. E o mais importante: ele parece entender meu humor, algo que Étienne era incapaz de fazer.

Para de pensar no seu ex. Ele com certeza não está pensando em você.

Thomas me lança um sorriso e se recompõe.

— O que posso dizer? — admite ele. — Você é muito divertida mesmo.

— Acho que você está querendo dizer *sincera.*

— Eu estava tentando ser educado.

— Que inglês da sua parte.

— Que gentileza sua perceber.

— Mas você chamou meu ex de cuzão — aponto, me divertindo muito mais do que deveria com esse toma lá dá cá. — Acho que ficou meio tarde pra tentar ser educado.

— E você praticamente implorou para eu te comer, então eu diria que estamos quites.

O calor se propaga pelo meu corpo feito um incêndio, instalando-se em algum lugar na minha barriga enquanto ele me encara. Agora consigo identificar o que senti mais cedo: atração. Talvez até desejo. Faz tanto tempo que não experimento algo assim que a sensação é quase estranha, mas, desta vez, por algum milagre, a culpa que a acompanha é leve.

— Pelo que me lembro — digo, tentando não demonstrar que o comentário casual dele me deixou sem fôlego —, eu estava só te dando outra opção para o brinde. Não foi uma oferta.

O que é verdade. A gente não vai terminar a noite juntos na cama, nem se agarrando numa parede em algum canto escuro, nem trancados em um banheiro sujo. A antiga Stella não saía dormindo com qualquer pessoa, mas com certeza iludia quantas pudesse (ainda bem). Isso vai parar por aqui.

Ele poderia se levantar e ir embora depois de ouvir que não tem a menor chance de transarmos hoje. Eu também não o culparia por isso. Por que perder tempo dando em cima de mim — se é que ele está fazendo isso — se não vai dar em nada? Não acredito que ele vá me chamar de vagabunda como alguns homens fariam nessa situação, mas nunca se sabe. Esse cara é um estranho com quem eu, por acaso, tenho uma conexão mútua, e acabamos juntos em uma das situações mais estranhas possíveis.

— Bom saber — responde Thomas, como se para ele fosse fácil aceitar o limite que impus. — Por mim tá de boa se a gente só conversar.

Bufo, sem acreditar.

— Ah, é mesmo? Eu sou tão interessante assim?

— Comparada ao resto do povo aqui? — Nós dois olhamos ao redor para o resto dos apostadores no instante em que Sydney sobe em uma das mesas de pôquer e joga uma porção de fichas para o alto dando um gritinho. — Estou feliz em passar minha noite com você.

Ele já está olhando para mim quando viro a cabeça, os olhos como poças d'água escuras, ameaçando afogar qualquer um que ouse encará-

los por muito tempo. Até eu me vejo tentada a dar um mergulho.

Sinto um calor tomar conta do meu corpo. Eu não esperava sentir algo assim tão cedo depois de terminar um relacionamento. Parece certo e errado na mesma medida, o que me deixa aflita.

— Que meigo — digo finalmente, levantando meu copo outra vez, na esperança de que o uísque leve embora essa coisa fervendo na minha barriga.

Em vez disso, é como jogar gasolina no fogo.

Sou obrigada a desviar a atenção, então olho para o meu colo. Em algum momento, e não sei dizer quando, descruzei as pernas. Isso nos deixou totalmente de frente um para o outro, minhas coxas separadas o suficiente para que um dos joelhos dele se encaixasse no meio enquanto o outro segura minha perna direita, quase como se ele estivesse me impedindo de bater contra o bar. É tão atencioso que chega a ser irritante.

Mas também significa que ele provavelmente consegue ver por baixo do meu vestido. Não que eu me importe. Seria bem legal ter alguém além de mim admirando a lingerie cara que estou usando, quinhentos dólares em renda cor de chocolate. Mas admirar é tudo que ele vai poder fazer.

Bem… a menos que eu o deixe fazer mais.

Perturbada pelo pensamento intrusivo, me ouço dizer:

— Licença, preciso dar uma retocada na maquiagem.

Empurro o joelho dele para longe, escorrego do banco e pego minha bolsa antes de seguir depressa as placas até o banheiro.

Desbloqueio meu celular no segundo em que entro no corredor mal iluminado dos fundos e mando uma mensagem para minha melhor amiga, tentando respirar fundo. Preciso me acalmar e controlar esses hormônios ridículos que estão me fazendo suar, porque isso *não está certo*.

STELLA: Tem um cara muito gato aqui e eu tô tentando não agir feito uma idiota. Manda eu me recompor e ficar na minha.

Gostaria que ela estivesse aqui hoje, e ela estaria, se não tivesse quebrado a tíbia em uma viagem para os Alpes enquanto esquiava com o marido há cinco dias. Embora tecnicamente não tenha parentesco de sangue comigo, Janelle e Daphne, ela ainda é considerada uma das

primas Baldwin, já que todas nós crescemos juntas. Temos mais fotos de família com ela do que sem.

A resposta dela aparece na minha tela em segundos.

MIKA: Dá pra ele

Acho que é isso que ganho por pedir a ela que me convença a fazer a coisa certa. Das minhas primas, Janelle é o anjinho no meu ombro, e Mika é o demoninho usando um vestido vermelho.

STELLA: Ah, não, NÃO foi isso que eu te pedi

MIKA: Por que não??? Você precisa transar, já faz muito tempo. Sua pepeca já deve estar cheia de teias de aranha.

Em vez de responder, ligo para ela.

— Tá, primeiro, isso foi bem desnecessário — eu a repreendo quando ela atende após o terceiro toque. — E eu *não vou* tomar nenhuma decisão ruim hoje à noite.

— Ficar com um cara gato não é uma decisão ruim — rebate ela, sem pensar duas vezes. — Além disso, ele conhece o Ron, não conhece? A gente gosta do Ron, não gosta? Isso não significa que o cara já passou por uma espécie de crivo?

O pior é que a gente gosta mesmo do Ron. Mika e eu fizemos da vida dele um inferno quando começou a namorar Janelle para termos certeza de que ele não era um babaca que maltrataria nossa amiga. Durante todo o ano que passaram juntos, não sei se já vi um homem — além do meu pai e do marido de Mika — mais apaixonado e dedicado à própria parceira. Eu sentiria inveja se não estivesse tão feliz por ela.

— Ele é um cara legal — admito. — Mas isso não se estende automaticamente às pessoas que ele conhece.

E, ao que parece, Thomas não é nem próximo dele.

— O cara não precisa ser tão legal assim pra um pente e rala — comenta ela. — É só uma noite, não é um casamento...

— Ei! — interrompo. — Ainda é gatilho pra mim, tá?

Ela suspira.

— Eu sei, eu sei. Mas, meu anjo, você e o francês não tinham nada a ver um com o outro. Você precisa tentar de novo, se arriscar. Ele com certeza não tá perdendo tempo.

Quando penso no apelido dela para Étienne, abro um sorrisinho.

— Eu vou, em algum momento, mas por enquanto estou tentando… — Paro no meio da frase ao assimilar o que ela acabou de falar. — Espera, como assim ele não tá perdendo tempo?

Silêncio do outro lado da linha. Se tem uma coisa que Mika não faz nunca, é ficar calada.

— Mika, o que você quis dizer? — pressiono.

— Stella, esquece isso — diz ela finalmente, mas, pelo tom de voz, eu sei que ela deixou alguma coisa escapar sem querer.

— Agora já era.

Ela resmunga, hesitante em me dizer qualquer coisa.

— Olha, talvez eu tenha ficado sabendo que ele foi visto com uma mulher ontem à noite e que os dois pareciam… próximos.

— Próximos? — repito, tentando não alterar o tom de voz, mas não adianta. — Que porra é essa? O que isso significa?

— Stella…

— Fala!

— Significa que eles estavam se beijando e se abraçando, ok? — diz ela sem rodeios, mas não faz isso para me magoar, e sim porque sabe como eu valorizo a honestidade.

Ainda assim, a notícia me faz estremecer.

Engulo o bolo que vai aumentando na minha garganta.

— E você confia na fonte dessa informação?

— Bem, a fonte foram os meus próprios olhos, então…

Então Étienne estava mesmo andando por aí com outra pessoa duas semanas depois de me abandonar naquela merda de altar.

— *Só pode* ser brincadeira — murmuro, e sinto vontade de esfregar os olhos para aliviar a ardência, mas não vou borrar meu rímel.

Há uma grande chance de ele ter me traído por pelo menos parte do tempo em que estivemos juntos, ainda mais no fim, mas nunca tive provas nem nada além da minha intuição. Só que ouvir isso… me faz pensar em tudo o que eu não quis enxergar porque estava desesperada demais para fazer aquele relacionamento dar certo.

Não consigo dar conta de uma notícia dessas. Não aqui, não agora. Sinto um aperto no peito que sempre precede uma crise de choro, mas me recuso a desabar agora. Étienne já roubou muita coisa de mim. Não vou deixá-lo roubar ainda mais da minha dignidade me fazendo chorar no corredor escuro de um cassino.

— Sinto muito mesmo, querida — diz Mika, e sei que é sincero. — Mas se essa resistência a sair e se divertir horrores tem algo a ver com algum tipo de lealdade a ele, pode esquecer. Ele não merece. É hora de viver sua vida sem essa nuvem francesa carregada e cinzenta pairando sobre você. *C'est la vie*, né?

Pressiono a ponte do nariz para afastar as lágrimas, mas não consigo evitar a risada chorosa que me escapa com sua tentativa horrorosa de fazer um sotaque francês.

— Tenho certeza de que não é assim que se usa essa frase.

— Olha só, foi você quem fez aulas, não eu.

Esse é um lembrete de todas as coisas a que me dediquei por causa daquele relacionamento. Fiz aulas de francês para conseguir conversar com os avós dele; faltei a inaugurações de lojas, porque ele queria que eu viajasse sempre para Paris com ele; passei várias noites fora até tarde entretendo os sócios dele, mesmo tendo minhas próprias reuniões importantes na manhã seguinte. Eu me esforcei muito para ficarmos juntos e fui recompensada com mágoa e desrespeito.

— Quero que você volte a ser quem era — continua Mika. — Quero *a minha* Stella de volta.

Dou uma olhada de esguelha para a porta do salão de jogos.

— Na verdade, eu estava tentando dar uma ressuscitada nela hoje.

Se antes os comentários de Daphne haviam me dado vontade de ressuscitar a Antiga Stella, agora essa notícia sobre Étienne me deixou mais determinada ainda a não me segurar.

— Não se prenda por minha causa — afirma ela, toda alegre. — Estou vivendo através da sua vida neste momento. É meio difícil viver as próprias emoções quando se está com metade da perna engessada, embora isso não tenha me impedido de tentar. Digamos que temos sido criativos.

— Que bom pra vocês, querida. — Meus olhos secam de imediato, e o sorriso retorna. — Só vê se não quebra mais nenhum osso.

— Não prometo nada. Mas por que você ainda tá perdendo tempo falando comigo? Vai atrás daquele pau agora.

— Não vai rolar pau nenhum hoje — digo a ela com firmeza, sem saber quem estou tentando convencer: ela ou eu mesma. — Mas vou flertar como nunca.

Ela está certa: preciso sair desse buraco. Não tem problema sofrer, lamentar e lamber minhas feridas, mas também não tem problema viver minha vida como eu quiser. Quem vai me impedir?

Quando desligamos, passo no banheiro para dar uma olhadinha no espelho e ter certeza de que minha maquiagem continua intacta. Recorro

a um breve discurso motivacional para me preparar:

— Você é gostosa pra cacete — digo para o meu reflexo, ajeitando a raiz alisada do meu cabelo. — O pacote completo. Inteligência *e* peitos incríveis.

É o discurso que eu sei que Mika faria para mim se estivesse aqui. Pelo resto da noite, estou determinada a me agarrar ao capetinha no meu ombro. O anjinho está ocupado mesmo…

Thomas continua sentado no mesmo canto quando volto para o bar e contempla meus movimentos conforme me aproximo. Uma parte de mim esperava que ele estivesse lá, mas outra parte fica surpresa por ele não ter ido embora. Ele não se levantou nem para encontrar outra pessoa com quem conversar? Outra pessoa para levar para a cama mais tarde?

— Acho que estamos nos preparando para o próximo evento — anuncia ele enquanto deslizo de volta para o meu banco e observo as garçonetes tentando conduzir as pessoas em direção aos elevadores. — Quer ser minha parceira durante a excursão? Algo me diz que esta noite vai ser um caos.

Não acho que ele esteja errado. E considerando que tem sido uma companhia decente até agora, não me importaria de passar um tempinho a mais ao seu lado. Ele está transformando uma noite que começou tenebrosa em algo suportável.

— Eu te dou cobertura se você também me der — faço a oferta.

— Ótimo, porque não sei se gosto do jeito como aquela moça ali está me olhando.

Ele aponta com a cabeça para uma mulher a alguns metros de distância que está bebendo seu drinque de vodca com cranberry com um canudinho minúsculo enquanto lança olhares sedutores na direção dele.

— Ah, é a Christine — sussurro, como se estivesse compartilhando uma fofoca cabeluda. — Você tem motivo pra se preocupar. Ela está caçando o quarto marido. O número três desapareceu em circunstâncias suspeitas no ano passado.

Ele ergue tanto as sobrancelhas que elas quase vão parar na linha do cabelo.

— É sério?

— Não, nunca vi essa mulher na vida. — Pulo do banco em que estou sentada e ofereço minha mão a ele. — Vem. Vamos dar o fora daqui.



CAPÍTULO 5

Thomas

Nada nessa noite está saindo como eu esperava. E isso é bom.

Imaginei que a festa fosse oscilar entre o tédio e o pesadelo, mas agora chegou a um patamar completamente diferente. Tudo por causa de Stella.

Ela apoiou a mão no meu braço durante todo o trajeto da sala de apostas até o cassino, supostamente por causa dos sapatos, aos quais ela se referiu como *nada menos que uma armadilha mortal de mil dólares*, mas prefiro acreditar que ela só arrumou uma desculpa para dar uma conferida no meu bíceps. Agora ela está sentada ao meu lado no ônibus-balada, nossos ombros e coxas bem colados graças à multidão que nos cerca de todos os lados. A galera aqui já estava bem caótica, mas, depois de ganhar e perder dinheiro e de encher o organismo com mais álcool, ficou ainda pior.

Somos empurrados e jogados de um lado para o outro conforme o ônibus segue caminho. Quase todo mundo está comemorando, pronto para a próxima etapa da noite, e um pouco da minha angústia de antes ressurge quando saímos do ambiente conhecido e seguro do cassino.

— Você tá fazendo aquela coisa britânica de novo! — grita Stella em meio à música.

Lanço um olhar confuso para ela, mas fico com vontade de rir. Ela fala cada coisa aleatória… Enfim, dane-se. Se isso não me distrair dos pensamentos que me assombram, o que mais vai?

— Como assim?

— Tipo isso. — Ela aponta para o meu rosto e em seguida retorce a boca, fazendo uma careta e abrindo um sorriso forçado. — Essa cara é

muito *minha família tem um título de nobreza e eu tenho uma carreira que me obriga a usar uma peruca, mas juro que sou um homem do povo.*

Essa declaração é feita com a pior tentativa de sotaque inglês que já ouvi. Como se a rainha Elizabeth II tivesse crescido em Liverpool, mas ao mesmo tempo fosse sul-africana.

Dessa vez não consigo conter a gargalhada.

— Tá falando sério? Eu deixei bem claro que sou piloto de Fórmula 1.

— Mas não negou a parte do título de nobreza — retruca ela, e continua falando antes que eu possa ao menos *tentar* interrompê-la. — Está mesmo achando a noite tão desagradável assim, Vossa Alteza?

Levanto a cabeça e entro na brincadeira:

— O tratamento correto para mim é "milorde".

Ela arregala os olhos.

— Tá falando sério…?

— Tô *zoando*. — Começo a rir e cutuco o ombro dela com o meu. Estadunidenses, tão ingênuos… — Eu não tenho título de nobreza. — Meu avô tem, mas ela não precisa saber disso. — E, não, não estou achando a noite tão desagradável assim.

— Então talvez seja bom avisar isso pra sua cara.

— Bem, então talvez alguém devesse explicar pra minha cara por que os noivos estão praticamente se engolindo a um metro e meio da gente.

Eu estava tentando ignorar a cena e me concentrar na mulher linda ao meu lado, mas é difícil bloquear as duas pessoas se esfregando loucamente, mesmo que vestidas, dentro do ônibus.

Stella se inclina para a frente e dá uma olhada ao redor.

— Agora é *você* que tá fazendo aquela coisa britânica — aponto, quando ela esboça uma careta de sorriso forçado. — Mas acho legal ver como eles são apaixonados um pelo outro.

— Não, credo, é só nojento — replica ela. — Ainda assim, fico feliz pelos dois.

Algo em sua expressão muda. Ela desvia a atenção dos noivos se engolindo e a direciona à mulher que acabou de se sentar à nossa frente. Mesmo com o movimento do ônibus, o cabelo curto dela não se move um centímetro sequer. Ela semicerra os olhos, nos observando como se não gostasse do que vê. Quando Stella de repente joga as longas pernas por cima dos meus joelhos, como se estivesse marcando território, e sorri para a mulher, começo a entender o que está rolando.

Isso aqui é um jogo. E provavelmente vem sendo desde o início, desde o momento em que ela pôs os olhos em mim.

Stella respira fundo quando passo meu braço em volta de seus ombros e a puxo para perto. Sinto um pouco do perfume dela ao fazer

isso. É forte, mas doce, como uma flor cítrica do litoral de algum lugar quente. Um lugar onde já estive antes e do qual não me canso.

Inspiro novamente ao me aproximar do ouvido dela.

— Fui apenas um desafio pra você? — sussurro, olhando para a outra mulher por uma fração de segundo antes de voltar a olhar para Stella. — Sou só parte de um joguinho, é?

Ela me olha com o ar inocente de um animalzinho indefeso, mas abre um sorriso malicioso.

— Não é exatamente um joguinho — responde, sem se chatear por eu ter percebido. Talvez até *orgulhosa* de mim por isso. — Mas seria ruim se eu dissesse que você está, sim, fazendo parte?

— Não — admito. Eu sabia desde o início que ela estava caçando; o motivo não importa. — Fico lisonjeado que você tenha me considerado à altura da tarefa.

Olho novamente para a mulher, cuja testa está tão franzida que temo que vá causar um dano permanente ao seu rosto.

— Precisa de mais alguma ajuda com o que quer que esteja tentando provar para aquela mulher?

— Eu não recusaria — reflete Stella. — Mas, só pra você saber, não tinha nada a ver com você, em específico. Eu queria mostrar a ela que sou capaz de agir como uma *piranha* quando quero.

Arregalo os olhos e me afasto um pouco, tentando compreender, mas sem soltá-la.

— O quê?

— Foi ela que usou essa palavra, não eu — explica Stella, estendendo a mão e me dando um tapinha na bochecha. Fica claro que não vai ceder mais explicações além dessa. — Mas é fofo que isso tenha te deixado sem graça.

— Não me deixou sem graça. — Afinal, já usei essa palavra antes, embora apenas no quarto e com consentimento. — Só fiquei surpreso.

Ela desliza a mão pelo meu pescoço, os dedos frios tocando minha pele quente.

— Então… ainda quer me ajudar?

Tenho certeza de que ela consegue sentir meu coração batendo forte pela veia do meu pescoço. Isso já deveria ser resposta suficiente, mas antes tenho perguntas a fazer.

— Depende. Você está tentando provar de verdade ou isso aqui é só de fachada?

Ela congela, mas permanece com os olhos fixos nos meus, em busca de algo, como se talvez fosse encontrar ali a resposta que tanto procura. A verdade é que nem *eu* sei que resposta espero ouvir, mas a cada

drinque na companhia dela, a cada segundo que passo com esta mulher, começo a desejar um pouco mais de encrenca na minha vida. Até porque seria apenas por esta noite. Não tenho a impressão de que ela queira mais do que isso, e também não estou em busca de algo sério.

— Ainda não decidi — diz ela, por fim.

Assinto, a mão livre deslizando por suas coxas, roçando a bainha emplumada de seu vestido. Juro que a mulher à nossa frente está prestes a explodir de raiva.

— Pra mim isso já funciona.

Stella ergue as sobrancelhas, ainda sem desviar o olhar. É quase uma competição de quem pisca primeiro, um prelúdio de mais desafios que com certeza estão por vir.

— Ah, é?

— É — repito, acariciando delicadamente sua perna. Ela tem a pele mais macia que já toquei. Será que se eu deslizasse a mão mais para cima, a pele dela continuaria tão suave? — Mas a escolha é sua. Você me diz até onde vamos. Você pede pra parar, eu paro. Sem perguntas.

— Nossa, que lorde — declara ela, devagar, me lembrando das mulheres que conheci mais cedo, e eu me pergunto se ela chegou a ver aquela interação, se foi quando me notou pela primeira vez. — Mas tudo bem. Acho que você e eu podemos nos divertir hoje.

— Já não estamos nos divertindo?

O sorriso dela me informa que tudo até agora foi apenas um aquecimento.

— Então acho que vou me meter em… — interrompo a frase quando meu celular vibra no bolso da calça. — Um segundo — digo a Stella, tirando a mão de suas coxas com relutância para pegá-lo.

Quando vejo quem está ligando, não consigo deixar de revirar os olhos. É como se ela tivesse um pressentimento toda vez que estou dando atenção a outra mulher.

Deixo cair na caixa postal e inclino o corpo para guardar o celular de volta no bolso e retomar minha conversa com Stella. Antes que eu consiga, ele toca novamente, e o nome e a foto de Figgy — que ela mesma registrou em meu celular — aparecem outra vez na tela. Recuso a ligação ainda mais rápido.

— Alguém que você tá querendo evitar?

Eu me viro para Stella e espero vê-la encarando a loira animada que aparece na minha tela, mas ela continua olhando para mim. Não há julgamento em seu tom de voz nem em seus olhos, só uma curiosidade serena.

Talvez seja isso que me leva a confessar:

— É a mulher com quem meus pais querem que eu me case.

Ela fica surpresa com a minha sinceridade e pisca algumas vezes, um pouco perplexa, mas abre um sorriso irônico logo em seguida, como se sua decisão de conversar comigo tivesse realmente valido a pena. Afinal, eu sou fascinante.

— Imagino que não esteja interessado nela — supõe Stella.

— Não, nem um pouco.

É fácil admitir isso para alguém que não me conhece, que não conhece Figgy, nem nossa história ou nossas famílias. Ou talvez seja fácil fazer confissões a Stella. Parece justo, depois que ela compartilhou a história de seu casamento fracassado.

— Ela nunca fez meu tipo — continuo.

Stella levanta a cabeça, exibindo o pescoço e me provocando para que eu chegue mais perto e pressione meus lábios bem embaixo de seu maxilar.

— Qual é o seu tipo, Thomas?

Você.

— Alguém que não seja ela.

Stella assimila a informação. Noto o jeito como seus olhos se movem rapidamente para a minha boca, como se ela estivesse imaginando a mesma coisa que eu. Ela se recompõe e volta a me encarar com um olhar sensual conforme passa os dedos pela minha nuca, torcendo as mechas de cabelo que resvalam em meu colarinho com um ar brincalhão. Nem mesmo a mulher bufando alto do outro lado do ônibus consegue desviar minha atenção.

— Já te contei minha história — diz Stella. — Hora de me contar a sua.

A minha não é nem de longe tão interessante, mas estou sempre disposto a retribuir.

— Nasci e cresci em Londres — começo, com o telefone na mão ainda exibindo o rosto de Figgy. — Sou o filho do meio. Tenho um irmão mais velho, uma irmã mais velha e duas irmãs mais novas. Comecei a correr de kart aos cinco anos, porque meu irmão também praticava e eu queria ser igual a ele. Meu irmão acabou desistindo e foi pra faculdade, mas eu continuei. Ganhei campeonatos no Reino Unido e depois no mundo todo. Abandonei a escola aos catorze anos. Passei a pilotar monopostos e fui progredindo nas categorias. — Aconteceu muita, muita coisa no meio desses anos todos, mas estou resumindo. — E aí agora cheguei aqui, no auge do automobilismo, pilotando com a equipe pela qual eu era obcecado quando criança.

Ela assente.

— Hum… a vida dos sonhos?

O que me intriga é que ela não parece impressionada. É como se tudo que acabei de contar fizesse parte da rotina dela. Como se tivesse conhecido pessoas muito mais bem-sucedidas na vida. Eu não duvidaria, e algo nessa postura — a ausência de bajulação, o fato de ela ouvir minha história e achar completamente normal — me faz gostar ainda mais dela.

Mas quanto à pergunta que ela me fez… Será que Stella percebe o peso que ela tem? Claro, cinco anos na Fórmula 1 e algumas vitórias no currículo deveriam ser a definição de "vida dos sonhos", mas será que é mesmo, quando se vê o que há por trás disso tudo? Sabendo que nunca ganhei um campeonato e provavelmente nunca vou ganhar? Que sou odiado por quase todo mundo do esporte? Que estou sendo pressionado pela minha família a me casar e buscar estabilidade a fim de ter algo em que me concentrar quando *o sonho* chegar ao fim? Um fim que pode ocorrer a qualquer momento em um esporte como esse?

— Na verdade, não — eu me ouço dizer, através da espiral de angústias que já conheço bem.

Não quero ficar confessando nada. Sou totalmente a favor da sinceridade, mas… esse não é um assunto sobre o qual eu tenha sido completamente sincero comigo mesmo ainda. *É claro* que estou tendo a vida que sempre sonhei. Não deveria nem ter dúvidas quanto a isso.

Mas acontece que ainda tenho.

A pergunta fica estampada no rosto dela antes que seus lábios consigam pronunciar as palavras, mas Stella não chega a ter a chance de perguntar, pois o ônibus dá uma freada brusca, o que a teria feito cair no chão se eu não tivesse agarrado suas pernas outra vez.

— Obrigada, Príncipe Encantado — diz ela numa voz melodiosa, com uma piscadinha.

O gesto alivia o peso que havia se instalado no meu peito, aquele que sempre surge quando começo a pensar um pouco demais na minha vida e na minha carreira.

É até bem-vinda a distração quando Ron pega o microfone e anuncia que chegamos à nossa próxima parada, como se já não tivéssemos percebido pela frenagem mais agressiva que já sofri na vida, mesmo sendo piloto profissional.

Stella dá uma batidinha na minha mão, me fazendo soltá-la para que possa colocar os pés no chão. Resisto um pouco a afastar meu braço dos ombros dela, mas a falta de contato dura pouco tempo, já que ela aproxima o rosto do meu ouvido bem rápido e segura minha mão.

— Não vou te abandonar, prometo — sussurra ela. Não consigo ver o sorriso irônico que ela dá, mas consigo senti-lo. — Além disso, a cara da Daphne é impagável.

Desvio o olhar das nossas mãos para a mulher à nossa frente, que acaba de se levantar. Está com os lábios crispados como se tivesse chupado um limão bem azedo; passa as mãos pelo vestido branco e alisa as rugas inexistentes do tecido. Não entendo qual é o problema dela com Stella, mas não está colaborando para ganhar minha simpatia.

E, como às vezes não consigo resistir à vontade de provocar, levo as costas da mão de Stella à boca e dou um beijo demorado.

— Vamos, querida? — pergunto, alto o suficiente para que ela me ouça mesmo com a música; e que Daphne também escute.

Vejo uma expressão de satisfação pura perpassar o rosto de Stella ao me levantar e ajudá-la a se levantar também. Será que esse movimento força Daphne a dar um passo cambaleante para trás para não ser pisoteada pelos saltos agulha de Stella? Talvez. Eu me importo? Nem um pouco.

— Vai ter que me contar tudo que rolou entre você e aquela mulher — murmuro enquanto Stella passa por mim no corredor, me posicionando como uma barreira entre ela e Daphne.

Ela ri baixinho e joga o cabelo para trás, a cortina preta acetinada caindo pelos ombros. Sinto outra onda do cheiro dela me atingindo, provocante e fresco. Combina perfeitamente com ela.

— Tudo que você precisa saber é que ela é mais uma prima minha e um monstro que adora julgar todo mundo — sussurra ela. — E tenho quase certeza de que foi ela que vendeu a história do meu casamento para a imprensa.

— Nesse caso, ela acabou de virar minha inimiga pública número um.

A risada de Stella me envolve como uma carícia.

— Bom saber que agora você joga no meu time.

Ela repousa nossos dedos entrelaçados logo acima da curva exuberante de sua bunda e me conduz para fora do ônibus e através das portas de outro hotel na avenida. A ansiedade costumeira que sinto de ser visto me invade outra vez, mas diminui um pouco quando Stella olha para mim, quase como se pudesse sentir minha hesitação. Ainda assim, fico tentado a soltar a mão dela; a última coisa de que preciso no meio do drama de Lorenzo Castellucci é ser vinculado pela imprensa a alguém. Stella também não merece isso.

Para a minha sorte, a multidão barulhenta ao nosso redor funciona como um escudo, e qualquer fotógrafo teria que se esforçar bastante

para nos enxergar ali no meio, então eu a seguro firme enquanto nosso grupo é conduzido pelo amplo saguão.

Eu me aproximo de Stella, querendo retomar a conversa.

— Por que sua prima é tão rude com você? — pergunto quando adentramos um corredor largo e cheio de lojas.

Stella acompanha meus passos largos com facilidade, mesmo com aqueles saltos altos que a deixam quase do meu tamanho.

— Ah, a Daphne sempre foi assim. É uma daquelas pessoas que acham que se você não viver a vida exatamente do mesmo jeito que elas, está fazendo errado. Nunca nos demos bem, mas a Janelle continua tentando me convencer a dar uma chance a ela, já que somos uma família.

Quase não consigo conter uma risadinha de desdém. Eu, mais do que ninguém, sei muito bem que laços de sangue às vezes não significam nada, mas guardo o comentário para mim.

— A Janelle parece muito gentil — falo, em vez disso.

Ron é um homem de sorte por ter conquistado uma mulher como ela. Quanto mais aprendo sobre Janelle, menos entendo como ele conseguiu. O cara que conheci quando criança era praticamente um valentão… mas até aí, pensando bem, meu irmão mais velho também era, e agora tudo que ele faz é me ignorar. Talvez algumas pessoas mudem mesmo, no fim das contas.

— Ela é mesmo — confirma Stella. — É carinhosa e tem um coração mole. A maior romântica que você vai conhecer na vida. Mas é um furacão no tribunal. Se algum dia precisar de uma advogada de defesa na Geórgia, ela é a pessoa certa. — Stella faz uma pausa antes de continuar, hesitante: — Bom, na verdade… acho que agora não mais, já que ela vai se mudar para Londres com o Ron depois da lua de mel.

Consigo sentir o baque no humor de Stella, embora ela logo volte a sorrir para mim, tentando disfarçar. No fundo, ela não deve estar feliz por Janelle desistir da carreira ou se mudar para outro país. Talvez as duas coisas.

Ou talvez seu desânimo tenha um motivo completamente diferente. Não vou fingir que a conheço, passei a saber da existência dessa mulher há apenas duas horas, apesar de já me sentir confortável até demais perto dela.

— Ela já não mora lá? — pergunto.

Não sei ao certo o que me desperta tanta curiosidade, mas não estou familiarizado com a dinâmica de Stella e Janelle. Tenho primos, é claro, mas mal nos vemos.

— Ela tem se dividido entre Londres e Atlanta — explica Stella. — E eu moro em Washington, D.C., então nem a gente se vê com tanta frequência, mas… vai ficar ainda mais difícil quando ela estiver do outro lado do oceano.

— Você sabe que existe avião, né? — comento, abrindo um sorriso atrevido e lhe dando um empurrãozinho de lado, sentindo a necessidade de animá-la por algum motivo.

Desta vez, o sorriso que ela dá é muito mais autêntico.

— Também sei que sou tão rica que posso usar jatinho particular. — Stella assume uma expressão séria bem rápido. — Mas não uso, pois me preocupo com o meio ambiente.

— Nossa... alguém, por favor, traga o Prêmio Nobel pra ela.

— Obrigada, eu mereço muito.

Seguro uma risada, e somos conduzidos a um restaurante à meia-luz. Sigo olhando para o chão enquanto passamos pelas mesas de outros clientes até chegarmos a uma sala privativa. Há um lustre de cristal pendurado sobre uma mesa comprida, decorada com luxuosos jogos de mesa e, infelizmente, cartões que marcam os lugares de cada um pelo nome.

— Droga. Lugares marcados — murmuro, avistando o nome de Stella na ponta da mesa em que estamos, e o meu não está por perto. — Será que eles notariam se trocássemos os cartões?

— A Janelle notaria, com certeza. Ela deve ter passado horas pensando na organização dos lugares. — Stella solta um suspiro afetuoso e dá uma risadinha, então olha para mim outra vez. — Você vai aguentar ficar separado de mim durante a degustação inteira?

Suspiro e solto a mão dela com relutância.

— Vai ser difícil, mas vou tentar.

O riso dela atrai olhares. Vários deles se demoram, até mesmo os de homens que conheço e são casados, ou estão em relacionamentos sérios, mas não posso culpá-los.

É surreal como ela é linda. Se já não tivesse me dito que foi modelo, eu teria imaginado. Com pernas tão longas e uma estrutura tão perfeita, teria sido um desperdício se ela nunca tivesse estado na frente de uma câmera. Mesmo agora, o fato de não ter o rosto estampado nas vitrines de suas lojas ao redor do mundo é uma pena. Essa mulher merece estar em outdoors.

E, mesmo assim, uma foto não conseguiria fazer jus à beleza dela em movimento. Estou falando do jeito como ela abre aqueles lábios carnudos em um sorriso ou de como os olhos quase pretos dela refletem a luz de um jeito que faz com que eu me pergunte se há faíscas de

verdade neles. E não posso negar que a maneira como a seda do vestido dela se agarra perfeitamente às curvas dos quadris quando ela se mexe faz minhas calças parecerem um pouco mais apertadas. Ela é um sonho que ganhou vida.

— Pelo jeito ela me colocou entre aqueles dois — diz Stella, sem perceber os homens que ainda a encaram ou decidida a ignorá-los. Acena com a cabeça para os jogadores de futebol que estão em pé, atrás das cadeiras. — Acho que são ex-colegas de time do Ron.

Ela tem razão, e meu estômago embrulha só de pensar naqueles caras perto dela. O que é meio desnecessário e bem ridículo, considerando que não tenho nenhum direito sobre ela, mas fico consternado mesmo assim. Não quero que Stella dirija sua atenção para outros alvos. Eu estava feliz em ser a presa escolhida e curioso para saber até onde isso nos levaria. Ainda que eu conseguisse apenas algumas horas de papo e alguns toques roubados, teria sido melhor do que qualquer outra coisa que eu pudesse faturar hoje à noite.

Não consigo evitar a onda repentina de possessividade que me domina. Sem pensar duas vezes, deslizo a mão por trás do pescoço dela e sinto seu pulso acelerado. Quero trazê-la para perto de mim. Quero ouvi-la respirar fundo, surpresa. Quero senti-la se entregar.

Mas tudo que posso fazer é me deliciar com o jeito como ela inclina a cabeça para trás, relaxando ao meu toque, esperando que eu explique o que exatamente estou fazendo. Só que eu não consigo explicar. Nem minhas ações, nem esse desejo de fazê-la querer se lembrar de mim.

— Não vai se esquecer de mim enquanto eu não estiver por perto, hein? — murmuro, resistindo à vontade de agarrá-la um pouco mais forte, de puxá-la para mim, de saborear aquele sorrisinho irônico que surge em seus lábios.

— Ah, Thomas — repreende ela, mas seus olhos escuros estão acesos, perversos. — Você é inesquecível.



CAPÍTULO 6

Stella

Eu deveria ter vergonha de estar tão ansiosa para voltar a ficar perto de Thomas. Mas fazer o quê? O cara é mesmo fascinante.

Estou gostando de desvendá-lo aos poucos, ansiosa para o que cada nova camada vai revelar. Um piloto de Fórmula 1 que não considera mais a própria vida um sonho realizado enquanto a família o pressiona a se casar logo? Que sabor! E eu nem *preciso* flertar com ele. Só quero fazer uma entrevista detalhada e profunda com o cara como se eu fosse a Oprah. Flertar é só um bônus.

Quando seguirmos para a próxima parada da noite, poderemos voltar a conversar. Ou talvez um pouco mais do que isso. Não achei ruim sentir as mãos dele no meu corpo quando estávamos no ônibus, e o jeito como ele agarrou meu pescoço antes do jantar foi… bem, foi um tesão. De molhar a calcinha, para ser mais exata. Fica óbvio que esse Príncipe Encantado, com aquele cabelo perfeito e aquelas palavras refinadas, tem um quê de pervertido por trás de toda a pompa. Só mais uma camada para desvendar.

Também tem o fato de que estou quase bêbada. Cada prato vem acompanhado de um vinho para harmonizar, e mesmo que eu não tenha terminado nenhuma das taças, já passei do ponto. Só tomei alguns goles daquele delicioso vinho de sobremesa — por que diabos não bebi um *néctar dos deuses* desses enquanto estava escondida em casa? —, mas vou parar por aqui. Estou só alegrinha por enquanto, naquela fase em que é impossível tirar o sorriso do rosto ou evitar um frio na barriga toda vez que Thomas e eu nos olhamos.

Ele é gato pra caralho.

Caras bonitos, infelizmente, sempre foram meu tipo, mas Thomas é um pouco mais robusto que Étienne. Tem o maxilar mais definido. O pescoço mais grosso. Ele irradia *alguma coisa* que quase me faz ficar dando risadinhas que nem uma boba. Alguma vez eu já me senti assim com Étienne? Deve ter acontecido em algum momento, provavelmente no começo… porém, por mais que eu tente, não consigo me lembrar. Acho que nem quero.

Mika estava certa. Não devo nada a ele. Mas devo a mim mesma fazer o que me deixa feliz depois de ter passado semanas no fundo do poço. Meses. *Anos*, até, se eu estiver disposta a ser sincera comigo mesma. Como consegui ignorar uma coisa dessas por tanto tempo?

Para de gastar energia com isso, a vozinha no fundo da minha cabeça me avisa. É isso, vou parar mesmo. Em vez de pensar nisso, vou me concentrar no belo piloto de corrida que está sentado longe demais de mim.

Thomas relaxou um pouco desde o início do jantar. Como a maioria dos homens sentados à mesa, ele tirou o smoking e afrouxou a gravata-borboleta. Assim que arregaçou as mangas e exibiu os antebraços fortes e cheios de veias, quase me engasguei com o vinho. O pior é que estou gostando um pouco demais dessa versão dele. Estou quase torcendo para ter de volta o Thomas engomadinho, com sorriso diplomático, o cavalheiro vitoriano. Era mais fácil me controlar perto daquela versão.

Porque esse aí… Esse não é mais o Príncipe Encantado. Esse é um safado.

Minha pepeca cheia de teias de aranha já começa a pedir socorro. Vou precisar de um autocontrole hercúleo quando sairmos daqui. E a julgar pelos garçons tirando pratos e copos, está quase na hora de ir.

Encontro Thomas atrás de mim no segundo em que empurro a cadeira para trás, oferecendo a mão para me ajudar a levantar. Aceito sem pensar duas vezes, porque, em primeiro lugar, já estou cambaleando. E, em segundo, meio que senti falta do toque dele.

— Aquilo foi *insuportável* — resmungo, conforme damos um passo para trás e esperamos que os convidados um pouco mais bêbados e lentos finalmente saiam do lugar. — Aqueles caras eram chatos demais. Só sabiam falar de futebol.

Thomas solta minha mão assim que me levanto, mas nossos dedos se encostam novamente ao lado do corpo. Não sei se por acidente ou de propósito.

— Pelo menos você não ficou presa entre a Rachel e a Sydney — murmura ele. — *Aquilo,* sim, foi um pesadelo.

— Achei que você gostasse delas…

Ele pelo menos as tolerava antes.

— Gosto mais de você — afirma, e faz uma pausa enquanto as palavras se assentam como brasas no meu peito, embora ele não pareça perceber o efeito que surtiram em mim. — Além disso, a Rachel ficava roubando comida do meu prato e a Sydney dava um gemido a cada garfada. Alto. Foi tudo bem indelicado.

Deixo escapar uma risada nada lisonjeira, pressionando a mão livre contra a boca para abafá-la, mas Thomas sorri para mim, parecendo não se importar com o som.

Ele está perto demais. Tão perto que consigo notar que seus olhos são contornados por um tom mais escuro de azul e seus cílios são ainda mais longos do que eu achava a princípio. É intimidade demais para se ter com um homem que acabei de conhecer. Isso, no entanto, não me impede de me inclinar em sua direção, deixando meu ombro encostar no dele. Meu corpo parece acreditar que nos conhecemos há séculos, e, quando ele segura meu quadril, tenho a sensação de que não sou a única a se sentir assim.

— Vamos! — grita alguém nas portas da sala privativa.

Desvio o olhar de Thomas e olho para Ron, que acena para sairmos.

— Ai, meu, Deus — resmunga Thomas. — Qual vai ser o próximo horror?

— Clube de *striptease* — refresco a memória dele, e lá está aquela careta novamente. — Vai ser *o máximo*.

Para a nossa sorte, a próxima parada fica a apenas uma curta caminhada, dispensando outra viagem de ônibus, e ele me mantém bem perto durante todo o percurso. É mais como se ele estivesse me fazendo um favor, na verdade — esses saltos altos foram a escolha errada para uma noite de bebedeira, e Daphne mais uma vez se fez notar com vários bufos altos atrás de nós —, mas, seja como for, estou convencida de que ele não consegue tirar as mãos de mim. Eu não deveria estar tão exultante com isso, mas dane-se, vou aproveitar enquanto posso.

Sei que chegamos ao nosso destino quando um som de contrabaixo vibra no ar, e aí dois seguranças enormes aparecem ao virarmos uma esquina.

— Nessa próxima aventura a gente vai se separar! — grita Janelle no meio dos seguranças. Ela parece uma princesinha de um metro e meio ao lado deles com aquele vestido de mangas bufantes. — Meninas, venham comigo. Meninos, vocês ficam com o noivo.

Thomas segura meu quadril com mais firmeza antes de soltá-lo, e fico apreensiva. É uma reação ridícula, já que era isso o que eu queria o

tempo todo: festas que separassem os noivos. Mas agora que está acontecendo, não acho mais uma ideia tão atrativa assim.

— Vejo você do outro lado — diz Thomas, num tom de lamento.

Faço que sim com a cabeça.

— A menos que você seja sufocado pelos peitos imensos de alguma stripper e não saia vivo daí de dentro.

Ele considera a ideia por um momento.

— Existem maneiras piores de morrer. Espero que você aproveite suas aulas de dança erótica.

— Mal posso esperar pra ver todas essas mulheres simulando sexo com cadeiras vazias.

— Se quiser, pode imaginar que está dançando pra mim — sugere ele, e essa ideia já me parece *mais interessante*.

— Agora eu não estou *mesmo* a fim — protesto, mas seu sorrisinho irônico me mostra que ele enxerga a verdade por trás da resposta.

Alguém me pega pelo braço e me impede de me despedir direito; em poucos segundos, me vejo sendo arrastada por Daphne em direção às portas agora abertas da boate.

— Cacete, o que que deu em você, Stella? — sussurra ela em meu ouvido enquanto passamos pelos seguranças. — Por que tá agindo desse jeito?

Tenho que me segurar para não dar uma risadinha alegre quando pestanejo na direção dela.

— Desse jeito como? — pergunto, com ar inocente.

O que ela diz em seguida se perde em meio à música que jorra dos alto-falantes pelo espaço escuro e amplo. Estamos em um patamar que circunda a borda externa do salão, com um bar de cada lado e mais algumas portas em arco, como aquela por onde acabamos de passar. Três degraus abaixo fica o fosso principal, onde há cabines em semicírculo, mesas altas com luminárias de veludo vermelho e poltronas de couro grandes, todas posicionadas para oferecer uma vista perfeita do palco enorme. Algumas barras reluzentes se estendem para cima e desaparecem entre o tecido preto drapeado que esconde o teto em suas dobras.

No que diz respeito a clubes de *striptease* — e já entrei em vários na vida —, posso afirmar que este aqui é de luxo. Acho que já deveria esperar isso de Janelle. Assim como eu e Mika, a garota tem um gosto refinado.

Daphne continua tagarelando no meu ouvido, dizendo algo sobre eu não estar sendo verdadeira comigo mesma e como Janelle ficará decepcionada com meu comportamento, mas, entre o uísque e o vinho,

não consigo me convencer a prestar atenção nela. Estou quentinha, relaxada e determinada a aproveitar ao máximo esse tempo longe dos rapazes.

Dou um jeito de me desvencilhar dela e aperto o passo para alcançar Janelle, que está nos levando a uma das portas à esquerda. Seguro a mão dela, entrelaço nossos dedos e balanço o braço para a frente e para trás como se fôssemos duas crianças.

— E aí, noivinha — cumprimento. Tirando o abraço de boas-vindas que demos quando entrei no ônibus-balada mais cedo, não tivemos a chance de passar um tempo juntas hoje. — Como vai?

Janelle sorri para mim, os grandes olhos castanhos meio brilhantes por causa do álcool, mas, tirando isso, está impecável. E não parece nem um pouco decepcionada comigo, então Daphne que vá à merda.

— Ai, Stella — diz ela, e começo a cogitar a hipótese de o brilho em seu olhar serem lágrimas de felicidade. — Eu tô tão feliz que você veio.

Aperto a mão dela com mais força, a emoção subindo pela minha garganta.

— Eu queria muito estar aqui do seu lado.

— Eu sei — afirma ela, me tranquilizando enquanto entramos em um cômodo amplo e decorado com fotos em preto e branco de modelos de décadas passadas de muito bom gosto. — Mas você passou por tanta coisa ultimamente que eu ia entender se não tivesse vindo.

Janelle é como uma irmã mais velha. A diferença de idade de cinco anos entre nós fez com que ela experimentasse quase tudo antes de mim e passasse o conhecimento adiante. E tudo que ela ainda não viveu — como o casamento — queríamos viver juntas, por isso as datas de casamento tão próximas.

Tinha tudo pra dar certo.

— Eu que agradeço por você insistir para que eu viesse, mesmo que os amigos do seu noivo sejam meio chatos — provoco, recusando-me a ceder à dor incômoda no meu peito.

Como estávamos planejando nossos casamentos quase na mesma data, concordamos que não daríamos papéis importantes uma à outra nas celebrações. As duas estariam muito ocupadas, ainda mais tendo que lidar com carreiras cheias de demandas simultâneas. Aliás, é por isso que não me envolvi na organização desta despedida conjunta de solteiro e solteira, senão eu a teria desaconselhado com toda a certeza do mundo. Por outro lado, pode não ter sido uma decisão *completamente* equivocada.

Janelle ri baixinho.

— Juro, a maioria deles só sabe falar de futebol.

— Eu sei! Eu tava falando isso pro… — Paro no meio para não revelar o que quer que esteja acontecendo entre mim e Thomas. Mesmo que ela esteja um pouco bêbada, vai acabar pegando meu interesse no ar — Pra Daphne.

Ela se anima.

— Vocês conversaram?

— Pode-se dizer que sim.

— Ai, fico tão feliz. — Janelle me puxa para mais perto. — Sei que vocês duas nem sempre concordam nas coisas, mas obrigada pelo esforço que está fazendo hoje. Significa muito pra mim.

Ainda não contei a ela minha teoria de que Daphne foi a responsável por vazar os detalhes do meu casamento, e certamente não é agora que vou revelar, mas um dia vou compartilhar minhas suspeitas.

— Ah, sim, claro — afirmo. Nós nos aproximamos de uma mulher com um vestido preto de látex que segura uma prancheta e está parada do lado de fora de uma porta fechada. — É de fato um esforço. Um grande esforço. Enorme.

Para a minha sorte, Janelle está distraída com a mulher à nossa frente, e me limito a franzir um pouco a testa e deixá-la voltar para sua conversa animada. Olho para trás e vejo Daphne me encarando com raiva. Dou um tchauzinho balançando os dedos. Ela parece tentada a dizer algo, mas uma lufada de ar vinda de uma porta se abrindo me faz virar de novo.

A mulher com o vestido de látex nos conduz para dentro da sala, acenando com o braço de um jeito grandioso, e Janelle me puxa para dentro dando um gritinho. É uma suíte particular, felizmente grande o bastante para acomodar todas nós, vinte mulheres, e com bastante espaço para circularmos enquanto todas entram depressa. Há alguns sofás de couro branco, uma barra vertical no centro da sala e um pequeno bar junto à parede com taças de champanhe nos esperando.

Janelle me arrasta até lá e enfia uma taça em minha mão.

— Vira. Agora.

— O quê? Por quê?

— Confia em mim — insiste ela, dando dois passos rápidos para trás. — É melhor você virar isso pra estar pronta.

Bom, eu é que não vou contrariá-la, então viro a taça, pego outra e me jogo em um dos sofás ao lado de Rachel.

— Você tem alguma ideia do que… — começo a perguntar, mas sou interrompida pelos primeiros compassos da música, que soam nos alto-falantes como um sapo coaxando.

Ah, não. Eu conheço essa música. É um clássico, embora um pouco exagerado, mas "Pony", de Ginuwine, significa apenas uma coisa. Meus medos se confirmam quando um Adônis sem camisa e besuntado em óleo entra pela porta seguido por muitos companheiros igualmente atraentes.

— Eu sei, eu disse que íamos aprender a fazer dança erótica — grita Janelle em meio ao caos que explodiu ao nosso redor —, mas pensei que merecíamos uma também!

Estou em uma cena infernal de *Magic Mik*e, mas não vejo Channing Tatum em lugar nenhum. Não é como se esses homens não tivessem… atributos físicos impressionantes. Mas tanquinhos banhados em óleo e sunguinhas apertadas não estão despertando muita coisa em mim hoje. Um inglês de smoking que me acha engraçada e prefere conversar a se esfregar na minha cara anda sendo, por incrível que pareça, mais a minha praia no momento.

Quando um dos strippers faz contato visual comigo, enfio minha bebida na mão de Rachel e me levanto do sofá, evitando por pouco o toque do homem. Este vestido é caro demais para ficar coberto de óleo e colônia forte.

— Vou no banheiro — grito para Janelle quando ela tenta me fazer sentar de novo. — Bebi vinho demais no jantar! Não quero fazer xixi em um desses caras sem querer, sabe?

É uma desculpa esfarrapada, e recebo um olhar de desgosto, embora ela me deixe passar.

— Não demora!

Minha intenção é justamente demorar, mas faço que sim com a cabeça.

Não estava mentindo para Janelle sobre precisar fazer xixi, então procuro placas indicando onde ficam os banheiros. Avisto um mais adiante no corredor, então vou naquela direção e passo por outra sala privativa no caminho. Não consigo resistir à vontade de espiar pela porta entreaberta. Eis que encontro todos os homens do nosso grupo tendo suas próprias experiências com dançarinas sem sutiã. Tento encontrar Thomas antes mesmo de assimilar o que estou fazendo, mais curiosa do que deveria para ver como ele está lidando com essa reviravolta.

Mordo o lábio para não rir quando o vejo. Ele está em um dos sofás com os braços esticados no encosto, sorrindo com aquele ar de aristocrata enquanto uma mulher com o melhor par de peitos siliconados que já vi rebola em seu colo. Ele mal observa a bunda magistral dela, preferindo baixar o olhar de vez em quando como se

para confirmar que, sim, aquilo está acontecendo mesmo, mas, tirando isso, parece estar só esperando acabar.

Não fico tanto tempo ali para ver o que ele faz em seguida, porque saio depressa pelo corredor antes de fazer xixi nas calças de tanto rir. Já estou até com lágrimas nos olhos, porque é claro que ele é o tipo de homem que aceita educadamente uma dança erótica e depois tenta agir como se não estivesse odiando cada segundo.

Eu não o teria culpado se estivesse gostando, mas é ainda mais engraçado vê-lo daquele jeito, tão deslocado. O que mais me pega é que ele é um atleta profissional — isso não é o que acontece toda sexta à noite com eles? Pelo menos é o que ficou parecendo com a maioria dos jogadores de futebol naquele recinto.

Mas tanto faz. As excentricidades dele não deveriam me importar, mas não posso negar que isso me fez gostar um pouco mais dele. Por mais que eu aprecie o safado que vi de relance, tenho uma queda pelo príncipe.

O banheiro está vazio quando entro e me esgueiro rapidamente para uma cabine. Quando termino, vou até a pia para lavar as mãos e aproveito para dar uma conferida no espelho. Meu rímel está um pouco borrado e meu pó compacto está dando a vida para segurar a oleosidade do meu rosto, mas continuo bonita. Estou com uma aparência… *viva*. Até feliz, a julgar pelo sorriso embriagado.

Eu precisava desta noite. Precisava de Daphne me provocando, de um homem que risse de todas as minhas piadas. Precisava até de um stripper de cueca minúscula tentando se esfregar em mim.

Precisava ver que o mundo lá fora não tinha acabado, mesmo que o meu tivesse implodido.

Termino de lavar as mãos e as seco antes de pegar o celular da bolsa. Mando uma mensagem para Mika, atualizando-a sobre os strippers e prometendo que darei a ela um resumo completo por FaceTime assim que voltar para o meu quarto de hotel. Depois de guardá-lo novamente na bolsa, saio do aposento, mas paro quando a porta do banheiro masculino se abre do outro lado do corredor.

Thomas sai um momento depois, com o papel ainda nas mãos, terminando de secá-las. Vejo um lampejo de surpresa em seus olhos quando ele me avista ali parada. Ele abre ainda mais o sorriso satisfeito enquanto joga o papel amassado na lixeira à esquerda sem nem olhar para ver se acertou o alvo. Mas acertou. Claro que acertou.

— Uau — diz ele, olhando para mim meio que em admiração. — Olha só quem eu encontrei aqui.

— Tá me perseguindo agora? — Levanto uma sobrancelha e inclino a cabeça para o lado, tentando ao máximo parecer tranquila, mas reunindo cada centelha de esforço para não sorrir de volta. — Devo me preocupar?

— Falando como alguém que já teve um stalker, eu normalmente te aconselharia a se preocupar, sim. — E dá um passo na minha direção, enfiando as mãos nos bolsos. — Mas eu não estou te perseguindo. Só tenho sorte de continuarmos nos esbarrando por aí.

— É exatamente o que um stalker diria — comento, diminuindo a distância entre nós. — Todo mundo lá dentro é tão chato assim que você teve que vir me procurar?

— Quer saber a verdade? — Estamos quase invadindo o espaço pessoal um do outro agora. Se eu me inclinasse um pouco mais, nossos corpos se encostariam. — Acho que esse negócio de ter alguém rebolando a bunda na minha cara não me interessou muito.

— É *isso* que o Ron está fazendo aí dentro? — pergunto, os olhos arregalados de falso horror. Quando ele ri e aquele frio na barriga já familiar me invade, deixo a encenação de lado. — Eu também. Sei que já falei várias vezes que amo o *Thunder From Down Under*, mas quando eles resolveram aparecer de verdade… achei melhor cair fora.

— Que covarde. Vai voltar e tentar ser corajosa?

— Nossa, mas de jeito nenhum.

— Eu também não.

— Eu adoraria ir embora — admito, olhando rápido pelo corredor para conferir se não tem ninguém vindo nos arrastar de volta. — Mas não queria decepcionar a Janelle indo embora antes do fim da noite.

Ela entenderia se eu dissesse que está sendo estímulo demais cedo demais, mas estou determinada a me expor ao máximo que puder tolerar. Ficar por aqui faz parte disso.

— Eu talvez conseguisse uma sala privativa pra gente — oferece Thomas, e por mais atrativa que a ideia seja, especialmente com o tom de voz dele ficando um pouco mais grave, balanço a cabeça.

— Não quero correr o risco de me perder dos outros quando eles forem embora. — Ainda assim, nada vai me fazer voltar para as meninas e para os strippers delas. — Vamos pegar uma mesa no andar principal. Podemos ver de longe quem está no palco em vez de lidar com gente rebolando a bunda na nossa cara.

A mão que ele coloca no meu quadril para me virar delicadamente na direção certa faz meu corpo arder. Tem uma camada de tecido entre a palma da mão dele e a minha pele, mas ainda assim seu toque me faz pegar fogo, e parece quase um desafio me desvencilhar dele. Em vez

disso, coloco a mão sobre a dele, mantendo-a ali, e o acompanho passo a passo enquanto seguimos pelo corredor.

Quando viramos a esquina e atravessamos a entrada na direção do andar principal, a mão de Thomas escapa da minha, mas, assim como antes, quando ele pareceu quase decepcionado por eu ter parado de tocá-lo, ele me agarra novamente. Dessa vez, segura meus dedos e os ergue até a altura dos ombros enquanto desce os degraus de lado, me guiando com cuidado como se estivesse me ajudando a não tropeçar e me exibindo ao mesmo tempo. Vejo mulheres seminuas no palco a poucos metros de nós. Mesmo assim, ele não tira os olhos de mim. É um estímulo tão grande para o meu ego que quase estremeço.

— Vamos pegar um lugar ali — diz ele, quando chegamos ao térreo, apontando para a minha direita.

Ele segura meus dedos com firmeza e segue na minha frente, soltando-os apenas quando chegamos a uma mesa vazia. O assento é curvo, permitindo que nos sentemos lado a lado enquanto observamos a pista movimentada da boate e o palco, assimilando tudo antes de voltarmos a olhar um para o outro.

As luzes estão baixas, flashes coloridos passando sobre nós de vez em quando, e não consigo parar de olhar para ele. Esse homem é uma obra de arte.

— Tudo bem aí? — pergunta Thomas, sorrindo para mim, embora eu veja dúvida em seus olhos.

É, olhar fixo para alguém sem falar nada não é um comportamento lá muito normal.

— Tudo bem — respondo, disfarçando o motivo da minha admiração silenciosa. — Só estava pensando aqui que você ainda não me contou qual é o seu tipo.

O que é verdade. Quando eu perguntei mais cedo, ele encerrou o assunto com um *alguém que não seja ela* se referindo à mulher linda e alegre que ligou várias vezes. Espero que ele tenha desligado o celular, porque, por mais bonita que ela seja por foto, não quero ser interrompida. Ainda mais por alguém com quem ele com certeza tem um passado. Hoje a noite é para novos começos.

Thomas reflete, os olhos se voltando para o palco onde mulheres com uma força abdominal impressionante desafiam a gravidade em barras de pole dance. No entanto, ao olhar para mim, tenho a impressão de que mal nota as outras.

— Gosto de mulheres confiantes — responde, e logo se corrige: — Mulheres *superconfiantes*. Mulheres convencidas. Que dizem o que

pensam, que conhecem o próprio valor e não se contentam com menos do que isso. Que vão atrás do que querem.

Ele apoia a mão no banco estofado de couro no curto espaço entre nós, mas juro que a esbarra na minha perna enquanto diz isso. Não tenho certeza, não ouso olhar para baixo.

Dou um suspiro de decepção, mesmo com o coração disparado.

— Que pena. Não tem nada a ver comigo.

O jeito como um sorrisinho de canto aparece em seu rosto me mostra que ele sabe que estou brincando. Em meus melhores momentos, sou exatamente o tipo de mulher que ele descreveu: sei quem sou, o que quero e como conseguir. Não duvido de mim mesma. Não hesito. Arrisco e raramente erro.

Mas a verdade é que *não* ando na minha melhor fase. Estou lutando para me encontrar, lutando para fazer escolhas sem duvidar tanto das minhas decisões. Sei que posso voltar a ser a mulher que dominava qualquer ambiente em que entrasse, mas não vou negar que de vez em quando preciso de um pouco de validação externa. E, olha só, tem um homem bem na minha frente disposto a me conceder exatamente isso.

— Se você tá dizendo — murmura ele. — Mas agora que já sabe meu tipo, acho justo que me diga o seu.

Se ele gosta mesmo de mulheres que dizem o que pensam, é isso que vou fazer. Ainda não tenho muita certeza do que estou procurando hoje, mas sei que não quero que o dia acabe sem que ele me toque outra vez.

— Não vou mentir pra você, Thomas — respondo, aumentando o volume da voz para que ele me ouça mesmo com a música. — No momento, meu tipo é um piloto de Fórmula 1 com sotaque de riquinho que tá claramente se segurando para não passar a mão em mim.

O olhar dele se derrete, e um pouco daquele humor contagiante desaparece.

— Isso é um convite?

Dou de ombros e me delicio com a maneira como seus olhos acompanham o movimento, deslizando pelo meu ombro e subindo novamente. Fico me sentindo um gato se aquecendo ao sol, absorvendo-o.

— É o que você quiser.

Dessa vez, sei que não estou imaginando coisas ao sentir a ponta dos dedos dele resvalando na minha coxa.

— Eu não brinco com consentimento. Ou você me diz com entusiasmo o que quer, ou eu não faço nada. — Ele para o movimento, e eu na mesma hora anseio pelo próximo toque. — Acho que está na hora de você decidir se isso é pra valer ou se é só encenação, Stella.

Ele cansou de me deixar brincar com ele, e não posso culpá-lo. Fui eu que fiquei dando corda para além do flerte inofensivo, e agora chegamos a um ponto mais intenso. Algo que me pego querendo explorar.

E, para ser sincera, ele é a pessoa perfeita com quem fazer isso. Não conheço esse homem, e ele não me conhece. Vou voltar a vê-lo no casamento amanhã, mas, depois disso, tenho certeza de que nunca mais vamos interagir na vida. Pode ser a oportunidade perfeita para começar minha jornada de volta à terra da solteirice. Posso usar Thomas como meu guia hoje à noite, minha ponte para o outro lado, o responsável por limpar meu paladar e eliminar o gosto amargo que Étienne deixou.

Só preciso ser corajosa. Preciso ser a mulher que Thomas pensa que sou — a mulher que *eu sei* que sou por trás da mágoa e da dor de coração partido.

— Considerando que não temos mais plateia e ainda estou aqui com você — digo, decidida —, acho que já tem a sua resposta. — Eu me mexo de modo que minha perna pressione a lateral de sua mão e levo a boca ao ouvido de Thomas. Agora não há como negar minhas intenções. — Quero que seja pra valer.

Observo o contorno de seu pescoço enquanto ele engole em seco, mas me sinto incapaz de me obrigar a ver o que está em seus olhos. Preciso ouvir.

— É a sua vez de me dizer o que quer — murmuro, depois que um segundo se passa sem que ele responda.

Só então olho para cima. É um alívio quando o vejo fitando a minha boca.

— Quero te beijar. — A confissão soa rouca e grave. Ele desliza a ponta da língua pelo lábio inferior. Então acrescenta: — Muito mesmo.

É tudo de que preciso para a pequena faísca dentro de mim tomar força.

— Então me beija.

Infelizmente, as palavras dissipam um pouco da névoa em seus olhos, como se fossem exatamente o que faltava para ele voltar a si.

Ele abre um sorriso suave e coloca uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, os dedos percorrendo meu pescoço até pousarem em meu ombro.

— Você está bêbada. — Ele acaricia minha clavícula com o polegar, como se, mesmo tentando impedir que isso aconteça, não conseguisse ficar longe. — É melhor não.

Doeria mais se ele não estivesse lutando tanto consigo mesmo; ainda assim, uma onda de desespero percorre meu peito. Não vou implorar

para um homem me desejar (chega de fazer isso), mas insisto um pouco. Afinal, ninguém é de ferro.

— Não estou nem perto de ficar bêbada do jeito que você está achando, acredite — retruco, erguendo a cabeça. Já estamos tão próximos um do outro que não precisaria de muito esforço para que a distância entre nós fosse reduzida a zero. — E você?

— Também não.

— Então está esperando o quê?

— Alguém pode ver.

Recuo um pouco, sentindo o golpe. Ele não quer ser visto comigo? Sou um risco para a reputação dele?

Que pergunta mais ridícula. É claro que sou. Sou a mulher que perdeu a cabeça diante do mundo inteiro na internet. Faz total sentido que ele não queira ser associado a mim. Se eu fosse ele, provavelmente também não ia querer.

Droga, eu deveria ter pensado melhor antes de acreditar que isso poderia realmente dar em algo hoje. Manchei minha reputação, e ele sabe.

— Isso te incomoda? — desafio, num tom firme.

Ele me olha com mais carinho quando percebe como interpretei suas palavras e leva a mão à minha nuca, me impedindo de prosseguir.

— Não pelo motivo em que você deve estar pensando. Não tem nada a ver com você.

Essa garantia alivia a dor, mas o golpe ainda machuca como se fosse um hematoma antigo que alguém apertou. Disfarço com sarcasmo.

— Não vai me dizer que, além de ser piloto, você também lê mentes.

— Não posso expor todos os meus talentos, né? — E, antes que eu responda, ele diz bem baixinho: — Só estou tentando te proteger.

Sinto um frio na barriga que desce direto para um lugar entre minhas pernas de forma perigosa. Essa atitude de macho alfa não deveria me deixar excitada, mas vai ser mentira se eu disser que não foi exatamente esse o efeito provocado.

— Me proteger? — zombo. — De quê, exatamente?

— Eu tenho uns fãs meio… intensos — explica ele, escolhendo as palavras com cuidado. — Se descobrirem, vão te investigar e revirar sua vida inteira em cinco segundos. Não quero que tenha que enfrentar a opinião pública de novo. Você já passou por muita coisa.

Ele demonstra tanta consideração que quase tenho vontade de dar um tapa na cara dele. Em vez disso, me contento em deslizar a palma da mão por sua coxa. Se ele quer ousadia, é o que vai ter.

— Você fala como se fosse membro de uma boy band e tivesse uma multidão de fãs raivosas. Vai com calma, imitação pirata do Harry Styles.

Com a mão ainda na minha nuca, ele me puxa para mais perto. É um movimento mais agressivo, quase um puxão de cabelo, mas consigo sentir o medo dele de parecer exagerado. De qualquer forma, não deixa de provocar uma onda de calor na parte de cima de minhas coxas.

— Não diga que eu não avisei — sussurra ele, a um centímetro dos meus lábios.

— Cala a boca e me beija, Harry.

Ele finalmente elimina a distância entre nós e me beija, mas só com um selinho. Nossas bocas mal se tocam, os lábios dele subindo e descendo bem rápido. Nada mais do que uma provocação. Eu me afastaria irritada, diria para ele me beijar com vontade, mas ele me deixou sem ter para onde ir. A mão que mantém no meu pescoço está firme, e de repente percebo que sou *eu* quem está sendo feita de brinquedo agora. Eu sou a presa. E ele não vai me soltar até conseguir o que quer.

Estou quase gemendo de desespero, quase me arrependendo do que estamos fazendo e das escolhas que me trouxeram até aqui. Mas então ele finalmente me beija, e todas as minhas dúvidas se dissipam.

Se aquele primeiro toque foi apenas um aperitivo, este é o prato principal. Abro a boca para ele quando sua língua percorre meu lábio inferior, mas esse é o último movimento que consigo calcular. Não que isso importe, porque no instante em que ele pressiona a língua na minha, perco a capacidade de formar um pensamento coerente.

Não há nada de hesitante neste beijo, o que confirma suas palavras e prova que ele estava pensando nisso há algum tempo. Algo se liquefaz dentro de mim, como se toda a mágoa, raiva e tristeza que eu carregava estivessem se dissipando. Meu corpo inteiro relaxa, o peso diminuindo, e deixo Thomas passar o braço em volta da minha cintura para me impedir de derreter pelo banco e me transformar em uma poça no chão. Ele desliza a outra mão da minha nuca para segurar meu queixo, mantendo a boca na minha e me beijando como se estivesse experimentando o paraíso. Como se já estivesse viciado.

Ótimo. Ele deveria estar mesmo. Se isso é um jogo, então eu sou o prêmio. Ele tem sorte. Poucos tiveram o privilégio de me conquistar, e ele conseguiu fazer isso em questão de horas.

Mas fui eu que venci de verdade aqui, porque, *caralho*, esse homem sabe o que está fazendo. Não me lembro da última vez que fui beijada assim, o que é uma pena, considerando que quase me casei com um

homem que não fazia eu me sentir dessa forma havia anos. Mas isso aqui? Juro que minha força vital vai retornando aos poucos em cada lugar que ele me toca, subindo pelas minhas veias; ele revive partes de mim que eu temia que estivessem mortas.

Devo estar extremamente carente se algo tão inocente quanto um beijo é capaz de me incendiar. Por outro lado, talvez não seja tão inocente assim, já que ele passou a mão do meu queixo para o meu pescoço, apertando de leve só até me fazer soltar um suspiro.

— Meu Deus — murmuro, e meus olhos se abrem novamente.

Em algum momento enterrei os dedos na camisa dele, e estou tentada a puxá-lo de volta para continuar com isso.

Ele me encara, ainda envolvendo meu pescoço com a mão, mas sem colocar pressão. É um toque possessivo que faz minhas coxas se contraírem, e, sério, sério mesmo… eu gosto disso mais do que deveria.

— Exagerei? — pergunta ele, os dedos descendo até minha clavícula e passando pelo decote do meu vestido.

Reconheço minhas próprias palavras sendo jogadas de volta para mim. Balanço a cabeça, lutando para responder e piscando para sair do torpor em que ele me deixou.

— Foi na medida.

Ele curva o canto da boca, praticamente rindo do meu esforço para me recompor, embora seja cavalheiro o suficiente para não tocar no assunto.

— Devo estar cheio de batom no rosto, né?

A pergunta me dá algo em que me concentrar além da pulsação constante que sinto entre as pernas. Pigarreio e dou uma olhada no rosto dele.

— Nem um pouco.

— Sério?

— Eu testo muitas receitas — explico, feliz pelo alívio da tensão, embora tenha certeza de que será breve. — Não tenho tempo pra ficar retocando batom depois de cada mordida. Então essa merda aqui não sai por nada no mundo.

Passo o polegar pelo lábio inferior para provar que estou falando a verdade, sabendo que o vermelho intenso não vai borrar nadinha.

Thomas mais uma vez olha para a minha boca, acompanhando o movimento.

— Saber disso só me faz querer te beijar de novo.

Faço biquinho, retomando minha postura, deixando que me envolva como um abraço familiar. Não acredito que esse homem me fez voltar a me sentir eu mesma. Fazia tanto tempo! Talvez parte do crédito se deva

ao álcool, que me deixou bem relaxada, mas realmente acho que é ele o maior responsável.

— Você não tem medo de que alguém veja? — brinco.

— A essa altura, Stella — diz ele —, eu convidaria o mundo inteiro pra assistir.

Ele agora nem se dá mais ao trabalho de provocar e só mergulha de uma vez. O beijo dele é quente e penetrante, com um quê de agonia. Sinto o coração disparar, meu sangue fervendo e cada nervo pegando fogo enquanto pressiono cada vez mais meu corpo contra o dele. Sou eu quem está viciada agora, precisando de mais, então seguro o queixo dele para garantir que não vai se afastar antes que eu esteja satisfeita.

Ele está mais do que disposto a me dar o que quero e a roubar meu fôlego. Deixo escapar um gemido, e ficaria envergonhada se ele não me incentivasse a continuar, abraçando minha cintura com ainda mais força e me deixando sentir o gosto do champanhe em sua língua. Se não estivéssemos em público, eu já teria subido no colo dele e passado meus braços em volta de seu pescoço, sem vergonha e sem pudor. Quero me agarrar à sensação de saber que sou desejada, mesmo que apenas sexualmente. Mesmo que só por hoje. Eu precisava disso mais do que imaginava e, como já comecei a perceber, preciso ir *além*.

É ele quem interrompe o beijo dessa vez, virando a cabeça para afastar meus lábios dos dele. Isso me arranca do desejo repentino e avassalador, um lembrete cruel de que talvez nossos objetivos para a noite sejam diferentes. Afinal, não foi difícil fazê-lo concordar com a minha proposta anterior de ficarmos só conversando, e tudo que disse foi que queria me beijar. Talvez ele prefira parar por aqui.

— Nada mau — comento, antes que ele possa dizer qualquer coisa. Quero me antecipar à rejeição, porque não vou suportar ouvir o que ele tem a dizer. Deixo as mãos caírem de volta no peito de Thomas, que também está sem fôlego. O sorrisinho irônico em meu rosto é forçado, mas espero que ele não perceba. — Eu daria uma nota sete e meio.

Ele pestaneja, tentando assimilar a informação, e transforma os lábios entreabertos em uma careta ressentida.

— Sete e meio? — questiona, como se estivesse muito ofendido, mas dá para ver que esconde uma risada. — Fala sério. Isso é um insulto.

— O quê?

Dou piscadinhas inocentes e me afasto dele, me recostando na minha parte da cabine. Aperto as coxas para dispersar a pressão que se instalou ali. Pelo menos assim consigo manter a dignidade fingindo que não estou decepcionada por isso ter acabado.

— Foi legal e tudo o mais. Só acho que você consegue fazer melhor.

Ele me observa com atenção através do espaço que deixei entre nós.

— E eu acho que você está mentindo. Você gostou. Muito.

— É, talvez eu esteja mentindo. — Olho ao redor, procurando uma garçonete para que possamos pedir mais uma rodada de bebidas, algo para ajudar a amenizar a decepção. — Mas acho que você não consegue provar.

Quando volto a encará-lo, vejo um ar de desafio que não esperava encontrar em seus olhos.

— Ah, acho que consigo, sim.

Quase pulo quando ele pousa a mão no meu joelho. As plumas na bainha do meu vestido me fazem cócegas conforme ele sobe os dedos, bagunçando o posicionamento cuidadoso de cada uma delas.

— Se eu colocasse a mão por baixo desse seu vestidinho lindo — murmura ele, os lábios encostados em minha orelha —, quais são as chances de eu te encontrar toda molhada?

Uma chama perpassa meu corpo com a reviravolta repentina, mas me recuso a ceder tão facilmente. Não quando considero a possibilidade de isso ser só um joguinho para ele. Meus dias de dar voto de confiança e levar as intenções dos homens ao pé da letra ficaram para trás.

— Quase zero — minto.

— Ah, é? — A pergunta sai descrente e bem-humorada. — Porque eu tô vendo você contrair as coxas como se tivesse alguma coisa rolando aí embaixo.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra — respondo, fazendo pouco-caso e tentando forçar meus músculos a relaxarem, mas todo o meu corpo fica tenso com a atenção de Thomas. — É que essa mesa é desconfortável, só isso.

— Tenho um lugar melhor para você se sentar.

Com a outra mão ele dá um tapinha no próprio colo.

Isso está longe da rejeição que eu esperava. Talvez seja só porque, assim como eu, ele não consegue recuar diante de um desafio. Não que eu estivesse desafiando o cara. Brincar desse jeito é a minha maneira de sair de fininho e me livrar da situação para cuidar do meu ego ferido sem ninguém ver.

Mas meus métodos habituais e minha indiferença fingida não o enganam, e não tenho ideia do que fazer com isso.

Inclino a cabeça um pouco para trás, virando o rosto para poder olhá-lo nos olhos. Falo sério ao perguntar:

— Você quer mesmo continuar com isso? Ou está só fazendo um joguinho comigo?

Sem responder de imediato, ele se limita a me encarar, e sinto o estômago se revirar de ansiedade.

Mas a agonia acaba logo. Thomas me puxa para o seu colo com um braço em volta da minha cintura, acomodando minhas costas contra seu peito, e me surpreende. Sinto a protuberância na calça do smoking dele bem firme contra minha bunda, e juro que ela cresce ainda mais quando me mexo para ficar mais confortável.

— Se você não quer, é só me dizer — diz ele, o rosto em minha têmpora. — Mas acho que você deve estar sentindo o quanto eu te quero.

Sinto as mãos dele firmes em meus quadris, me ancorando, e ainda assim leves o suficiente para permitir que eu me afaste, se quiser. Não que eu queira.

Então, deixo a cabeça pender para trás. Relaxo meu corpo até que esteja bem colado ao dele. Encosto minha bochecha na dele para fazê-lo sentir meu sorriso.

— O sentimento é recíproco.

Ele desliza a mão direita pelo meu quadril até o topo da minha coxa, praticamente esmagando as plumas do vestido.

— Então deixa eu te mostrar o que não sai da minha cabeça desde o jantar.

Um arrepio de expectativa percorre meu corpo. E ele sente, eu sei que sente.

— Só não estraga meu vestido — alerto. — Foi caro.

— Eu compro um novo pra você.

— É alta-costura — minto.

Por puro despeito, ele arranca uma das plumas e a joga no chão.

— Cinco novos, então.

— Seu rico safado.

— Isso vindo da mulher que tá usando alta-costura e sapatos de mil dólares.

— Seiscentos — corrijo, perdendo o fôlego conforme ele abre as pernas, movendo as minhas também, até o ar frio subir e encontrar a renda encharcada que cobre minha pele aquecida. — Comprei na promoção. Adoro um desconto.

— Não vai me dizer que você é mão de vaca — repreende ele, a mão entre minhas coxas, mas ainda longe de onde eu desesperadamente quero que ela esteja.

— Sou a mulher de gosto mais refinado que você vai tocar na vida.

Agora é a minha vez de sentir o sorriso dele contra minha bochecha.

— Olha, *nisso* eu acredito.

A mesa nos esconde da cintura para baixo, então a toalha branca funciona como uma barreira (ou assim eu espero) quando ele finalmente alcança a renda da minha calcinha com os dedos. Passa um deles por debaixo do elástico, roçando de leve a pele macia de cima para baixo e quase me hipnotizando com o movimento.

— Se quiser que eu pare é só pedir — sussurra ele, mas sem parar de me provocar com os dedos.

Balanço a cabeça. É quase impossível formar uma palavra que seja quando estou sentindo o coração bater tão forte assim no meio das pernas.

— Não.

— Não? — insiste ele, baixo e rouco. — Tem certeza?

— Se você parar — digo a ele, com uma inspiração profunda —, talvez eu tenha que te matar.

Ele ri baixinho, sem levar minha ameaça a sério, mesmo que eu não esteja nem um pouco de brincadeira. Se ele parar, vou entrar em combustão espontânea e levá-lo comigo.

— Então é melhor não parar, né?

Outro dedo se junta ao primeiro sob o tecido, ambos deslizando pouco a pouco, me torturando, chegando mais perto de onde eu preciso mais do que nunca que ele toque. Meu coração dispara como se eu estivesse perto de terminar uma maratona, mas é a expectativa que torna difícil respirar.

— Thomas — imploro, desesperada para que ele faça o que tem que ser feito de uma vez e enfie os dedos em mim, encerrando meu tormento. — Preciso…

Mas meu apelo termina em um arquejo quando ele desliza o dedo para dentro de mim, incendiando cada terminação nervosa.

— Você está encharcada, Stella — diz ele, a ponta dos dedos deslizando para cima e para baixo, cobertas pela minha excitação. — Eu sabia que era mentira. Você quer isso tanto quanto eu, né?

Minha única resposta é um gemido ofegante, sem palavras coerentes. Deve significar alguma coisa para ele, porque os movimentos torturantes não param, os dedos indo cada vez mais fundo. Então ele pressiona o polegar no meu clitóris e desliza os dedos de leve para dentro de mim.

— Me diz como você gosta de ser tocada, meu bem — sussurra ele em meu ouvido, e recebe um gemido e um empurrãozinho dos meus quadris como resposta. — Vai, fala comigo.

Um arrepio percorre meu corpo, e me esforço para falar, virando a cabeça só até conseguir olhar nos olhos dele.

— Você é um cara esperto — respondo. — Descobre aí.

— Com prazer.

Em resposta à minha provocação, ele não pega leve, afundando os dois dedos em mim ao mesmo tempo. Estou tão molhada que ele mal encontra resistência enquanto os empurra para dentro e desliza para fora, mas há atrito suficiente para me fazer mover os quadris, querendo mais. E... *ali*. Aquele ponto. Aquele que ele atinge quando curva os dedos e pressiona meu clitóris com mais força, fazendo pequenos círculos rápidos em conjunto com o toque arqueado.

Tudo isso me faz sibilar, a pressão aumentando aos poucos por dentro, quente e viva, e minhas mãos buscam algo para segurar, algo para me aterrar enquanto meu mundo começa a girar. Agarro o antebraço dele, o que envolve minha cintura. Isso me mantém presa a ele, me impede de me mexer demais e revelar o que estamos fazendo, mesmo que eu queira cavalgar em sua mão como se ele fosse um corcel selvagem.

— Acho que encontrei o lugar certo — comenta Thomas.

— Ah, você jura? — replico, ofegante.

— Mas acredito que a gente consiga fazer ainda melhor.

Minha excitação já escorre pelos dedos dele, então não faço ideia do que mais ele poderia fazer para levar isso a outro nível. Mas ele prova que consegue quando acelera o ritmo, e minhas paredes internas se contraem a cada movimento. Já estou quase lá. Não vai demorar muito para me levar ao limite.

— Você é tão gostosa quanto eu pensei que seria. — Ele resvala os lábios em minha têmpora com uma ternura inesperada antes de descer até minha orelha, mordiscando o lóbulo. — Bem apertada e perfeita. Porra, eu quero sentir isso aqui em volta do meu pau. Quero sentir você me apertando. Você também quer, Stella?

Essas palavras bastam para me levar ao auge do prazer, porque, *sim*, sim, eu quero. Quero essa sensação ardente de novo e de novo e de novo, quantas vezes ele estiver disposto a me dar. E quero continuar ouvindo esse engomadinho sussurrando sacanagem no meu ouvido, só para mim.

O gemido que sai dos meus lábios é nada menos que indecente, e meu corpo começa a tremer conforme o orgasmo toma conta de tudo. Eu estaria encolhida em seu braço se ele não tivesse pressionado a mão no centro do meu peito, puxando meu corpo num aperto firme. Meu coração dispara sob a palma da sua mão.

— *Caralho* — respiro, minha cabeça batendo em seu ombro quando meu pescoço decide que está fraco demais para se sustentar. — Você

aprende bem rápido.

— Aprendo, mesmo. E tem muito mais que eu quero que você me ensine.

Outra vez, não consigo dar a ele mais do que uma resposta incoerente enquanto saio da névoa de prazer, dessa vez um misto de suspiro com risadinha rouca.

— Não tenho objeções.

— Então a gente deveria…

Mas ele para de falar de forma abrupta quando alguém passa na frente da nossa mesa. Desce a mão pela minha coxa bem rápido, arrastando minha umidade consigo, e a pousa em um lugar mais apropriado no exato momento em que a pessoa para diante de nós. Duvido que tenha conseguido ver o que ele estava fazendo debaixo da mesa, mas a presença dela é o suficiente para me tirar de qualquer feitiço.

Pestanejo algumas vezes antes de ver o rosto de Rachel entrando em foco. Ela não parece surpresa em nos encontrar aqui — ou em me encontrar sentada no colo de Thomas —, mas o beicinho que vejo me informa que ela está irritada por ter sido obrigada a nos procurar.

— A Sydney vomitou em um stripper, e um dos padrinhos está chorando feito bebê porque tá com saudade do cachorro! — grita ela em meio à música. — A Janelle está morrendo de vergonha de ficar aqui, então vamos para o próximo lugar. Vocês vêm?

É nesse momento que percebo a multidão barulhenta que se espalha pela boate. Funciona como um lembrete urgente de onde estamos e de como abandonamos o resto da festa para comparecer à nossa própria festinha não tão privada assim.

Puta merda, eu deixei mesmo esse cara me dedar debaixo da mesa — *em público* — como se fôssemos dois adolescentes tarados no meio do baile de formatura. A antiga Stella era ousada, claro, mas nunca teria feito uma coisa *dessas*. Quem quer que eu esteja me tornando, é mais ousada do que minha versão antiga.

— Uhum, claro — respondo, ainda um pouco ofegante.

Considero descer do colo de Thomas, mas ele me segura no lugar. Entendi. Ele não deve estar querendo que Rachel veja o tesão óbvio que está sentindo.

— Só… hã… dá um segundinho pra gente, tá? Vai indo que a gente alcança.

Rachel resmunga algo antes de se afastar cambaleando. Só então me inclino e me sento no banco ao lado de Thomas, embora minhas pernas permaneçam entrelaçadas às dele.

— Então… — digo, sem olhar para ele, a voz aguda enquanto tento processar o que acabamos de fazer (e o quanto quero desesperadamente continuar).

Todas as minhas regras, diretrizes e promessas pessoais foram por água abaixo. Minha libido, antes adormecida, agora grita *Eu quero dar pra esse homem* e não vai aceitar ser ignorada.

— Vamos com eles?

Quero que ele me responda que não. Quero que ele sugira que deixemos todo mundo de lado e sigamos por conta própria. Quero que ele me tire daqui e sussurre coisas obscenas no meu ouvido pelo resto da noite, depois saia antes de o sol nascer e relembre com carinho nossa única noite juntos pelos próximos anos.

— É melhor a gente ir — concorda ele. — Do contrário, a Janelle e o Ron talvez fiquem se perguntando onde fomos parar.

Tenho que me esforçar para não deixar transparecer o desânimo, mas fico tão decepcionada que parece que levei um soco no estômago.

— Ou — continua ele —, podemos deixar os dois se perguntando onde fomos parar e ir para o meu quarto.

Ele diz isso de um jeito tão casual que sou obrigada a inspecionar o rosto dele para entender se está falando sério ou não. Os olhos têm um nível de travessura que eu quero imitar, um sorriso cúmplice aparecendo no canto da boca. É óbvio para ele qual será minha resposta.

— Tudo bem, então — falo. — Vamos nos divertir, Príncipe Encantado.



CAPÍTULO 7

Stella

Acho que estou morrendo. Ou é isso, ou estou tendo uma ressaca dos infernos.

Ainda nem abri os olhos, mas já sinto dor nas têmporas por causa da luz que atravessa minhas pálpebras. Meu estômago se revira dolorosamente, ainda decidindo se o que consumi nas últimas doze horas sai ou fica. E meus pés doem tanto que não tem como eu não ter corrido *quilômetros* ontem à noite.

Quando crio coragem para enfrentar o dia, percebo de imediato que não estou sozinha. Estou deitada ao lado de Thomas em sua cama desarrumada. O edredom branco está amontoado sob sua cabeça como um travesseiro. Não sei dizer onde estão os travesseiros, mas com a gente é que não está, ao contrário da variedade de embalagens de delivery, uma garrafa de uísque pela metade e um buquê de flores murchas. É uma seleção e tanto, mas estou enjoada demais para me preocupar com isso.

Nem sei por que ainda *estou aqui*. Meu plano ontem à noite era transar e sumir. Mas está bem óbvio que não foi isso que aconteceu, e uma nova avaliação bem rápida que faço pelo meu corpo revela que Thomas com certeza não enfiou o pau em lugar nenhum aqui. Não tenho a menor dúvida disso, porque, pelo que senti nas calças dele lá no clube de *striptease*, seria impossível eu não estar lidando com as consequências hoje.

Mas, se a gente não transou, por que estou aqui quando deveria estar no meu quarto de hotel com o rosto em uma fronha de seda?

Sinto a cabeça latejar e girar e fecho os olhos até parar de me sentir como se estivesse em um barco a remo no meio do oceano. Fico tentada

a voltar a dormir e torcer para não me sentir tão mal quando acordar algumas horas depois. É o que eu faria se essa cama não fosse tão desconfortável. Aposto que foi isso que me despertou, para começo de conversa.

Forço meus olhos a se abrirem de novo para verificar se estou deitada em cima de uma daquelas embalagens de delivery, mas quando tateio e tiro uma garrafa de Tabasco de baixo dos quadris, percebo uma coisa ainda mais estranha.

Estou usando roupa. Tipo, a mesma roupa da noite passada: vestido, calcinha e até sutiã, a julgar pela coceira que sinto nas costelas. É muito estranho, porque, primeiro: eu *jamais* iria para a cama usando roupas de sair; segundo: eu só ficaria de sutiã por mais tempo do que o estritamente necessário se me pagassem um bilhão de dólares, que dirá *dormir* de sutiã. Mesmo que a gente tenha ficado bêbado e desmaiado aqui ontem à noite, não tem como eu não ter arrancado essa belezinha no segundo em que entramos na suíte dele, com ou sem sexo.

Thomas também está todo vestido. O smoking está completamente amassado, é claro, mas cada peça de roupa ainda está em seu corpo, incluindo uma gravata-borboleta toda torta. Ele não estava arrumado desse jeito nem quando saímos do jantar ontem à noite.

— Que porra é essa? — resmungo, e a altura da minha voz obriga as pálpebras de Thomas a se agitarem.

Estou com muito medo de me mexer, ainda sem saber se vou vomitar, principalmente quando ele geme e se joga de costas, fazendo o colchão balançar. Sinto o leve tremor como se fosse um terremoto.

— Estou me sentindo um trapo — murmura ele, a voz rouca de sono.

Eu até acharia sexy se não estivesse ocupada demais lutando para descobrir o que aconteceu.

Ele levanta as mãos para esfregar o rosto, o olhar turvo encontrando o meu quando se vira um momento depois. Seus olhos estão de um azul anormal sob a luz da manhã, ou talvez seja só porque estão emoldurados por bordas vermelhas. São lindos, de qualquer maneira. *Ele* é lindo, mesmo de ressaca, com o cabelo espetado em todas as direções e uma leve camada de barba por fazer cobrindo o maxilar.

Quando ele sorri, me vem uma sensação na boca do estômago que não consigo atribuir ao que bebi ontem à noite. Um sorriso descontraído e íntimo, que enruga um pouco os cantos de seus olhos. Mas então ele me encara, confuso, os olhos percorrendo meu corpo de cima a baixo antes de olhar para o dele próprio.

— Por que estamos vestidos? — pergunta ele.

Solto um suspiro e esfrego embaixo do meu olho direito, estremecendo quando meus dedos saem cobertos de rímel.

— Eu estava torcendo para que você pudesse me responder.

Tento puxar o outro braço em que estava apoiando minha cabeça, mas algo macio e pegajoso cai em meu rosto. Se eu tivesse mais controle sobre o meu corpo neste momento, teria gritado e estapeado a coisa. No entanto, tudo que consigo fazer é grunhir e dar um tapa desleixado em meu próprio rosto, um cheiro enjoativo e doce agredindo meus sentidos.

Aquela coisa ofensiva cai entre mim e Thomas, e ambos nos viramos para encarar… um donut. A julgar pelas manchas de chocolate no meu mindinho e no meu dedo médio, o doce estava no meu dedo anelar antes de cair da minha mão.

Desta vez é Thomas quem diz:

— Que porra é essa?

Tenho tantas perguntas que nem sei por onde começar. Na verdade, não é bem isso, tenho muitas perguntas e não quero fazer nenhuma delas. Não quero ouvir as respostas. O que aconteceu, seja lá o que for, é problema da Stella da Noite Passada. A Stella de hoje não quer saber o que a levou a usar um donut com cobertura de chocolate e granulados coloridos como anel.

— Não vou nem perguntar — falo, e olho para Thomas, que faz que sim devagar com a cabeça, pelo jeito sentindo o mesmo.

Para a minha sorte, meu estômago se acalmou um pouco, e avalio o estado do resto do meu corpo. Minha bexiga está perigosamente cheia e estou toda pegajosa em vários lugares — eca —, mas esses são problemas que uma ida ao banheiro e um banho demorado podem resolver. Só espero que o que quer que esteja em mim não tenha encostado no meu cabelo, porque *não vai dar tempo* de lavar antes do casamento.

Ai, meu Deus, *o casamento.* Uma olhada no relógio na mesa de cabeceira me informa que ainda são oito e alguma coisa, ou seja, tenho seis horas para me recuperar antes de estar na suíte de Janelle com um fotógrafo pendurado no nosso pescoço. Posso até ter escapado dos preparativos para o casamento, mas prometi que estaria lá com ela hoje e pretendo cumprir essa promessa, nem que eu vá me arrastando. Contanto que meus pais, minhas tias ou qualquer outro membro da família que vá ao casamento não me encontrem antes disso, devo conseguir manter essa escapadinha em segredo — ainda mais se Thomas e eu concordarmos em nunca mais nos falarmos.

Preciso de uma força sobre-humana para rolar até a beirada da cama, e quase comemoro quando consigo andar lentamente até o banheiro. Eu

me limpo da melhor maneira que consigo e tento ficar o mais apresentável possível para, com sorte, voltar ao meu hotel sem receber muitos olhares preocupados ou de desaprovação. Mas não estou muito otimista.

Thomas já se levantou da cama quando saio do banheiro e está sentado na poltrona de veludo verde perto da varanda como se qualquer movimento fosse suficiente para fazê-lo desmaiar. Está com o celular na mão, mas ergue o olhar quando me ouve voltar.

— Acho que a gente precisa conversar sobre o que aconteceu ontem à noite — diz ele, um pouco formal demais, como se essa não fosse uma conversa que ele realmente quisesse ter.

E ele não é o único, principalmente porque não consigo me lembrar de nada depois que saímos juntos do clube de *striptease*.

— Acho que a gente não tem muito o que conversar — respondo, procurando minha bolsa e meus sapatos no chão para poder ir embora, coisa que já deveria ter feito horas atrás.

— A gente… não chegou a transar, né? — pergunta ele, num tom *ainda mais* constrangedor dessa vez.

— Não — confirmo.

Não pude contar a ele o porquê, e parece que ele também não pode me contar, mas tudo bem. Não preciso ficar pensando em nada do que aconteceu, mesmo que meu sangue ferva um pouco toda vez que me lembro dos dedos dele se afundando em mim, desejando que aquilo tivesse durado mais tempo. Mas isso nunca mais vai acontecer agora que o tempo, a oportunidade — e a coragem líquida — se foram.

Ele concorda.

— Tá. Eu… Tá.

Vou deixá-lo processar do jeito que ele achar melhor, porque isso *não* é problema meu. A única coisa com que preciso me preocupar é onde está meu celular. Tenho certeza de que vou encontrar um milhão de chamadas e mensagens perdidas, e aposto que quase todas vão ser de Mika. Até onde sei, não cumpri minha promessa de falar com ela por FaceTime ontem à noite, então não vai ser nenhuma surpresa se ela estiver achando que morri e fui enterrada como indigente.

Dou as costas para Thomas e vasculho o quarto, levanto o edredom e jogo as embalagens de comida de um lado para outro, chegando até a me agachar para olhar debaixo da cama. Só quando ele respira fundo é que olho para sua direção. Ele está com a testa franzida e encara o celular enquanto rola a tela.

— Acho que entendi por que você tinha um donut no dedo.

Fico em pé e me viro lentamente para ele, tentando impedir que o mundo gire rápido demais.

— Entende?

— Sim. — Ele ergue o celular para que eu veja a tela, a expressão insondável. — Tudo indica que eu te pedi em casamento com um donut.

Tento digerir as palavras dele, mas ainda não fazem sentido, mesmo depois de um tempo.

— É o quê?

Thomas faz um gesto exausto pedindo que eu me aproxime. Ao chegar perto, tenho que semicerrar os olhos para a tela e tentar distinguir as figuras borradas na foto, mas… ele não estava brincando. Lá estou eu, exibindo orgulhosamente o donut com cobertura de chocolate em minha mão esquerda enquanto Thomas sorri para mim, ajoelhado. Estamos ambos claramente bêbados e, nossa, pareço mais feliz do que em qualquer uma das minhas fotos de noivado de verdade.

Engulo em seco, me perguntando se devo ficar assustada por não me lembrar de nada disso ter acontecido ou se devo achar graça, já que é algo inofensivo.

— Eu sei que sou pra casar, mas não achei que você se apaixonaria por mim tão rápido — brinco, tentando reprimir o desconforto crescente, mas este é um momento tão bom quanto qualquer outro para repensar o que esse encontro foi de verdade (ou pelo menos deveria ter sido). — Fico lisonjeada, mas acho que é melhor que essa seja só uma saída casual mesmo.

Por mais divertidas que tenham sido nossas conversas — e por mais habilidoso que ele seja com as mãos —, não estou em condição de me envolver com ninguém. Acredito que ele também não tem tempo para isso, sendo atleta profissional.

Thomas assente, virando o celular de volta e deslizando a tela.

— Com certeza. Eu sei que nós dois… Eita.

Congelo, sem gostar nada desse *eita*.

— O que foi?

Ele abre aquele sorriso diplomático pela primeira vez hoje.

— Bem — começa a dizer, antes de pigarrear e olhar para mim de novo. Vejo algo que me parece pânico tomar conta de seus olhos. — Pelo visto, ontem à noite nós dois decidimos ter um *felizes para sempre* em vez de um encontro de uma noite só.

Fico tão imóvel que nem respiro.

— Não sei se entendi, Thomas.

Ele volta a virar a tela do celular na minha direção e, desta vez, eu arranco o aparelho de sua mão. Preciso ver isso de perto para ter certeza

de que a preocupação dele não é descabida. Mas quanto mais eu olho, menos sentido encontro no que vejo.

— A gente se casou — constato em choque, meus lábios dormentes ao formar as palavras. — E o Elvis oficializou o matrimônio.

— Uhum — confirma Thomas, desbloqueando um novo medo no topo da lista de *Coisas que apavoram a Stella*. — Parece que sim.

Continuo olhando para a nossa foto em pé na frente de uma capela, sorrindo um para o outro de mãos dadas. Um homem negro fantasiado de Elvis — com direito a uma peruca volumosa e óculos escuros — está ao nosso lado com a Bíblia em uma das mãos e um violão na outra.

Meu estômago começa a se revirar de novo.

— Isso… não pode ser verdade — murmuro, embora, pela lógica, eu entenda que não foi encenação. — Isso só pode ser uma dessas merdas feita por inteligência artificial.

Deslizo para a próxima foto, depois para a próxima e para a próxima. Elas mostram Thomas e eu no altar, nós dois com os lábios colados, eu balançando um buquê de flores no ar, toda alegre. É o mesmo buquê que está murchando na cama.

Com as mãos trêmulas, toco na tela, exibindo os detalhes da foto mais recente. De acordo com o horário, ela foi tirada quinze minutos depois da meia-noite. Thomas e eu saímos do clube de *striptease* pouco depois das dez, o que significa que existem pelo menos duas horas de caos não contabilizadas entre aquele momento e o horário em que essa foto foi tirada.

Paro e respiro, apesar do desespero, afastando a ansiedade que ameaça se transformar em um ataque de pânico capaz de me deixar em posição fetal.

— Beleza, então é verdade — falo finalmente, surpresa com o equilíbrio na minha voz. — Não é o melhor cenário, mas pelo menos não é um casamento com validade legal.

O alívio que toma o rosto de Thomas é quase cômico, mas nenhum de nós ousaria rir agora.

— Tem certeza? — insiste ele.

Faço que sim com a cabeça e lhe devolvo o celular.

— Absoluta. Você esqueceu que eu já vi esse filme? Para um casamento ser legal e válido, é preciso obter uma certidão antes da cerimônia. E considerando que fizemos isso *bem* depois do horário de funcionamento de qualquer órgão governamental autorizado a emitir uma certidão, é óbvio que não tiramos certidão nenhuma.

Ele joga a cabeça para trás na poltrona e deixa escapar um suspiro de alívio.

— *Nossa*, graças a Deus.

Fico preocupada com a integridade do pescoço dele pela forma como levanta a cabeça um momento depois, os olhos arregalados.

— Sabe, não que eu não ache que você seria uma esposa maravilhosa ou esteja feliz por outro casamento seu ter dado errado, mas…

— Chega, por favor — interrompo, levantando as mãos para esfregar as têmporas doloridas. — Eu entendi o que você quis dizer e concordo.

Isso poderia ter sido desastroso para nós dois. Na verdade, ainda pode ser, se alguém ficar sabendo, seja um casamento legítimo ou não. Claramente havia testemunhas. Seja lá quem tirou essas fotos, se foi o Elvis ou qualquer outra pessoa na capela, espero que seja um grupo discreto que não vai nos denunciar para a imprensa. Se eu já achava as manchetes anteriores ruins… não quero nem pensar em como essas podem ser.

— Não acredito que a gente fez isso — continuo, porque que *merda* deu em mim para fazer algo tão ridículo?

Eu só queria transar. Como foi que isso aqui passou de sexo para casamento?

— Acho que a gente ficou meio inspirado. E muito bêbado. — Ele faz uma pausa, os olhos se voltando para a cama reflexivos. — Imagino que aquela garrafa de uísque tenha sido a culpada.

Uma vaga lembrança me vem à mente quando volto a olhar para a cama: Thomas e eu entrando aos tropeços no quarto dele, nos beijando desesperadamente e arrancando as roupas. Se meu cérebro destroçado não estiver me enganando, eu com certeza tirei meu vestido e dei uma boa analisada no tanquinho de Thomas depois que ele tirou a camisa. Meu Deus, agora que estou lembrando, acho que cheguei a dar uma *lambida* nele. Mas se eu já estava de joelhos, por que não fomos além disso?

A resposta vem mais como um sentimento do que como uma lembrança: decepção. Não fomos além porque nenhum dos dois tinha camisinha.

Thomas também deve ter sido atingido por essa mesma constatação, porque um vermelho vibrante se espalha por suas bochechas.

— A gente saiu pra comprar camisinhas, não foi? — Ele faz uma pausa, esperando que outro pensamento termine de se formar. — E… tacos?

Ele parece em dúvida quanto à última parte, mas de repente eu me lembro.

— A gente acabou saindo para comprar camisinha, sim. Mas, antes de sairmos, ligamos para o concierge para ver se eles podiam nos trazer

camisinhas. — Afinal, eu estava seminua, e Thomas estava portando uma ereção enorme e obscena. Não era uma visão lá muito própria para o público. — E eu estava com fome, então a gente decidiu pedir comida também. Eu queria tacos, mas foi *você* quem insistiu no uísque.

E, apesar disso, tenho quase certeza de que o desafiei a tomar uns shots comigo. *Merda.*

Ele assume uma expressão tensa, extraindo algo das profundezas de sua mente e ignorando minha tentativa de jogar a culpa no colo dele.

— Devo ter confundido o concierge pedindo taco e *proteção*, porque eles mandaram a comida toda enrolada.

— Bem, isso explicaria essas embalagens todas.

— Daí a gente comeu, bebeu, botou uma roupa e saiu pra comprar camisinha nós mesmos. — Mais detalhes começam a vir à tona a conta-gotas, um mais apavorante do que o outro. — E a farmácia por acaso ficava bem ao lado de…

— Uma capela — termina ele por mim, passando a se lembrar dessa parte também.

— Uma capela — repito, boquiaberta.

Inacreditável, porra.

Infelizmente, é aí que minhas lembranças da noite terminam. Não sei o que nos convenceu a entrar na capela, ou o que o fez me pedir em casamento, ou o que me fez dizer sim.

— Você tem alguma ideia de onde entra o donut nessa história toda? — pergunto, esperando que isso talvez desencadeie alguma coisa.

Thomas franze a testa, pensando.

— Bem, obviamente, eu não consegui arranjar um anel de verdade em tão pouco tempo, e como você é dona de tantas confeitarias, escolhi o único doce que tem um furo no meio.

— Nossa. Criativo.

Estou começando a me recuperar da crise de ansiedade, mesmo sem ter obtido tantas respostas. O fato de o casamento não ser válido me consola. Acho que dá para escaparmos dessa com facilidade se dermos um jeito nas outras bagunças que fizemos — e se ninguém mais abrir a boca sobre a encrenca em que nos metemos.

— É melhor passarmos na capela hoje ou amanhã para ver se conseguimos fazer todo mundo lá assinar um acordo de confidencialidade — sugiro, embora esteja só declarando o que pretendo fazer para resolver a situação. — Vou ligar para os meus advogados e checar com eles o que podem fazer.

— Ótima ideia — responde Thomas. — Se precisar que eu envolva meu advogado também, é só falar.

Estou acostumada a lidar com homens tão ricos e poderosos quanto eu, mas é sempre bom quando eles estão dispostos a ajudar em vez de esperar que eu resolva tudo sozinha.

— Obrigada, mas minha equipe deve dar conta. — Com isso resolvido, recomeço a busca pela minha bolsa e meus sapatos. — Você tem alguma ideia de onde estão minhas coisas?

— Devem estar na sala. Você está usando sapatos nas fotos, então presumo que tenha voltado com eles pra cá.

Quase engasgo com a ideia de ter andado descalça pelas ruas de Las Vegas, rezando para que, mesmo bêbada a ponto de me casar com um estranho, ainda tenha tido juízo sobrando para não fazer algo tão nojento.

Saio do quarto e deixo Thomas se recuperar sozinho, entro na sala de estar da suíte e contemplo a destruição do ambiente. Há uma caixa com uma dúzia de donuts na mesa de centro, mas nenhum sinal de nada realmente útil para mim.

Fico de quatro e procuro embaixo do sofá quando Thomas me chama:

— Stella, querida?

O carinho em seu tom me faz franzir a testa. É meigo e íntimo demais para um caso de uma noite só, ainda que eu tenha tentado me casar com ele. No entanto, quanto mais destrincho esse pensamento, mais gosto da ideia. Quer dizer, quem não quer um inglês gato te chamando de *querida*? Eu não sou boba.

— Oi! — grito de volta, semicerrando os olhos na escuridão para ver se consigo enxergar alguma coisa.

Thomas aparece um instante depois na porta da sala de estar, e eu me sento sobre os calcanhares. Ele está com aquele sorriso de político de volta no rosto.

— Preciso que você dê uma olhada em mais uma foto.

Bufo de irritação antes de conseguir me conter.

— Se for mais uma foto minha fazendo papel de idiota, não quero nem ver.

— Não é isso — diz ele, para me tranquilizar, mas a cautela em seu tom não me acalma nem um pouco.

— Então é *o quê*?

Ele se aproxima de mim com o celular estendido. Eu o seguro e examino mais uma foto borrada. Somos nós segurando um papel, orgulhosos, com o Elvis sorrindo ao fundo. Nem preciso dar zoom no documento, porque só de olhar já sei do que se trata.

Não. *Não*. Não é possível, cacete.

Thomas pigarreia e solta a notícia que eu mais temia:

— Acho que é a nossa certidão de casamento.



CAPÍTULO 8

Thomas

— *Puta que pariu.*

O xingamento prolongado de Stella confirma todos os meus pensamentos. Quando ela me joga o celular de volta, a realidade da nossa situação começa a pesar na minha consciência.

Estamos casados. Legítima e oficialmente *casados*. E não lembro *como* ou *por que* isso aconteceu.

Puta que pariu define bem. Eu até recorreria a palavras mais fortes, porque acabamos de acordar em um pesadelo. Ou talvez no próprio inferno.

Stella anda pela sala, desesperada, ainda xingando, a fúria irradiando de cada centímetro de seu corpo. Sempre me achei bom em controlar minhas emoções, fui bem treinado por dois pares de avós que acreditavam que o ideal era manter uma postura firme. Mas essa ideia que eu tinha de mim mesmo foi por água abaixo quando o mundo inteiro ouviu meu discurso contra Lorenzo Castellucci, e a coisa vai piorar ainda mais agora. Continuo sentado na beirada do sofá e levo o punho à boca para me impedir de dizer algo que fará Stella perder a cabeça ainda mais.

Respiro fundo, me forçando a não deixar a ansiedade tomar conta. Stella já entrou em pânico por nós dois, arfando enquanto anda de um lado para outro em frente à mesa de centro. Preciso agir de forma racional, porque estou com a nítida sensação de que — por mais inteligente que ela pareça — Stella não vai agir com sensatez diante dessa confusão.

— Como *caralhos* isso foi acontecer? — rosna ela, o cabelo escuro esvoaçando ao se virar para mim.

Mesmo com o vestido amassado, o delineador borrado e os olhos incandescentes de raiva, ela é deslumbrante. Posso até não saber como essa confusão aconteceu — como a mera tentativa de levá-la para a cama se transformou em *casamento* —, mas é impossível negar que isso foi parte do motivo.

Tenho plena consciência de que ela não está nem um pouco interessada nessa minha constatação no momento, então fico de boca fechada.

— Como foi que a gente conseguiu emitir uma certidão de casamento? — insiste ela. — Tudo isso aconteceu no meio da noite!

Quase dou de ombros, mas talvez consiga responder a essa pergunta. Digito algo na barra de pesquisa do meu celular e estremeço ao ver o resultado.

— Pelo jeito, o cartório aqui fica aberto até a meia-noite. Imagino que a gente tenha chegado lá minutos antes de fechar.

Stella emite um ruído sufocado e leva as mãos à cabeça. Se eu não quiser que ela tenha um AVC, preciso fazer alguma coisa para acalmá-la.

— A gente vai dar um jeito — digo, com o máximo de tranquilidade que consigo, apesar de estar querendo vomitar de nervoso.

Ou talvez seja o uísque, ainda fermentando em meu estômago. De qualquer maneira, tudo isso está me deixando extremamente enjoado.

Não posso ter me casado. Só… *não posso*. Nunca nem tive uma namorada, pelo amor de Deus. Como fui arranjar do nada uma *esposa*?

Porra, isso é um desastre. Tudo que eu queria era uma noite de sexo sem compromisso com a mulher mais gostosa que já vi nos últimos anos… possivelmente na vida inteira. Em vez disso, acabei assumindo um compromisso para sempre.

Já era bem ruim eu ter arruinado minha reputação e colocado minha carreira em risco com um erro, agora tenho mais uma cagada para acrescentar à lista. O que os chefes da equipe McMorris vão pensar quando tudo isso, sem dúvida, acabar vazando? O que meus patrocinadores vão achar? Será que *ainda vou ter* patrocinadores quando descobrirem que me casei bêbado com uma estranha? Quem garante que eles não vão pensar que não passo de um babaca irresponsável e que represento mais um risco do que um recurso e decidirem que já passou da hora de me colocarem no olho da rua de uma vez por todas?

É, eu *com certeza* vou vomitar.

Stella me lança um olhar cético e mordaz diante da sugestão de que esse problema é contornável, e não posso culpá-la. Nem eu mesmo me convenci disso. Preciso pensar em algo melhor. Preciso de uma solução de verdade.

— Olha, vamos tomar um banho e depois voltar lá na capela — sugiro, e essa deve ser a melhor opção no momento. — Eles devem ter ficado com a nossa certidão, certo? — Espero até Stella assentir, hesitante, antes de continuar: — Nesse caso, só precisamos encontrar o celebrante do casamento antes que eles enviem a certidão para ser homologada. Pegamos o documento, rasgamos e pronto.

É a solução perfeita, uma maneira de impedir que qualquer coisa seja registrada legalmente, e aí vamos poder seguir em frente sem muitas consequências. Mas a ruga de preocupação na testa de Stella não some.

— Acho que agora já foi — diz ela. Tenho certeza de que essas palavras fazem o estômago de Stella embrulhar como o meu. — Eles devem ser minimamente organizados e já devem ter entregado esses documentos para homologar logo de manhã. Devem celebrar dezenas de casamentos todos os dias, e as pessoas ficam ansiosas para obter suas certidões de casamento o mais rápido possível.

Droga. Embora haja uma chance de eles ainda estarem com a nossa certidão assinada, é mais provável que já a tenham enviado para ser homologada. Maldito país e malditas leis ridículas que permitem que estranhos se casem. Isso nunca teria acontecido na Inglaterra, mas é o que eu ganho por passar tempo demais nessa ex-colônia anárquica.

— Temos que descobrir um jeito de anular isso — continua ela, a voz firme, como se finalmente tivesse se conformado com tudo e estivesse disposta a encarar a situação de forma lógica. Ela superou tudo bem mais rápido do que eu imaginava. — Será que já saiu alguma nota na mídia?

Vejo um novo tom de preocupação em seus olhos quando admito:

— Não faço ideia.

— Ué, *vê aí*.

Ela olha incisivamente para o meu celular.

Engulo em seco e aperto o aparelho com mais força.

— Você vai mesmo me obrigar a jogar meu próprio nome no Google?

Não quero pesquisar e encontrar mais evidências de como as pessoas no mundo inteiro me odeiam, porque sei que é isso que vai aparecer primeiro. É o que sempre aparece.

— É uma situação extrema… — argumenta Stella. — Eu mesma faria isso, mas não tenho ideia de onde meu celular está.

Bom, eu com certeza não quero que *ela* pesquise meu nome. Consegui passar ileso durante a noite inteira e quero continuar escapando dessa situação sem que ela saiba do meu surto.

— Tá bom, tá bom — cedo, bufando e digito meu nome com relutância no celular.

Hesito por um momento antes de apertar o botão de busca e prendo a respiração até a página carregar. E… *ah, não.*

Pigarreio, tentando desfazer o nó que se formou na minha garganta.

— Ok, só não entra em pânico — sugiro.

Stella solta outro som engasgado.

— Seria melhor *não* ter começado uma frase assim se não quisesse que eu entrasse em pânico.

Ela tem razão, mas não consegui mesmo pensar em outra abordagem.

— Não tem nenhuma notícia sobre o casamento — começo, mas, antes que ela possa pensar em suspirar de alívio, continuo: — No entanto, vazaram fotos nossas no clube de *striptease*.

Muitas fotos, a julgar pelos primeiros resultados. Em algumas delas estamos bem comportados, sentados um do lado do outro e sorrindo. Mas a maioria é de Stella no meu colo, minhas mãos em seu corpo, a cabeça dela jogada para trás, nossos lábios colados… as fotos mais lucrativas.

As matérias só começaram a ser publicadas há dez minutos, o que explica por que meu celular ainda não está fervilhando de ligações e mensagens do meu empresário e da minha equipe de relações públicas, mas tenho certeza de que a qualquer momento o caos vai começar.

Stella hesita em pegar o celular da minha mão para ver com os próprios olhos, e é então que percebo que não é a raiva que a está fazendo reagir assim. É o medo.

— *Puta merda*… — resmunga ela, rolando a tela. — Você tinha razão em se preocupar com isso. Eu deveria ter te dado ouvidos quando você falou sobre sermos vistos juntos.

Dói um pouco ouvir isso, mas fui eu quem tocou no assunto ontem à noite, então não tenho o direito de ficar chateado.

— Pelo menos nessas fotos ninguém consegue ver onde tá a sua mão — comenta Stella, tentando ser otimista, mesmo com a voz sombria. — Essa aqui até que ficou boa para… Eita. — Ela me devolve o celular. Ouço-o vibrar antes de olhar para baixo. — A Figgy tá te ligando.

Quase solto um grunhido de repulsa, mas por pouco consigo contê-lo. Essa mulher, determinada a ser a primeira a chegar à cena dos meus crimes, deve ter um Alerta do Google configurado com o meu nome; está sempre *de prontidão* quando alguma coisa acontece. Eu costumava ser grato por sua incrível capacidade de saber quando eu estava passando por algo importante, fosse bom ou ruim, mas chegou a um ponto em que começou a parecer um comportamento meio… controlador.

Não é coincidência o fato de isso ter começado na época em que nossas famílias deixaram claro que nos queriam juntos. A pressão adicional me fez dar uma recuada em nossa amizade, mas Figgy quis se aproximar ainda mais, tentando bancar a namorada sem ter o título.

Ver o nome dela na minha tela ontem à noite já foi bem incômodo. Agora de manhã, faz meus ombros desabarem com o peso das expectativas não correspondidas.

— Vai continuar ignorando a coitada? — pergunta Stella, quando hesito em pegar o celular de sua mão estendida.

Sem dúvida alguma.

— Falo com ela mais tarde. Preciso ligar para o meu empresário antes que isso se transforme em algo maior. — Também preciso ter certeza de que ainda vou ter uma vaga na F1 depois disso. — Você deveria fazer o mesmo com o seu pessoal.

Se envolvermos nossas equipes logo, talvez elas consigam fazer alguma coisa para conter a situação, embora eu tenha quase certeza de que é uma causa perdida. Quando uma coisa dessas cai na internet, é impossível reverter.

Por fim, pego meu celular da mão de Stella quando ele para de vibrar, mas volta a tocar segundos depois, o rosto de Figgy preenchendo a tela. Eu me vejo tentado a bloqueá-la, por pouco tempo, só para conseguir *pensar* sem toda essa pressão. Já disse a ela inúmeras vezes que não quero ser nada além de amigo. O que vou precisar fazer para convencer Figgy e minha família de que estou falando sério?

A resposta me atinge como um caminhão. Quase *sinto* a lâmpada acendendo em cima da minha cabeça, e ela brilha mais forte quando percebo que posso matar dois coelhos numa cajadada só.

— Na verdade — respondo, arrastando a última palavra enquanto a ideia toma forma. — Acho que não precisamos nos preocupar com isso.

Stella me olha boquiaberta antes de balbuciar:

— É *o quê*?

Sei que vai soar maluquice. Parece, de fato, que enlouqueci. Que perdi completamente a cabeça. Mas, se quero seguir com essa ideia, é melhor explicar de uma vez.

— Acho que deveríamos deixar tudo isso quieto. — Respiro fundo e então vou direto ao ponto: — A gente não precisa anular nada. Pelo menos não por enquanto.

Fico observando os olhos de Stella arregalados e os lábios entreabertos. Seu horror é palpável.

— Tá de sacanagem comigo, porra?

— Primeiro ouve a minha ideia…

Antes de continuar, faço um gesto para que ela se sente no sofá, mas Stella não se mexe. Tá. Beleza. Se ela desmaiar depois de ouvir o que estou prestes a sugerir, farei o possível para segurá-la antes de chegar ao chão.

— É óbvio que alguma coisa fez a gente querer se casar, concorda?

— Seria bem legal se a gente conseguisse lembrar o que foi — retruca Stella, cruzando os braços.

— Bom, acho que sei quais foram as minhas motivações. — Dou uma boa olhada nela da cabeça aos pés; continua uma deusa, apesar das circunstâncias. — Quer dizer, em primeiro lugar, você é linda demais e incrivelmente talentosa. Não tenho dúvidas de que você é uma mulher pra casar, Stella.

Ela aponta um dedo acusador para mim, duvidando do que acabei de dizer, mesmo que eu não tenha feito nada além de falar a verdade.

— Elogios são sempre bem-vindos, mas *não vão* te ajudar em nada num momento como esse.

— Entendido. — Quase bufo, mas me obrigo a continuar: — Em segundo lugar… você se lembra de eu ter contado que meus pais querem que eu me case com a Figgy?

Demora um pouco, mas Stella entende o que estou querendo sugerir e dá risada.

— O quê? Você achou que, se *a gente* se casasse, eles parariam de te empurrar pra ela?

Faço que *sim* com a cabeça, porque tenho quase certeza de que era isso que eu estava pensando ontem à noite.

— Olha, minha família se importa mais com a ilusão de me ver casado do que com o fato em si — explico. — Se eu aparecesse com uma esposa, ainda mais uma tão perfeita quanto você, eles parariam de me perseguir e a Figgy seguiria em frente para tentar encontrar a própria felicidade em outro lugar.

Além disso, talvez — só talvez — esse relacionamento me ajudasse a reconquistar o carinho de algumas das pessoas que passaram a me odiar. Mas se eu admitir que tudo isso foi um grande erro e abandonar uma mulher que já foi abandonada uma vez… Bem, eu não culparia ninguém por me odiar ainda mais.

Stella semicerra os olhos, como se estivesse tentando avaliar se esse é um motivo bom o suficiente para eu tê-la pedido em casamento. O silêncio dela dura tanto que sinto o suor escorrendo pela minha testa. Estou prestes a ser rejeitado. Com força.

— Eu consigo te imaginar casado com uma mulher chamada Figgy — diz ela, finalmente.

É tão natural e inesperado que sou obrigado a passar a língua pelos dentes para conter a risada, tendo a plena certeza de que ela não vai gostar de me ver rindo em um momento como este. Mas ela fala tudo de um jeito tão engraçado, mesmo sem querer, que não consigo evitar. Nem me importo que as piadas dela sejam quase sempre às minhas custas.

— Bom, já eu preferiria *não* me casar com uma mulher chamada Figgy — respondo, da forma mais solene possível. — E tenho quase certeza de que essa foi minha motivação pra me casar com você.

Ela dá uma risada incrédula dessa vez, balançando a cabeça.

— Ah, sim, claro. Se essa foi a sua motivação, então qual foi a minha?

Tento me lembrar de alguma conversa que tivemos naquele momento da noite, mas é tudo um grande borrão desconexo. Preciso pensar em *alguma coisa*, senão ela vai sair dessa sala e levar embora a solução para os meus problemas com a Figgy e a F1.

— Você disse que queria mostrar para o seu ex que era capaz de seguir em frente — minto, embora meu inconsciente diga que a declaração não está tão longe assim de ser verdade. — Queria que ele visse como seria fácil para você encontrar outra pessoa. — Faço uma pausa, desesperado para inventar mais motivos que a levariam a querer se casar comigo, já que puro despeito não me parece argumento suficiente. — Você também mencionou que os membros do seu conselho iam preferir trabalhar com uma mulher casada em vez de solteira. Que ser casada demonstraria que você é mais capaz de assumir compromissos.

Sei que estou tirando esse argumento da minha bunda, mas *poderia* ser verdade. Já vi isso acontecer. Minha irmã mais velha sempre foi deixada de lado nas oportunidades que apareciam na empresa da nossa família até mostrar ao nosso pai que conseguia "sossegar" e "levar as coisas a sério", ainda que fosse sempre a candidata mais qualificada para as funções. Talvez Stella não tenha o mesmo problema, considerando que ela é a chefona, mas a forma como a expressão dela se fecha sugere que eu talvez tenha tocado em um assunto sensível.

— Ficarmos juntos pode ser benéfico pra nós dois — insisto, mantendo a voz baixa e suave. — A gente pode pensar nisso como um acordo comercial. Não precisa ser pra sempre… só por um tempo, até a tensão se dissipar e resolvermos nossos problemas.

Stella continua em silêncio. Ouso dizer que ela está de fato considerando minha oferta. Se eu conseguisse só…

— É uma péssima ideia — responde ela com firmeza um segundo depois, destruindo minhas esperanças. — Se continuarmos casados, as pessoas vão achar que eu estava traindo meu noivo o tempo todo!

É um argumento muito justo, considerando que o término aconteceu há apenas duas semanas. A maioria das pessoas não parte para o próximo relacionamento sério tão rápido assim, a menos que algo suspeito já estivesse acontecendo.

Sinto um aperto no peito que me diz para deixar a ideia de lado. Minha vida anda bagunçada demais, e eu não deveria meter Stella no meio disso tudo. Ela nem sequer tem noção de como minha situação é ruim. Não merece ser conduzida às cegas para o desastre.

Além disso, talvez seguirmos caminhos separados ainda possa ser uma coisa boa. Talvez esse drama seja uma distração depois do que falei sobre Lorenzo. Pelo andar da carruagem, nossa noite selvagem já está substituindo as manchetes anteriores. Claro, não que seja algo que beneficie a minha imagem (de novo), mas prefiro notícias sobre essa confusão — seguidas da revelação do meu casamento e anulação relâmpago, se não conseguirmos guardar segredo — a notícias sobre eu ter desejado a morte de alguém.

Mas quando meu celular volta a vibrar e a foto de Figgy reaparece, não consigo evitar uma última tentativa.

— Existem coisas piores — insisto. — E a gente pode divulgar nosso relacionamento como *amor à primeira vista*, sei lá.

O olhar que recebo desta vez é de puro desprezo.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Tá, tá — admito, com um suspiro. — Eu também não gosto dessa ideia.

Por fim, o desprezo some e a determinação inabalável retorna.

— Mesmo que a gente *continuasse* casado, não fizemos acordo pré-nupcial — ressalta ela. — Isso pode ser uma complicação, no fim. Não tenho o menor interesse nisso.

— A gente pode fazer um acordo pós-nupcial — sugiro, embora nunca tenha imaginado que qualquer possível esposa minha fosse se preocupar com uma coisa dessas. Se formos considerar o meu próprio patrimônio e o da minha família, *eu* é quem deveria estar preocupado. — Deixar acordado que nossos bens continuem sendo nossos. — Respiro fundo, pronto para insistir uma última vez: — Eu acho, de verdade, que a gente consegue fazer isso dar certo, Stella.

Observo as rachaduras começarem a surgir em sua armadura, minhas palavras penetrando e alcançando seu coração. Ela está considerando a possibilidade, oscilando entre ceder e acabar com isso de uma vez. O que mais eu poderia dizer para convencê-la?

Infelizmente, antes que eu possa oferecer qualquer outra sugestão, ela balança a cabeça e dá um passo para trás, se abraçando.

— Não, eu não consigo — dispara ela, olhando para qualquer lugar, menos para mim. — Tudo que aconteceu ontem à noite… Aquela mulher não é quem eu sou de verdade, Thomas. Eu não lido bem com os meus problemas nem aceito propostas de homens que mal conheço para continuar casada.

Eu murcho de decepção, mas não quero mais pressioná-la. Ela me deu uma resposta, um firme e decisivo *não*. Tudo que posso fazer agora é respeitar.

— Tudo bem — digo, levantando as mãos para mostrar que me rendo. — Acho que não vazou nada sobre o casamento na mídia, então está tudo certo. Podemos colocar nossos assessores de imprensa e equipes de RP em contato, e eles vão cuidar de tudo daqui pra frente. Vamos sobreviver ao dia de hoje e reavaliar a situação amanhã, o que acha?

Vejo a atitude defensiva de Stella diminuir um pouco quando ela abaixa os braços.

— Com isso eu concordo. Hoje é o dia da Janelle e do Ron, não o nosso.

Exato. O casamento para o qual viemos *até aqui*.

Aponto para o painel do outro lado da sala, onde fica a TV.

— Aliás, sua bolsa está atrás da televisão. E seus sapatos estão embaixo da cadeira.

Recebo um rápido aceno de agradecimento antes que ela saia recolhendo suas coisas. Quando ela coloca os saltos nos pés, ficamos quase da mesma altura; ela se reaproxima, claramente pronta para ir embora sem muita conversa.

— A gente vai dar um jeito — asseguro, mantendo o olhar fixo em seu rosto. — Prometo.

Ela suspira, resignada com o nosso destino.

— Era pra ter sido uma noite descontraída. Casual.

— E aí, do nada, você está presa a mim. — Quando vejo que ela me encara feio, acrescento: — Legalmente. E por pouco tempo.

Então começa um momento constrangedor em que nenhum de nós sabe bem o que fazer. Será que é melhor ela só… ir embora? Parece meio errado, considerando nossas circunstâncias e as conversas que tivemos, mas acho que é o próximo passo depois do que deveria ter sido só uma aventura casual.

— Eu te daria um beijo de despedida se minha boca não estivesse com gosto de bicho morto — digo a ela.

Eu me arrependo dessas palavras assim que elas saem da minha boca. Impossível isso aqui ficar *mais* constrangedor. No entanto, de alguma

maneira, Stella parece achar o comentário engraçado antes de reprimi-lo com uma careta.

— Que nojo — repreende ela. — Mas… digo o mesmo.

Isso me arranca uma risada, e a acompanho até a porta da suíte. Ela faz uma pausa e se vira para mim quando estamos em lados opostos da porta.

— Preciso ligar pra minha equipe. — Stella olha para o celular que acaba de tirar da bolsa e faz uma careta ao ver alguma coisa na tela. Quando olha de novo para mim, não encontro mais aquela determinação em seu olhar. Ela quer resolver isso, e rápido. — A gente se vê no casamento?

— A gente se vê, sim.

Espero na porta até Stella desaparecer pelo corredor e depois volto para dentro. Desbloqueio o celular e digito o nome do meu empresário antes que Figgy me ligue de novo.

— Sei que você não vai querer ouvir isso — digo com um suspiro quando ele atende. — Mas acho que acabei de me envolver em outro escândalo…



CAPÍTULO 9

Stella

Há um velho ditado que diz: "O homem faz planos, Deus ri." Por exemplo, sempre esteve nos meus planos aparecer no casamento de Janelle como uma mulher casada. E sabe de uma coisa? É exatamente isso que está acontecendo.

Só que não estou casada com o homem com quem achei que passaria o resto da minha vida. Não, estou casada com a porra de um completo desconhecido. Mas, *eba*, estou casada! E as gargalhadas que continuo ouvindo devem estar vindo de Deus.

A esta altura, já fiz o possível para lidar com a situação. Liguei para os meus advogados, coloquei a minha equipe de relações públicas em alerta máximo e pesquisei freneticamente no Google *qual a maneira mais rápida de anular um casamento no estado de Nevada*. Nada disso fez com que eu me sentisse melhor em relação às minhas escolhas de vida nada animadoras, mas é hora de botar um sorriso no rosto e comparecer ao grande dia de Janelle.

A suíte nupcial transborda entusiasmo quando entro. Tia Caroline, mãe de Janelle, me abraça forte e se emociona ao ver como estou linda. Ainda estou cheirando a uísque, mas consegui tomar um bom banho e aceito o elogio com um sorriso.

— Onde está nossa noiva? — pergunto.

Tia Caroline acena para a sacada com um sorriso irônico.

— Disse que precisava de um minuto para respirar, mas pediu para eu te mandar encontrá-la assim que chegasse.

Vou desviando das pessoas até a porta da sacada, acenando para as madrinhas com uma alegria que não sinto. A falsidade dura só até eu fechar a porta atrás de mim e respirar fundo o ar puro lá fora.

— Já era hora! — comenta Janelle, sentada em posição de lótus em um tapete de ioga. Minha prima aperta os olhos, dando uma boa olhada em mim quando me abaixo ao lado dela. — O que aconteceu?

Bem, ela não demorou muito para perceber.

— Ué, nada — digo, forçando um tom descontraído. — Só estou com um pouco de ressaca, mais nada.

— Você está com uma *baita* ressaca — retruca ela. — Mas não é só isso.

Droga, ela me conhece bem demais.

— Sério, estou bem.

— Vou te dar uma última chance de me dizer a verdade — cantarola ela, ajeitando a gola de seu robe branco de seda. — Senão vou fazer questão de contar pra minha mãe que você desapareceu ontem à noite e provavelmente se meteu em alguma encrenca.

Logo, minha *mãe* vai ficar sabendo. E, se isso acontecer, vou receber olhares de desaprovação intermináveis pelo resto da vida. Pior ainda, se ela e meu pai descobrirem que me casei… Meu Deus, vou me enfiar tão fundo na merda que talvez nunca mais saia. Essa notícia não pode vazar *de jeito nenhum*, pelo menos não até eu descobrir um jeito de contar a eles com jeitinho.

— Tá — resmungo. — Eu sumi com o Thomas e me meti em um *problemão*.

Janelle fica exultante, como se tivesse vendo fogos de artifício.

— Olha só! Parece que a Stella voltou!

Voltei, pelo menos por um tempo ontem. Depois foi tudo ladeira abaixo.

— Eu imaginei mesmo que você estivesse com ele — continua ela. — O cara é gato demais. Ótimo pra uma transa casual, que é exatamente do que você precisava.

Eu me encolho, e o nervosismo me faz questionar se é possível o estômago de alguém ganhar vida própria e sair do corpo. Minha prima, infelizmente, não deixa de notar minha reação, e não sou rápida o suficiente para escondê-la.

— Mas tem outra coisa acontecendo — diz ela, sem graça. — Desembucha, Stella.

Balanço a cabeça, o bolo na garganta me impedindo de lhe contar o que quero. Não temos o costume de guardar segredos uma da outra.

— A gente conversa outra hora — me obrigo a dizer. — Hoje o dia é seu, não meu.

— Ai, para com essa bobagem. — Ela abandona a postura de ioga e se vira na minha direção. — Quero saber o que está acontecendo agora.

Você tá me deixando preocupada.

O poder da sua atenção total me deixa pronta para desabafar, como sempre. Janelle está ridícula com o cabelo preso em bobes, a maquiagem quase pronta, faltando só os cílios e o batom, mas nada disso consegue disfarçar a intensidade de seu olhar.

— Eu fiz merda, Elle — confesso, baixinho.

Ela nem pisca.

— Você "atirou em um homem na cidade de Reno só pra vê-lo morrer", igual à música do Johnny Cash?

— Estado certo, cidade errada — respondo, e a piada dela dita num tom sério me faz relaxar um pouco. Nada do que eu diga vai me livrar do choque inicial dela ao saber da burrada que cometi. — E não. Não matei ninguém. O problema é outro e começa com "c".

Ela se anima.

— Homicídio *culposo*?

— Cara, você é muito advogada, mesmo, né? — Balanço a cabeça, me preparando para confessar. — Não foi homicídio culposo. Foi… casamento.

Ela fixa os olhos nos meus, e uma série de emoções passam por ali. A surpresa, como esperado, vem primeiro. Um segundo depois, é substituída pela aceitação. E, então, vem a mais horrível de todas: pura alegria.

— Cacete, você se casou com o Thomas Maxwell-Brown ontem à noite? — diz ela, tão alto que imagino Las Vegas inteira ouvindo a notícia.

Desesperada, mando minha prima se calar, minhas mãos voando para cobrir sua boca, mas aí penso bem e interrompo o movimento. Não quero estragar a maquiagem dela, então me limito a balançar as mãos de um jeito dramático em volta do seu rosto.

— Fala baixo — murmuro. — Não preciso que o mundo inteiro descubra. Ninguém mais sabe.

— Mas isso é *tão legal* — diz ela, efusiva, puxando os joelhos até o peito e balançando os pés no ar. — Eu sabia que vocês iam se dar bem, mas não a ponto de sentirem a necessidade de se casar!

— Eu também não sabia. — Aperto a ponte do meu nariz para aliviar a dor de cabeça latejante. — Foi coisa de bêbado.

Ela abre um sorriso enorme.

— Mas olha só, pelo menos a gente vai fazer aniversário de casamento na mesma data.

— Eu *não vou* continuar casada com ele.

Percebo que minha veemência diminui um pouco o ânimo dela.

— Ai, querida. — Ela desliza o braço pelo meu, me puxando para mais perto. — Me conta tudo.

Então é o que eu faço. As palavras vão saindo numa torrente, e me engasgo ao mencionar as novidades de Mika sobre Étienne e dou risada ao descrever a impressionante mudança de Thomas, de um rapaz educado para um cara que fala sacanagem. Quando termino de compartilhar a conversa constrangedora de hoje cedo, tia Caroline está a meros segundos de nos arrastar de volta para dentro, porque estamos ali fora há tempo demais.

— Janelle, se você não voltar aqui e deixar que essa coitada termine de arrumar seu cabelo — reclama ela —, vou te colocar de bruços no meu colo, e aí você já sabe como essa história vai terminar. Não fique achando que é velha demais pra isso, não quero nem saber se é o dia do seu casamento.

— Aposto que você queria que o Thomas te colocasse de bruços no colo dele — diz Janelle com o canto da boca, de um jeito que só eu consigo ouvir, e se levanta de uma vez.

Quase me engasgo ao ouvir esse comentário e me levanto também. Uma vez que tia Caroline voltou lá para dentro, Janelle se vira para mim uma última vez.

— Ainda não terminamos esse assunto. — Soa menos como uma promessa e mais como uma ameaça. — Assim que eu disser *aceito*, você vai me contar o que planeja fazer agora.

O medo está quase me impedindo de fazer planos neste momento, mas já pedi para o meu advogado pesquisar a maneira mais rápida — e discreta — de anular um casamento.

— Vai saber… — continua ela, casualmente, e se dirige até a porta. — Talvez o Thomas acabe virando um marido melhor do que o Étienne jamais poderia ter sido.

— Eu já te falei que *não* vou continuar casada com ele.

Mas minhas palavras se perdem ao vento quando ela volta lá para dentro.



Se eu receber mais um olhar de pena ou um *Como você está… de verdade?* fingido de mais um convidado, vou sair correndo aos berros.

Nunca fui tão grata aos meus pais, que decidiram intervir depois da décima segunda tentativa de extraírem de mim detalhes sórdidos de

como Étienne foi embora e do que fiz para ser abandonada de um jeito tão dramático. Meu pai guiou, com gentileza, o homem do casal lá para fora com uma conversa genérica sobre golfe enquanto minha mãe improvisava um elogio bem sonoro sobre o vestido da mulher dele.

Isso me permitiu escapar das pessoas que circulavam na área da recepção, e me esgueirei pela nave ensolarada e florida da igreja. Fui até o lado da noiva, deslizando pelo banco até ficar o mais longe possível de qualquer outra pessoa. Então, peguei meu celular e fiquei assistindo à contagem regressiva para poder voltar a abrir o aplicativo do Instagram.

As coisas vão… mal. Tão mal que precisei limitar meu tempo de tela para não ficar rolando a esmo o feed. Todas as notícias que recebi até agora sobre a situação vieram do meu assessor de imprensa, do meu advogado e do meu assistente, e cada mensagem e ligação deles se limitou às informações mais pertinentes. A última coisa de que preciso agora é ter um colapso no meio do grande dia de Janelle só porque dei de cara com algo que me irritou.

Deve fazer pouco mais de uma hora que fui identificada como a "mulher misteriosa" no colo do Thomas. Eu ficaria ofendida com o tempo que levaram para descobrir que era eu se não estivesse à beira de um ataque de nervos por causa disso, mas acho que é normal quando você é muito menos famosa do que o homem com quem foi vista. Se ele fosse menos famoso, no entanto, tenho certeza de que isso não seria tão grave quanto está se tornando.

Mas poderia ser pior. Ainda não saíram notícias sobre o nosso casamento, e ser flagrada com um piloto de Fórmula 1 é bem melhor do que ser flagrada com outro atleta de qualquer um desses esportes mais famosos nos Estados Unidos. Se ele fosse um quarterback vencedor do Super Bowl ou o maior pontuador de todos os tempos de um time da NBA, o mundo estaria desabando. Mas um piloto de Fórmula 1? Thomas que me desculpe, mas, no panorama geral dos esportes, ele não está no topo das paradas.

Seja como for, eu só quero saber o que as pessoas estão dizendo sobre mim. É bobagem, e *eu sei* que não deveria me importar com isso. Nunca me importei, porque, a menos que afetasse minha empresa, eu achava que a opinião das pessoas sobre mim não era da minha conta. Só que a traição de Étienne virou uma chavinha na minha cabeça e de repente me deixou desesperada para saber de tudo.

A contagem regressiva finalmente chega a zero, e abro o aplicativo o mais rápido que meus dedos conseguem. Tenho só dois minutos até que volte a ser bloqueado e vou aproveitar esses cento e vinte segundos ao máximo.

"Tire essas mãozinhas imundas do meu homem, sua vadia cor de chocolate", leio baixinho para mim mesma, franzindo a testa para o último comentário em minhas notificações do Instagram. O racismo recreativo não é nada engraçado, mas, pelo menos disseram que minhas mãos são pequenas.

Rolo a tela, procurando desesperadamente por um comentário com mais substância, mas um toque suave em meu ombro me faz olhar para cima.

— Acho que é hora de desligar o celular, meu amor.

Thomas me encara com um sorriso cúmplice, como se soubesse muito bem o que estou fazendo. Está usando um terno cinza que tem um corte belíssimo, e me dói admitir que ele fica espetacular vestido assim, talvez até melhor do que com o smoking da noite passada.

Ele se barbeou, como de costume, e agora também está com o cabelo perfeitamente penteado para trás. O cheiro de sua colônia me obriga a respirar fundo. Se ele estiver morrendo de ressaca que nem eu, não dá nem para perceber.

Faço cara feia quando ele se senta ao meu lado no banco.

— Você não deveria estar sentado no lado do noivo? Em algum lugar bem longe de mim?

Ele aponta para o corredor, e sigo seu dedo até uma placa com os dizeres: "Escolha um assento, não um lado."

— De acordo com aquela placa ali, posso me sentar onde eu quiser.

Maldita Janelle e seus gostos peculiares.

— Acho que a gente não deveria ser visto junto.

Posso jurar que noto um lampejo de cautela em seus olhos, mas ele desaparece quando Thomas pisca, e me convenço de que foi coisa da minha cabeça.

— A gente já foi visto junto — observa ele. — Uma vez a mais ou a menos não vai fazer a menor diferença. Prometo me comportar e ficar com as mãos quietinhas desta vez.

Ele meio que tem razão. Não é como se tivesse mais alguém aqui com quem eu quisesse conversar, e a presença dele é uma boa maneira de evitar mais perguntas sobre o meu estado. Sem falar que é uma bela distração para me impedir de ficar rolando o feed do Instagram — que a este ponto já foi bloqueado outra vez.

Eu me afundo no assento e olho para ele de canto de olho.

— E como vão as coisas para você?

— Não muito bem — diz ele, num tom de voz animado. — Estou com uma ressaca *tão bizarra* que acho que nem na semana que vem vou poder dirigir sem ser pego no bafômetro.

Uma risada repentina me escapa antes que eu consiga contê-la.

— Tô na mesma.

— E pra mim o problema é ainda maior, considerando que esse é o meu trabalho.

— Deveria ter pensado nisso antes de pedir aquela garrafa de uísque, né?

— Vivendo e aprendendo.

Ficamos em silêncio enquanto algumas pessoas se sentam à nossa frente. A cerimônia está marcada para começar em uns dez minutos e, conhecendo Janelle, vai ser pontual.

— Posso te perguntar uma coisa? — diz Thomas baixinho, depois de uns minutos.

Assinto, e ele se vira até nossos joelhos se tocarem. O movimento me traz uma lembrança do tempo que passamos sentados juntos no bar.

— Eu até entendo que eles quisessem fazer a despedida de solteiros aqui — começa —, mas por que o casamento também? Será que o Elvis vai aparecer como apareceu no nosso?

Não fico feliz pela lembrança de que Janelle não é a primeira pessoa da nossa família a se casar neste fim de semana, então me concentro na outra pergunta dele.

— Foi aqui que a Janelle e o Ron se conheceram — explico. — A gente veio ver um show no fim de semana em que o Ron estava comemorando a aposentadoria do futebol. Nós o vimos com os amigos em algum restaurante, cercado por um monte daqueles balões de *Feliz aposentadoria*, e minha prima querida e intrometida não conseguiu deixar de ir até lá perguntar o que ele fazia pra estar se aposentando antes dos trinta e cinco anos.

Thomas ri e balança a cabeça, como se nada do que compartilhei o surpreendesse.

— Isso significa que você já conheceu meu irmão.

Levanto as sobrancelhas.

— Tá falando sério?

— Aham. Ele estava lá naquela noite.

— Olha só. Que mundo pequeno. — Semicerrou os olhos, intrigada. — Ué, mas se ele estava lá, como você não sabia que foi assim que a Janelle e o Ron se conheceram?

Ele abre a boca para responder, mas muda de ideia e pressiona os lábios em uma linha firme. Demora um pouco para falar.

— Meu irmão e eu… não conversamos muito.

Como na noite anterior, fico curiosa para saber mais sobre a dinâmica da vida e dos relacionamentos dele. Seja como for, está implorando por

uma investigação.

Investigação essa que não será feita por mim, pois na segunda-feira de manhã volto para juntar os cacos da minha vida em Washington, D.C., e Thomas não vai passar de uma lembrança distante. Meu advogado vai descobrir como conseguir a anulação, alegando que nós dois estávamos trêbados — seja lá qual for o termo legal para isso. As fotos podem até ser para sempre, mas este casamento não precisa ser.

Então, mantenho a boca fechada e não insisto. O silêncio entre nós desta vez é tenso e constrangedor. Ele afasta a perna, e o frio da ausência dela ali me surpreende. Eu me recuso a pensar demais no que esse gesto significou e mantenho o olhar fixo adiante, observando a igreja se encher e soltando um suspiro de alívio quando meus pais decidem se sentar na frente, com minha avó e tia Caroline. Quando o quarteto de cordas que estava fazendo só o som ambiente aumenta o volume, finalmente relaxo um pouco, feliz pela distração da cerimônia que está começando.

Um Ron engravatado e elegante aparece no altar com o pastor, praticamente pulando de empolgação. Quando as madrinhas e os padrinhos terminam de passar pelo corredor, ele parece prestes a sair correndo. Mas, ao contrário de Étienne, Ron não pretende sair correndo da igreja, e sim direto para o monumento de tule branco parado logo atrás das portas.

Fico em pé assim como todo mundo, os olhos atraídos para Janelle. Ela está radiante, praticamente levitando enquanto seu pai a acompanha pelo caminho coberto de pétalas de rosa, e meus olhos se enchem de lágrimas ao vê-la. Ela merece esse final feliz, que tive o privilégio de ver florescer. E mal posso esperar para ver crescer e florescer ainda mais.

— Tá chorando?

As palavras sussurradas de Thomas fazem meus olhos se desviarem de Janelle para ele.

— Cala a boca.

Seco as pálpebras com os dedos. Sendo bem sincera, estou a mais ou menos cinco segundos de abrir o berreiro.

Quando vejo, ele já está tirando o lenço de seda do bolso e o estendendo para mim.

— Toma.

Balanço a cabeça.

— Vou sujar de rímel.

Ele o empurra para mais perto da minha mão.

— Eu compro outro.

Hesito antes de pegá-lo e sussurro um agradecimento enquanto seco os olhos. Quando minha visão volta ao foco, Janelle e Ron estão juntos

no altar, sorrindo um para o outro como se não houvesse mais ninguém no salão. Detesto ficar pensando nele, mas, nos breves momentos em que dividimos o altar, Étienne não me olhou daquele jeito. Pensando bem… acho que também não olhei para ele daquele jeito. Tudo que senti foi puro alívio por termos conseguido, por nosso casamento finalmente estar acontecendo e por podermos iniciar nossa vida juntos sem mais estresse. Tudo ficaria bem quando saíssemos da igreja juntos.

Mas, em vez disso, ele saiu sem mim.

Uma gargalhada me faz voltar a prestar atenção. Devo ter perdido alguma piada que Ron fez em seus votos, e forço uma risada lenta. Quero estar presente de corpo e alma, ficar o mais feliz possível, porque Janelle não merece nada menos que isso. Mas, nossa… como dói.

Ao meu lado, Thomas acaricia a minha mão. Não tenho tempo de afastar seus dedos. Ele engancha o mindinho no meu e segura firme. Lanço um olhar de esguelha para ele, confusa, mas ele está olhando para Janelle e Ron, sem me dar bola.

Então, volto a prestar atenção na cerimônia e deixo nossas mãos entrelaçadas assim. Porque, por mais que eu deteste admitir, acho que preciso disso. Preciso desse apoio. Do lembrete de que não estou sozinha nessa confusão toda.

Talvez eu tenha que me esquecer desse homem quando o fim de semana acabar, mas estou feliz por tê-lo comigo neste momento.



Graças a Deus os lugares estão marcados e o DJ está com pressa para começar a festa, porque a recepção do casamento é exatamente do que eu precisava.

Janelle fez a gentileza de transferir meu lugar de uma mesa com casais jovens para a mesa com nossos avós e outros idosos, pessoas mais do que dispostas a dar encaradas feias e espantar em voz alta qualquer um que tente falar comigo. Também ajuda o fato de a maioria deles não ter ideia de como usar a internet além de entrar no Facebook, então minha mais nova confusão on-line ainda não chegou neles. Talvez seja com essa galera que vou precisar conviver de agora em diante.

Tenho que admitir: até que estou me divertindo. O country club a alguns quilômetros do centro é lindo, o jantar estava delicioso e o DJ está tocando só as melhores, incluindo algumas músicas que deixaram os familiares de Ron bastante envergonhados. Eles têm sido extremamente

receptivos a Janelle na família, então vou passar um pano para esse leve choque cultural.

O mais importante é que a noiva está se acabando. Depois de dar um beijo na bochecha do marido, ela se aproxima de onde me instalei no meio da pista, depois de adotar nossa avó como minha parceira de dança. Se tem uma coisa que aprendi hoje é que a vovó manda bem demais dançando.

— Estou surpresa de não te ver dançando com o Thomas — diz Janelle, e bate o quadril no meu. — Ele não para de olhar pra você.

Reviro os olhos e a empurro de volta com o quadril antes de pedir licença à vovó, que não perde tempo e entra na fileira para dançar a próxima música. Ela quase me estapeou enquanto dançava, então me certifico de que Janelle e eu estejamos a uma distância segura durante "Candy", porque aquela mulher com certeza tem grandes planos para a música. Não quero estar na zona de perigo.

— Ele pode olhar o quanto quiser — digo a Janelle enquanto fazemos a coreografia. Não sei como ela consegue se mexer usando esse vestido de festa. — Converso com ele amanhã, quando nossos advogados estiverem trabalhando nisso.

— Então você vai anular mesmo?

— Claro. — Olho feio para ela enquanto me inclino e balanço os ombros no ritmo da música. — Foi um erro que pretendo corrigir o quanto antes. Já tenho muito com que me preocupar.

— Tá, tudo bem, entendi.

Pelo tom, parece que ela *não* entendeu, e isso me faz franzir a testa ainda mais.

— O quê? Você quer que eu continue casada com ele? — brinco. — Elle, eu nem conheço o cara.

— Mas pode conhecer — diz ela, com um ar inocente.

Eu poderia mesmo. Mas tenho certeza de que, quando ele *me* conhecer — e vir a bagunça que anda a minha vida —, vai querer sair correndo.

— E pense em como você vai poder esfregar isso na cara do Étienne — continua ela.

— Ah, tá, porque o rancor é mesmo uma ótima motivação pra tomar decisões.

— Nem sempre, mas o que ele fez com você foi… — Ela interrompe o próprio raciocínio e reformula a frase. — Eu só quero te ver recuperando a alegria de viver, Stella, porque seja lá quem você tenha se tornado, seja lá em quem *ele* tenha te transformado… é alguém que eu não reconheço.

As palavras de Janelle me atingem com tanta força que não consigo entender como sou capaz de continuar dançando, ainda que a dança esteja bem meia-boca. Memória muscular, imagino. É o que tem me mantido funcional há muito tempo. Tenho seguido as regras, feito exatamente o que esperam de mim, só para perceber que faço tudo sem pensar. Sem sentir. Sem paixão.

No entanto, ontem à noite… aquilo não foi nada além de paixão, impulso e puro prazer. *Aquilo*, sim, foi viver.

Ontem, Mika me falou quase a mesma coisa que Janelle está dizendo agora. Eu sabia que tinha me retraído um pouco, mas não achei que alguém tivesse realmente notado ou odiado a mudança. Achei que crescer era assim mesmo. Quando vão chegando aos trinta, as pessoas não sossegam e se preparam para a jornada da vida adulta que vem pela frente?

A resposta para isso está parada bem ao meu lado com seu vestido de noiva, mais uma vez embriagada depois de uma despedida de solteira agitada. Com um diploma em direito e uma carreira de sucesso. Apaixonada por sair toda sexta à noite só para dançar e beber martíni. Que se casou com um ex-jogador de futebol britânico querido porque teve a ousadia de chegar nele antes de ele chegar nela. Se é assim que os trinta anos podem ser, então por que fui tão inflexível e suprimi as partes de mim que tanto amo?

Mas continuar casada com um desconhecido é ir longe demais.

— Estou voltando aos poucos a ser quem eu era — digo a ela. — Não preciso de homem pra isso.

— Não precisa mesmo — concorda ela. — Mas não tem nada de errado em procurar uma ajudinha.

O próximo passo da dança me faz virar de costas para ela, e meu movimento de ombros seguinte é muito menos entusiasmado do que os anteriores. Nem mesmo a risada histérica da vovó consegue afastar a energia instável do meu peito, e isso só se agrava quando alguém aparece na minha frente, me forçando a ir um pouco para o lado.

— Stella — diz Thomas, tão baixo que quase não o ouço por causa da música e do entusiasmo do pessoal. — Precisamos conversar.

Desvio o olhar, virando o corpo para conseguir manter o ritmo, mesmo com ele no caminho.

— Estou tentando dançar aqui, Thomas.

— É importante.

— O Electric Slide também é.

Ele agarra meu cotovelo com firmeza, mas sem me machucar, o que me faz olhar para ele, absorvendo a preocupação estampada em seu

rosto lindo de morrer.

— A notícia vazou — diz ele, respirando fundo e confirmando o pior, embora, no fundo, eu já soubesse. — Agora o mundo inteiro sabe que estamos casados.



CAPÍTULO 10

Thomas

Minha esposa está furiosa.

Ela ficaria ainda mais contrariada se soubesse que estou me referindo a ela como *minha esposa* na minha cabeça. Sinto o estômago se revirar com a ideia, mas é isso mesmo que ela é, a gente gostando ou não. E parece que Stella ainda está inclinada ao "não".

— Como isso foi parar na mídia? — questiona ela, irritada, batendo os saltos no piso ao andar de um lado para o outro. Já entendi que é assim que lida com o estresse: pisar forte com raiva e, de alguma maneira, ficar sexy enquanto faz isso. — Quem vazou?

Nós dois nos escondemos em uma salinha nos fundos do local da recepção, um espaço provavelmente destinado aos recém-casados para escapar do caos do grande dia e ter um momento a sós. A ironia disso certamente não me passou despercebida.

— A fonte foi anônima, de acordo com as matérias que vi até agora — respondo do lugar onde estou, sentado no pequeno sofá.

Entre pesquisas rápidas que fiz no Google e a quantidade absurda de links que minha assistente me enviou — o que me deixou em alerta —, descobri que a pessoa que vendeu a história deve ter estado no nosso casamento. As fotos que acompanhavam os artigos não eram exatamente as que encontrei no meu celular, mas eram parecidas. Como se quem as tivesse tirado com o meu telefone imediatamente houvesse sacado o próprio celular e tirado mais fotos.

— Mas a pessoa estava na capela com a gente — insiste Stella. — Nosso *fotógrafo* — diz ela, cuspindo a última palavra como se fosse veneno.

— Sim, mas pode ter sido qualquer um. Outro casal se casando, um funcionário, alguma pessoa aleatória que nos seguiu até lá dentro… é impossível saber.

Ela levanta o celular, rolando a tela antes de ler em voz alta:

— "De acordo com a fonte, o casal declarou estar 'em êxtase' pelo casamento, embora a noiva tenha se equivocado quanto à ordem dos sobrenomes do noivo em seus votos antes de se corrigir em meio a uma crise de riso. Há pouco mais de duas semanas, Baldwin estava prestes a se casar com o empresário francês Étienne Beauchamp, mas o casamento foi cancelado no último segundo. A fonte também informa que ficou 'em choque' ao ver a fila andar para Baldwin tão depressa, mas que deseja tudo de bom ao novo casal." — Stella olha para mim com a testa franzida. — *Ficou em choque*. Parece ser alguém que me conhece, não?

Dou de ombros, porque não interpretei da mesma forma.

— Qualquer pessoa que tenha ficado sabendo do seu outro casamento provavelmente diria o mesmo. Porque no fim é meio chocante mesmo. — Logo que pronuncio essas palavras, percebo que falei besteira, e o olhar furioso que ela me lança só serve para confirmar minha impressão. — Mas não importa — emendo rapidamente. Hora de mudar de assunto. — Como você quer lidar com essa situação? É só me dizer, e eu sigo o seu comando.

Stella não responde, mas a vibração do celular em sua mão a distrai.

— Foi mal, preciso atender — murmura ela, antes de se virar de costas para mim.

— Você *se casou*? — grita uma mulher, tão alto que ouço mesmo sem a ligação estar no viva-voz. — Que *porra* é essa, Stella?

Stella tenta desesperadamente abaixar o volume enquanto se esgueira para um canto. Não adianta muito.

— E eu ainda tive que ficar sabendo pelo TMZ, em vez de você ter me contado? — pergunta a mulher. — Essa merda é verdade?

— Abaixa o tom, Mika — murmuro Stella, e infelizmente não consigo ouvir o resto da conversa.

Mas não adianta muito, porque o que parece é que essa tal de Mika quase não deixa Stella falar. Há muitas frases cortadas e garantias tensas de que ela contará tudo a Mika assim que puder. Depois de encerrar a ligação, ela fica atordoada e cambaleante.

— A situação… não tá nada boa — declara ela, colocando a mão na parede para se equilibrar. — Minha melhor amiga disse que ficou sabendo do casamento por meio de um dos funcionários de alto escalão da minha empresa, ou seja… — Ela respira fundo, trêmula. — *Todo*

mundo na minha empresa provavelmente vai descobrir em breve, incluindo meus acionistas.

Não sei dos detalhes do negócio dela, mas parece que isso vai lhe trazer problemas.

— Qual é a sua porcentagem da empresa? — pergunto, com cautela.

Se o conselho de acionistas tiver o poder de se livrar dela, dizer que a situação "não tá nada boa" é eufemismo.

— Cinquenta e um por cento — diz ela —, então eles não podem me expulsar, mas podem fazer da minha vida um inferno se não acreditarem na minha capacidade de liderança.

Não vou dizer que entendo muito de negócios, mas sei o suficiente por ter crescido perto da empresa da minha família no ramo hoteleiro, e estou ciente de que isso pode arruinar a carreira dela se o conselho decidir abandonar o barco.

— É só um casamento acidental ridículo — tento tranquilizá-la. — Você estava em uma despedida de solteiro, coisas bem mais malucas já aconteceram nessas ocasiões. Tenho certeza de que vão perdoar esse pequeno lapso.

Ela solta uma risadinha sem o menor humor.

— Acho que eles vão se concentrar totalmente na parte do *lapso*. Isso mostra que sou irresponsável. Que não podem confiar em mim. Além do mais… — Ela para de falar e umedece os lábios carmesim por um momento. — Este não é o primeiro passo em falso que dou nos últimos tempos. Não te contei a história inteira do que aconteceu depois que meu ex me largou. — Ela solta uma risada incrédula. — Estou surpresa por você ainda não ter visto o vídeo, pra ser bem sincera.

— Eu não pesquisei seu nome na internet — confesso, o que é meio ridículo a essa altura. — Me pareceu uma invasão de privacidade.

Agora, no entanto, eu queria ter pesquisado. Afinal, *de que vídeo* ela está falando?

Ela solta um suspiro, volta a olhar para o celular, toca na tela algumas vezes e me entrega o aparelho.

— Dá play.

A foto de capa do vídeo mostra Stella bêbada, olhando para a câmera, com uma taça de vinho tinto quase transbordando na mão. Pelo que consigo ver, ela está totalmente vestida — ou pelo menos o suéter preto de gola alta passa essa impressão —, o que descarta uma das possibilidades horríveis que me vieram à mente. Além disso, tem apenas um minuto de duração, o que me dá esperanças de que tenha sido pouco tempo para um estrago tão monumental.

Aperto o play. Depois de alguns segundos de silêncio — até agora, tudo bem —, Stella se inclina na direção da câmera, quase derramando vinho. E então começa a falar.

— Ah! — exclamo, de olhos arregalados, assimilando o discurso. — Esse vídeo é…

A Stella da vida real resmunga enquanto a da tela diz ao mundo que *o amor é uma invenção de merda e só serve para espalhar mentiras*; que *os homens são sádicos que saem por aí mostrando o pau a torto e a direito e conquistando o amor das mulheres só para depois as abandonarem*. Em resumo, é isso, com a diferença de que o discurso dela tem umas palavras mais cabeludas.

Assisto ao resto do vídeo em silêncio. Termina com um enfático: *E os franceses que se fodam! Vocês são todos um lixo. E macaron nem é tão gostoso assim!*

— Olha — começo a dizer, tentando organizar meus pensamentos, o silêncio ecoando pela sala. — Não é um vídeo maravilhoso, mas também não é tão ruim quanto você fez parecer. — O que é a mais pura verdade. Já vi coisas bem piores. Já *fiz* coisas bem piores. — Acho que a parte que mais pega mal é você dizer que macaron não é gostoso, já que ele é a base do seu negócio.

— Pois é! — lamenta ela, jogando-se no sofá ao meu lado. — Pegou muito mal para a minha imagem.

— Gritar bêbada que o amor é uma invenção e que os homens são péssimos não é tão terrível assim. Tipo, não é como se você estivesse errada sobre nenhuma dessas duas coisas.

Ela me lança um olhar de esguelha.

— Você tem coragem de menosprezar todo o seu gênero desse jeito? Não acredito que me casei com um misândrico.

Dou de ombros, ignorando o sarcasmo que ouço em sua voz, porque estou falando sério.

— Já vi muito homem de merda fazendo muita merda por aí.

Fica óbvio que a intenção dela é questionar o que acabei de falar, mas Stella prefere continuar destrinchando os outros crimes que cometeu.

— E a parte do amor? — perguntou ele. — Você não acredita que ele existe?

— Nunca experimentei. Como vou saber?

Mais uma vez, vejo a curiosidade brilhar nos olhos dela mesmo enquanto faz outra pergunta:

— E quanto a eu odiar os franceses?

— Não posso te culpar por isso também. Meio que todo mundo odeia os franceses.

Ela me dá uma cotoveladinha, franzindo a testa.

— Eles não são pessoas ruins. Eu não deveria ter dito isso só porque odeio *um* francês.

— Ninguém liga.

Ela bufa e se encosta nas almofadas, jogando a cabeça para trás, desanimada.

— Mas é por isso que eu tenho tentado me comportar da melhor forma possível. A gente ter se casado bêbado é a cereja do bolo de todas as confusões em que me meti.

É uma sucessão de acontecimentos nada bons, mas nenhuma situação da qual ela não consiga se recuperar.

— Vai dar tudo certo, Stella.

— Talvez — murmura ela. — Mas quando as pessoas descobrirem que anulamos o casamento, vai ser outro golpe. Nosso casamento já foi uma grande irresponsabilidade, mas me divorciar logo em seguida? É admitir que pisei feio na bola.

A esperança que se acende em meu peito é descabida. Ela fez questão de dizer que não quer continuar casada, então estou determinado a respeitar sua decisão. Ela disse *não*, e não *me convença*.

Mas será que sugerir de novo uma alternativa que pode ajudá-la a sair dessa enrascada conta como *tentar convencê-la*?

— E se você reconsiderasse minha oferta? — pergunto, antes que mude de ideia. — De continuarmos casados.

Ela levanta a cabeça devagar e me encara com um olhar cauteloso. Como não diz nada, insisto mais um pouco, mesmo com meu cérebro gritando para que eu cale a boca.

— A história era outra quando o casamento ainda não era público — apresso-me a explicar. — A notícia ter vazado muda a situação. É como você falou: vai ficar pior se seguirmos com a anulação agora. Então… e se continuássemos casados e déssemos um jeito nisso juntos? Ajudaria você em alguma coisa?

É jogo sujo abordar a situação de maneira que minha oferta pareça beneficiar mais a ela do que a mim? Com certeza. Mas *eu quero* ajudá-la, e essa centelha de esperança se recusa a se extinguir.

Isso, porém, não impede que eu me sinta culpado, porque minhas próprias indiscrições não foram reveladas. Será que ela sabe o que eu fiz? Sabe o quanto sou odiado?

— Você pesquisou *o meu* nome na internet? — pergunto abruptamente, antes que ela possa responder à proposta.

Ela pestaneja, surpresa pela mudança de rumo na conversa, e balança a cabeça.

— Não. Como íamos anular o casamento, achei melhor não saber mais nada a seu respeito do que já sabia. Quis facilitar as coisas.

Bem, então temos um problema, mas Stella merece saber a verdade antes de tomar uma decisão dessas. Não posso esconder essa informação dela.

Tiro meu celular do bolso.

— Também tenho um vídeo incriminador que gostaria de te mostrar.

Stella me olha como se não acreditasse na própria sorte.

— Ah, não.

— Ah, sim. — Toco na tela e, relutante, entrego o aparelho a ela. — Contemple meu maior pesadelo.

Fico encarando o teto enquanto uma gravação da minha voz furiosa ecoa pela sala. Por mais que eu queira avaliar a reação de Stella, não quero testemunhar seu horror.

"Ele podia ter me matado, porra!"

Ouço o estrondo do meu capacete batendo no concreto, até mesmo em meio ao barulho das pistolas de ar e dos carros passando no *pit lane*. Fico parado nos fundos da garagem da McMorris, quase invisível atrás de uma divisória que leva ao local onde os engenheiros estão posicionados. Quando vi o vídeo pela primeira vez, não acreditei que não havia percebido uma pessoa me filmando, já que não tem como se esconder naqueles corredores. Eu deveria ter visto alguém ali.

Há alguns segundos de silêncio enquanto o chefe da equipe tenta me acalmar, falando baixinho. Então, logo depois:

"Ah, não me vem com essa. O Castellucci sabia exatamente o que estava fazendo. Ele faz essas merdas de propósito e se diverte!"

Então reclamo mais um pouco — de forma muito parecida com Stella, na verdade —, mas o pior ainda está por vir.

"Ele que se foda", cuspo, meu desabafo se encaminhando para a conclusão. *"Se ele continuar dirigindo desse jeito, vai acabar se matando também. E sabe de uma coisa? Espero mesmo que isso aconteça! Espero que ele morra. Espero que a gente nunca mais tenha que se preocupar com ele. Ele merece o pior. Ele que cave a própria cova."*

Há mais ruído de fundo antes de o vídeo acabar, mas ouvir de novo as coisas horríveis que falei me dá náuseas. Eu estava com raiva e dolorido — no sentido bem literal da palavra, porque havia acabado de sair do meu carro destruído depois que Lorenzo me forçou a bater nas barreiras. Não tinha sido minha intenção dizer nada daquilo, mas das duas uma: ou quem filmou não percebeu, ou quis manchar minha imagem de propósito.

Eu me forço a olhar para Stella quando ela me devolve o celular. Para a minha surpresa, ela não parece tão chateada quanto eu esperava.

— É, não foi muito agradável— diz ela. — Mas, a não ser que aquele cara tenha morrido de verdade, não é tão terrível assim. Tipo, sei lá, ele quase *te matou*. Eu também ficaria puta.

Engulo em seco e esfrego o queixo, desviando o olhar.

— Puta merda — solta ela, inclinando o corpo para a frente de modo que eu não consiga desviar o olhar. — Ele morreu mesmo? Você o matou? Meu Deus, eu me casei com um *assassino*?

— Credo, claro que não! — Abaixo a mão novamente, o calor subindo pelo meu pescoço e pelas minhas bochechas. — Não tive nada a ver com isso, mas ele… — Paro de falar abruptamente quando sinto a culpa tomar conta. — Ele acabou sofrendo um acidente terrível cerca de um mês depois que eu disse tudo isso. Sobreviveu, mas agora está paraplégico, e todo mundo me odeia, porque alguém vazou um vídeo meu me comportando feito um babaca idiota.

Stella se inclina para trás novamente e faz uma careta.

— Tá, não é tão ruim quanto matar o cara, mas é bem ruim mesmo — emenda ela. — E você não faz ideia de quem possa ter gravado isso?

Balanço a cabeça.

— Ainda estou tentando descobrir. Acho difícil acreditar que alguém da equipe tenha feito uma coisa dessas, considerando todos os acordos de confidencialidade que assinamos. Seria um risco enorme.

— Alguém lá deve te odiar.

E esse comentário dói. Sempre me considerei uma pessoa querida, ainda mais dentro da McMorris. Passei dois anos com eles como piloto júnior antes de me promoverem a piloto de testes e reserva. Aí, na temporada seguinte, ocupei uma das vagas titulares, fazendo dupla com — e muitas vezes superando — o piloto veterano da equipe. Todos os contratos que assinei com eles nos cinco anos em que estou na F1 foram plurianuais, e espero conseguir prolongar essa parceria por mais alguns anos no final da próxima temporada, que é quando meu contrato atual se encerra. O dinheiro que trago para a equipe com meus patrocínios pessoais também ajuda.

Mas este vídeo atrapalhou o plano, mesmo que nosso diretor de equipe e o CEO tenham me garantido que isso não mudou a opinião da chefia a meu respeito. Eles podem estar mentindo na cara dura. E provavelmente estão mesmo, considerando que vários patrocinadores entraram em contato para expressar preocupação quanto ao meu comportamento. Mas até agora ninguém suspendeu o patrocínio, e não

sei qual vai ser meu futuro na McMorris até o novo contrato chegar à mesa do meu agente.

Mas, acima de tudo, eu queria conseguir descobrir *quem* me odeia tanto assim.

— Esse é o meu drama — concluo. — Entendo se isso te der vontade de sair correndo e gritando pra bem longe de mim.

Stella torce o nariz.

— Eu não corro. Sou mais do pilates.

Não estou com vontade de rir, e ainda assim a piada dela me faz abrir um sorrisinho de surpresa.

Ela se vira para me encarar, sentando-se em cima de uma das longas pernas. A seda cor de bronze do vestido contorna seus quadris. Meus olhos são atraídos para aquela bela curva, mesmo sabendo que não é hora de admirá-la, mas é difícil evitar quando ela parece uma deusa. Quase tropecei quando a vi na igreja mais cedo, porque, de alguma maneira, ela estava ainda mais bonita à luz do dia do que na iluminação baixa de uma boate. Mesmo hoje mais cedo, quando acordamos, de ressaca e com a maquiagem borrada, ela continuava maravilhosa. Mas Stella toda arrumada? Não sei como alguém consegue tirar os olhos dela.

— Olha — diz ela, me encarando. — É evidente que nós dois estamos em circunstâncias nada ideais, sem moral nenhuma pra julgar o outro. Mas você acha mesmo que vai resolver alguma coisa insistir nesse casamento e tentar convencer as pessoas de que não foi um erro de bebedeira? Acha que elas ao menos acreditariam?

— Acho. De verdade, acho mesmo. — Pareço mais confiante do que me sinto, mas acho, sinceramente, que isso aliviaria a situação desconfortável em que nos encontramos. — Não vai ser difícil fazer as pessoas acreditarem. Podemos instruir nossas assessorias a enfatizar como você ficou triste ao ser abandonada pelo ex-noivo e como eu apareci na hora certa.

Stella solta um risinho sarcástico.

— Uau, você é mesmo o Príncipe Encantado, né? — diz ela, o sarcasmo escorrendo de cada palavra.

Mas seus lábios vão se curvando devagar em um sorriso, e sua expressão se torna muito mais genuína.

Sustento o olhar dela na esperança de que perceba que estou falando sério.

— Isso vai beneficiar a nós dois. Vai tirar a Figgy e meus pais do meu pé, talvez até ajude a melhorar minha imagem com a minha equipe.

— E o conselho da minha empresa não vai achar que sou uma idiota que se casou e se divorciou em um intervalo de quarenta e oito horas — acrescenta Stella, e consigo ver as engrenagens girando em sua cabeça. — Talvez você tenha alguma razão, Thomas.

Eu sei que tenho, mas não vou falar nada. Stella precisa tirar as próprias conclusões sem que eu a pressione.

— Tem mais alguma coisa incriminadora que eu precise saber antes de concordar com isso? — pergunta ela.

Meu coração dispara.

— Não que eu consiga me lembrar.

Ela emite um som vago, depois olha de volta para o próprio celular, digitando algo rapidamente e rolando a tela. Franzo a testa e me aproximo para conferir o que ela está fazendo.

— Você jogou meu nome no Google?

Stella não me dá atenção, lendo sem o menor pudor.

— Preciso saber no que estou me metendo. — Ela faz cara feia e me observa. — Você é de libra?

Sinto que deveria ficar ofendido.

— O que tem de errado nisso?

— Nada! Sou de leão. Nós somos… na verdade, bem compatíveis.

Deixo escapar um suspiro. A última coisa de que preciso é que os astros decidam que não formamos um bom par. Não que eu acredite em nada disso, mas, se ela acredita, preciso começar a me informar.

Stella bloqueia o celular de novo e morde o lábio, com um resquício de apreensão nos olhos.

— Por quanto tempo faríamos isso? Tipo, é óbvio que a gente não vai ficar casado pelo resto da vida. Este acordo tem que ser temporário e beneficiar as duas partes.

Ela falou como uma verdadeira mulher de negócios. Mas Stella está certa, isso não pode durar muito. Nós dois merecemos a chance de conhecer e namorar outras pessoas com quem tenhamos uma verdadeira conexão, mesmo que exista uma faísca de… *alguma coisa* entre nós. Não estou nem um pouco iludido achando que Stella é a mulher da minha vida — apesar de ter dito isso em meus votos —, e fica óbvio que ela concorda comigo.

— Podemos manter a farsa pelo tempo que acharmos necessário e útil — sugiro. — E quando um de nós, ou ambos, estiver pronto pra terminar, comunicamos ao outro e marcamos o divórcio.

— Mas acho que é bom se ficarmos casados por pelo menos um ano — declara ela, e deve ter confundido minha surpresa com susto, pois acrescenta bem rápido: — Só no papel. Se ficarmos de saco cheio um do

outro antes disso, nos separamos discretamente e seguimos cada um com a sua vida até o tempo acabar. Se nos separarmos antes disso, não vai pegar nada bem.

Ela tem razão. E quem garante que já teremos conquistado o que queremos até lá, de qualquer maneira?

— Faz sentido — concordo. — Então… isso significa que você tá dentro? Vai mesmo querer fazer isso?

Ela olha para baixo e pensa um pouco. Esta talvez seja a coisa mais absurda que já fiz, e tenho certeza de que ela sente o mesmo.

No entanto, seus olhos encontram os meus novamente um momento depois, e o brilho determinado neles me diz a resposta antes que seus lábios formem as palavras.

— Estou dentro — diz ela. — Vamos continuar casados.



CAPÍTULO 11

Stella

Concordar em manter o casamento com Thomas no mundo das ideias é uma coisa. Assumir esse relacionamento é outra, ainda mais quando há membros da minha família do outro lado da porta.

Precisamos sair daqui o mais rápido possível antes que alguém nos encurrale ou comece a fazer perguntas. Thomas e eu ainda não terminamos de conversar — tem um milhão de questões que precisamos resolver antes de seguirmos com este plano —, mas este não é o lugar certo para isso. Estou prestes a sugerir que voltemos para o meu quarto de hotel quando a porta se abre com força e nós dois damos de cara com uma nuvem de tule.

Janelle irrompe no cômodo.

— Vocês dois se meteram num problemão — anuncia. — Você não só está roubando a cena no meu dia, Stella, como seus pais estão pirando lá fora. Estão te procurando pra conversar. — Minha prima acena com a cabeça para Thomas. — E querem conversar com ele também.

— *Cacete.* — Solto um longo suspiro, fechando os olhos para me desligar do mundo por um segundo. — Foi mal, Elle. Espero não ter estragado o seu dia por completo.

O som de tecido sendo arrastado paira no ar, obrigando meus olhos a se voltarem para Janelle, mas ela já está na minha frente tentando se espremer no pequeno espaço entre mim e Thomas no sofá.

— Não precisa se desculpar — diz ela, agarrando minha mão e segurando firme. — Você não queria que nada disso acontecesse, afinal. Tem alguma coisa que eu possa fazer pra ajudar? Sei que você já tem um time de advogados, mas quer que eu dê um jeito de achar alguém daqui

pra dar uma agilizada na anulação? Acho que não vai querer demorar muito com isso, né, agora que a notícia vazou.

Meu olhar cruza com o de Thomas por cima da cabeça de Janelle, e sou tomada pelo pânico. Como diabos eu deveria responder à pergunta dela? Devo dizer a verdade, que vamos continuar casados, mas é tudo de fachada? Ou devo mentir e aceitar a ajuda? Nenhuma das duas opções parece boa, e, a julgar pelo sorriso sem graça e britânico que Thomas lança na minha direção, a decisão é minha.

— Na verdade — começo, meio cautelosa, ainda encarando Thomas e esperando que ele me dê um sinal caso eu vá longe demais com a minha resposta —, decidimos continuar casados por enquanto.

Janelle se afasta como se tivesse levado um tapa, os olhos arregalados.

— Essa decisão é bem diferente da que você tinha tomado hoje mais cedo.

O pânico paralisante se transforma em um constrangimento abrasador quando Thomas ergue uma das sobrancelhas com um ar de dúvida. Ele sabe que eu estava inflexível e decidida a nos tirar dessa situação, então não deveria ser surpresa que eu tenha contado nossa história e como estava me sentindo a Janelle.

— Sim, pois é, mas decidimos que talvez seja melhor manter as coisas como estão. — Pigarreio e me forço a olhar para ela, em vez de para Thomas. — Será que a gente pode debater esse assunto amanhã? Preciso sair daqui antes que meus pais me encontrem.

Ela franze a testa.

— Não sei se vai conseguir ir embora sem falar com eles. Estão num humor daqueles.

Mordo a língua para não xingar de novo, porque *que maravilha*. Sério, bom demais! Posso até ter conseguido evitar abordar os detalhes do que está acontecendo agora, mas vai ser impossível fazer isso com os meus pais. Eles vão fazer questão de que todas as informações sejam reveladas *agora*.

Além disso, não era assim que eu queria que Thomas conhecesse os dois — se é que isso vai ser necessário. É claro que sei que eles vão ter que se conhecer mais cedo ou mais tarde, porque não querer conhecer os pais amorosos e acolhedores da sua parceira é um defeito na certa. Mas apresentar meu marido de verdade (e que no fim das contas é falso) a eles é a última coisa que quero fazer.

Também tem toda a questão de *como* vou apresentá-lo. É um risco muito grande ser honesta quanto à nossa situação. Meus pais podem deixar alguma coisa escapar por acidente e acabar estragando toda a

nossa farsa, mas isso significa que terei que mentir. E, de alguma maneira, essa opção me parece ainda pior.

— Então vamos ter que encará-los — diz Thomas, e meus olhos se voltam para ele.

— Você não pode estar falando sério.

— Nunca falei tão sério na minha vida. — Ele empurra um pedaço do tule de Janelle do colo, e eu me odeio por mais uma vez notar como as mãos dele são grandes, ainda mais quando ele se levanta e estende uma delas para me ajudar a levantar. — Vamos acabar logo com isso e ir embora daqui.

Dou risada e me afundo no sofá.

— Prefiro ficar neste quarto a noite inteira a enfrentá-los.

— Nesse caso, talvez eu tenha que te levar lá pra fora carregada.

— Ai, sim, como se fosse uma noiva de verdade! — exclama Janelle.

Olho para ela.

— Não começa.

Então me lembro da facilidade com que ele me pegou no colo na noite passada, e a quentura da vergonha que eu estava sentindo se transforma em um tipo diferente de calor. Ele com certeza é capaz me carregar para fora daqui se quiser. E eu deixaria.

— Ai, quer saber, tá bom! — Eu me levanto do sofá antes que meu cérebro tome uma decisão imprudente. — Vamos acabar logo com isso. Como vai querer explicar essa situação?

— Como eu disse ontem, podemos nos manter o mais perto possível da verdade. A gente se deu bem logo de cara e decidiu se casar.

Reviro os olhos. Ele é bem bobinho se acha que alguém que nos conhece bem vai acreditar nessa história meia-boca.

— Precisamos combinar os detalhes para que *pareça verdade*. Tipo datas, uma sequência de fatos e…

A porta se abrindo me interrompe. E de repente estou encarando minha mãe e meu pai.

— Estelle Margaux — troveja mamãe ao entrar na sala, e só de ouvir os nomes que ela usou, já sei que estou em apuros. — O que *está acontecendo*, pelo amor de Deus?

Papai vem logo atrás dela, pronto para apoiá-la se necessário. Mas ele sabe que ela está com tudo sob controle. Sempre está.

Tento responder a essa pergunta, mas tudo que quero dizer fica entalado na minha garganta. Abro e fecho a boca feito um peixe. É Janelle quem quebra o silêncio com o farfalhar de sua saia gigante enquanto a recolhe.

— Essa é a minha deixa para ir embora — anuncia ela, marchando em direção à porta. — Amo vocês. Assassinatos são proibidos no dia do meu casamento.

A porta se fecha com um clique, e não me resta escolha a não ser engolir em seco e dizer:

— Não sei nem por onde começar.

— Pode começar nos contando por que você está *casada*, ao que tudo indica, e por que seu pai e eu ficamos sabendo por boatos, e não por você.

— Então, é que… — Umedeço os lábios, procurando o jeito certo de responder. — Não foi… Eu não…

— Sinto muito pela confusão, sra. Baldwin — interrompe Thomas. — Nosso enlace foi um pouco repentino, e não queríamos desviar a atenção de Janelle e Ron hoje. Também não estávamos esperando que a notícia fosse vazar daquele jeito. Tenho certeza de que a Stella estava planejando contar a vocês dois o mais rápido possível.

O olhar penetrante da minha mãe se volta para Thomas, que se aproxima de mim.

— E quem é você, exatamente? — pergunta ela, a voz tão fria que me faz estremecer.

Ele abre um sorriso amigável e oferece um aperto de mão.

— Thomas Maxwell-Brown. É um prazer finalmente conhecê-los.

— *Finalmente?* — repete mamãe, ignorando a mão estendida. — Considerando que minha filha *nunca* mencionou seu nome, não consigo imaginar que você tenha esperado *tanto* tempo assim.

Thomas recolhe a mão com a confiança abalada. Nem posso culpá-lo, já que essa é a especialidade da minha mãe.

— Eu… bem…

Saio do transe enquanto ele luta para conseguir pensar em uma resposta. Não é possível que nós dois entremos em choque num momento como esse.

— Nós nos conhecemos há séculos — deixo escapar. Não sei de onde veio essa mentira, mas depois que sai, não consigo mais parar. — A primeira vez que nos vimos foi na mesma noite em que a Janelle conheceu o Ron. Ele também estava lá. Não é, Tommy?

Thomas me lança um olhar incrédulo e juro que o vejo dizer "Tommy?" antes de pigarrear e dirigir um sorriso tenso aos meus pais.

— Foi, sim — corrobora ele. — E não paramos de nos falar desde então. — Ele pensa por um momento e arregala os olhos. — Como amigos, é claro. Eu sabia que ela estava em um relacionamento. E nunca… juro, nunca interferi nisso.

Sinto meu rosto em chamas.

— Sim, só amigos! — concordo, depressa. — Mas aí, quando a coisa toda com o Étienne explodiu na mídia, o Thomas foi um querido e entrou em contato pra saber como eu estava.

Lanço um olhar na direção dele, esperando que consiga captar o pânico em meus olhos e mantenha essa improvisação horrível de onde parei.

— Uhum. — O som que ele solta é tão agudo que fica óbvio que está encobrindo alguma coisa. — Quis ter certeza de que ela estava bem, ainda mais depois que aquele videozinho dela viralizou.

Solto uma risada que mais parece um rosnado, odiando-o por ter tocado nesse assunto.

— Ele é um cara tão legal — digo efusivamente, agarrando a mão dele e a apertando com força. Thomas se encolhe, então me sinto vingada. — Decidimos nos encontrar em Las Vegas logo antes da despedida de solteira da Janelle e percebemos que nos demos muito bem. Meio que pareceu coisa do destino.

Minha mãe olha para nós dois, perplexa. É ela quem está lutando para encontrar as palavras agora, porque é *impossível* que tenha acreditado em uma única parte da história que acabamos de contar. Apesar de sua carreira brilhante no tribunal, ela parece perdida e sem saber o que nos perguntar.

— E isso levou vocês dois a se casarem? — pergunta papai pelos dois, semicerrando os olhos e tentando processar a informação. — É sério isso?

— A gente também bebeu um pouco — revela Thomas, se desculpando.

Quero dar um chute nele por ter admitido isso, mas, pensando bem, de que outra maneira conseguiríamos explicar uma decisão tão precipitada? O mundo inteiro sabe muito bem que não faço as melhores escolhas quando bebo, e meus pais também sabem disso. A filha inteligente e sensata deles não faria uma coisa dessas sem estar sob a influência de alguma substância.

— Mas nossos sentimentos um pelo outro são verdadeiros — garante Thomas, antes que eu possa intervir com outra explicação. — O casamento foi precipitado, claro, e certamente uma decisão impensada, mas não me arrependo.

Meu desejo de machucá-lo diminui com a sinceridade em sua voz. Eu sei que não passa de encenação, mas ele está mandando bem, e a julgar pela forma como a expressão do meu pai se suaviza, Thomas está no caminho certo. Bem, com um dos meus pais, pelo menos.

— Não se arrepende de nada mesmo? — Minha mãe recuperou a voz e voltou cheia de dúvidas. — Não se arrepende nem de não ter nos conhecido? Ou de Stella ter mantido a sua existência em segredo por todo esse tempo? Ou de ter se precipitado ao assinar um contrato com uma mulher que acabou de ter a vida virada de cabeça para baixo por um homem e que claramente ainda está tentando superar o trauma?

— Mãe — retruco, mas o polegar de Thomas no meu pulso me impede de ser dura na resposta. — Eu concordei com o nosso casamento, então não fale como se eu fosse uma garotinha ingênua e ele estivesse se aproveitando de mim. Peço desculpas por não ter conversado com vocês sobre isso antes e lamento que tenham descoberto assim, mas agora estamos casados e ponto-final.

Ela joga as mãos para o alto com um sorriso de escárnio, virando-se para encarar meu pai.

— Essa garota tá falando sério? — pergunta. — E vamos fazer o quê? Simplesmente aceitar essa situação?

Meu pai a encara com um ar solene.

— Acho que todos nós precisamos de tempo para digerir o que está acontecendo. Vamos discutir o assunto quando estivermos mais calmos.

Mamãe faz outro som de desgosto, reprovando a sugestão de papai, mas ciente de que ele está certo. Ela se vira para Thomas e para mim com a expressão oscilando entre confusão e mágoa.

— Nosso voo de volta para Atlanta é amanhã cedo — diz ela, tensa. — Vemos vocês lá na semana que vem, no Dia de Ação de Graças?

Assinto. Eu, pelo menos, estarei lá. Quanto ao homem ao meu lado, não faço ideia, porque tudo pode acontecer nos próximos doze dias.

— Ótimo. Então conversamos sobre isso depois.

Em seguida, ela se vira e sai da sala de forma tão tempestuosa quanto entrou.

Papai é mais lento, aproximando-se de mim para me dar um beijo na testa e apertar a mão de Thomas — um pouco forte demais, mas pelo menos dá para ver que está se esforçando.

— Liga pra gente se precisar de alguma coisa — diz ele, e então vai embora também.

Fico olhando para a porta vazia, torcendo para acordar de repente e perceber que tudo não passou de um pesadelo. Mas como isso não acontece, me viro para Thomas e arranco minha mão da dele.

— Que merda — solto. — Isso nunca vai dar certo!

Ele está mais pálido do que antes, mas vejo uma determinação delirante em seu rosto.

— Vai, sim — insiste. — Foi só um tropeço.

— Um *tropeço*? Eu quase dei a entender que estava traindo o Étienne, e você admitiu que a gente estava bêbado!

— Não foi mesmo uma boa ideia dizer isso — admite ele. — Mas, falando sério, será que eles acreditariam em qualquer outra coisa?

Resmungo e jogo a cabeça para trás, porque não, eles não acreditariam, e odeio que essa seja a única parte da verdade que possamos compartilhar com eles. Talvez eu devesse ter contado que o casamento foi um erro e que estamos tentando tirar o melhor proveito de uma situação ruim. Ainda dá tempo. Eu poderia ir atrás deles e confessar tudo.

Mas, quando volto a olhar para Thomas, sei que escolhemos a melhor opção. Pelo menos agora temos uma história para contar ao mundo.

— Preciso sair daqui — murmuro. — Quero ir para a cama e esquecer que esse dia de merda aconteceu.

— Então vamos embora. — Ele junta minhas coisas e me entrega antes de colocar a mão em meu ombro, me conduzindo. — Vou pedir ao meu motorista para nos encontrar na saída dos fundos.

Eu deveria agradecer por ele estar nos tirando dali com a maior discrição possível, mas minha garganta está apertada demais para forçar as palavras a saírem. Ainda assim, espero que o sorriso fraco que abro depois de nos sentarmos no banco de trás do sedã revele mais do que consigo dizer no momento. Quando ele o retribui, a pressão no meu peito diminui um pouco.

Estamos ambos absortos demais em pensamentos para que o silêncio seja constrangedor, embora eu saiba que seremos obrigados a conversar em breve. Temos pelo menos meia hora de viagem pela frente, o que é tempo de sobra para estabelecermos o básico do nosso plano enquanto voltamos para o coração de Las Vegas, mas dez minutos se passam e ainda não sei o que dizer.

— Seu nome é Estelle?

Olho para Thomas, aliviada por ele ter iniciado a conversa, mas também estremecendo ao me lembrar da bronca da minha mãe.

— É uma homenagem à minha bisavó — explico. — Mas meus pais sempre me chamam de Stella. A menos, é claro, que eu tenha me metido em alguma enrascada, como você acabou de ver.

Ele assente, como se estivesse arquivando essa informação.

— Bom, pelo menos agora eu sei seu nome completo. Talvez um marido deva saber isso sobre a esposa.

Dou uma risada áspera e surpresa.

— Ah, meu amor, esse não é o meu nome completo. Não sei se você está pronto para saber o nome que está na minha certidão de

nascimento.

— Essa eu quero ver. — Ele cruza os braços com um ar desafiador, sorrindo. — Duvido que supere Thomas Phillip Henry Arthur Maxwell-Brown.

— Ah, é? Que tal Estelle Margaux Wilhelmina Tyrrell Baldwin?

Ele solta um assobio baixo e impressionado.

— Caraca, acho que a gente foi feito um para o outro. Já pensou em adotar meu último nome? Talvez adicionando uns três hifens?

Não quero sorrir, porque a situação em que estamos é um verdadeiro pesadelo, mas as piadas sem graça dele fazem meus lábios se contraírem involuntariamente.

— Já não é fácil colocar meu nome nos formulários, então vou recusar a oferta.

— Entendo. — Ele faz uma pausa, o tom um pouco mais grave quando volta a falar: — Precisamos saber tudo um sobre o outro pra conseguirmos tornar essa história convincente.

Engulo em seco, inclinada a pensar que estamos cometendo um erro enorme. Será que vamos mesmo enganar as pessoas e fazê-las acreditar que somos um casal de verdade? Talvez o público geral até acredite, mas e as pessoas que nos conhecem? A família dele, a minha família, Figgy, o conselho da minha empresa… Será que estamos só adiando o fracasso inevitável?

— Acho que precisamos começar com o básico. — Mordo o lábio ao perceber quão pouco sei sobre esse homem. — Não sei nem quantos anos você tem. Estou preferindo acreditar que tem idade pelo menos pra beber legalmente neste país.

Estou mais uma vez recorrendo ao humor para não enfiar a cabeça entre os joelhos e ter um colapso nervoso. Ele parece jovem, mas não *tanto* assim. Se eu tivesse que chutar, diria que provavelmente tem a minha idade. Considerando que os pais dele estão pressionando o cara a se casar — algo que normalmente não acontece com os homens até os trinta anos, o que é bem injusto —, talvez eu tenha uma agradável surpresa e ele seja mais velho que eu.

Thomas ri.

— Acabei de fazer vinte e seis anos.

Juro que sinto o carro frear com um solavanco, mesmo que estejamos nos movendo suavemente pelo trânsito.

— Vinte e seis? — repito, e solto um resmungo longo e involuntário. Ainda bem que há uma divisória entre nós e o motorista. — Ai, meu Deus. Eu sou mais velha que você!

Ele me olha como se fosse difícil de acreditar.

— Sério? Quantos anos *você* tem?

Eu deveria interpretar a descrença dele como um elogio, mas já vou me preparando para o golpe que vou levar depois de contar a verdade.

— Vinte e oito! Meu Deus, virei papa-anjo!

— Minha linda, são só dois anos de diferença — retruca ele, zombando do meu drama. — Calma aí.

— *Calma aí?* Você faz alguma ideia de como pega mal uma mulher ser mais velha que um homem num relacionamento hétero?

Étienne fingia que não odiava o fato de eu ser apenas nove meses mais nova que ele. Estávamos em pé de igualdade, e eu não era uma mocinha ingênua, o que parecia ser um problema para o tipo de gente que fazia parte do círculo dele. O incômodo ficava ainda mais óbvio, no entanto, no meu aniversário e durante os três meses do ano em que ficávamos com a mesma idade. Ele agia como se o número que compartilhávamos fosse uma blasfêmia.

— Minha mãe é seis anos mais velha que meu pai — revela Thomas. — E considerando que já sou um homem adulto, não dou a mínima se uma mulher por quem me sinto atraído é mais velha do que eu.

Fico chocada com a sinceridade daquelas palavras, mas ele tem razão em dizer que isso não deveria ser algo relevante. Nós somos dois adultos consentindo, e esse estigma não deveria existir. É só uma coisa que preciso superar graças à influência de Étienne.

— Tá, tudo bem — digo, cedendo. — Vamos… só deixar isso pra lá por enquanto.

Respiro fundo e penso no que perguntar em seguida. Boa parte desses assuntos surgiriam naturalmente ao longo de um namoro, mas estamos prestes a transformar essa conversa em um curso intensivo.

— Falando em pais, me conte sobre os seus.

— Estou torcendo pra eles não te encurralarem como os seus fizeram comigo — diz Thomas, sarcástico. — Iris, minha mãe, é artista, que é só um jeito legal de dizer que ela é uma mulher rica com muito tempo livre. Phillip, meu pai, herdou a empresa da nossa família no ramo da hotelaria. Tecnicamente, ainda é ele quem está no comando, mas minha irmã mais velha administra a maior parte das operações no dia a dia e meu irmão é o rosto que eles apresentam a todos.

Antes de tudo dar errado ontem à noite, ele chegou a mencionar que era o filho do meio e tinha cinco irmãos. Vou ter que pedir mais informações sobre eles em breve, só que antes quero saber mais dos negócios da família.

— Quando você diz que sua família administra uma empresa no ramo da hotelaria — digo, cheia de dedos —, o que exatamente isso

significa?

— Que estamos no ramo de hotéis.

É uma resposta vaga e objetiva, e fico esperando que uma explicação mais detalhada venha logo em seguida, mas ele não diz mais nada.

— E com isso você quer dizer… que os produtos de vocês são vendidos em hotéis? — chuto.

Thomas se mexe no banco, desconfortável.

— Não… quero dizer que somos proprietários de hotéis.

— Vocês *são proprietários* de hotéis?

— Uma rede de hotéis — diz ele bem rápido, olhando para mim quase se desculpando. — Uma rede grande e de luxo: A. P. Maxwell International. Talvez você já tenha ouvido falar.

— Ah. — Quase me engasgo quando me dou conta. — É claro que já ouvi falar. — Era para eu ter passado a lua de mel em um dos resorts chiques deles nas Maldivas. — Então você é, tipo, *muito* rico.

Ele se mexe um pouco mais, e lá está aquele sorriso diplomático de volta no rosto.

— Temos uma situação confortável, sim.

Isso é o que gente rica diz quando na verdade quer dizer *a gente tem dinheiro pra caralho*.

— Nossa, e pensar que *eu* estava preocupada em fazer um acordo pré-nupcial — comento. — É melhor você torcer pra eu não exigir metade de tudo o que você tem quando a gente se divorciar.

Mesmo sob a baixa iluminação dos postes pelos quais passamos depressa, dá para perceber que ele fica ainda mais pálido.

— Acho melhor redigirmos esse acordo pós-nupcial logo.

— Aham. Acho melhor ligar para o seu advogado amanhã logo de manhãzinha e torcer pra eu não sumir durante a noite.

Quase consigo vê-lo anotar a tarefa num bilhete mental e contenho uma risadinha. Adoro brincar com ele. Mas então a preocupação desaparece do seu rosto e ele se vira na minha direção; seus olhos pousam direto no meu colo, onde descanso as mãos.

— Preciso te dar uma aliança.

Olho para a minha mão esquerda, ainda desacostumada a vê-la vazia. É constrangedor perceber que ficou uma leve marca onde ficava meu último anel. Acho que não me importaria de ter um novo para cobri-la. Só que colocar outra aliança no dedo quando mal tirei a anterior me dá um nó na garganta.

— Fica a seu critério — digo a ele, sem querer pensar na aliança guardada em uma gaveta na casa que eu deveria estar dividindo com

Étienne. — Só me arruma alguma coisa que combine com o que você for usar.

Ele parece surpreso com o meu pedido e tenta decifrar minha expressão. Talvez esteja incrédulo. Como a mulher que usa joias caríssimas e vestidos de grife não se importa com um anel que ela terá que usar com todas as roupas? Mas não estamos falando de um casamento de verdade, e mesmo que eu odeie a aliança que ele escolher, só vou ter que tolerá-la por um ano. Por que me apegar se vou ter que devolvê-la? Já cometi esse erro uma vez.

Por fim, ele assente e parte para o próximo assunto:

— Quando vamos tornar público o relacionamento?

— Isso já não aconteceu? — pergunto, sem rodeios.

— Contra a nossa vontade. Quis dizer algo mais, tipo… quando *nós* vamos anunciar ao mundo que estamos juntos?

Mordo o lábio e sinto um pouco daquela ansiedade atordoante retornar.

— Não sei. Você tem alguma ideia?

— Lembra quando eu disse que já ia ter que estar aqui a trabalho? — Ele me lança um sorriso torto, mas eu me lembro desse detalhe. — Poderíamos aparecer juntos no Grande Prêmio. Você toparia?

Ah, sim, é verdade, sou casada com um piloto de Fórmula 1. Não sei exatamente o que envolve um Grande Prêmio, mas tenho a sensação de que é um evento importante e televisionado.

— Parece mesmo a oportunidade perfeita — digo, pensando na ideia dele, embora também me pareça uma ótima oportunidade para as coisas darem terrivelmente errado enquanto o mundo inteiro está assistindo.

— Não precisamos fazer isso se você não estiver a fim — emenda Thomas, percebendo minha hesitação. — Ainda dá tempo de desistir.

Dá tempo mesmo. Meus pais não ficariam nada felizes ao descobrirem que menti para eles, mas aí eu poderia só contar a verdade para os dois. Seja como for, eles são a menor das minhas preocupações. O conselho da empresa e minha reputação abalada precisam ser a prioridade agora. E eu também não odiaria esfregar meu novo relacionamento na cara de Étienne…

Olho para o outro lado, evitando que o rosto compreensivo de Thomas influencie minha decisão. Os vidros fumê fazem a noite parecer mais escura do que de fato está, mas não dá para disfarçar o brilho neon das luzes de Las Vegas no entorno. Posso ter cometido um erro nesta cidade, um erro que seria bom deixar aqui, mas ele vai me perseguir, não importa o que eu faça. E posso muito bem usá-lo a meu favor. E se isso for ajudar Thomas, então é um bônus. Minha boa ação do ano.

Volto a olhar para ele.

— Foda-se — declaro. — Eu tô dentro. Na alegria e na tristeza, Vossa Alteza.

Mas definitivamente não será até que *a morte* nos separe.



CAPÍTULO 12

Thomas

— Seus pais estão se borrando de medo.

A voz do meu melhor amigo ecoa pelo quarto de hotel, saindo do celular que coloco na mesa de cabeceira. Não duvido nada de que meus pais estejam em pânico com a notícia, mas não dá para ter certeza, já que bloqueei o número deles — assim como o de Figgy e dos meus irmãos.

Joshua, no entanto, foi salvo de um destino semelhante porque sabia que eu ligaria para ele quando estivesse pronto para desabafar. É assim que nossa amizade funciona desde que nos conhecemos no ensino fundamental: eu guardo tudo para mim e ele fica esperando o momento em que vou finalmente explodir.

— Logo mais eu ligo pra eles e explico tudo. — Tiro os sapatos e afrouxo o nó da gravata. — Ou pelo menos conto as partes da história que vai dar pra explicar.

Não que Stella e eu tenhamos tido tempo para discutir que partes são essas. Eu a convidei para subir e conversar mais um pouco, mas ela insistiu que poderíamos fazer isso amanhã e praticamente se atirou do carro em movimento quando chegamos ao hotel onde ela está hospedada. Liguei para Joshua assim que cheguei ao meu quarto e confessei tudo.

Considerando que Janelle sabe a verdade sobre nós, Stella não pode ficar chateada por eu ter contado a alguém do meu círculo. Claro que Joshua não é meu parente de sangue — eu, infelizmente, não sou nigeriano —, mas, sem a menor dúvida, faz parte da minha família.

— Você vai *mesmo* continuar com essa história? — Joshua faz a mesma pergunta pela décima segunda vez. — É maluquice.

— Parece um filme, porra! — grita a esposa dele ao fundo. Obviamente, eu não poderia ter contado nada a Joshua sem que Amara também soubesse. — Mal posso esperar pra ver como termina!

— Termina daqui a um ano com nós dois felizes e divorciados — completo, um pouco mais alto para que ela possa me escutar. — E, sim, eu sei que é ridículo, mas vocês têm que admitir que é uma maneira genial de tirar o melhor proveito de uma situação ruim.

Joshua solta um suspiro que diz mais do que o suficiente. Ainda assim, prossegue:

— Eu conseguiria pensar em maneiras muito melhores de lidar com essa situação.

— Ah, é? Alguma delas inclui tirar meus pais e a Figgy do meu pé e, ao mesmo tempo, vender a imagem de um moço de família aos olhos do público? Um público que, veja bem, anda achando que sou um monstro desprezível que fica por aí desejando a morte dos outros?

O silêncio dele me dá a resposta que estava esperando.

— Foi o que pensei — concluo. Jogo a gravata de lado e desabotoo o colete, tirando-o junto com o paletó. — Vai valer a pena porque eu finalmente vou ter um pouco de paz. Além disso, o plano também beneficia a Stella. Nós dois saímos ganhando.

— Não estou dizendo que é um plano terrível — corrige Joshua, embora seja exatamente o que ele quer dizer. — Mas você está agindo como se tudo fosse muito simples. Acha mesmo que as pessoas vão acreditar que o relacionamento de vocês é de verdade? Ou que essa mulher vai manter a palavra e não vai te prejudicar de jeito nenhum?

As preocupações dele não são infundadas, eu mesmo tenho essas dúvidas. Ainda assim, o alerta me deixa irritado.

— A gente vai assinar um acordo pós-nupcial e tomar bastante cuidado com toda a situação. Não estou tão louco assim.

Amara bufa alto, e sei que Joshua está lançando um olhar furioso para a esposa, me defendendo discretamente. Mas entendo a incredulidade dela. Não tomei as melhores decisões no passado e, assim como meu melhor amigo — e também o mais antigo —, ela testemunhou vários momentos em que não usei muito a cabeça. Só para citar alguns deles: tentar adotar um bando de gatos selvagens aos cinco anos, praticar snowboard de olhos vendados aos onze, invadir a adega do meu avô, aos catorze, para roubar uma garrafa que, no fim, descobri que tinha séculos de idade; e "acidentalmente" incendiar parte da minha casa ancestral no meu aniversário de dezessete anos. Joshua sempre estava lá tentando me dissuadir de tudo isso, ao mesmo tempo que me incentivava.

Eu não diria que sou irresponsável, mas nem sempre meço as consequências das coisas antes de tomar decisões. É por isso que Joshua é minha voz da razão, aquele que me puxa com carinho para longe do abismo, e Amara é… bom, Amara está lá para me dar um tapinha no ombro depois que eu pulo do penhasco e dizer: "Eu avisei."

— Embora eu não goste do fato de você ter se casado bêbado com uma estranha — diz ela —, sou obrigada a admitir… você poderia ter arrumado coisa muito pior do que a Stella Margaux. Os macarons dela são de *comer rezando*! Ai, pergunta pra Stella quando ela vai abrir uma loja em Londres? Não quero ter que voar pra Paris toda vez que precisar de um macaron.

— Porra, Amara — repreende Joshua. — Não foge do assunto.

— Que foi? — retruca ela. — Ela é esposa dele agora! Ele precisa saber tudo sobre a carreira e as aspirações dela. E eu espero que isso inclua abrir uma loja a cinco minutos da nossa casa.

Posso não me importar muito com a parte da loja de macarons, mas Amara está certa. Stella é mesmo minha esposa… e tem muita coisa que preciso aprender sobre ela se quisermos que isso funcione.



Ouço uma batida à porta pontualmente às nove da manhã.

Saio do banheiro com uma toalha na mão para secar o cabelo, abro a porta para Stella e dou um passo para trás, convidando-a a entrar. Ela mandou uma mensagem ontem à noite dizendo que passaria aqui de manhã para continuarmos nossa conversa, mas está me encarando como se estivesse surpresa por me encontrar.

— Bom dia. — Ela me saúda de forma cautelosa e fixa os olhos em meu peito nu. Quando volta a erguê-los, juro que vejo uma faísca de atração ali, mas me distraio quando ela levanta uma bandeja de papelão com bebidas na frente do rosto. — Trouxe a bebida do seu povo: chá.

— Ah. — Não sei como dizer a ela que, na verdade, sou mais chegado a café com leite. Pelo que conheci dela até agora, é bem provável que teria um dia de glória se ouvisse essa combinação de palavras. — Ah, obrigado pela gentileza.

Ela solta uma risadinha irônica e enfia a bandeja no meu peito.

— Tô zoando, são dois lattes com quatro doses de espresso. — Ela me contorna e entra na suíte, tomando cuidado para que não haja nenhum

contato físico entre nós. — Estou com a sensação de que vamos precisar de cafeína.

Ela vai até a sala de estar, deixando-me envolto em seu doce aroma. Eu deveria me envergonhar de como meus olhos percorrem as costas dela e descem até os quadris balançando, mas a bunda dela fica linda demais nessa saia justa marrom-escura. Ela combinou a peça com um suéter creme e, mesmo estando coberta dos joelhos ao pescoço, as roupas se ajustam perfeitamente ao seu corpo nos lugares certos.

É uma roupa bem profissional. Aposto que é o que ela usa no escritório no dia a dia. No entanto, isso não me impede de sentir uma vontade louca de esticar a mão e subir a saia dela até os quadris para ver em detalhes o que tem ali por baixo.

Ainda não entendi muito bem por que a gente não transou. Era para *isso* que tudo estava se encaminhando, e mesmo assim, de alguma maneira, acabamos nos distraindo tanto que caímos no sono ainda vestidos depois de recitar os votos matrimoniais.

Mas agora que ela é minha esposa… bem, talvez possamos consumar essa união em breve. É o que nós dois queríamos desde o início. Só vamos acabar chegando lá um pouco mais tarde do que planejamos.

Fecho a porta da suíte, vou até o quarto para tirar a toalha e pegar uma camiseta, depois me junto a Stella na sala de estar. Ela já se estabeleceu na mesinha de jantar perto das janelas, que vão do chão ao teto, e começou a vasculhar a bolsa de couro cara que trouxe pendurada no ombro. Coloco as bebidas na frente dela antes de vestir minha camiseta. Quando passo a cabeça pela gola, encontro-a me encarando — ou, melhor dizendo, encarando meu abdômen. Não resisto à vontade de contrair os músculos antes de passar os braços pelas mangas, interrompendo sua concentração. Ela pestaneja uma vez, depois outra, antes que seu olhar atordoado encontre o meu.

— Desculpa por acabar com o show — provoco, e me sento em uma cadeira na frente dela. — Achei melhor não perdermos mais tempo.

Ela pigarreia e joga o cabelo para trás, forçando uma expressão de frieza de volta ao rosto. A mulher diante de mim é diferente daquela que conheci na sexta-feira à noite. Aquela estava me caçando, querendo me conquistar para me colocar em sua estante de troféus. Já essa aqui é uma mulher de negócios que não tem a menor intenção de dar trela para as minhas piadas.

— Você tem razão, melhor não perdermos tempo — concorda ela. — Temos muito o que discutir, incluindo regras básicas para este relacionamento.

Ergo uma sobrancelha.

— Regras básicas? Você tá levando isso bem a sério mesmo.

— Considerando que minha reputação e meu sustento estão em jogo, é o que eu deveria estar fazendo, sim.

Abro um sorriso constrangido. Seria muito legal se eu parasse de falar merda.

— Entendi. Bem… — Abro as mãos, concedendo a palavra a ela. — Vamos começar, então. Quais são as suas regras?

Ela umedece os lábios, e meus olhos são atraídos para eles de imediato. Fixo meu olhar ali até ela perceber que esse gesto não é inocente. Pelo jeito como ergue o canto da boca, ela percebe. Beleza, então. Estamos em pé de igualdade nessa admiração mútua.

— Regra número um — começa ela, pomposa. — Sem segredos. Contamos tudo um para o outro, não importa se for algo grande ou pequeno. Nada disso vai funcionar se ficarmos de segredinhos. Não quero ser pega de surpresa se me perguntarem algo sobre você que eu deveria saber.

Faz sentido, e não é como se eu tivesse algo a esconder. A maior parte da minha vida é exposta para o mundo todo.

— Mas precisamos combinar de manter certos detalhes apenas entre nós — acrescento. — Tenho certeza de que ambos temos coisas que precisam permanecer confidenciais.

Ela concorda com a cabeça.

— Vamos deixar isso bem claro desde o início.

Por mim, tudo bem. Talvez seja até agradável ter outra pessoa em quem despejar tudo que está acontecendo na minha vida além de Joshua e Amara.

Faço um gesto para Stella continuar.

— Regra número dois: nossa parceria é igualitária. — Ela me encara com um olhar severo, como se estivesse esperando que eu fosse rejeitar a ideia. — Nenhum de nós deve ter que ceder ou oferecer mais do que o outro. Nossas respectivas carreiras são importantes, e obviamente vêm antes de qualquer coisa, mas uma não deve se sobrepor à outra.

Dou de ombros. Não vejo por que isso precisa ser uma regra. É puro bom senso.

— Certo, entendi.

Stella me observa por um instante, como se não estivesse acreditando que estou concordando tão facilmente. Ou talvez pense que estou concordando com o que ela quiser só para acabar logo com a conversa e ignorar tudo depois. Não estou e não vou, mas acho que ela não tem como saber disso.

— Ótimo — afirma ela, devagar. — Tenho só mais uma regra.

Mais uma vez, aguardo ansioso pela próxima observação sensata. Já estou até esperando que vá ser algo do tipo *vamos manter nossas contas bancárias separadas* ou *vamos dividir os feriados com as famílias de maneira justa.*

— Número três: nada de sexo.

Cambaleio num tropeço metafórico ao ser atingido pelas palavras e me recosto na cadeira.

— É o quê?

— É óbvio que nos sentimos atraídos um pelo outro — continua ela, como se já esperasse essa reação. Este é um fato inegável, considerando o quanto ela me observa e como não consigo tirar da cabeça a ideia de dobrá-la em cima dessa mesa e terminar o que começamos na outra noite. — Mas não quero que as coisas fiquem ainda mais complicadas quando tivermos que nos afastar.

— E você acha que *transar* vai deixar tudo mais difícil? — insisto, tentando não soar um babaca presunçoso que espera que a esposa durma com ele. O problema é que… eu *esperava mesmo* que a gente fosse transar, ainda mais porque foi o tesão que nos colocou nessa situação. — A gente não pode ter uma relação sem compromisso?

Ela balança a cabeça.

— Melhor prevenir do que remediar. Além do mais, seria melhor se a gente mantivesse toda a intimidade física, como toques e beijos, só para demonstrações públicas de afeto. Vai servir exclusivamente para vendermos nosso relacionamento para os outros.

Sinto como se alguém tivesse puxado todo o ar dos meus pulmões. Será que eu estava mesmo tão errado assim em pensar que esse arranjo estaria mais próximo de uma *amizade colorida* do que de *ter uma esposa que eu só posso tocar quando outras pessoas estiverem olhando*?

— Você tá planejando praticar celibato durante o tempo todo que estivermos juntos? — pergunto, em desafio.

Porque esse acordo vai tomar *um ano* da nossa vida.

Ela trinca os dentes e relaxa o maxilar outra vez antes de responder:

— Não necessariamente.

— Então você está pensando em me *trair*?

Eu pareço indignado, mas é porque *estou mesmo*. Esse relacionamento pode até não ser de verdade para nós, mas vai ser para quase todo o resto do mundo. Procurar gente para transar arruinaria a ideia e colocaria tudo em risco. Ela não pode estar falando sério. Não deve estar percebendo que isso pode *piorar* nossa imagem.

É a vez de Stella de se recostar na cadeira, os olhos arregalados e os lábios carnudos retorcidos.

— Não é traição se não estivermos juntos de verdade. E você também vai ter permissão pra fazer o que quiser com quem quiser, desde que tudo fique em segredo.

— Isso é uma piada, cacete?

E ela parece mesmo estar prestes a rir, contraindo o rosto de um jeito que revela seu esforço para não ceder.

— Cara, você é *tão* britânico — diz, finalmente.

Eu levanto as mãos, indignado.

— Tá, tá! — Ela estende as próprias mãos e me impede de sair da mesa. — Podemos deixar essa parte de lado por enquanto e reavaliar depois, mas acho, de verdade, que a regra de não fazer sexo vai ser boa para nós dois.

Solto um suspiro e me forço a entender os motivos dela. Eu consigo separar sexo de sentimentos, mas para ela pode ser mais difícil fazer essa distinção, e talvez não queira arriscar por ter acabado de sair de um relacionamento. Eu entendo isso. E respeito.

Mas, porra, vai ser um ano bem longo e complicado.

— Tá bom — digo, a contragosto. — Nada de sexo. E se quisermos sair com outras pessoas, conversamos sobre isso primeiro.

Ela acena com entusiasmo, feliz por ter me convencido.

— Exatamente. É tudo uma questão de comunicação.

Não digo nada enquanto ela brinca com o conjunto de delicados colares de ouro que está usando, mas, antes que qualquer um de nós consiga quebrar o silêncio tenso, o celular dela vibra na mesa. Vislumbro na tela uma notificação de calendário entre dezenas de outras. Minha esposa é claramente uma mulher ocupada e muito requisitada.

— A gente deveria compartilhar as agendas — sugiro, porque, do contrário, não sei como vou conseguir dar conta da agenda dela e da minha.

Ela ergue os olhos, fazendo uma careta.

— Meu Deus, a gente se casou mesmo, né?

Isso me arranca uma risada, e Stella relaxa os ombros, que estavam praticamente grudados nas orelhas.

— Uma família de verdade.

Ela faz uma careta exagerada e pega o copo de café, claramente para esconder um sorriso, e percebo um indício dele antes do primeiro gole.

— Enfim… — diz ela, abaixando o copo. — Agora que já expus minhas regras, você tem algo a acrescentar?

— Acho que você deu conta de tudo. — Melhor do que eu teria dado, pelo menos. — E agora, o que a gente faz?

Fico mais do que contente em deixá-la assumir o controle e, a julgar pela animação que vejo, ela também está satisfeita.

Mas minha animação diminui quando ela tira um papel da bolsa com o título *Cem perguntas para fazer ao seu futuro cônjuge.* Parece um pouco tarde para isso, considerando que já somos casados, mas acho que pulamos alguns passos importantes. Ou cem.

Stella me lança um olhar determinado.

— É hora de a gente se conhecer.



Se eu *nunca mais* tiver que falar sobre mim de novo, ainda vai ser pouco tempo para me recuperar. Só que, para piorar ainda mais o meu azar, hoje tem coletiva de imprensa — o dia na semana de corrida em que nos sentamos para dar entrevistas e criamos conteúdo para as redes sociais das nossas equipes —, e isso é basicamente tudo que se espera de mim pelas próximas horas.

A ideia de *nos conhecermos melhor* de Stella consistia em me fazer perguntas contundentes como *qual é a sua linguagem do amor?* e *como você reage a situações estressantes?* por várias horas seguidas. Muitas das minhas respostas foram *eu deveria saber o que é isso?* e dar de ombros sem fazer ideia do que dizer, até que ela se cansou e alegou que tinha recebido uma ligação de trabalho inadiável. Mas considerando que era domingo, tive quase certeza de que ela inventou essa desculpa para se afastar de mim.

Não nos vimos na segunda-feira. Tive que me encontrar com minha assistente, meu gestor de carreira e meu técnico de desempenho, que tinham acabado de chegar à cidade, e começar a me preparar para a semana. Stella estava ocupada apagando os próprios incêndios no trabalho de forma remota, inclusive conversando com o conselho — tarefa que se tornou mais difícil por estar presa em Las Vegas comigo. Ela poderia até ter pegado um voo de volta para Washington, mas não imagino que isso teria sido conveniente. Até agora, não acho que estamos fazendo justiça à regra dois.

Terça-feira foi mais do mesmo, mas conseguimos ao menos marcar uma ligação para fazer atualizações, botando a regra um em ação. Contei a ela como minha assistente quase chorou de rir quando contei a notícia do nosso casamento. Em troca, ela compartilhou que a própria assistente dela lhe enviou uma lista dos melhores advogados de divórcio em

Nevada. Será que começamos bem essa coisa de convencer as pessoas de que nosso relacionamento é genuíno? Acho que não muito.

Apesar disso, passei horas escolhendo uma aliança para Stella. Se ninguém acreditar nas nossas palavras, talvez sejam convencidos por um diamante enorme no dedo dela.

— Ainda não consigo acreditar que você agora é um homem casado.

Levantando os olhos da tigela de frutas que estou tentando comer antes de ir para a coletiva de imprensa dos pilotos, encontro meu companheiro de equipe sentado à minha frente, balançando a cabeça.

— Achei que ficaríamos solteiros pra sempre — lamenta ele, alto o suficiente para fazer todos no motorhome da McMorris ouvirem. — Como você pôde me trair assim?

Aos vinte anos de idade, Arlo Wood é um prodígio do automobilismo e é conhecido por seus bonés virados para trás, correntes de ouro e uma carreira no streaming à qual, não sei como, ele tem tempo para se dedicar além da Fórmula 1. A McMorris contratou esse carinha de Manchester há dois anos, e ele está no meu encalço na pontuação desde então. Ele é um babaca, mas do tipo carinhoso: o irmão mais novo que nunca tive. No entanto, na maioria das vezes, eu preferiria que ele só calasse a boquinha.

— Ao contrário de você, eu não tenho uma reputação de galã adolescente pra manter — respondo, empurrando minha tigela para longe e conferindo o relógio.

Ainda tenho dez minutos antes de ir até a sala de imprensa. Dez minutos até ter que encarar um bando de repórteres que me odeiam. Gostaria de poder mandar Arlo no meu lugar, mas fomos forçados a nos revezar, e foi ele quem participou da coletiva de imprensa na última corrida.

Arlo pestaneja na minha direção. Tem olhos castanhos grandes que me fazem lembrar um bezerrinho, arregalados e inocentes, o que é irônico, já que ele é tudo, menos inocente.

— Agora você é só mais um velho casado — diz ele, com um ar de tristeza, mas logo se anima. — Mas nunca imaginei que você fosse do tipo que se casaria em Las Vegas. Talvez não seja tão sem graça quanto eu pensava.

Contenho um sorriso.

— Não enche o saco. Eu sou bem divertido.

— Isso vindo do babaca engomadinho com a camisa abotoada até o queixo.

Olho para minha camisa polo com a logo da McMorris.

— O que tem de tão errado nisso?

Arlo resmunga.

— Se você precisa perguntar…

Antes que eu possa responder, o piloto reserva da McMorris se aproxima da nossa mesa e cumprimenta Arlo com um toca-aqui barulhento. Como de costume, Finley Clarke me ignora e começa a conversar com Arlo sobre algum assunto da internet do qual eu não faço ideia, e fico assistindo aos ex-companheiros de equipe de F2 demonstrarem toda a proximidade que têm.

A McMorris contratou os dois ao mesmo tempo, embora apenas um tenha conseguido a posição desejada de piloto principal da equipe ao meu lado. Não é segredo para ninguém que Finley está desesperado pela minha vaga. Todo piloto reserva quer uma chance de fazer parte do espetáculo, e ninguém quer continuar desempenhando a tarefa ingrata de só tomar o nosso lugar se algum dia não pudermos competir.

Mas ele vai ter que continuar esperando, pois não tenho planos de sair. E sejamos honestos: é a *minha* vaga que ele quer, assim ele e Arlo podem voltar a ser companheiros de equipe. Eu sou a pessoa que está impedindo a realização de seus sonhos e aspirações.

E isso não vai mudar, porque atualmente um dos maiores patrocinadores da McMorris é a A. P. Maxwell International, cuja logo está estampada embaixo do escudo da equipe na minha camisa, imponente. Eu gero lucro demais para eles me substituírem por alguém que garante menos recursos para a equipe. Mas se por um acaso encontrassem alguém que fosse tão rentável quanto eu… bem, minha vaga estaria ameaçada.

Nenhum dos garotos percebe quando me levanto da mesa. Um aceno rápido para minha assessora de imprensa em uma mesa do outro lado da sala a faz me encontrar na porta. Ela me informa das possíveis perguntas dessa coletiva de imprensa: como estou me sentindo ao entrar na penúltima corrida da temporada, se acho que a McMorris pode ficar em terceiro lugar no Campeonato de Construtores e vencer a D'Ambrosi e assim por diante.

Ela fica hesitante quando menciona que provavelmente vão se concentrar no meu casamento-relâmpago, mas isso eu já estava esperando. Às vezes, as fofocas de fora das pistas são muito mais interessantes do que os dramas do próprio esporte.

E nossas suspeitas se confirmam quando Steven Watters, que está nos entrevistando, dirige a primeira pergunta a mim, mesmo com quatro pilotos muito mais interessantes sentados ao meu lado no sofá.

— Thomas, o paddock inteiro só fala das fotos que vazaram no fim de semana mostrando seu casamento aqui em Las Vegas — diz ele,

praticamente salivando, pois sabe que é o primeiro a me perguntar sobre o assunto. — O que te fez querer se casar logo antes de uma corrida tão importante? Como todos sabemos, a McMorris está logo atrás da D'Ambrosi na pontuação e tem chances reais de ultrapassá-los no Campeonato de Construtores. O casamento foi uma distração?

Tento ignorar os flashes das câmeras e a ansiedade dos jornalistas para ouvir o que tenho a dizer.

Bem, Steven, eu queria poder dizer a ele, *eu estava bêbado e uma mulher muito bem-sucedida, com uma boca linda e bem safada, me seduziu. A última coisa em que eu estava pensando era no meu trabalho.*

Só que em vez disso, levanto o microfone e digo:

— Stella e eu achamos que não havia motivos para esperar. Queríamos nos casar o mais rápido possível e, considerando que nossas agendas são malucas… afinal, ela é uma empresária de muito sucesso, como você deve saber… achamos que não havia hora ou lugar melhor do que aqui em Las Vegas. — Abro meu sorriso mais charmoso para a plateia. — E, pra falar a verdade, ter me casado tão rápido permite que minha concentração se volte toda para este fim de semana e para o que está em jogo.

Steven obviamente quer me pressionar para obter mais detalhes, mas é interrompido por Dev Anderson, que agarra a mão de Reid Coleman e declara que também gostaria de anunciar o casamento deles.

— Podemos até disputar corridas por equipes diferentes — diz Dev, com um sorriso tão largo que fico surpreso por caber em seu rosto. — Mas nosso amor é verdadeiro.

Reid revira os olhos e recolhe a mão com força, embora não pareça irritado de verdade. Estamos todos acostumados às palhaçadas de Dev. Ele anda um pouco mais insuportável agora que saiu de uma das piores equipes do grid para uma das melhores — se não *a* melhor —, mas pelo menos nos gera entretenimento. A equipe Mascort tem sorte de tê-lo contratado para substituir seu piloto número um, Zaid Yousef, enquanto ele se recupera das fraturas nos punhos que sofreu no acidente em Singapura.

— Não acho que sua namorada vá gostar de te ouvir dizendo isso — comenta Reid, antes de voltar sua atenção para Steven. — Será que podemos falar sobre a corrida agora, por favor?

Steven fica vermelho e pigarreia.

— Ah, é. Sim, claro. Como mencionei antes, Reid, a McMorris e a D'Ambrosi estão quase empatadas na pontuação. Você acha que a D'Ambrosi vai conseguir abrir mais vantagem depois deste fim de semana?

Reid, vestido com o vermelho da equipe D'Ambrosi da cabeça aos pés, não olha para mim ao responder.

— Temos um carro bastante promissor que deve ter um bom desempenho nessa pista. Há uma boa chance de conseguirmos ampliar nossa vantagem, mas temos um calouro na equipe que ainda está se acostumando com o carro. Isso com certeza dificulta as coisas.

O que ele não está dizendo é que o homem que deveria estar naquele outro carro da D'Ambrosi, Lorenzo Castellucci, provavelmente nunca mais vai pilotar. E, mesmo que eu não tenha tido nada a ver com aquele acidente, minhas palavras duras pairam sobre cada menção a Lorenzo como uma nuvem tempestuosa. O pior é que Reid não chegou a falar diretamente comigo desde o ocorrido. Pelo jeito, o protocolo da Scuderia D'Ambrosi é me evitar.

Mas tudo bem. Acho que é a primeira vez desde Singapura que a primeira pergunta que me fazem não é em relação a Lorenzo ou ao meu desabafo raivoso. Meu casamento e meu romance-relâmpago são o novo assunto do momento.

E se falar sobre Stella é a chave para me livrar das críticas, então vou me gabar da minha esposa em todas as conversas, de agora até o dia em que nos separarmos.



CAPÍTULO 13

Stella

Vou ser bem sincera: se alguém tivesse me perguntado a diferença entre Fórmula 1 e nascar antes desta semana, eu não saberia responder. Mas sempre fui uma aluna nota dez e, além disso, sou terrivelmente competitiva, então não fiz nada além de estudar durante os intervalos entre reuniões e teleconferências nos últimos dias. Eu já poderia muito bem fazer parte da equipe dos boxes a essa altura.

Nenhum vídeo no YouTube ou página da Wikipédia, porém, poderiam ter me preparado para estar, de fato, em uma corrida.

Talvez não tenha sido a *melhor* das decisões ir logo ao Grande Prêmio de Las Vegas na minha primeira vez. Para começo de conversa, a corrida é no sábado à noite em vez de domingo, o que aparentemente não é o normal, e, como Thomas já tinha me avisado, trata-se de um Grande Prêmio meio turbinado.

Vejo isso em primeira mão enquanto entramos lentamente em uma área de estacionamento isolada depois de uma viagem em que devemos ter atingido a impressionante velocidade de um quilômetro e meio por hora enquanto Thomas tentava driblar o trânsito para chegar até aqui. Entre as luzes de neon piscantes, a multidão tirando fotos e o caos generalizado, começo a duvidar da minha decisão de fazer desta a nossa primeira aparição pública. Talvez eu devesse ter vindo para o dia da coletiva de imprensa ou para os treinos, quando as coisas estariam muito mais calmas, mas decidimos que o dia da corrida seria o momento mais significativo para oficializarmos nosso relacionamento diante do público.

A nova aliança em minha mão esquerda está frouxa o suficiente para que eu possa girá-la no dedo, um tique nervoso que adquiri no curto

período desde que Thomas a colocou na minha mão.

— Acho que Cartier combina um pouco mais com você do que Krispy Kreme — brincou ele quando nós dois contemplamos o diamante brilhando à luz do meu quarto de hotel. — Mas posso te dar outro donut, se quiser.

— Prefiro diamantes — respondi, sem conseguir desviar o olhar da aliança.

Mesmo agora, enquanto a giro sem parar, ainda me surpreendo com o quanto gosto mais dela do que daquela que Étienne me dera. O diamante solitário desta aqui é tão grande quanto o da outra, mas o aro dela é fino e dourado; minha primeira aliança era grossa, de platina, cravejada de pedras. *É ousada e escandalosa, assim como você*, dissera Étienne ao enfiar a aliança um pouco apertada demais no meu dedo. Quase dei risada quando Thomas disse o oposto.

— Espero que eu não tenha exagerado — disse ele, preocupado. — Sei que você disse que não se importava com o que eu escolhesse, mas imaginei que gostaria de algo mais clássico. Nada muito escandaloso. E com um aro de ouro porque todas as joias que vi você usar são de ouro.

É bem doido que um cara que conheci há pouco mais de uma semana saiba mais dos meus gostos do que um homem com quem estive por cinco anos. Que ele tenha prestado tanta atenção que chegou a captar um detalhe pequeno como meu gosto por joias.

— Na medida — respondi, com a voz embargada.

Trocamos só algumas palavras desde que saímos do meu quarto. Fico tentada a fazer umas piadas sem graça para aliviar a tensão, mas não consigo pensar em nada. Mordo os lábios e observo Thomas estacionar o McMorris esportivo e rebaixado em uma vaga, girando o volante com a base da mão como se não fosse nada de mais. E suponho que não seja mesmo, para um homem prestes a correr a uma velocidade vertiginosa.

Já vejo fotógrafos circundando o carro, tirando fotos nossas através dos vidros escuros. Uma parte de mim quer se virar para Thomas e exigir que ele me leve de volta ao hotel, embora, felizmente, haja uma parte mais corajosa que me faz passar a língua pelos dentes para garantir que não tenha batom neles e, em seguida, deslizar para fora do banco do carona. Meu sorriso fica ainda mais brilhante que o flash das câmeras.

Por dentro, no entanto, estou uma bagunça e morrendo de medo. Tenho certeza de que Thomas consegue sentir isso, ainda mais quando entrelaço minha mão na dele.

Uma expressão de choque perpassa seu rosto ao sentir o contato.

— Nossa — suspira ele —, seus dedos estão *congelando*.

Quase solto a mão dele por instinto. As palavras que acabou de dizer me lembram de Étienne da pior maneira possível, no pior momento possível. Acho que dessa vez prefiro ser a parte que desiste, e não a rejeitada, ainda mais na frente de todas essas câmeras. Mas, antes que eu consiga fazer qualquer coisa, Thomas pressiona minha mão contra o peito, mantendo a dele por cima para aquecê-la. A aliança de ouro que ele está usando brilha sob os refletores.

— A gente precisa mesmo te arranjar umas luvas — comenta ele, mais para si mesmo do que para mim. — Eu deveria ter trazido, me desculpa. Não imaginei que fosse fazer tanto frio hoje.

Ele me encara para verificar se estou bem, mas a surpresa diante de suas ações me impede de responder. Ele deve duvidar do meu bem-estar, porque me lança um sorriso tranquilizador logo em seguida e então elimina a pequena distância entre nós para falar no pé do meu ouvido.

— Só respira — diz ele, e respiro fundo ao seu comando, sentindo o cheirinho de limpo que emana dele junto com o ar frio da noite. — Estou bem aqui ao seu lado.

As palavras dele servem de alívio ao nervosismo, e avanço confiante quando ele me guia em direção ao controle de segurança do paddock. Nós dois acenamos e sorrimos para os funcionários ao batermos nossos crachás nos sensores do posto de controle. O fato de eu ter um passe VIP preso num cordão no pescoço me dá vontade de rir, porque quem poderia imaginar que eu acabaria numa situação dessas?

Não que eu não esteja familiarizada com tapetes vermelhos e eventos de gala, mas isso aqui não é um eventinho qualquer, apesar das poucas celebridades que já vi. Estou aqui para apoiar meu marido — *meu Deus*, ainda é uma loucura dizer isso — no trabalho dele. Meu papel hoje é o de esposa dedicada, do tipo que fecha a boca, sorri e fica esperando na lateral do campo… ou seja lá como se chama a lateral do campo no automobilismo.

Thomas e eu combinamos de entrar juntos para sermos vistos por fotógrafos e fãs, mas depois disso eu me esconderia na suíte de cortesia da McMorris. A ideia me parece perfeita, porque assim que adentramos o caos do paddock, eu me dou conta de que é… meio demais mesmo. Barulho demais, pessoas demais e coisas demais acontecendo ao mesmo tempo, tantas que nem sei em que me concentrar. Mas também percebo que estamos chamando bastante atenção.

— Todo mundo tá olhando pra você — murmuro discretamente, mantendo um sorriso performático, mas agradável, no rosto.

Thomas dá de ombros levemente, como se toda essa confusão fosse normal.

— Você acaba se acostumando.

Não sei se acredito.

— Tá falando sério?

— Ah, você aprende a ignorar — corrige ele, levantando a mão e abrindo um sorrisão para alguém do outro lado da rua movimentada. — E acaba aprendendo a lidar com isso. Faz parte do jogo.

E eu achando que já estivesse jogando o jogo, embora claramente não. Este aqui é um nível bem diferente.

Ele cumprimenta todos por quem passamos, desde fãs com acesso ao paddock até membros de equipes rivais. Faz brincadeirinhas com algumas pessoas usando uniformes vermelhos, brancos e azuis horríveis e dá um tapinha bem-humorado no ombro de Dev Anderson. Chega até a parar e tirar uma foto com um grupo de crianças que não devem ter mais de oito anos e já eram para estar na cama a essa hora. Para uma pessoa que supostamente é odiada, ele está se saindo muito bem por aqui, a meu ver.

Mas isso muda quando um grupo de pessoas usando uniformes vermelhos da cabeça aos pés passa ao nosso lado, e tudo que Thomas recebe quando tenta lhes oferecer um sorriso é um silêncio frio e olhares de desgosto.

— Deixa eu adivinhar — murmuro. — Essa aí é a equipe da Scuderia D'Ambrosi?

Eu já sei que é, até porque reconheci muitos dos rostos e cores das equipes até agora (fiz minha pesquisa). Mas o suspiro de Thomas e os ombros caídos que vejo me informam mais sobre a situação do que qualquer site ou artigo poderia ter dito.

— Nem *todos* me odeiam — diz ele, tentando me tranquilizar, embora fique óbvio que está dizendo isso mais para convencer a si mesmo do que a mim. — Reid Coleman, o outro piloto deles, sabe que eu não estava falando sério quando disse aquilo. Ainda assim, ele também anda me ignorando, então não posso dizer com certeza que ele não foi convencido a me odiar.

Registro esse detalhe. Pode nunca vir a ser relevante, mas talvez seja bom conhecer a dinâmica entre ele e os outros pilotos.

— Já tentou fazer as pazes com o cara de quem falou mal? — pergunto, chegando ainda mais perto dele ao passarmos por um grupo com os celulares a postos, gravando cada movimento nosso.

Thomas balança a cabeça.

— Pedi desculpas e me expliquei depois que o vídeo vazou, e ele deu risada na minha cara, mas não consegui entrar em contato com ele desde o acidente. Acho que nenhum piloto conseguiu. O pessoal da D'Ambrosi finge que eu nem existo, como você acabou de testemunhar, então não posso perguntar nada a eles também. Queria só saber como ele está.

Vejo um novo sorriso forçado tomar conta do rosto de Thomas. Ele não está feliz com a situação, e eu não ficaria surpresa se a culpa o estivesse corroendo. Ele provavelmente se odeia mais do que qualquer outra pessoa por aí jamais o odiaria, e o aperto no peito que sinto ao pensar nisso quase me faz tropeçar.

— Tem alguma coisa que eu possa fazer?

Um vinco de surpresa surge entre suas sobrancelhas, mas logo desaparece.

— Não, acho que não. Mas agradeço a oferta.

Assinto, tentando pensar em como poderia ajudá-lo, mas sou arrancada de meus pensamentos quando ele me faz parar em frente a uma escada que leva ao motorhome de hospitalidade da McMorris com o nome da equipe iluminado em luzes neon verdes.

— A menos que esteja querendo fazer um tour pela garagem, é aqui que nos separamos — diz ele, e retiro minha mão da dele com o coração acelerado.

Mas, em vez de só dar um tchau e deixar eu me virar sozinha, Thomas segura meus ombros e me encara, esperando por uma resposta. Olho para o paddock ao longe, na direção dos fundos das garagens, e fico vendo o entra e sai de membros das equipes. Um tour envolveria ser apresentada a todos que trabalham lá, então isso é um grande *não, obrigada*.

— Acho que prefiro me esconder agora, se não tiver problema — respondo, estranhamente reconfortada pelo toque de suas mãos.

Ele já as usou em lugares bem menos apropriados, e mesmo assim fico meio derretida.

Talvez ele esteja fazendo isso só para as câmeras, talvez seja apenas um cara sensível que não perde muito tempo pensando nessas coisas. Seja lá o que for, sou grata pelo toque.

— Totalmente compreensível. Vou pedir pra minha assistente te levar até a suíte. — Thomas olha ao redor, franzindo a testa à procura de alguém. — Ela disse que nos encontraria aqui, mas… Ah, puta merda.

Tomo um susto quando uma mulher praticamente se materializa de repente ao nosso lado. A dona do cabelo escuro não deve ter mais de um metro e meio de altura, mas tem a energia de um *linebacker* de dois metros.

— Você tá atrasado — repreende ela, com os olhos semicerrados. — Era pra ter chegado há meia hora.

Ela está falando inglês, mas levo um segundo para entender as palavras marcadas pelo forte sotaque irlandês. Apesar do tom dela, que um funcionário *meu* jamais teria permissão para usar, percebo que deve ser a assistente dele.

Eu deveria me desculpar, já que sou o motivo do atraso dele. Thomas teria chegado antes se não tivesse que se preocupar em colocar uma aliança em meu dedo. Mas, antes que eu possa falar qualquer coisa, ele se mexe, passando o braço em volta dos meus ombros e me aconchegando ao seu lado.

— Desculpa, Maeve — diz ele, e não parece nem um pouco arrependido. — Stella e eu nos atrapalhamos um pouco. Perdemos a noção do tempo.

Olhos cor de esmeralda se voltam para mim antes de destilarem veneno na direção de Thomas.

— Não vou deixar que jogue a culpa nessa sua esposa linda. Eu já sei que você não sabe ver as horas.

Fico lisonjeada e surpresa ao mesmo tempo. Thomas, no entanto, parece perfeitamente satisfeito com a provocação dela e abre um sorriso genuíno. Meu Deus, acho que ele *gosta* dessas provocações. Não é à toa que entende meu humor.

— Não deixa a marca de relógios que patrocina a equipe ficar sabendo disso — retruca ele, num tom alegre. — Enfim, preciso me apressar. Você se importaria de acompanhar a Stella até a suíte e acomodá-la?

Maeve franze a testa.

— Ela é uma mulher independente e capaz, Thomas. Não aja como se ela fosse uma criança que precisa de alguém a levando pela mão.

— Eu não…

— Mas sim, Stella — continua ela, dirigindo-se a mim. Vejo um brilho em seus olhos comunicando que essa é a dinâmica típica entre os dois, e ela gosta disso tanto quanto ele. — Vai ser um prazer te levar lá para cima. Vou te dar um tempinho com o seu marido para desejar sorte. Ele vai precisar.

Com um pequeno aceno, ela se afasta, e olho para Thomas quase incrédula.

— Nossa, ela é… uma assistente e tanto.

Ele concorda.

— Tenho certeza de que vocês vão se dar bem. Ela também acha ingleses um bando de cuzões.

— Eu nunca disse isso.

— Você é americana, está no seu DNA.

Dou uma risadinha e vejo um vislumbre de satisfação no rosto de Thomas, como se me fazer rir fosse sua nova atividade favorita.

Estou totalmente consciente do braço dele ao meu redor, de que o calor do seu corpo se infiltra no meu. A sacanagem da sexta-feira passada tremula nos cantos da minha mente: a pressão suave da sua boca na minha, a palma larga sob o meu vestido, o peitoral largo junto às minhas costas, nossos corações acelerados em sincronia. Foi tudo tão imprudente, e ainda assim a lembrança me faz responder àquele ato apertando meu braço na cintura dele, sem lutar contra o desejo de abraçá-lo. Eu estaria quebrando minhas próprias regras se não estivéssemos em público. Mas se ele me perguntar, é isso que vou dar como desculpa, mesmo que neste momento eu esteja só ansiando pelo conforto que o contato traz. A gente não precisa ir mais longe do que isso, precisa?

Thomas deve estar conseguindo ler minha mente, ou talvez meus pensamentos estejam apenas estampados no meu rosto, porque seu olhar desce e para na minha boca. Com meus saltos pretos, mais uma vez fico só um pouco mais baixa que ele. É a distância perfeita para um beijo. Para eu levantar um pouco o queixo e ele abaixar a cabeça. Tão fácil. Fácil demais.

O flash de uma câmera me faz piscar e me arranca dos pensamentos que estavam rapidamente se tornando perigosos. Começo a virar a cabeça para ver de onde veio — e para me distanciar do meu marido —, mas os dedos de Thomas em meu queixo me impedem.

Os olhos dele ficam mais escuros sob os holofotes do paddock, mas não menos azuis. Ainda é fácil mergulhar ali, fácil se afogar.

— Vamos dar um show para os nossos espectadores? — pergunta ele, a voz baixa.

Sinto o chão tremer sob meus pés quando um sorriso cúmplice toma conta de sua boca. Luto para me equilibrar, desesperada para retomar a vantagem. Um olhar não deveria ter esse efeito de praticamente me derrubar, *eu* é que deveria estar fazendo isso com *ele*.

— Está me pedindo um beijo de boa sorte, Thomas? — replico por fim, retomando o controle e piscando para fazer charme.

Na verdade, é só para afastar os coraçõezinhos que surgiram em meus olhos.

— Hum, acho que preciso de um, sim — diz ele, me puxando contra si até ficarmos colados.

É bem ousado, muito mais do que eu esperava do sr. Engomadinho estando sóbrio. Precisamos mesmo dar um show, e tem várias câmeras para registrar o momento, mas não parece tão falso quanto deveria.

— Vou acrescentar a proibição de flertes à nossa lista de regras — comento, e ele leva a mão até a minha nuca.

— Qual é, Stella. E em que parte a gente se diverte?

Sinto a boca dele na minha antes que consiga responder, roubando minhas palavras e meu fôlego. Comparado aos nossos beijos anteriores, este é discreto. Até carinhoso. Não tem línguas deslizando uma contra a outra nem mordidinhas nos lábios. Nada de feroz ou dominador. É só um toque casual e rápido que um casal apaixonado compartilharia sem pensar duas vezes, que é exatamente do que precisamos neste momento. Somos nós dizendo: *Claro que isso aqui é pra valer, não tá vendo?*

Ou pelo menos é o que deveria ser, até eu cometer o erro de enrolar meus dedos em sua camisa quando ele começa a se afastar. Não foi minha intenção, acho. Tá, talvez tenha sido, mas está tão *bom* que não quero que acabe assim tão cedo. Será que agora isso é crime?

E fica óbvio que Thomas não se incomoda, já que me puxa para mais perto e me dá mais um beijo com o maior prazer do mundo.

Ainda assim, acaba quase tão rápido quanto o primeiro, nossos lábios se separando lentamente. Sei que preciso trazer de volta meu sorriso performático e agir como se esse tipo de beijo fosse algo que compartilhamos o tempo todo, mas fico ali piscando para ele como se meu mundo inteiro tivesse sido abalado. Tudo por causa de um beijo inocente. Estou perdendo o controle.

Pigarreio e solto a camisa dele, preferindo concentrar minha atenção em alisar o amassado que causei. Igual uma esposa carinhosa faria, não é?

— Isso deve dar sorte suficiente pra te fazer subir no pódio — brinco, surpresa por ainda conseguir usar a voz.

— Acho que é o suficiente até para ganhar a corrida.

Olho para cima ao ouvir o riso em sua voz e o encontro sorrindo para mim com aquele mesmo brilho meio atordoado nos olhos, um brilho que com certeza está nos meus também.

— Calma, calma, não coloque a carroça na frente dos bois. — Dou um tapinha em seu peito novamente. Não que seja necessário, sua camisa já está lisa. É só que... *caramba*, esse cara é forte. — Vai lá e ganha um troféu pra mim. Qualquer tamanho serve.

— Aposto que você não tem essa mesma opinião para tudo.

Solto uma risadinha e cubro o rosto na tentativa de disfarçar, mas Thomas estende a mão para puxar a minha, deixando óbvio o sorriso

que me esforço para esconder.

— O pedido da minha esposa é uma ordem — diz ele, antes de me dar um beijo nos dedos como um verdadeiro príncipe de conto de fadas. — A gente se vê depois da corrida.

Minha mente fica encoberta por uma névoa conforme nos afastamos. De alguma maneira, consigo chegar até onde Maeve está, ignorando o jeito como ela se balança nos calcanhares com as mãos entrelaçadas na frente do corpo, totalmente presunçosa. Ela faz a gentileza de não mencionar o que acabou de ver, preferindo, em vez disso, me instruir a segui-la um pouco mais abaixo no paddock até chegar à entrada das suítes que ficam acima das garagens das equipes.

Sei que não deveria, mas olho por cima do ombro para ver se ainda consigo avistar Thomas. Sinto uma vertigem quando o encontro parado com um grupo de fãs, o sorriso que inspirei persistindo enquanto autografa alguns objetos. É tão cativante que reproduzo aquele mesmo olhar bobo, esperando para ver quanto tempo leva até o sorriso desaparecer do rosto dele, o que significa que não estou prestando a menor atenção por onde ando.

Posso ter pensado que Maeve tinha energia de *linebacker*, mas acontece que quem tem, na verdade, sou eu. A mulher com quem esbarro cambaleia para trás como se tivesse batido em uma parede de concreto, e tenho que estender a mão para impedi-la de cair com força no chão. A cortina de cachos escuros voa em seu rosto e me deixa encarando uma figura sem face vestida de vermelho. Ótimo! Quase matei uma funcionária da D'Ambrosi. Thomas e eu estamos pau a pau quando se trata de fazer essas pessoas nos odiarem. É como se fôssemos feitos um para o outro mesmo.

Afasto esse pensamento e fico olhando para a mulher em busca de ferimentos, mas ela parece bem, graças a Deus.

— Você tá bem? — pergunto, ainda segurando seu ombro enquanto ela usa o braço oposto para colocar o cabelo de volta no lugar. — Mil perdões por isso.

As bochechas de pele marrom dela estão coradas, mas a mulher não me parece chateada depois de eu quase tê-la matado.

— Não, eu é que tenho que pedir desculpas. — Ela se apressa em dizer, os olhos quase na altura do meu peito. Ela tem a mesma altura de Maeve, e com as duas em volta de mim, estou começando a me sentir uma gigante. — Estava ocupada demais tirando fotos e não prestei atenção por onde…

Ela finalmente olha para mim, as palavras morrendo em seus lábios com um pequeno guincho. Arregala os olhos e deixa o queixo pender de

um jeito que até seria desagradável se ela não fosse tão fofa.

— Caramba! — exclama ela, me olhando como se tivesse acabado de encontrar o amor da sua vida. — Você é a Stella Margaux.

Não sou reconhecida com tanta frequência assim, mas às vezes acontece. E tenho certeza de que vai começar a acontecer mais vezes, agora que meu discurso viral assombrará a internet pelo resto da eternidade. Talvez seja de lá que ela me reconhece, embora eu duvide que estaria vibrando de empolgação por conhecer alguém que agiu como uma completa idiota para o mundo inteiro ver.

— Até segunda ordem, sou eu mesma — digo, com um sorriso, rezando para que ela não esteja prestes a mencionar o vídeo.

O rosto dela se ilumina ainda mais, como um raio de sol atravessando o paddock. Tem até covinhas nas bochechas.

— Não acredito que você tá aqui — diz ela, efusiva, as mãos agarrando o celular com o qual provavelmente estava tirando fotos. — Sou uma *grande* fã sua. Estou tendo que me esforçar muito pra não surtar.

Eu diria que ela está se saindo bem, considerando que ainda não tentou me derrubar com um abraço nem começou a chorar. Vi Dev Anderson ter que lidar com uma situação dessas quando chegamos. Seja como for, eu não tenho esse nível de fama, embora ela esteja me olhando como se eu tivesse.

— A propósito, parabéns pelo casamento — continua ela. — Quando vi que você tinha se casado com o Thomas, falei para o meu namorado que estava torcendo pra te ver no paddock.

Tiro a mão do ombro dela e a uso para formar uma moldura em volta do meu rosto.

— Olha eu aqui! — brinco. É sempre um pouco estranho quando alguém sabe tudo sobre mim sem que eu nem ao menos saiba mesmo o nome da pessoa. Olho para o uniforme dela novamente e tento mudar de assunto. — Você trabalha para a D'Ambrosi?

Isso a faz deixar de lado a euforia de fã.

— Sou gestora de redes sociais do Reid Coleman — explica ela, antes de estender a mão para mim. O aperto de mão é firme. — Willow Williams.

— Prazer em te conhecer, Willow.

E é mesmo um prazer. É sempre bom conhecer uma fã dos meus negócios e produtos. Mas, em vez de aproveitar o momento e me contentar com o fato de meus escândalos recentes não terem me afastado do resto do mundo, minha atenção é capturada pela natureza do trabalho dela — na verdade, do empregador dela.

Reid Coleman. Thomas disse que Reid não estava mais falando com ele, não é? Se tem alguém que vai saber alguma coisa a respeito de Lorenzo Castellucci e sua condição, provavelmente é o companheiro de equipe dele.

Thomas pode até ter me dito que não havia nada que eu pudesse fazer para ajudar, mas acho que a solução do problema acabou de trombar comigo.

— Ei — digo, a mão no ombro dela. — Se tiver um tempinho, adoraria se a gente pudesse se sentar e bater um papo…



CAPÍTULO 14

Thomas

Sinto certa paz em estar no grid de largada.

Somos apenas eu, o ronco do motor e a pressão dos meus dedos no volante. Sem distrações. Nenhum pensamento além de dar a largada. A calma antes do caos.

Inspiro devagar, os olhos fixos nas cinco luzes vermelhas acima de mim, e expiro quando todas se apagam.

Largo em quinto e, num piscar de olhos, já estou roda a roda com dois pilotos à minha frente. É uma excelente largada, prova da minha experiência, da competência de um carro projetado pela McMorris e da minha confiança em uma equipe que conheço tão bem depois de cinco temporadas juntos. Tudo isso já chega a ser natural.

Estou em terceiro conforme seguimos pela tangente da primeira curva. Dev está liderando, e Reid pressiona sua asa traseira, mas estou mais preocupado em manter os dois carros que ultrapassei atrás de mim. Vejo um flash azul-marinho e amarelo neon no meu retrovisor antes de avistar o carro da Specter Energy ao meu lado, tentando me ultrapassar enquanto descemos a Las Vegas Strip. Eles são extremamente rápidos nas retas, o que deveria significar que estou prestes a perder uma das posições que ganhei, mas freio tarde no fim da curva seguinte e abro vantagem, mesmo ficando mais vulnerável do que gostaria. Também acelero depressa, abrindo distância enquanto ele me empurra no ar sujo. O intervalo entre nós ainda não é grande, mas já é alguma coisa.

Respiro de alívio quando os dois atrás de mim travam a própria batalha, o que me dá a chance de me distanciar e pisar fundo.

— Bom trabalho — comenta meu engenheiro de pista pelo rádio. Ele nunca é efusivo quando elogia, então essas duas palavras equivalem a

uma celebração histórica. — Arlo perdeu algumas posições na largada. Está em P11.

Quase suspiro de frustração. Meu companheiro de equipe largou em sétimo, e a estratégia para esta corrida era ele me ajudar a defender a quinta posição. Mas percebo que o plano já era, agora que abrimos oito posições de diferença. Ele vai ter que ser muito sortudo para conseguir terminar entre os dez primeiros e realmente dar à nossa equipe os pontos tão necessários no Campeonato de Construtores.

Ou seja, essa responsabilidade agora é toda minha. Fantástico.

Para compensar essa desvantagem, vou ter que ralar para manter a P3. E, meu Deus, que tarefa difícil. Entre manter o piloto da Specter Energy longe de mim depois de dois *safety cars* diferentes nos aproximando e, em seguida, tentar várias vezes alcançar Reid, coloco em prática todas as minhas habilidades. Talvez seja a corrida em que mais me dedico em toda a temporada.

Não que eu estivesse acomodado antes, mas… na verdade, talvez estivesse. Sei que não estava dando o meu melhor nos meses e semanas anteriores ao acidente em Singapura que tirou os três primeiros colocados do Campeonato de Pilotos. Acho que estava dando noventa por cento do que eu realmente era capaz de entregar, porque, no fim, qual o sentido de me dedicar tanto se o resultado não seria melhor? Com eles e seus companheiros de equipe quase sempre à minha frente, o melhor que eu conseguia geralmente era o sétimo lugar. O melhor dos piores.

E, no fim, Zaid Yousef, da Mascort, e Axel Bergmüller, da Specter Energy, eram os únicos que tinham alguma chance de vencer o Campeonato de Pilotos — o título pelo qual cada piloto compete individualmente. Lorenzo era um azarão, disputando o terceiro lugar com Reid. Mas com eles fora da disputa e suas equipes lidando com o caos de preencher essas vagas com outros pilotos, o resto do grid teve a chance de tentar alcançá-los.

Principalmente eu. Ainda não tenho chances de ganhar o campeonato, mas nas últimas cinco corridas subi ao pódio três vezes. Se conseguir manter as coisas como estão, hoje será a quarta. Isso pode nunca mais acontecer, já que Zaid e Axel devem retornar na próxima temporada.

Pergunto ao meu engenheiro onde está o outro carro da D'Ambrosi e faço contas rápidas para calcular quantos pontos a equipe deles ganharia se todos nós terminássemos nas posições em que estamos. Faço uma careta contra o acolchoamento do meu capacete ao perceber que eles ainda estariam à frente da McMorris no Campeonato de Construtores.

Preciso que Arlo prove que esta equipe acertou ao contratá-lo e chegue, no mínimo, em nono.

As voltas são exaustivas, e fico grato pela temperatura estar mais baixa que o normal. As luzes neon brilhantes dos prédios, que se estendem ao nosso redor, se reduzem a um borrão quando passo por eles. Faltando só quinze voltas para o fim da corrida, Reid está na minha mira. Tenho chance de ficar em segundo se conseguir fazer meus pneus, que se deterioram rapidamente, durarem até lá.

— Qual é a distância para o Coleman? — pergunto, quase soando como uma exigência.

A julgar pela pausa, já sei que meu engenheiro vai me dissuadir de tentar alcançar o piloto da D'Ambrosi.

— Mantenha o ritmo — instrui ele. — Nosso foco está nos carros atrás.

Claro que está. Mas hoje eu estou faminto. Quero mais do que um terceiro lugar.

Stella me vem à cabeça nessa hora, as palavras dela se repetindo em minha mente. *Então você perdeu*, provoca ela sem parar. É claro que estava só brincando, disfarçando o fato de ter ficado impressionada, mas a conclusão a que chegou não estava errada. Qualquer coisa que não seja o primeiro lugar é uma derrota. Sei que não vou ficar com o primeiro lugar hoje, mas um degrau atrás… já é alguma coisa.

Respiro fundo e acelero.

Em três voltas, estou em cima dele, para o desgosto do meu engenheiro. Reid se defende com vontade, o que me faz quase colar em seus pneus traseiros enquanto tento ultrapassá-lo duas vezes. Não é a abordagem de corrida mais limpa, admito, mas essa gana, esse desejo, é o tipo de coisa que leva a atitudes imprudentes.

Para o meu azar, meus pneus parecem estar do lado do meu engenheiro, e sou forçado a recuar novamente quando a batalha se mostra intensa demais. É bem capaz de ele dizer "eu avisei" na próxima vez que falar no rádio.

Pelo menos ninguém consegue me ver de mau humor atrás do capacete. É difícil desejar uma coisa que está tão perto, mas não conseguir alcançá-la. E é ainda mais difícil quando sou forçado a assistir Reid desafiar Dev algumas voltas depois e ultrapassar o líder da corrida.

A ultrapassagem significa mais pontos para a D'Ambrosi. Significa que as chances da McMorris de terminar em terceiro no Campeonato de Construtores estão diminuindo.

Isso mostra que, por mais que eu vá segurar um troféu de terceiro lugar no pódio, ainda assim vou ter perdido.



Estou sendo vaiado. Vaias altas. *Bem* altas.

O barulho praticamente se sobrepõe à voz do locutor que me apresenta ao pódio. Sempre admirei a paixão dos devotos da Scuderia, mas neste momento seria bom se eles segurassem um pouco a onda. Por mais limitado que seja meu conhecimento de italiano, consigo entender quando me chamam de *babaca*, *idiota* e — meu favorito — *feioso de merda*. Não posso negar a verdade dos dois primeiros xingamentos, mas do último? Inerentemente falso.

Eles já não gostavam de mim antes de hoje, mas agora gostam ainda menos depois das manobras que fiz para tentar ultrapassar Reid. Pelo menos o queridinho deles provou que é um ótimo piloto.

O que me alivia nessa onda de ódio é que só falta uma corrida para a temporada acabar. Vou ter só mais uma oportunidade de ser publicamente odiado, e aí posso escapar de tudo isso durante as férias de inverno.

As vaias começam a diminuir quando Dev sai e acena para a multidão, os aplausos abafando a hostilidade. E quando Reid finalmente sobe e ocupa o primeiro lugar, só se ouvem gritos, músicas e declarações de amor aos berros.

O hino nacional dos Estados Unidos toca por conta da vitória de Reid — que loucura isso ter acontecido — seguido pelo hino da Itália por conta da Scuderia D'Ambrosi, e então o champanhe estoura. Parabenizo os dois pilotos mais uma vez, e, embora tenha tido a gentileza de me dirigir uns sorrisos e fazer contato visual comigo em alguns momentos, Reid tem o cuidado de manter Dev no meio das nossas comemorações.

E falando no outro americano do pódio, Dev poderia ter vencido esta corrida, assim como poderia ter vencido as últimas três, os GPs de Austin, do México e do Brasil. Em vez disso, a situação dessa noite se repetiu nas anteriores: Reid o ultrapassou em algum momento e venceu.

Para a maioria, isso não pareceria suspeito, afinal, Reid é mesmo um piloto incrível e está na D'Ambrosi há anos, enquanto Dev ainda está se adaptando a um carro novo e aprendendo a forma como a Mascort opera. É incrível que Dev tenha conquistado uma série de segundos lugares depois de ser escolhido para substituir Zaid Yousef a sete corridas do fim da temporada. Não é fácil mudar para um carro completamente diferente depois de pilotar pela mesma equipe terrível por anos. Erros podem (e vão) ser cometidos.

Mas eu sei que Dev também é um piloto excelente. Ele, Reid, Axel e eu fomos todos calouros na F1 na mesma temporada, e ele nos venceu na disputa pelo título de Calouro do Ano. Tinha uma pontuação bastante consistente na Argonaut, sua antiga equipe, mesmo que o carro deles fosse quase um trator. Ele conseguiu até *vencer* uma corrida pilotando aquele trambolho de fibra de carbono nesta temporada. Não deveríamos esperar nada menos dele do que uma vitória atrás da outra, agora que está pilotando um carro cem vezes melhor. Ele é capaz disso.

Só que na corrida de hoje, fiquei ainda mais desconfiado de uma coisa: Dev e Reid estão de conluio. Porque depois de todos os pontos que Reid acumulou nos últimos tempos, se vencer a última corrida da temporada na semana que vem, em Abu Dhabi, vai conquistar o Campeonato de Pilotos por um triz.

Não sou maluco de confessar minhas suspeitas em voz alta, mas as fofocas já começaram a rodar por aí, e nem partiram de mim.

Depois que as comemorações do pódio terminam, volto para a sala de descanso para relaxar por alguns minutos antes de entrar na coletiva de imprensa pós-corrida com Dev e Reid. Cumprimento os membros da McMorris e os agradeço enquanto passo pela garagem, abraçando e dando tapinhas nos ombros das pessoas que foram incríveis durante toda a temporada. Mas paro de repente quando Finley Clarke surge em meu caminho, sorridente. Não sei por que nosso piloto reserva está tão feliz — ele nunca dá a mínima se eu acabo no pódio —, mas hoje está radiante.

Ele dá um tapinha no meu ombro, embora isso demande um certo esforço, já que ele mal tem 1,70 metro e eu tenho 1,85.

— Não foi uma corrida ruim — elogia ele. — Talvez convença os chefes a te manterem por aqui.

Semicerro os olhos para dele. Que porra é essa? Meu contrato só termina daqui a um ano, o que significa que teriam que me pagar uma multa absurda para me fazer sair mais cedo. Depois disso, quem sabe o que pode acontecer, mas ele está agindo como se eu já tivesse perdido a vaga.

— Obrigado — digo meio em dúvida, esperando que ele retire a mão antes de eu sair.

Não consigo ir muito longe, porém, sou bloqueado pelo impacto de alguém se jogando nos meus braços e envolvendo meu pescoço com a mão. O cheiro de Stella me atinge com ainda mais força, a doçura cítrica me envolvendo e me segurando firme.

— Para os nossos espectadores — murmura ela em meu ouvido. — Eles vão adorar isso.

O toque de seus lábios contra minha pele e a pressão de seu corpo no meu me fazem entrar em curto-circuito. Sou lançado de volta à nossa primeira noite juntos e inundado de pensamentos que não são nem remotamente apropriados para o nosso ambiente atual: a maciez da parte interna de suas coxas, a bunda dela se esfregando em meu colo, buscando mais fricção enquanto ela se mexia com meus dedos dentro dela. Até o nosso beijo hoje mais cedo, por mais delicado que tenha sido, me vem à mente, porque o gosto ainda era o de Stella. E cada pequena amostra que recebo me faz desejar mais. Eu só quero *saber como é*. Talvez assim possa tirar isso da minha cabeça e seguir a vida.

Stella se afasta antes que eu possa retribuir o abraço. Acho que é melhor assim. Ela não precisa saber o que provoca em mim.

Mesmo usando salto alto como sempre, Stella está praticamente pulando na ponta dos pés. Tirou a jaqueta de couro e deixou os braços e ombros nus, as alças finas do vestido de seda preto cruzando-os, e… puta merda, tenho certeza de que ela não está usando sutiã. Fica ainda mais óbvio a cada movimento de empolgação que ela faz, dando pulinhos.

— Foi muito *divertido* — diz ela, com os olhos brilhantes e um sorriso largo, como se tivesse acabado de descobrir o delicioso efeito de uma nova droga. — Quem diria que ver carros correndo em alta velocidade seria tão legal?

Eu me forço a colocar a mão nas costas dela para guiá-la até os fundos da garagem, sua pele macia e quente sob a minha palma.

— Pelo visto você é fã agora.

— Pode-se dizer que sim — provoca ela. — Foi sexy te assistir dirigindo daquele jeito. — Ela faz uma pausa, olhando para mim. — Ou melhor, assistir *vocês* pilotarem desse jeito. Todos vocês. Todos os pilotos.

Dou uma risada da correção dela. Apesar das regras que impôs, não consegue parar de flertar comigo. E não fico muito atrás, pois entretê-la me faz feliz. Gosto das provocações dela e do jeito como brincamos um com o outro. Mais do que tudo, gosto de como essas coisas acontecem sem esforço.

— Não tô me sentindo assim tão sexy depois de suar por quase duas horas — respondo, enquanto saímos da garagem.

Stella fixa os olhos em mim mais uma vez, percorrendo cada centímetro do meu rosto. Meu cabelo está úmido e desgrenhado por causa do capacete, apesar de eu já ter tentado arrumá-lo com a mão um milhão de vezes, e não tem nada de lisonjeiro no cansaço pós-corrida estampado na minha cara.

— Esse visual combina com você. — Ela pigarreia, e volta a olhar para a frente conforme nos dirigimos ao motorhome da McMorris. — Enfim. Eu… talvez tenha feito uma coisa.

— Uma coisa? — pergunto com cuidado. — Boa ou ruim?

— Boa, espero — responde ela. — Conheci a gestora de redes sociais do Reid Coleman, Willow Williams, e calhou de ela ser uma grande fã minha. Tivemos uma ótima conversa, na verdade. E… descobri por ela que o Reid tem mantido contato com o ex-companheiro de equipe.

Quase tropeço, parando de repente em frente às portas do motorhome. Não pela revelação dela de que Reid e Lorenzo estão conversando — o que não é tão surpreendente assim —, mas porque ela se deu ao trabalho de tentar descobrir.

— Tá falando sério?

Stella assente e joga o cabelo por cima do ombro, a aliança cintilando.

— Aham. E ela não só trabalha para um piloto como também namora um. A garota tá vivendo o sonho.

— Você sabe que também tá casada com um piloto, não sabe?

Ela abaixa a voz para não ser ouvida por ninguém.

— Mas foi um acidente e vai durar pouco — explica, e em seguida volta ao tom normal: — Pedi a ela pra ver se o Reid poderia conversar com você, e espero que isso te leve a conversar com o Lorenzo. Talvez assim você possa esclarecer as coisas e saber como ele está de verdade. Não prometo que isso vá acontecer, mas ela tem certa influência sobre o Reid.

Algo vai se espalhando em meu peito, contorcendo-se devagar, envolvendo meu coração.

— Você fez isso por mim?

Ela dá de ombros como se não fosse grande coisa, mas é enorme, especialmente vindo de alguém que não me conhece há tanto tempo assim para entender o quanto isso vem me atormentando.

— Achei que não faria mal tentar.

— Obrigado — digo, falando sério. — Obrigado mesmo.

Abro a porta do motorhome para ela e a conduzo de volta à sala de descanso. É um lugar pequeno, mas conseguiram enfiar um sofá de dois lugares, uma maca de massagem e uma estante. Stella não perde tempo e se acomoda em cima da maca, enfiando as mãos sob as coxas quase nuas e enganchando um tornozelo no outro.

— Mas então — pergunta ela, quebrando nosso silêncio e me forçando a abandonar meus pensamentos confusos. — E agora?

Eu teria uns mil jeitos diferentes de responder a essa pergunta, mas escolho o mais óbvio e imediato:

— Preciso dar umas entrevistas e fazer um balanço da corrida com a equipe. — Confiro meu relógio: já passou da meia-noite. — Você deve estar exausta. Se quiser ir dormir, a gente conversa mais amanhã cedo, antes de eu embarcar para a próxima corrida.

— E onde vai ser a próxima?

— Abu Dhabi. — Pego uma toalha na prateleira e seco o rosto. — É a última da temporada, depois tenho mais alguns compromissos de trabalho e finalmente um mês de férias.

Ela morde o lábio.

— Então acho que vamos ficar separados por um tempo — comenta.

Sou surpreendido pelo tom de decepção que ouço em sua voz e pelo eco que ele causa no fundo do meu peito. Não passamos tanto tempo assim juntos na última semana, mas me acostumei aos nossos encontros. Vai ser estranho estar do outro lado do mundo, longe dela.

— Pois é. — Pigarreio, para evitar que as palavras fiquem presas na garganta. — Você precisa tocar sua empresa.

— Meu trabalho é praticamente remoto — explica ela, com um sorriso triste —, mas preciso dar uma olhada nas coisas depois de tanto tempo fora. Além disso, é Dia de Ação de Graças na quinta-feira, então vou precisar almoçar com a minha família.

Faz todo o sentido, mas meu estômago embrulha a cada informação que aumenta nosso período separados.

— Então você não vai estar na corrida.

Ela balança a cabeça.

— A menos que eu pegue um voo logo cedo no dia seguinte.

Tiro um segundo para avaliar se ela estaria disposta a isso, mas desisto da ideia bem rápido. Sim, quero que a gente exiba nosso casamento de fachada por aí e desejo passar mais tempo com ela, mas não quero que ela perca a oportunidade de estar com as pessoas que ama.

— Não vou te obrigar a isso. O fato de termos sido vistos juntos hoje deve dar uma acalmada nos ânimos do público por um tempo.

— Mas e depois? — pergunta ela, e é um alívio saber que não sou o único preocupado com a incerteza do nosso relacionamento a partir daqui. — Onde você vai estar?

— Vou passar a maior parte do tempo em Londres. E você?

— Vou voltar pra Washington.

Estaremos a um oceano de distância. Um voo de sete horas, claro, mas não é um trajeto fácil. Além disso, com os compromissos que tenho no Reino Unido após o fim da temporada, eu só conseguiria voltar para os Estados Unidos em meados de dezembro. E ainda não decidimos com

qual família vamos passar as festas, ou como vamos apresentá-la aos meus pais, ou quando Stella e Figgy vão se encontrar…

Um milhão de perguntas e problemas de logística rodopiam pela minha cabeça. E aí tem o pequeno fato de que eu… vou sentir saudades. E esse talvez seja o motivo de eu acabar dizendo sem pensar:

— Vem pra Londres comigo.

Stella se recosta ao ouvir meu pedido repentino, a testa franzida.

— Quê?

— Vamos fazer parecer que somos um casal de verdade — digo, meu ímpeto crescendo, alimentado pela vontade enérgica de fazer esse casamento de fachada funcionar. De nunca deixá-la ficar muito longe por muito tempo. — Vem pra Londres morar comigo. Aí você vira minha esposa de mentirinha pra valer e me faz companhia.

Stella me encara como se eu tivesse perdido completamente a noção, mas tudo bem. Eu consigo fazê-la mudar de ideia, sei disso. Eu a convenci a continuar casada comigo, então não tem motivo para não conseguir fazer isso também.

— Podemos nos considerar colegas de apartamento — insisto. — Minha casa tem vários quartos e estou sempre indo e voltando da sede da McMorris em Silverstone, então quase não fico lá. Você teria a casa praticamente só pra você.

— Thomas… — diz ela devagar, e sei que está tentando descobrir um jeito de recusar com jeitinho, mas não posso deixar essa oportunidade passar batida.

— Você disse que seu trabalho é remoto, não é? Então pode trabalhar de qualquer lugar do mundo. Por que não Londres? Se precisar voltar pra Washington a qualquer momento, pode ficar à vontade pra usar o jato da minha família. Juro pra você que ele vai estar sempre disponível. — Respiro fundo, me impedindo de divagar mais. Mas aí penso que talvez esses argumentos sejam suficientes. Preciso de mais motivos para convencê-la a ficar comigo. — Além disso, a Janelle não vai se mudar pra lá em breve?

E é então que vejo: o brilho nos olhos dela que eu estava esperando. Fica óbvio que não sou o maior atrativo dessa história (o que é compreensível), mas Janelle? Ela é a minha chave para tudo.

— Minha vida inteira está em Washington. — argumenta Stella, uma onda de dúvida passando por seu rosto. — Não posso ir embora assim, sem mais nem menos.

No entanto, percebo que ela não está totalmente convencida do que diz. Sim, o trabalho dela pode até ser lá, e tenho certeza de que ela conta com uma rede de amigos da qual sentiria falta se fosse embora. Mas

também tem um ex-noivo morando na cidade e um caminhão de lembranças e arrependimentos que gostaria de deixar para trás.

— Você poderia começar do zero em Londres — sugiro delicadamente, sem ousar pressionar demais. — Daria para você fazer novos contatos de negócios, ou mesmo pessoais. Talvez abrir outra loja da Stella Margaux. Ou, sei lá, até começar uma nova rede do que você quiser! O mercado europeu está aquecido, e seria muito mais fácil explorá-lo morando daquele lado do oceano. Eu te ajudo no que puder.

Ela volta a morder o lábio inferior, pensativa, e pouso os olhos em sua boca. Eu até ficaria envergonhado pelo que se passa em minha mente se já não soubesse que a atração é dolorosamente mútua. Afinal, foi ela quem me puxou para aquele segundo beijo.

— Tá — diz ela, finalmente, surpreendendo até a si mesma, a julgar pela forma como arregala os olhos. — Vou me mudar pra Londres.

No começo, estou ocupado demais resistindo à vontade de beijá-la para registrar suas palavras. Mas aí elas me atingem, fazendo meu coração disparar e aumentando *ainda mais* a vontade de beijá-la.

— Tá falando sério?

Stella assente. O movimento é um pouco hesitante, mas vejo um sorriso surgindo em seus lábios.

— Tô falando sério.

Também abro um sorriso, sem me dar ao trabalho de contê-lo, porque isso é perfeito.

Minha esposa vai se mudar para morar comigo. E eu vou fazer de tudo para que ela queira chamar nossa casa de lar.



CAPÍTULO 15

Stella

— Caralho, esse lugar me dá arrepios.

Levanto os olhos dos ingredientes secos que estou peneirando e dou uma encarada em Mika. Ela está sentada do outro lado da ilha de mármore, a bunda colada em um banco alto e a perna engessada apoiada em outros dois. Está parecendo uma rainha arrogante supervisionando seus domínios… só que estamos na minha casa, na minha cozinha.

— É porque tá vazio — explico. — A maioria das casas fica assim quando não tá mobiliada.

E este lugar terá ainda menos mobília daqui para a frente. É a casa em que Étienne e eu deveríamos morar juntos depois do nosso casamento, uma construção de quinhentos e sessenta metros quadrados, totalmente reformada, no estilo colonial, em Alexandria, Virgínia. Fui eu quem insistiu para morarmos no subúrbio em vez de no centro da cidade, num lugar mais tranquilo onde pudéssemos criar nossos futuros filhos. Nossa cobertura em Dupont Circle era linda e ficava a poucos passos de vários dos meus negócios, mas não era onde eu me imaginava morando para sempre.

Comecei a trazer minhas coisas para cá no dia em que o empreiteiro liberou, mas Étienne ficou enrolando. Hoje entendo o motivo. Naquela época, porém, eu atribuía isso ao apego ao lugar onde tínhamos construído tantas memórias maravilhosas juntos.

Ah, como eu estava errada. Agora estou presa a uma casa que nunca vai me passar a sensação de lar.

— Não é isso, tem uma vibe ruim. — Mika balança a cabeça. — Sei lá, meio amaldiçoada.

— Então acho que é um bom sinal que eu não vá ficar aqui por muito mais tempo.

Ela abre um sorriso malicioso ao lembrar que vou morar com Thomas em menos de duas semanas, mas sinto um frio na barriga. Estou pegando minha vida inteira e a transportando para o outro lado do oceano para morar com um homem que praticamente acabei de conhecer.

— Já contou pra alguém que vai se mudar? — pergunta ela.

Pego a tigela de claras que já separei e as acrescento lentamente à mistura de farinha de amêndoa. Voltei a testar receitas hoje para o cardápio de verão da Stella Margaux.

— O conselho da empresa sabe. Demonstraram bastante apoio à minha ideia de expandir nosso alcance na Europa. — E, para minha felicidade, também apoiaram meu casamento-relâmpago, embora tenham sido pegos meio de surpresa. — Vou abrir um escritório em Londres e montar uma equipe. — Levanto uma sobrancelha para ela. — Tá a fim?

Mika é diretora de marketing da divisão norte-americana da Stella Margaux. Alguns podem alegar favoritismo, mas o talento dela é parte do que nos fez dar tão certo. Eu só contrato os melhores.

Ela dá uma risadinha irônica.

— Eu te amo e quero estar perto de você e da Janelle, mas não. Motivo número um. — Ela aponta para o gesso com um ar indignado. — Vou ficar com isso aqui por mais umas semanas, então sair mancando por aí numa cidade nova me parece uma ideia horrível. E motivo número dois: não posso pedir para o Vaughn simplesmente se mudar. Tudo bem que ele é do lar, mas não quero desestabilizar a vida dele desse jeito.

Eu entendo, e perguntar foi arriscado, mas eu tinha que checar se não conseguiria manter minha outra melhor amiga por perto.

— Promete que vai me visitar?

— Ah, querida, você não conseguiria me manter longe nem se tentasse. — Ela pisca para mim e empurra um potinho de corante alimentício rosa na minha direção. — Tá, então o conselho da empresa sabe que você vai embora. Mas e os seus pais?

Franzo o nariz e faço cara feia.

— Eu estava planejando contar a eles no Dia de Ação de Graças.

— Stella — diz, a palavra soando como um aviso. — Você precisa avisá-los com mais antecedência.

— Eles vão ter alguns dias pra processar antes de eu ir embora. — Abro a tampa do potinho de corante e acrescento uma colherzinha à

tigela da minha batedeira. — Além disso, eu sou uma mulher adulta. Posso fazer o que bem entender.

— Uma mulher adulta com medo de decepcionar os pais.

A verdade me causa um aperto no peito. É suportável, embora venha acompanhado de uma pontada persistente. Mas isso vai além de só decepcionar meus pais… Tenho medo de decepcionar *qualquer* pessoa. Tive uma vida cheia de privilégios, tudo por causa do sucesso que meus antepassados alcançaram, e me recuso a ficar sentada e deixar que as vitórias deles me carreguem pelo resto da vida. Elevar o nível é minha única opção para mostrar que, embora eu tenha de fato partido de um lugar bem alto, sou digna de carregar a tocha adiante. Digna do sucesso que conquistei.

— Tanto faz — respondo, de maneira não tão casual quanto esperava. — Vai ficar tudo bem.

Mika solta um murmúrio, eximindo-se da responsabilidade, antes de deixar o silêncio pairar, o zumbido da batedeira sendo o único som no ambiente. Sei o que minha amiga vai perguntar antes mesmo de ela abrir a boca.

— Já falou com ele?

Ela não precisa especificar de *quem* está falando. O tom cauteloso que ouço em sua voz deixa claro que é de Étienne.

Balanço a cabeça, mantendo os olhos baixos.

— Ele não tentou entrar em contato, e eu também não liguei pra ele.

Achei que Étienne diria algo depois que a notícia do meu casamento em Las Vegas vazou, mas o silêncio tem sido absoluto. Teremos que conversar em breve para decidir o que faremos com nossas propriedades e outros bens compartilhados. Mas o fato de ele não ter me enviado sequer uma mensagem de texto, uma carta ou mesmo uma intimação judicial? É uma merda do cacete que ele tenha conseguido me cortar da vida dele com tanta facilidade depois de todos esses anos juntos.

— Você deveria falar com ele antes de ir pra Londres.

Dou uma risadinha falsa.

— Ué, se ele quiser alguma coisa, pode entrar em contato. Ele é quem foi embora, não eu.

Mika solta um suspiro de decepção, mas não insiste. Estou sendo teimosa, sim, mas quem pode me julgar? Aquele homem não ficou contente em só partir meu coração: ele me humilhou. E, embora eu tenha jogado lenha na fogueira, foi ele quem destruiu nosso relacionamento. Ele que se encarregue de começar a limpar a bagunça.

— Tudo bem — reconhece ela. — Só me avisa se precisar de ajuda pra lidar com isso quando chegar a hora. Posso ser sua representante em

Washington para qualquer coisa que precise ser resolvida pessoalmente, se não quiser voltar de Londres.

Apesar da mudança de humor, sou obrigada a sorrir e admitir o fato de que Mika está comigo para tudo. Tenho certeza de que basta eu pedir para que ela vá atrás de Étienne e faça da vida dele um inferno. Aliás, ela só não fez isso ainda por causa da perna quebrada e do compromisso que selou em me manter sã, o que não vai acontecer se ela acabar na prisão.

— Obrigada — digo, desligando a batedeira. — Mas primeiro você precisa me ajudar a sobreviver ao Dia de Ação de Graças.

A gargalhada de Mika ecoa pela casa vazia.

— Espero que esteja pronta pra ser devorada viva.



Os interrogadores da CIA não são nada perto de tias negras que insistem em se meter na sua vida.

Não sei qual é o meu parentesco com metade das mulheres que me abordaram no segundo em que pisei na mansão dos meus pais no subúrbio de Atlanta, mas mesmo assim elas já me fizeram perguntas que eu não me sentiria confortável de responder nem para Mika ou Janelle.

Aliás, falando daquelas traidoras, nenhuma delas veio me resgatar ainda, apesar das mensagens frenéticas que continuo enviando. Nem mesmo Ron veio, embora eu saiba que me viu na sala de estar quando passou pela porta uns minutos atrás.

— Ainda bem que ele é bonito — brinca uma das minhas tias-avós, levantando a bengala com a mão enrugada e a apontando para mim. — Você não pode ter filhos com um homem feio. Nossos genes são fortes, mas eles só aguentam até certo ponto.

— Eu gostava mais do outro — declara outra mulher, me analisando de cima a baixo. — Pelo menos ele era inteligente. Esse aí parece achar que o mundo começa e termina na Inglaterra.

— Deixem ela em paz — interrompe uma tia vestida de rosa e verde. Fico quase aliviada por alguém sair em minha defesa até perceber um sorriso malicioso surgir em seu rosto. — O pau dele deve ser espetacular, pra ela se casar assim tão rápido. Não é mesmo, Stella?

A sala irrompe numa mistura de gargalhadas, repreensões e invocações ao Senhor que me dá vontade de resmungar e esfregar o rosto com força. Sei que fazer isso só vai incentivar ainda mais a fofoca,

então me contento em enviar outra mensagem de texto dizendo *Vem pra cá agora, porra* para Mika. Mais uma vez, ela visualiza e não responde.

Sou arrastada de volta para o sofá mais duas vezes quando tento me levantar, mas minha terceira tentativa de fuga é bem-sucedida quando anuncio que *preciso* verificar como estão as sobremesas. Ninguém aqui ousaria atrapalhar o preparo perfeito da torta de batata-doce.

Ao chegar no corredor, sinto o alívio de estar longe das tias, embora as risadas e os comentários barulhentos continuem pairando no ar. Mas minha paz não dura muito, pois Daphne aparece virando o corredor com seu adorável bebê no colo.

— Stella — cumprimenta ela, animada, como se fosse um prazer me ver encostada na parede com cara de infeliz. — Perguntei agora há pouco quando você ia aparecer, sabia? — Ela faz uma grande encenação olhando ao redor do corredor, procurando por outra pessoa. — Seu marido não quis vir também?

A pergunta soa inocente, mas consigo ouvir a alegria contida por trás dela, como se a ausência de Thomas fosse um indicador de um relacionamento em crise. Ou pior: como se não fosse um relacionamento de verdade.

— Ele está trabalhando — respondo, sorrindo para a filha dela em vez de dar mais atenção a Daphne. — O calendário da Fórmula 1 é uma loucura para todo mundo, inclusive para os recém-casados.

O bebê sorri de volta para mim, e essa cena consegue amenizar o pico de pressão que a chegada de Daphne causou. A criança é encantadora, com bochechas rechonchudas e cachos de querubim. Juro que sinto uma pontada nos ovários quando ela levanta os dedinhos e acena, quase fazendo eu me arrepender de ter cancelado a consulta para remover o DIU alguns meses atrás. Fiz isso a pedido de Étienne, depois que ele mudou de ideia sobre querer começar uma família logo após o casamento. Ele me perguntou se poderíamos esperar um ano, para que fôssemos só nós dois por um tempo. Eu tinha concordado com relutância.

Agora não tenho mais previsão de ter filhos por pelo menos um ano. Mais um obstáculo no meu plano de vida. Se o mês passado me ensinou alguma coisa, é que é melhor dançar conforme a música.

— Recém-casados — repete ela. — Eu não fazia ideia de que você queria passar mais que uma única noite com ele.

Ela diz isso em tom de provocação, como se fosse uma piada interna, mas, apesar de eu forçar uma risada, sei que ela está me julgando horrores.

— Na verdade, eu não fazia ideia de que você conhecia ele antes da despedida de solteira. — Daphne inclina a cabeça para o lado e examina o meu rosto. — Quando vocês se conheceram?

Tenho o cuidado de manter uma expressão neutra e agradável — nada que revele que minha pulsação disparou e minhas axilas ficaram úmidas de repente debaixo do meu suéter de cashmere.

Thomas e eu ainda não combinamos uma história oficial, mas não posso me desviar muito do que contei aos meus pais, caso Daphne os procure para bater os detalhes. Até onde sei, o público em geral não conhece nossa "história de amor" além do que Thomas descreveu em algumas entrevistas, então pelo menos tenho isso a meu favor. Mas essa mulher é esperta pra cacete.

— Na verdade, a gente se conheceu na mesma noite em que Janelle conheceu Ron — respondo, num tom meio *uau, que coincidência incrível, não é mesmo?* — Las Vegas é um lugar que dá muita sorte.

Não ouso dar mais detalhes, evitando que ela encontre furos na história. Mas isso não parece importar, já que ela ergue uma sobrancelha e dá sinais de que não acredita em uma palavra.

— Sério? — desafia ela. — É que a Janelle nunca mencionou que você conhecia o irmão do melhor amigo do Ron.

— Ué, e por que ela mencionaria isso? — digo, lutando para manter o tom amigável. — Thomas e eu éramos só conhecidos na época. Além disso, a Janelle tem vários amigos dos quais eu nunca ouvi falar. Por que ela conheceria todos os meus?

— Só é meio estranho que o assunto nunca tenha surgido, você não acha?

— Sabe que não? — respondo, sorridente, antes de fazer uma careta para a filha dela, o que me rende uma risadinha deliciosa de bebê.

Daphne a muda de braço, me forçando a encará-la em vez de olhar para a criança, e… espera, por que ela parece preocupada?

Ela engole em seco antes de molhar os lábios, como se estivesse tentando encontrar as palavras certas.

— Stella, eu só…

Ela é interrompida por passos apressados que percorrem o corredor. Olhamos na direção do som e vemos Janelle correndo até nós com a mão estendida, segurando um avental.

— É melhor você entrar naquela cozinha antes que a vovó decida se encarregar das tortas — avisa Janelle, e me entrega o avental. — A culpa vai ser sua se alguma delas ficar com a base molenga.

Por mais desesperadora que pareça a situação da sobremesa, me pego voltando o olhar para Daphne, curiosa com a preocupação dela e

querendo que termine a frase. Só que agora o vinco entre as sobrancelhas dela desapareceu e o sorriso jovial está de volta, alargando-se ainda mais quando a filha dela repete em voz alta:

— Base molenga.

— É isso aí, querida — brinca Janelle, concentrando-se em mim de novo com um olhar suplicante. — Será que você consegue dar um jeito?

Suspiro e pego o avental.

— Sim, claro.

— Obrigada — responde ela, recuando animada. — Só um aviso: a cozinha tá caótica. E acho que sua mãe quer falar com você.

Ela vai embora antes que eu possa protestar, desaparecendo no corredor tão rápido quanto apareceu. Hesito antes de me virar para Daphne de novo, na esperança de retomar nossa conversa, mas ela já está indo para a sala. A filha dela me dá um tchauzinho feliz antes de as duas cruzarem a porta. Fico tentada a correr atrás delas, mas saber que minha mãe quer falar comigo — e a vontade de evitar todas as tias — me impede de ir.

Com um resmungo, vou atrás de Janelle. Já tenho problema demais com a minha mãe. Adiar essa conversa não vai me ajudar a reconquistar a confiança dela.

Quando chego à cozinha, porém, tem tanta coisa acontecendo que não conseguimos conversar. Tudo que fazemos é pedir umas às outras para passarem a manteiga (aos gritos) e perguntar se alguma coisa precisa de mais tempero. Quando penso que escapei da conversa até a hora do jantar, minha mãe faz um gesto com o dedo, pedindo que eu a siga para fora da cozinha. Merda.

Enquanto as outras começam a levar as travessas e tigelas para a sala de jantar, passo por elas e vou de cara fechada até o escritório da minha mãe. Ela não recebe clientes em casa com frequência, mas o espaço foi preparado para facilitar a ocasião, caso seja preciso. Eu me sinto como se estivesse prestando um depoimento.

Ela se senta na cadeira de couro confortável atrás da mesa de carvalho enorme enquanto eu me acomodo em uma das duas poltronas menores na frente dela, cruzando as pernas e tentando não me encolher. Nunca tive medo dela, mas sempre fiquei… intimidada. Ela é uma mulher prática, e isso se refletiu na forma como me criou.

— Sua assistente recebeu a lista de advogados de divórcio que eu mandei? — pergunta ela, sem preâmbulos.

Nada de *como você está, querida?*. Nada de *como vai a vida de casada?*. Eu nem esperava que ela dissesse algo do tipo, mas teria sido bom.

E, quando penso nisso, fica óbvio que foi ela quem elaborou aquela lista, embora minha assistente não tenha mencionado isso no e-mail.

— Recebeu — respondo. — Obrigada, mas não vou precisar.

Ela faz uma cara de desgosto.

— Você vai mesmo continuar casada com aquele homem?

O comentário dela me deixa irritada. Beleza, ela não conhece Thomas e sabe muito bem que eu entrei meio que sem querer neste casamento, mas o desprezo por ele e pelo nosso relacionamento — por mais falso que seja — me machuca. Ela acha que tomei uma decisão terrível e está determinada a retificá-la, apesar de eu já ter dito várias vezes que não quero nem preciso da ajuda dela.

— *Aquele homem* tem nome, sabia? — digo, tentando disfarçar a irritação. — E, sim, vamos continuar casados porque é isso que duas pessoas que querem ficar juntas fazem.

O riso de deboche da minha mãe sai alto e áspero, embora o jeito como ela se encolhe um pouco quando o som ecoa pela sala me diga que não foi essa a sua intenção. De qualquer maneira, dói como um tapa.

— Nós duas sabemos que esse casamento foi um erro — diz ela, usando um tom mais gentil desta vez, mas sem deixar de transparecer a descrença. — Você se casou bêbada em Las Vegas com um homem que alega conhecer. E talvez até o conheça, talvez não estivesse mentindo pra mim quando disse que o conheceu no mesmo dia em que Janelle conheceu Ron. Mas meu instinto me diz que você fez algo de que se arrepende e agora está tentando encobrir tudo.

O instinto dela não está errado, e o meu me diz com toda a força que a verdade está prestes a vir à tona e se espalhar por toda a mesa dela.

— É tudo verdade, mãe.

Ela me encara, talvez buscando furos na história, talvez esperando que eu ceda e revele o que de fato aconteceu. É um olhar que funcionou com muita gente no passado, inclusive comigo, mas hoje permaneço firme.

Por fim, ela suspira e desvia o olhar, percebendo que não vai conseguir o que quer de mim.

— Eu só… estou decepcionada com você, Stella.

Uma rachadura se abre em meu peito. As palavras dela penetram, queimando e mastigando tudo por onde passam.

— Entendo que esteja sofrendo pelo que o Étienne fez — continua ela, os olhos escuros me encontrando novamente. — E sei que você tem essa veia selvagem, eu te conheço muito bem desde o dia em que você nasceu. Mas a filha que eu criei sabe que não deve deixar que essa veia assuma o controle, e mesmo assim você foi adiante e se meteu numa

enrascada. — Ela se inclina para a frente, os antebraços apoiados na madeira lisa, com uma súplica no olhar. — Por favor, me deixa te ajudar. Podemos ajeitar essa bagunça juntas e você pode seguir com sua vida. Por favor, Stella. Não quero ver você fazendo isso consigo mesma.

Começo a vacilar, o abismo em meu peito se enchendo agora com o amor que eu sei que ela tem por mim, apesar de seu jeito esquisito de demonstrá-lo. Eu poderia facilmente me jogar em seus braços e confessar tudo, depois me sentar e deixá-la resolver toda a situação do seu jeito calmo e eficiente. Ela está me oferecendo tudo de bandeja, esperando que eu aceite. Esperando que eu admita que preciso da ajuda dela porque sou incapaz de consertar as coisas sozinha.

Mas não sou. Na verdade, sou perfeitamente capaz de lidar com isso da maneira que achar melhor. E, para ser bem sincera, o fato de ela achar que não consigo me irrita.

Não preciso da minha mamãe fazendo tudo por mim, não preciso que ela limpe a minha bagunça como se eu fosse uma criança. Estou fazendo parte de um plano que é útil não só para mim, mas também para Thomas, um plano que vai me proporcionar a oportunidade de recomeçar em uma nova cidade.

Ela vê tudo que fiz como um passo em falso, e não está errada: realmente não era para nada disso ter acontecido, e precisei trilhar um caminho diferente do que eu esperava. Mas agora passei a ver minhas ações equívocas como degraus; elas vão me alçar à vida que quero viver. Que *preciso* viver.

— Agradeço a oferta — digo tranquilamente, mesmo com fogo correndo nas veias —, mas eu cuido disso. — E, antes que ela consiga dizer mais alguma coisa, empurro a poltrona para trás e me levanto, sorrindo com segurança do outro lado da mesa. — Vamos comer antes que a comida esfrie.

Percebo um vislumbre de espanto em seu rosto, mas não me apego a isso. Tudo que faço é voltar para o corredor sem me virar na direção da sala de jantar, onde o resto da família está rindo e tagarelando, felizmente alheia à nossa conversa.

Minha bolsa está em cima do aparador no saguão, onde fui forçada a deixá-la quando as tias me encurralaram. Pego-a sem pensar duas vezes e tiro o celular do bolso. Depois de tocar na tela para ativá-lo, navego até meus contatos e fico esperando enquanto chama.

— Maeve? — pergunto quando uma voz feminina e grogue me cumprimenta. — Oi, é a Stella. Olha só, desculpa por te acordar, mas você acha que me consegue uma credencial para o paddock nas próximas dezesseis horas?



CAPÍTULO 16

Thomas

Sei que já estamos quase em dezembro, mas o tempo em Abu Dhabi não parece ter sido avisado de que o inverno está chegando.

Estou pingando de suor enquanto faço minha última volta de classificação, rangendo os dentes e torcendo para ficar muito à frente do meu companheiro de equipe no grid de largada amanhã. Normalmente, eu não estaria me sentindo tão pressionado a superar Arlo na classificação ou a provar que sou o melhor piloto da nossa dupla, mas as palavras do nosso piloto reserva na última corrida não saem da minha cabeça.

Ainda não sei o que Finley quis dizer com aqueles parabéns enigmáticos. Será que minha vaga não está mais segura pelo resto do contrato? Será que o patrocínio que eu levo é suficiente para me manter na equipe, mesmo quando meu desempenho estiver abaixo do esperado? Não que esteja, considerando que subi ao pódio várias vezes durante a temporada, ao contrário de Arlo.

Para a minha felicidade, o tempo da minha última volta me coloca em P5, atrás de Dev, Reid, um dos pilotos da Specter Energy e do companheiro de equipe de Dev na Mascort, Otto Kivinen. Vai ser duríssimo ganhar posições amanhã, mas estou preparado.

Depois de conduzir o carro até o parque fechado, saio do cockpit e vou até um oficial da FIA que me aguarda para a pesagem. No caminho, cumprimento Dev e o parabenizo por mais uma pole position. Reid está longe demais para que eu consiga parabenizá-lo também.

Sigo em direção à garagem da McMorris enquanto eles saem para dar a entrevista concedida pelos três primeiros colocados. Felizmente, desta

vez Finley não está me esperando. Há apenas um enxame de mecânicos, engenheiros e…

Stella.

Minha esposa se coloca atrás da multidão que diminui lentamente, como se estivesse tentando ficar fora do caminho e não atrapalhar, mas é impossível não vê-la. Ela se destaca como se estivesse sob um holofote, e eu pisco algumas vezes para ter certeza de que não estou imaginando coisas. Só que, quando ela levanta a mão e acena para mim, abrindo um sorriso largo, me dou conta de que ela é mais do que apenas um sonho.

Quando vejo, já tirei meu capacete, meu protetor de cabeça e da cervical e minha balaclava sem ao menos registrar o que estava fazendo. Peço desculpas à pobre alma a quem provavelmente os entreguei de uma vez e sem o menor cuidado, mas estou chocado demais para me importar.

Meus pés me carregam no modo automático, parando pouco antes de eu trombar com ela. Os olhares atentos ao nosso redor me fazem segurar a mão dela e pressioná-la contra meu peito, bem acima do coração disparado, embora, na verdade, o gesto tenha sido motivado pela vontade de fazê-la sentir minha reação genuína à sua presença.

— Você veio — digo, apesar de não ser necessário, porque é óbvio, mas são as únicas palavras que consigo dizer.

Fico tão… tão feliz em vê-la. Mais feliz do que achava que ficaria, sobretudo em meio a todo o caos que trouxemos para a vida um do outro. Ainda não falei com meus pais — permiti que minha assistente e meus amigos atuassem como intermediários e usando a desculpa de que preciso me concentrar no fim da temporada. É uma mentira deslavada, e todos sabemos, mas não estou pronto para enfrentá-los. Acho que preciso de mais tempo ao lado de Stella, preciso de mais tempo para nos conhecermos antes de ganhar confiança para confrontá-los.

E agora ela está aqui.

De alguma maneira, o sorriso dela fica ainda mais bonito. As íris quase pretas dela refletem meu próprio sorriso bobo.

— Vim.

— Achei que não fosse vir. — Sou tomado por uma onda de culpa quando lembro por que ela não planejava vir. — Espera, você não deveria estar passando o feriado com a sua família?

— Já passei tempo mais do que suficiente com eles — declara ela sem rodeios, embora eu veja uma pequena hesitação em seu rosto antes de seu sorriso voltar. — E preferi vir aqui assistir você garantir um lugar na terceira fila. — Com a mão livre, ela me dá um soquinho no ombro, me parabenizando. Não é uma atitude muito natural para uma esposa, mas

espero que quem estiver assistindo atribua isso à personalidade dela, em vez de questionar nosso relacionamento. — Você me deixou aflita. Já estava quase achando que não fosse conseguir passar do Q2. O Kivinen deveria ter recebido uma punição por te atrapalhar daquele jeito.

Deveria, já que fui forçado a desviar do carro dele, que estava mais lento, e perdi a tangente da curva seguinte. Ainda bem que me recuperei sem muito drama ou perda de tempo.

— Pra ser sincero, foi pura sorte eu ter conseguido — respondo.

Estou surpreso com o fato de ela ter aprendido tanto sobre F1 em apenas duas semanas, considerando que começou do zero. E não só isso: ela se dedicou a aprender durante um período muito tumultuado, quando havia coisas mais importantes ocupando sua mente. Meu Deus, é impressionante, e ela fez tudo por mim. Por nós.

Perco o ar quando Stella se aproxima.

— Não faz isso — sussurra ela.

Se houver alguma câmera por perto, espero que esteja tirando fotos, porque tenho certeza de que pareço um homem completamente obcecado pela esposa.

— O quê?

— Invalidar seu talento. Não foi sorte. Foi habilidade.

Não achei que estivesse invalidando meu talento, mas o lembrete de Stella me dá uma chacoalhada. Ela está certa. Eu me esforcei muito para alcançar esse resultado.

Estou prestes a dizer exatamente isso a ela — e em seguida talvez dizer o quanto estou com vontade de puxá-la para um canto reservado — quando sinto o aperto de uma mão em meu ombro me sacudindo com animação.

— Porra, mandou bem demais, cara! — grita Arlo em meio ao barulho da garagem.

Tenho que dar o braço a torcer: acho que nunca tive um companheiro de equipe torcendo tanto pelo meu sucesso. Talvez seja porque nenhum de nós está na disputa por títulos ou glória. Nesse caso, é melhor apoiarmos um ao outro. Alguém precisa marcar pontos para a equipe.

Agradeço e pergunto em que posição ele vai largar, mas minha pergunta é ignorada, porque toda a atenção de Arlo se volta para Stella.

Ele sorri para ela exibindo aqueles dentes brancos e brilhantes e um charme exagerado. Uma vez ele me mostrou as páginas de fãs que tem nas redes sociais, e não dá para negar que o cara é o favorito entre o público mais jovem. Mas também, pudera: ele tem o rosto e o jeito de um integrante de boy band. Se tem alguém aqui pau a pau com a imitação do Harry Styles, é ele.

— Essa é a sua esposa? — pergunta Arlo, ainda encarando Stella. — Dá pra entender por que se casou com ela tão rápido. Só um cara muito burro para se arriscar a perder uma mulher dessas.

A declaração arranca uma gargalhada de Stella, que pressiona a mão em meu peito com mais força, como se estivesse fingindo perguntar *Dá pra acreditar na audácia desse menino?*.

Infelizmente, dá para acreditar cem por cento, porque esse é o comportamento clássico de Arlo Wood. Um filho da puta convencido e carismático.

— Benza Deus, viu? — diz Stella, com aquele sotaque americano forte. Soa tão meloso que beira a ironia. — Aposto que as meninas fazem filas de dobrar o quarteirão pra te pegar.

Tenho que me conter para não sorrir ao ver a maneira como Stella olha para ele. Eu repreenderia Arlo pelo comentário se achasse que ela estivesse incomodada, mas percebo que minha esposa tem tudo sob controle. Vê-la se impor um pouco mais me deixa tentado a me afastar de uma vez e deixar que ela lide sozinha com a situação.

Mas não é o que vou fazer, já que Arlo interrompeu um momento meu com ela, um momento que vai durar pouco.

— Você não tem que ir pra sala de imprensa, Arlo? — pergunto antes que ele fale mais alguma coisa.

Por um instante, juro que ele vai me ignorar e continuar flertando com Stella, mas ele deve ter visto a insistência em meus olhos, então levanta as mãos e se rende.

— Tô indo — anuncia, com o macacão de corrida aberto esvoaçando em volta dos quadris e dando um passo para trás. — Vou deixar os adultos terem o momento romântico deles. Mas é melhor você aparecer logo, viu?

Ele dá uma piscadinha para Stella antes de ir embora, sem ligar para meu olhar indiferente. Ela dá mais uma risada, chamando minha atenção, e minha irritação se dissipa no brilho que vejo em seus olhos.

Quero ficar por perto e conversar com ela, especialmente sobre sua mudança para Londres na segunda-feira, mas sou obrigado a participar do mesmo circo midiático para onde acabei de mandar Arlo.

— Foi mal, preciso dar entrevistas e depois tenho a reunião de equipe. Mas volto assim que…

Ela me interrompe, balançando a cabeça.

— Vai lá fazer o que precisa fazer e não se preocupe comigo. Eu que apareci de surpresa no seu trabalho. Se você tivesse feito isso comigo, eu não hesitaria em te ignorar.

Tenho certeza de que essa última parte é só uma provocação, mas sei que ela está falando sério quanto ao resto. Stella quer e espera que eu me concentre no que vim fazer aqui. Agradeço esse empurrão.

— A gente conversa daqui a pouco — sugiro, mas ela já está franzindo o nariz, descartando a ideia.

— Estou com um baita *jet lag*, então vou dormir. Vem me ver quando tiver tempo amanhã. Maeve sabe onde vou estar.

Falando na minha assistente, ela e eu precisamos conversar sobre segredos, já que, obviamente, foi ela quem organizou a vinda de Stella para cá, ainda que a surpresa não tenha sido desagradável.

— Vejo você amanhã, Príncipe Encantado — murmura Stella, diminuindo a distância entre nós para me dar um beijo quente e demorado na bochecha. — E diga ao Arlo que é melhor ele tomar cuidado com a boca na próxima vez que falar comigo, senão a McMorris vai precisar encontrar um novo piloto número dois.



No fim das contas, não preciso esperar muito para ver Stella no dia seguinte, considerando que somos vizinhos de quarto no hotel.

— Não faço ideia de como a Maeve conseguiu isso — digo, quando Stella abre a porta —, mas acho que ela merece um aumento.

Ela ri baixinho e dá um passo para trás, me deixando entrar. Encontro um café da manhã para dois disposto em uma mesa perto das janelas, certamente mais uma obra de Maeve.

— Ela pode até não ser a sua maior fã, mas parece gostar da gente como casal — comenta Stella. — Ela sabe que isso é tudo mentira?

Nego com a cabeça e vou até a mesa, puxando a cadeira para Stella. Ela ainda não está pronta, considerando que está vestindo o que parece ser um agasalho de cashmere caramelo, mas até isso a deixa sensual. Como essa mulher consegue ficar bonita usando um *agasalho*?

Depois que ela se acomoda, eu me sento na cadeira de frente para ela.

— Contei nossa mentira para a Maeve — respondo —, mas não sei se ela acredita. E tive que corrigir um pouco o que você contou para os seus pais. Ela sabe que eu não estava em Las Vegas quando o Ron e meu irmão estavam, então não teria como a gente ter se conhecido naquele dia.

O rosto de Stella se contorce em uma expressão de horror, o que faz meu estômago embrulhar.

— Cacete — sussurra ela, levando a mão à boca. — Fiz merda, né?

Juro que as pontas das orelhas e do nariz dela ficam vermelhos, os únicos lugares onde consigo vê-la corar. Ela está chateada consigo mesma, com vergonha até, de um jeito que não consigo entender direito. Não é o melhor cenário ter várias versões da nossa mentira circulando por aí, claro, mas não justifica uma reação dessas.

Balanço a cabeça de leve para ela e abro um sorriso gentil.

— Nada que a gente não dê conta — asseguro.

Stella se limita a me encarar, a expressão inalterada, como se estivesse esperando por outra reação. Se ela acha que eu vou ter um ataque de raiva, está redondamente enganada. Só que, quanto mais olho para ela… mais começo a achar que ela está certa de que vou explodir.

Não sei mais o que fazer a não ser insistir que não estou bravo. Decido fazê-la se sentir um pouco melhor quanto ao seu pequeno deslize.

— Sabe que, por pura sorte, passei uns dias em Washington logo depois daquela viagem — digo, pegando um garfo e uma faca. — Então, a linha do tempo de como nos conhecemos não precisa mudar muito.

Um instante depois, Stella assente, tirando a mão da boca e pigarreando.

— É interessante pensar que nossos caminhos poderiam ter se cruzado antes do casamento — diz ela. Percebo um leve tremor em sua voz, mas ela se esforça para manter a calma. — Por que você foi até lá?

Olho para o outro lado e a espero terminar de se recompor enquanto corto minha omelete.

— Apoio uma iniciativa que o Zaid Yousef promove. O objetivo é atrair mais meninas, além de crianças marginalizadas em geral, para as áreas de ciência e tecnologia e do automobilismo. Ele organizou um evento lá, e eu era o convidado especial. — Dou uma garfada e mastigo um pouco antes de prosseguir: — Falando nisso, vai ter um evento de gala para levantar fundos em Londres em breve, se quiser ir como minha acompanhante....

Stella dá uma risadinha.

— Acho que ser sua esposa já me qualifica automaticamente como sua acompanhante, não?

— Achei melhor perguntar antes, mas... você vai comigo?

— Claro que vou. Eu *amo* eventos de gala. — Ela faz uma pausa e espeta um morango com o garfo. — Ou qualquer desculpa pra usar um vestido elegante, sendo bem sincera. Se eu não fosse confeiteira, trabalharia com moda.

Eu me animo com a ideia.

— Então você vai se dar muito bem com uma das minhas irmãs mais novas. Ela tem a própria marca.

— Mentira! — Stella se inclina para a frente, incrédula. — Por que você não me contou isso antes?

— Não tivemos muito tempo pra falar das nossas famílias e da carreira de todo mundo. A gente anda ocupado demais tentando se encaixar na vida um do outro primeiro.

Ela mastiga o morango, pensativa.

— Verdade, mas acho que isso daqui a pouco vai ser importante. Quando você quer que eu conheça sua família?

Preciso me esforçar para não fazer uma careta ao ouvir a pergunta dela, já que venho adiando a conversa com eles há semanas.

— Vamos te dar alguns dias pra se acomodar primeiro, depois eu solto os demônios em cima de você. — Stella fica claramente desconfortável, o que me faz afirmar bem depressa: — É brincadeira, eu juro. Eles não são tão ruins assim.

Quer dizer, na maior parte do tempo.

Ainda vejo um resquício de dúvida em seus olhos, porém.

— E se a sua família não gostar de mim?

A pergunta não reflete insegurança. É mais como se ela estivesse tentando se preparar para a inevitabilidade desse fato. Claro, existe uma pequena chance de algum irmão meu ou qualquer um dos meus pais não gostar dela por algum motivo meio irracional, mas duvido muito. Meu pai adora qualquer pessoa com tino para negócios; minha mãe vai admirar a criatividade culinária de Stella. Edith vai ser fria e distante, como sempre, e Andrew não vai dar a mínima para nada, já que as únicas pessoas em quem ele presta atenção são a própria esposa e Ron. E quanto a Geneva e Calais… bem, acho que eu deveria avisar Stella que é melhor se preparar, pois as duas vão ficar obcecadas por ela, mas, se eu avisasse, não teria a menor graça.

— Posso te prometer sem a menor sombra de dúvida — digo — que eles vão te amar.

Stella percorre meu rosto com os olhos, talvez observando minha pele pálida e meu porte nobre ridículo. Venho de um círculo social reconhecido por agir de maneira desprezível com pessoas que se parecem com ela, então não a culpo por se preocupar.

— Tem certeza?

— Tenho — confirmo, mas não vou entrar em mais detalhes. — Agora come. É dia de corrida.



Estou esperando as luzes se apagarem.

Esta é a última vez que estarei no grid de largada na temporada, a última vez que vou me sentar neste carro em particular. Ele me serviu bem, no fim das contas, embora eu preferisse ter ficado um pouco mais acima no Campeonato de Pilotos. Se eu subir uma posição e cruzar a linha em quarto hoje, vou terminar em sexto na classificação do campeonato, logo à frente de Lorenzo Castellucci. Meus *haters* terão ainda mais munição, infelizmente, já que vou ter superado o ídolo deles, mas é uma conquista da qual me orgulho muito. E quem sabe no ano que vem a McMorris até produza um carro que me permita desafiar Zaid Yousef e Axel Bergmüller — quando eles retornarem —, além de todos os outros pilotos que terminaram na minha frente?

Não custa nada sonhar, né?

Dou largada quando as luzes se apagam, e meu tempo de reação é tão bom que tenho que me apressar em cortar por dentro para não bater nas rodas traseiras de uma Specter Energy. Meu adversário é esperto e se mantém à frente na primeira curva, me forçando a recuar e entrar em disputa com Otto Kivinen.

Otto abre por fora, quase me tirando da pista ao se voltar para dentro, mas persisto, rangendo os dentes enquanto me encaixo atrás dele. Para a minha sorte, esse inconveniente acaba rápido. O vácuo que pego na reta compensa o esforço, e assim ganho velocidade para fechá-lo na curva seguinte.

E de repente… estou em quarto.

A partir daí, a corrida não é lá muito interessante. Conforme as voltas vão passando, tanto o piloto à minha frente como o piloto atrás de mim se mantêm a uma distância grande, então não acontece muita coisa. Nem meus pit stops — ambos perfeitos em tempo e execução — me rendem mais do que um conjunto de pneus novos. Não é algo tedioso ao extremo como algumas corridas podem ser, mas não me obriga a usar tanta concentração quanto em um circuito como Mônaco, nem me esforçar muito.

E, mesmo assim, eu não preferiria estar em nenhum outro lugar.

Talvez eu estivesse errado em dizer a Stella que não estava vivendo o sonho. Porque, não, eu não estou ganhando. E, não, não tenho perspectiva de faturar um título. Talvez nunca tenha. A verdade é que a maioria dos pilotos nunca vai ganhar um campeonato, no máximo uma corrida. Tenho sorte de ter ganhado pelo menos algumas.

Mas, apesar de não ter dezenas de vitórias ou um título no currículo, não quero desistir dessa vida. Não quero largar tudo e me afastar do esporte. Quero estar aqui, sob estas luzes, na frente desta multidão e nestes circuitos o máximo de tempo que puder. Vão ter que me tirar daqui arrastado, chutando e gritando, porque não vou embora por vontade própria.

Na volta quarenta e cinco, meu engenheiro me atualiza das posições dos pilotos. Na frente, Reid e Dev disputam a posição, e houve muitas trocas atrás também, incluindo Arlo, que subiu da P10 para a P7. É uma grande melhoria, mas, infelizmente, o segundo piloto da D'Ambrosi — um estreante que tem se esforçado ao máximo para corresponder às expectativas do piloto que vem substituindo — está mais de cinco segundos na frente.

Com Reid agora em primeiro e o companheiro de equipe dele em sexto, as chances de a McMorris vencer a D'Ambrosi no Campeonato de Construtores descem pelo ralo. É uma pena, mas às vezes é assim que as temporadas são. É incrível que tenhamos chegado tão perto. Na próxima temporada vamos buscar, no mínimo, o terceiro lugar.

Quando a bandeira quadriculada tremula, faço questão de agradecer a toda a equipe pelo rádio, incluindo todo o pessoal da fábrica. E então, por mais brega que isso seja, digo:

— E, Stella, se estiver ouvindo, obrigado por apostar em mim. Você me trouxe mais sorte do que eu jamais poderia esperar.

Mesmo que ela não esteja sintonizada no rádio do nosso time, é impossível as emissoras não quererem transmitir a mensagem, e sem dúvida o público também vai adorar. É uma lembrancinha do nosso casamento em Las Vegas e um sincero agradecimento à minha esposa. Como alguém poderia resistir a uma coisa dessas? Talvez não me faça ganhar o carinho de todos, mas talvez amenize um pouco o ódio geral. E eu quero, de verdade, que Stella saiba o quanto aprecio o fato de ela ter dado uma chance ao nosso casamento de fachada.

Também dou os parabéns para Reid por conquistar seu primeiro título no Campeonato de Pilotos. É impressionante que ele tenha conseguido, e ainda tenho certeza de que *alguma coisa* aconteceu nos bastidores para contribuir. Mas uma vitória é uma vitória, e é emocionante ver alguém além de Zaid ou Axel sair com o título pela primeira vez em anos.

No parque fechado, saio do carro e sigo os procedimentos habituais de fim de corrida antes de retornar para a garagem da McMorris. Sou recebido com abraços, apertos de mão e cumprimentos, o alívio visível em todos agora que a temporada acabou. Estamos prontos para uma

pausa — deste mundo, uns dos outros e do estresse de manter uma equipe de elite funcionando. É claro que nem todos vão tirar férias ou mesmo uma folga prolongada. Tenho quase certeza de que os engenheiros não descansam nunca, e Arlo, por exemplo, vai ter que ficar alguns dias a mais para cumprir com todos os testes obrigatórios de pós-temporada.

Mas eu? Vou dar o fora daqui no segundo em que a reunião após a corrida e todas as minhas obrigações com a imprensa terminarem. Vantagens de ser o piloto sênior da equipe.

Por mais que, para ser bem sincero, o trabalho nunca tenha fim. Ainda preciso ir à academia quase todos os dias, passar bastante tempo no meu simulador de corrida em casa e estar de volta à nossa sede em Silverstone antes que eu perceba. E, por mais que eu esteja desesperado por uma pausa, não fico chateado com a perspectiva de voltar ao trabalho em algumas semanas.

Para minha alegria, Stella está mais uma vez me esperando no fundo da garagem, com um fone de ouvido verde pendurado no pescoço. Pelo jeito como está radiante, sei que ouviu minha mensagem.

Ela joga os braços em volta da minha cintura um instante depois e pressiona o peito no meu. Está usando saltos um pouco mais baixos dessa vez, embora não menos perigosos, o que a força a inclinar a cabeça um pouco mais para trás. A linha comprida de seu pescoço me dá vontade de beijá-la bem no topo da coluna. E eu não resisto.

Sinto a risada dela vibrar contra meus lábios e nem me importo se não tiver ninguém olhando. Isso aqui é só para mim.

— Você é *bom pra cacete* — diz Stella, e segura meu queixo com as mãos. — Retiro tudo que disse sobre você só perder.

Sorrio para ela.

— Quer dizer, tecnicamente, eu *perdi mesmo*. Não cheguei nem perto de ganhar o campeonato.

— Se perder for isso aí que você fez, não me importo de te assistir fazer isso sempre. Foi uma corrida incrível.

A alegria de Stella é contagiante e inunda meu corpo. Eu achava que estava feliz antes, mas ouvir os elogios dela… Não tenho um nome para a emoção que corre por minhas veias. Seja lá o que for, gosto da sensação mais do que deveria.

— Obrigado — digo, pressionando minha bochecha ainda mais contra uma de suas palmas. — Fico feliz por ter sobrevivido à temporada. Feliz por *todos nós* termos sobrevivido.

Alguns podem não ter saído ilesos, mental ou fisicamente, mas ainda estamos vivos. Em uma temporada como esta, é tudo que podemos

pedir.

Pigarreio para me livrar do peso que ameaça se instalar em meu peito.

— Enfim — digo —, tenho mais algumas coisas pra resolver antes de ir, mas te vejo amanhã cedo antes do nosso voo. Está pronta pra ir pra casa?

Vejo uma dúvida nos olhos dela quando digo a palavra "casa", e fico com medo de ter falado a coisa errada, mas não sei como teria dito isso de outra forma. *Pronta pra ir pra minha casa?* Não, cheio de meias-palavras. *Pronta pra fingir ser casada comigo e viver como colegas de quarto em um relacionamento completamente platônico?* Meu Deus, pior ainda.

Mas então a dúvida passa, um sorriso surge em seu rosto e… caralho. *Caralho*. Não sei mais se morarmos juntos ainda é uma boa ideia.

Porque manter as mãos longe da minha esposa vai ser quase impossível.



CAPÍTULO 17

Stella

Londres é úmida. Escura. Gelada demais. Simplesmente desagradável. E eu estou empolgada demais por estar aqui.

Essa não chega nem perto de ser minha primeira visita, mas não consegui desgrudar o rosto da janela conforme o avião descia, admirando a paisagem verde-acinzentada. Mesmo no banco de trás do sedã em que Thomas me colocou depressa, presto mais atenção na vista (nada emocionante) da congestionada M4 do que em qualquer coisa do que ele está falando.

Agora que estamos entrando em Kensington, no entanto, começo a me dar conta da nossa verdadeira situação.

— Minhas coisas já chegaram? — pergunto a Thomas.

O olhar que ele me lança indica que já falou sobre isso, mas repete gentilmente:

— Sim, tudo que sua assistente mandou chegou ontem. A equipe não desempacotou nada, mas, se quiser, é só me avisar que peço para que façam isso.

Estou curiosa para saber que tipo de equipe ele tem. Empregadas domésticas, chefs, talvez até um mordomo de verdade? Ele parece o tipo de pessoa que toca uma sineta e chama por um homem chamado Alfred.

Só que não tenho chance de perguntar nada, porque o sedã encosta suavemente em frente a uma fileira de casas geminadas. Cada uma tem uma fachada um pouquinho diferente da outra, mas todas são arquitetonicamente deslumbrantes — e caras. Aposto que custam pelo menos uns dez milhões de libras. Nem os jardins minúsculos da frente e a paisagem árida do inverno conseguem esconder a riqueza que existe aqui.

— Lar, doce lar — diz Thomas conforme o motorista abre minha porta, uma lufada de ar frio cortando minhas bochechas.

Lar. Não sei se ainda *tenho* um lar, mas pelo menos é aqui onde vou morar de agora em diante. Quando Thomas perguntou se eu estava pronta para ir para casa, a ideia me empolgou, e cheguei a sentir um calor no peito ao me imaginar em um lugar seguro depois de ter sobrevivido a tanto caos. Agora que estou aqui, no entanto, parece só uma casa comum, quatro paredes novas que não me trarão o conforto que meu apartamento com Étienne me trazia.

Olhando para trás, consigo encontrar muitos aspectos ruins no nosso relacionamento, mas também vivemos momentos lindos, especialmente lá. Todas as noites em que ficamos acordados até tarde assistindo aos filmes de terror vagabundos favoritos dele, aconchegados no sofá que ele odiava, mas que insistiu para que comprássemos porque eu tinha gostado. Todos os doces que eu fazia e ele levava para o escritório no dia seguinte, depois voltava com elogios dos funcionários. Ou a vez em que nossa torneira quebrou e encharcou a cozinha inteira… e aí ele colocou um álbum da Edith Piaf para tocar e dançou lentamente com o esfregão enquanto eu ria do meu lugar seco na bancada.

Não foi de todo ruim, e aquele apartamento viu o melhor do nosso relacionamento. São a essas memórias que, em meus momentos mais difíceis, eu tento me apegar.

Mas nunca terei aquele tempo de volta, não importa o quanto eu anseie pelo consolo daquele lugar e pelas memórias criadas lá. Então que se dane. É melhor eu recomeçar e aproveitar ao máximo o que me foi oferecido.

E me ofereceram algo *muito* bom.

Thomas me acompanha pelo portão de ferro forjado que separa a calçada do jardim da frente e me guia por um caminho estreito até a construção de pedra branca. Tem uma janela saliente à direita da porta de entrada, e dou uma olhada lá dentro antes que ele gire a maçaneta da porta preta reluzente. O espaço lembra muito o saguão de um hotel de luxo moderno, com sofás baixos de veludo e pinturas a óleo em pesadas molduras de bronze. É muito mais contemporâneo do que eu imaginava, a julgar pela vibe clássica — ok, sejamos honestos: antiquada — do Príncipe Encantado.

Quando a porta se abre, me deparo com um hall mais amplo do que esperava, e penso em sair de novo para checar se não fomos transportados, de repente, para outro lugar.

— É muito maior do que eu imaginava — digo, olhando ao redor, observando a escada espinha de peixe acarpetada e a parede da galeria

em preto e branco que leva ao segundo andar. — Parecia tão estreita de fora.

Thomas coça a nuca com um sorriso tímido.

— É porque, na verdade, são três construções que foram unificadas. Mantivemos as fachadas das casas, mas derrubamos as paredes internas.

Eu estava enganada. Não estou em uma casa de dez milhões de libras, e sim no mínimo em uma de trinta.

Observo tudo com admiração, tirando os olhos dele para ver a sala atrás, que se ramifica à esquerda.

— Não sabia que corrida pagava tão bem.

— Às vezes paga.

Outra resposta vaga, como quando ele me disse que a família dele estava no ramo de hotelaria e relutou em me dar mais detalhes.

— Mas não pagou por essa casa, pagou? — comento, com sarcasmo.

— Não completamente — admite.

Ansioso para mudar de assunto, ele estende o braço, gesticulando para além da escada, em direção à casa.

— Quer fazer um tour completo?

Deixo minha bolsa no aparador e tiro os sapatos.

— Vamos nessa.

Começamos pelos fundos, onde há um lindo solário ao lado da cozinha.

— Na verdade, não bate muito sol — diz ele, sem se estender muito no assunto.

Gasto um tempo na cozinha espiando a geladeira enorme de aço inoxidável e passando os dedos pelas oito bocas do fogão. Há um forno duplo embutido e equipamentos de última geração nos quais aposto que ele nunca encostou na vida. Na verdade, alguns são tão novos que os cabos ainda estão no plástico.

Talvez seja porque ele não passa muito tempo aqui, considerando que fica ocupado viajando pelo mundo, mas os chefs dele já não teriam removido uma coisa dessas? A menos que… a menos que não seja o equipamento dos chefs dele.

Não preciso olhar com atenção para notar que a batedeira planetária é da mesma marca da que uso para testar pequenas porções e cozinhar em casa. O mesmo vale para os eletrodomésticos perfeitamente alinhados nas bancadas de mármore. São até da cor que eu prefiro: um tom de marrom que lembra café com leite, disponível apenas por encomenda. Mas aqueles eletrodomésticos não são os meus. Não, os meus estão bem desgastados pelo uso. Estes aqui acabaram de sair da caixa, novinhos em folha.

Sem chance de ele ter comprado tudo isso só para mim — ter se dado ao trabalho não só de comprá-los, mas nas exatas configurações que eu amo. De jeito nenhum.

Mas calma aí… será que é isso mesmo?

O tour segue antes que eu tenha coragem de perguntar. Tem uma academia impressionante no porão, com espelhos nas paredes e todos os aparelhos de musculação e cárdio que um rato de academia poderia desejar. Tem até um reformer de pilates no canto, e a ideia de ver Thomas deslizando nele me faz disfarçar o riso com uma tosse.

Nossa próxima parada, quando voltamos para o andar de cima, é um espaço que não esperava, mas estalo a língua, impressionada, quando ele abre a porta.

— E *essa aqui* é a minha sala de troféus — anuncia ele, com um gesto grandioso.

Fico encarando as fileiras e mais fileiras de troféus, placas, medalhas e até capacetes brilhantes que imagino terem sido feitos especialmente para corridas passadas. Se isso conta para alguma coisa, o cara já ganhou *pra caramba* na vida.

— Uau — murmuro, admirada. — Preciso arrumar um desse pra mim.

— A gente pode dividir — diz ele, sem hesitar. — Posso abrir espaço pra você.

Dou uma risadinha irônica, saindo do quarto novamente, mas sinto uma pontada no peito só de pensar nele querendo exibir minhas conquistas ao lado das suas. Querendo abrir espaço para mim em sua vida.

Lembre-se, isso é temporário. Nem é de verdade.

A voz no fundo da minha mente tem razão. Eu não deveria me prender às palavras doces de Thomas, por mais tocantes que sejam.

— Beleza, hora de mostrar o meu quarto — insisto, empurrando-o delicadamente de volta para o saguão e na direção da escada.

Faço o possível para não olhar para a bunda dele enquanto o sigo até o andar de cima, mas a carne é fraca e… caramba, que bunda linda ele tem. Tentando me distrair, observo as fotos penduradas na parede enquanto passamos por elas. É basicamente uma coleção de momentos dele e da família ao longo dos anos, com alguns amigos no meio. Paro quando vejo um rosto familiar, ainda reconhecível, embora ela esteja alguns anos mais nova nessa foto do que na outra em que já a vi.

Dou um tapinha nas costas de Thomas e aponto para a foto de uma loira sorridente, e ele para e olha para mim.

— É a srta. *Nunca Fez Meu Tipo*?

Ele segue meu dedo com os olhos, os lábios se contraindo de leve.

— A própria.

— Ela é linda.

E não digo isso porque me sinto ameaçada ou inferior a ela, mas porque é a verdade, e não vou negar. Ela é deslumbrante, tem olhos grandes e verdes, um sorriso largo com os dentes à mostra, o tipo de cabelo ondulado que exige um monte de ferramentas quentes para conseguir, mesmo que pareça fácil. A verdade é que ela e Thomas formariam um casal lindo, mas saber que ela não faz o tipo dele e nunca despertou seu interesse muda a dinâmica.

— Ela está mesmo apaixonada por você? Porque eu não quero fazer parte de um plano em que ela vai ficar magoada.

Thomas me encara de seu ponto de vista privilegiado, em um degrau mais alto, e reflete sobre minha pergunta. Gosto que ele seja atencioso assim. Homens que só se importam com as mulheres por quem se sentem atraídos são o tipo de pessoa de quem prefiro ficar longe. A resposta dele vai definir se preciso consultar aquela lista de advogados de divórcio que minha mãe enviou.

— Às vezes acho que ela até pensa que está apaixonada por mim — diz ele finalmente, e o tom honesto em sua voz faz a frase soar quase pesarosa —, mas ela só ama *a ideia* que tem de mim. O que eu represento. Não ama quem eu sou na vida real.

Há algo esmagador na resposta que ressoa no meu peito. É uma combinação das minhas próprias mágoas, porque consegui me identificar com isso, e da dor dele por ser visto dessa maneira. Isso me faz querer pegar na mão dele e segurar firme.

Isso vai contra minhas próprias regras, porém, então mantenho os braços ao lado do corpo e fico esperando a vontade passar.

Como não digo mais nada, Thomas se vira e continua andando.

O segundo andar é um espaço aconchegante, todo em tons neutros, coberto por um carpete bem macio em creme. Ele mencionou a existência de vários quartos, e presumo que haja alguns em cada ala da casa. O quarto em frente ao patamar serve de escritório/biblioteca.

— Mandei colocarem suas coisas na suíte principal da ala leste. Espero que esteja tudo bem para você.

Olho para o corredor e depois para ele.

— Onde fica o seu quarto?

— Na ala oeste. Imaginei que você gostaria de bastante privacidade, para o caso… — Ele para de falar e pigarreia, e um leve rubor se espalha por suas bochechas. — Caso queira receber visitas.

Certo, é a minha própria regra de *trair com consentimento*, só que dita de outro jeito. Não tenho planos de usá-la, mas não sou a única a ter essa opção e também não quero ouvir as possíveis visitas *dele*. O arranjo beneficia a nós dois.

— Tá ótimo — digo, afastando a sensação estranhamente incômoda de imaginá-lo com outra pessoa. — Seja como for, você provavelmente não vai querer ouvir minhas ligações de trabalho. Já me disseram que fico um pouco empolgada quando se trata de novos sabores de macaron para o cardápio.

Thomas tenta segurar uma risada.

— Acho que na verdade eu gostaria de ouvir isso.

Ele diz isso agora, mas vai se arrepender quando eu estiver esbravejando ao telefone às dez da noite, graças à diferença de fuso horário entre Londres e a Costa Leste dos Estados Unidos. Estou prestes a dizer isso a ele quando avisto uma sombra em seu ombro e quase desço as escadas correndo antes de perceber que é Maeve saindo do escritório.

Thomas tem menos sorte e deixa escapar um pequeno som de horror quando a assistente aparece ao seu lado.

— Jesus *Cristo*. — Ele suspira, afastando-se um pouco dela. — Como você chegou aqui antes da gente? Seu voo não era mais tarde?

— Bruxas têm a habilidade de se teletransportar — responde ela, tão séria que quase acredito. — E fique feliz por eu ter chegado primeiro, porque interceptei Edith na sua porta mais cedo.

A menção à irmã mais velha de Thomas faz o doce rubor em suas bochechas desaparecer.

— O que ela queria?

— Convidar você e Stella para ir à casa de Cotswolds amanhã à tarde. Vão passar alguns dias com a família.

— Numa terça-feira? — protesta ele. — Ninguém trabalha?

— Bem, você não tem nada marcado até sexta-feira, e o mundo inteiro obviamente gira em torno da sua agenda, então não. — Maeve volta a atenção para mim. Está bem menos ácida quando volta a falar: — Se precisar trabalhar enquanto estiver fora, posso pedir para a equipe da casa montar um escritório.

Balanço a cabeça.

— Não será necessário. Estou de folga pelo resto da semana.

E agora estou feliz por ter tirado esses dias. Conhecer a família de Thomas tão cedo *não era* o que eu esperava. Pelo jeito estou prestes a ser jogada direto no ninho de víboras.

Maeve assente e olha para Thomas.

— Já fique de sobreaviso que o novo hobby da sua mãe é ser bartender. Ela parece ter entrado de cabeça nessa. Virou fã de pornstar martini.

Ele faz uma careta, recebendo a informação como quem recebe um golpe, e o sorriso de político que abre é insuficiente para expressar o desprezo que está sentindo.

— Espero nunca ter que ouvi-la dizer essas palavras.

— Vou te mandar vibrações positivas. — Maeve bate palmas. — Beleza, estou indo nessa. Só queria garantir que você fosse avisado, Thomas, e que você tivesse tudo de que precisa, Stella. Viu toda aquela parafernália sofisticada que ele me fez encomendar pra você? Juro, ele me obrigou a ligar para os seus funcionários e descobrir quais eram exatamente os seus…

— Tá ótimo, Maeve, obrigado — interrompe Thomas bruscamente, enxotando Maeve em direção à escada. — E se a Stella precisar de alguma coisa, pode deixar que dou um jeito.

Pestanejo algumas vezes antes de voltar a encará-lo, embora ele esteja evitando meu olhar. Um rubor surge outra vez nas maçãs de seu rosto.

Putz. Então eu estava certa. Era *mesmo* tudo para mim.

A assistente dele me olha e abre um sorriso radiante enquanto é conduzida escada abaixo.

— Você tem meu número, Stella. Chego aqui num estalar de dedos se precisar de mim.

Com ou sem poderes de bruxa, acredito nisso de verdade.

— Obrigada, Maeve.

Só quando ela desaparece escada abaixo e a porta da frente se fecha com força é que Thomas solta um suspiro pesado. Passando a mão pelo cabelo, volta a atenção para mim.

— Foi mal — lamenta ele. — Queria te dar um tempo pra se acomodar antes de te levar pra conhecê-los.

Eu também queria, mas as coisas acontecem do jeito que têm que acontecer. E acho que é melhor sabermos logo se vai dar certo antes de investirmos mais tempo e esforço nesse projeto de casamento.

— Talvez seja bom fazer isso logo de uma vez, mas a gente precisa combinar nossas histórias com urgência.

Estou prestes a sugerir que peçamos comida e façamos uma entrevista de algumas horas, mas sou forçada a disfarçar um bocejo. Parece que levei uma surra depois de passar por três fusos diferentes em cinco dias. Não sei como esse homem consegue fazer isso semana após semana.

Uma ruga de preocupação aparece entre as sobrancelhas dele.

— É melhor descansar um pouco. A viagem até a casa dos meus pais leva umas duas horas. A gente conversa no caminho.

Na verdade, não deveríamos perder esse tempo, mas estou tão exausta que não reteria nada do que ele me dissesse de qualquer maneira.

— Tá, tudo bem.

Aponto com o polegar por cima do ombro para a ala leste.

— Acho que vamos para lados opostos agora. Se me ouvir acordada por aí no meio da noite porque meu corpo não consegue entender em qual fuso estou, cuida da tua vida, tá?

Ele ri com vontade e sem reservas, e o som acaba com a minha exaustão por um momento de felicidade.

— Prometo te ignorar.

— Isso aí, seja inteligente. Boa noite, Thomas.

Ele vai embora ainda com um sorriso de canto de boca e uma ternura nos olhos que me comove um pouco demais.

— Durma bem, Stella.



— Tá, você venceu. Um café da manhã inglês completo é… — Solto um suspiro dramático. — Não é tão ruim assim.

Thomas aponta o garfo para mim com uma cara triunfante, e o cogumelo espetado ameaça voar.

— Eu *falei*! Como ousa dizer que feijão não combina com café da manhã? Que blasfêmia.

Balanço a cabeça e como outro pedacinho de salsicha para disfarçar o sorriso.

— Olha, de onde eu venho, feijão assim não é comida de café da manhã — observo, depois de mastigar. — Você precisa entender o meu ceticismo.

Só que eu não esperava que provassem que eu estava errada tão rápido. Depois de dormir feito pedra, acordei hoje de manhã com o cheiro de bacon fritando e fui conduzida até a cozinha pelo meu nariz. Para minha surpresa, não era um chef contratado no fogão, mas meu próprio marido de fachada usando um avental horroroso com a bandeira do Reino Unido (que eu já jurei que vou substituir antes de botar o pé nessa cozinha).

Verdade seja dita, não achei que cozinhar estivesse na lista de talentos de Thomas, mas não me incomodo nem um pouco com a descoberta, principalmente porque, pela primeira vez, não preciso mexer um dedo. Com Étienne, era sempre eu que cozinhava, já que ele dizia não saber — e se recusava a aprender.

Thomas colocou as mãos em meus ombros cobertos pelo robe de seda e me conduziu até a ilha, depois me serviu café, suco de laranja e um copo de água antes de apresentar o prato fumegante de comida. Vi o que tinha nele e fiquei pálida. Ainda assim, Thomas me convenceu a experimentar e prometeu que eu mudaria de ideia. E sou obrigada a confessar que ele estava certo.

— Ah, minha esposa americana — diz ele com carinho antes de enfiar o cogumelo na boca. — Você tem tanto a aprender sobre a minha linda cultura.

Reviro os olhos, mas as piadas horríveis dele e o simples fato de ter preparado o meu café da manhã — e um gostoso, por sinal — fazem meu coração disparar. Ou talvez sejam só palpitações causadas pela terceira xícara de café que ele já me serviu, sem nunca deixar minha caneca ficar vazia.

Já estou quase terminando meu prato quando o celular dele toca no balcão.

— Precisamos sair em breve — diz ele, conferindo a tela. — Quer ajuda para fazer as malas?

— Não, pode deixar. — Faço uma pausa, reconsiderando. — Pra falar a verdade, existe, tipo… algum código de vestimenta que eu precise seguir?

Que pergunta ridícula… Não é como se fosse a primeira família de alguém especial que conheço, mas não sei como funcionam esses clãs familiares da alta sociedade inglesa. Estou meio que me preparando para entrar numa cena de *Downton Abbey* ou *Bridgerton*.

Thomas pensa, umedecendo o lábio inferior.

— Bom, estamos no inverno, então você não precisa se preocupar em levar seu uniforme branco de tênis — diz ele —, mas talvez seja bom levar seu equipamento de montaria. Você tem calças de equitação, não tem? Ah, e eu sugeriria um ou dois vestidos de noite para os jantares de gala da mamãe. São sempre um espetáculo.

Fico em choque.

— Você tá…

— Stella, é brincadeira — interrompe ele, com um tom brincalhão, e segura minha mão. — Juro, não tem nada disso. Pode vestir o que estiver acostumada a usar. Você está sempre incrível.

Faço cara feia, mas o elogio me aquece por dentro.

— Com todo o respeito, vá se foder, Vossa Alteza.

— Contanto que seja com todo o respeito… — Ele me lança um sorriso antes de retirar a mão e se levantar. — Vai se arrumar. Tá precisando de alguma coisa?

Ele já me fez essa pergunta pelo menos umas dez vezes na meia hora em que tomamos o café da manhã, e eu balanço a cabeça outra vez.

— Estou bem. Tenho tudo de que preciso e mais um pouco.

Sério. Ontem à noite, quando fui tomar banho antes de dormir, encontrei quase que uma farmácia completa embaixo da pia, junto com todos os acessórios para cabelo e produtos caros de skincare que eu poderia desejar. Nem precisei tirar minhas próprias fronhas de seda da mala — os travesseiros na cama já estavam com fronhas similares às minhas. Cheguei a verificar duas vezes se não era o caso, espiando em uma das malas para ver se alguém as tinha desfeito, mas não. Aquelas haviam sido gentilmente fornecidas pelo meu anfitrião.

— Só quero ter certeza de que esteja confortável — diz ele. — Afinal, a casa é sua também.

Ele fala com tanta sinceridade que não duvido do que diz. Thomas está cuidando de mim de todas as maneiras que não sou cuidada por um homem há… tempo demais.

Desço do meu banquinho.

— Fico pronta em vinte minutos.

— Sem pressa. Sei que vai precisar dar uma checada na sua coleção de vestidos de gala.

Essas brincadeiras podem até ser péssimas, mas ainda assim me fazem rir baixinho enquanto saio da cozinha, grata, com certa vergonha, pelo humor de homem branco e rico de Thomas. Nunca pensei que veria esse dia chegar.

Quase meia hora depois, estou no banco do passageiro de um SUV quadradão que faria mais sentido no campo do que na cidade. Considerando que é para lá que estamos indo, acho que é a escolha perfeita.

As ruas são estreitas e o carro é largo, mas ele segue até a rua principal com facilidade. Fico olhando as lojas, os restaurantes e as pessoas enquanto passamos, tentando memorizar o máximo possível. Como Thomas vive me dizendo, esta é a minha casa agora, então vou dar o meu melhor para aprender tudo sobre ela e garantir que me sinto, de fato, em casa.

Só depois de alguns minutos na estrada sem nada para ver é que o silêncio começa a ficar constrangedor. Thomas também deve ter

percebido, porque diz:

— Pode colocar uma música, se quiser.

Combinamos que usaríamos essa viagem para conversar, mas precisamos quebrar o gelo primeiro. Ligo o rádio e deixo na estação que já estava tocando. Para minha alegria, estava sintonizado em uma que toca só as melhores do pop contemporâneo, e assim que o locutor para de falar, uma das minhas músicas favoritas começa a tocar. Deve ser um bom presságio, um sinal de coisas boas chegando. Ou pelo menos vou interpretar assim, pois a ideia de conhecer a família dele me deixa muito nervosa e estou desesperada para dar uma aliviada na tensão.

Já estou até cantarolando quando Thomas resmunga:

— Eu não *suporto* o Ed Sheeran — reclama ele, tirando uma mão do volante para pegar o celular do console central e o jogar delicadamente no meu colo. — Coloca uma das minhas playlists. A senha é sete, zero, quatro, cinco.

A calúnia contra Ed Sheeran é um assunto que vamos ser obrigados a abordar em outro momento, porque fico chocada demais com ele revelando a própria senha como se não fosse nada; nem consigo me concentrar na ofensa. Acho que esse é um sinal de confiança que nunca ninguém teve comigo. Ou talvez este homem não tenha nada a esconder.

Digito a senha, e a tela desbloqueia.

— Esses números têm algum significado específico? — pergunto enquanto procuro pelo aplicativo de música.

Thomas hesita, deslizando as mãos pelo volante como se talvez não quisesse revelar o segredo para mim.

— O número do meu carro nas corridas é setenta — confessa ele, por fim. — E… o de Zaid Yousef é quarenta e cinco.

Levanto a cabeça de repente, os olhos arregalados de alegria.

— Ai, meu Deus — digo, dando risada quando percebo o rubor subindo por seu pescoço. — Você é obcecado por esse cara?

— Que culpa eu tenho? — retruca ele, mas tenho que respeitar o fato de não ter se apressado em negar. — Ele é uma lenda! Já ganhava títulos antes mesmo de a F1 fazer meus olhos brilharem. Fora que essa é minha senha desde a adolescência e tenho preguiça de memorizar outra.

— Você é muito fofo — murmuro, e vejo suas bochechas corando antes de voltar a mexer no celular. Mas, enquanto navego pelas playlists dele, meu humor se transforma em descrença. — Essa aqui é sua conta mesmo?

Sinto que ele me olha com estranheza, mas não retribuo.

— Ué, sim, por quê?

— Porque seu gosto musical se resume a afrobeats e hip-hop.

Ele dá de ombros quando volto a levantar os olhos.

— É, eu gosto.

Tá, quem foi que sequestrou minha florzinha inglesa cor-de-rosa e a substituiu por… isso aqui?

— Fiz muitos amigos na África Ocidental quando criança — explica ele, tentando elaborar melhor quando tudo que consigo fazer é encará-lo. — Herdei o gosto musical deles.

De alguma maneira, isso explica muita coisa sobre ele, mas ainda assim continuo surpresa.

— Vocês ainda se falam?

Ele assente.

— Nosso grupo sobreviveu à escola primária e a todos os meus anos de corrida. Você com certeza vai acabar conhecendo Joshua e Amara em algum momento. Ah, e só pra avisar, Amara já está apaixonada por você.

Acho que é um bom sinal ele querer me apresentar aos amigos, embora eu fique preocupada. Se nossa vida ficar entrelaçada demais, vai ficar difícil nos afastarmos depois. Não faz nem três semanas que começamos essa farsa… Nossa, ainda nem chegamos a dezembro. Como as coisas vão estar daqui a três meses, daqui a um ano?

Por outro lado, passei cinco anos com Étienne e tudo que sobrou para dividirmos foram nossas propriedades e uma conta bancária conjunta. A gente já quase nem tinha mais amigos em comum — os amigos dele eram dele e os meus eram meus —, e a família inteira do meu ex-noivo morava na França e não demonstrava nenhum interesse em nos visitar nos Estados Unidos. Comparada a muitas separações, a nossa foi bem fácil de resolver, tirando os envolvimentos emocionais da minha parte.

Então talvez eu devesse manter distância e não pedir nada, mas peço mesmo assim:

— Me conta mais sobre os seus amigos? Principalmente sobre a Amara. Senti uma vibe boa dela.



Duas horas depois, sinto que conheço meu marido um pouco melhor e fico mais relaxada por saber que provavelmente não vou estragar tudo com a família dele. Além disso, agora é oficial: chegamos à porra do fim do mundo.

Percorremos uma estrada que parece ter sido feita para cavalos e carruagens, não para SUVs modernos. Há ovelhas à minha esquerda e

campos com algum tipo de cereal à direita. E eu, que sempre morei na cidade, me sinto um peixe fora d'água, ainda mais quando viramos em outra rua estreita e seguimos em direção a uma mansão *de verdade*.

Thomas vira na rotatória que fica na entrada, contornando uma fonte decorativa, e para o carro em frente à bela casa de pedra. Não é tão grande quanto Downton Abbey, mas certamente é maior do que qualquer casa que já tive na vida, coberta por trepadeiras retorcidas de glicínia e hera verde-escura. Fico na expectativa de encontrar duas fileiras de funcionários saindo pelas altas portas de madeira, mas parece que vamos entrar sozinhos na casa.

Mesmo de fora, a construção tem aquele ar de opulência clássica. E quando sigo Thomas até o saguão de entrada, observando as tapeçarias nas paredes e os móveis entalhados à mão, não consigo fazer muito mais do que ficar boquiaberta.

Sou uma mulher rica, não tem como negar. Mas isso aqui? Isso aqui é a *nobreza*. Aquela nobreza antiga e assustadora.

— Tudo bem aí? — pergunta Thomas, e eu fecho a boca, embora tenha certeza de que ele já viu meu queixo caído.

— Uhum — respondo, engasgada. — Tudo ótimo. Tô ótima.

Ele ri baixinho e pega a bolsa de viagem da minha mão. Aproveito a oportunidade para me virar e apreciar o pé-direito alto e as vigas de madeira expostas.

— É meio exagerado, eu sei. Mas prometo que este é o cômodo menos moderno da casa. E, antes que pergunte, *sim,* temos água encanada. Tem até uma piscina no jardim dos fundos. É aquecida, se quiser dar um mergulho enquanto estivermos aqui.

Eu nem pensei em trazer roupa de banho, mas agora já não estou mais tão convencida assim de que Thomas estivesse brincando sobre aquele papo de calças de montaria e vestidos de gala.

Enquanto admiro tudo, ele se aproxima de uma das portas em arco e pergunta alto se há alguém em casa. Depois de alguns segundos de espera e nenhuma resposta, ele suspira e coloca nossas malas no chão.

— Parece que ninguém chegou ainda. — Ele olha para o relógio caro que tem no pulso antes de voltar a olhar para mim, as sobrancelhas arqueadas. — Tá a fim de fazer um tour enquanto isso?

Claro que sim, porque quando mais eu vou ter a oportunidade de andar por uma mansão inglesa do século XVI?

— Ora, por obséquio. No entanto, poderia me conduzir até um desses banheiros com água encanada que afirmou haver em sua propriedade?

Thomas dá uma risada e aponta para a entrada em arco logo à frente.

— É só seguir por esse corredor e virar à direita. Vai ser a primeira porta à esquerda.

Agradeço e saio correndo, a bexiga quase estourando de todas as bebidas que ele me serviu no café da manhã. Para a minha sorte, as instruções dele são fáceis de seguir, e saio aliviada alguns minutos depois, ansiosa para começar nosso passeio antes que mais alguém apareça. Nossa conversa fluiu no carro, mesmo que a gente tenha passado a maior parte do tempo conversando sobre os amigos dele e a história deste lugar, e eu não me incomodaria nem um pouco de retomar o assunto.

— Espero que esteja pronto para dar o melhor tour da sua vida — digo, ao dobrar o corredor que leva de volta ao saguão de entrada.

E então esbarro direto em Figgy.



CAPÍTULO 18

Thomas

Tudo indica que minha família ainda não chegou. Felicity-Anne Peregrine, no entanto, sim.

Mal terminei de gaguejar um "oi" para ela, surpreso com sua aparição repentina — sério, de onde ela surgiu? —, quando Stella retorna. Ela para na mesma hora e evita uma colisão com Figgy, depois dá um passo rápido para trás.

— Meu Deus, desculpa! — pede Stella, de imediato. — Parece que nos últimos tempos minha meta de vida anda sendo atropelar todo mundo que vejo pela frente.

Não faço ideia do que ela está falando, mas não dá tempo nem de perguntar. Minha esposa e a mulher com quem esperavam que eu me casasse por praticamente a minha vida inteira estão agora cara a cara. E não poderiam ser mais diferentes.

Stella, de pele preta e pernas longas, usando um vestido de cashmere com cinto e saltos finos perigosos. Figgy, loira e pequena, vestida com o uniforme de Cotswolds: jeans, botas e uma jaqueta Barbour. Mas não é só na aparência que eles divergem. Minha esposa é prática e afiada, além de ser dotada de um humor astuto e olhos brilhantes. E minha antiga amiga, que virou uma admiradora indesejada, é… bem, nenhuma dessas coisas. Tem a suavidade de uma mulher que recebeu tudo de bandeja ao nascer e nunca almejou nada além disso, contente por seu status, sabendo que nunca teria grandes desafios se seguisse o caminho já traçado para ela: arranjar um bom casamento e levar adiante o legado da família.

Só que agora um desafio surgiu na figura de Stella, e não faço ideia do que isso vai despertar nela.

Sinto meu estômago embrulhar. *Não* era assim que imaginava o primeiro encontro das duas. Esperava ter mais tempo para preparar Stella e talvez uma conversa prévia com Figgy, explicando novamente que ela e eu nunca ficaríamos juntos. Não queria que as duas fossem jogadas na arena assim, sem qualquer preparação. Mas aqui estamos.

— Tudo bem, não se preocupa — diz Figgy, com uma risada leve e musical. O exato oposto da risada estrondosa de Stella. — Pelo menos ainda estamos de pé.

Bem, talvez *eu* não esteja por muito mais tempo.

Figgy se aproxima de mim e chega tão perto que encosta o braço no meu ao levantar a mão para cumprimentar Stella.

— É tão bom ter você aqui — diz ela. A declaração é acolhedora, como se fosse a dona da mansão cumprimentando uma convidada. — Já era hora de Thomas trazer a esposa para conhecer todo mundo. Sou a Figgy, uma velha amiga da família.

Fico feliz que ela tenha escolhido essa definição para o nosso relacionamento — ou a falta dele. Ela é diplomática, tenho que admitir. E Stella é uma mulher de negócios experiente, então o sorriso e o aperto de mãos com os quais responde a Figgy são perfeitamente educados, até mesmo amistosos.

— É maravilhoso te conhecer. Thomas me falou bastante de você.

— Espero que só coisas boas — responde Figgy alegremente, soltando a mão de Stella e envolvendo o meu braço. Quando ouso encará-la, vejo que está radiante. — Ele infelizmente conhece todos os meus segredos e histórias constrangedoras. Acho que é isso que acontece quando você cresce com alguém.

Eu não deveria estar surpreso por Figgy estar demonstrando esse comportamento possessivo, mas não imaginei que fosse recorrer a ele tão rápido. Para a minha sorte, Stella não se incomoda com a mulher agarrada a mim como um coala e sorri carinhosamente para nós dois.

— Aposto que você tem histórias muito boas pra contar desse cara — diz ela, o sorriso assumindo um ar de cumplicidade, como se as duas já fossem melhores amigas. — Que tal a gente se sentar e conversar tomando mimosa? Quero saber de *cada* detalhezinho sórdido das encrencas, e você é a melhor fonte.

Minha atenção oscila entre as duas; não deixo de notar a expressão confusa que percorre o rosto de Figgy por um instante e que logo dá lugar à animação outra vez. A oferta de Stella claramente a pegou de surpresa já que não devia estar esperando uma proposta tão afável.

— Nossa, eu adoraria — diz Figgy, embora eu consiga sentir o "mas" chegando. — Mas só passei pra deixar minhas coisas da semana. Na

verdade, estou indo fazer uma limpeza de pele na cidade com a *melhor* esteticista que existe. Se quiser que eu marque uma consulta pra você, é só dizer. Esses voos de longa distância acabam com a gente.

O insulto malicioso me faz arregalar os olhos. Stella poderia bater de frente, mas a maneira como a frase foi formulada daria brecha para Figgy rir e dizer que está *se incluindo* na declaração. Stella sairia perdendo dessa batalha.

— Olha, talvez seja uma boa ideia, viu — afirma Stella, para minha surpresa. Duvido que não tenha percebido que a intenção foi ofendê-la, mas está tão perfeitamente composta que perco a certeza. — Eu adoraria um dia de autocuidado. O Thomas anda me mantendo tão ocupada… Agora vivo o seguindo pelo mundo e mal tenho um momento só pra mim. — Ao dizer isso, ela pisca para mim. Fica óbvio que está em vantagem. — Mas não posso reclamar.

A expressão de Figgy vacila mais uma vez, e agora ela é tomada pelo que juro ser indignação, mas logo volta a rir. Para ser sincero, nem parece forçada.

— É, aposto que não. — Com isso, ela se afasta de mim e joga o cabelo por cima do ombro antes de nos dar um tchauzinho com os dedos. — Até mais!

Stella acena de volta, mas não consigo fazer muito mais do que observá-la indo em direção à porta.

— Ai, que *divertida* — diz Stella, animada, quando Figgy vai embora. — Não vou dizer que ela me odeia, mas também não digo que vamos ser amigas.

Levo mais alguns segundos até me recompor, estremecendo ao perceber que a deixei sozinha nessa.

— Desculpa, mesmo. Eu não fazia ideia de que ela estaria aqui. Ninguém me avisou.

Stella dispensa meu pedido de desculpas com um aceno.

— Tá tudo bem. Eu esperava que fosse conhecer a sua família primeiro, mas sabia que essa hora ia chegar, mais cedo ou mais tarde. Como eu já te disse, é melhor resolver logo essa questão.

— Você é mais forte do que eu — digo, e procuro em seu rosto qualquer sinal de angústia ou desconforto. Não encontro nada, mas isso não significa que ela não esteja sentindo alguma coisa. — Mas tem certeza de que você tá bem? Aconteceram coisas demais nas últimas vinte e quatro horas, e ainda tem mais por vir.

— Thomas. — Ela olha para mim e me força a sustentar seu olhar. — Está tudo bem comigo. Mas, se eu precisar de um tempo, vou te dizer, ok?

— Combinado. — Isso não vai me impedir de checar se está tudo bem de vez em quando, mas vou ceder por agora. — Então… você acha que vamos conseguir enganar a Figgy e fazê-la pensar que nosso relacionamento é pra valer?

— Ah, querido, ela já está na defensiva. — Stella sorri e dá um tapinha na minha bochecha. — É um bom começo, embora eu não ache que ela vá desistir de você tão fácil assim.

Eu sabia que lidar com essa questão ia ser complexo, mas esperava que Stella interpretasse as coisas de forma diferente. Minha mente gira, pensando em mais maneiras de convencer Figgy de que é hora de fazer a fila andar. Tudo isso vai ter sido em vão se não conseguirmos.

Como se percebesse que estou me perdendo em pensamentos, Stella segura minha mão e me puxa em direção a uma das entradas em arco.

— Agora que estamos sozinhos… que tal aquele tour que você me prometeu? Adoraria saber como é a vida do 0,001% da população.



Depois de conduzir Stella por um tour que a deixa sem fôlego e a faz jurar que vai acrescentar mais exercícios aeróbicos à própria rotina de exercícios, nos recolhemos em quartos separados para nos acomodarmos e descansarmos.

Ela pareceu aliviada quando eu disse que não precisaríamos dividir o quarto, e eu sei, por dois motivos, que ninguém vai achar estranho ficarmos separados. Primeiro, porque o decoro sugere que tenhamos nossos próprios quartos até que meus pais aprovem oficialmente nossa união; segundo, porque quase todos os casais da nossa família dormem separados, já que não suportam os próprios cônjuges.

Infelizmente, Stella e eu ficamos separados por um longo corredor, pois Figgy já reservou o quarto de sempre ao lado do meu.

— Precisa de alguma coisa? — digo, só para ter certeza mais uma vez antes de seguirmos por caminhos opostos.

Mas também porque quero ganhar mais tempo com ela.

— Estou *bem* — assegura ela. — E obrigada por tudo que já fez até agora. Não acredito que você encheu sua casa com todos os meus utensílios favoritos.

Eu já disse a ela que não foi um problema, porque não foi mesmo. Bastou ligar algumas vezes para a equipe dela e depois repassar as mensagens para a minha. Mas o que eu queria dizer de verdade era: *Por*

que eu faria diferente disso? É questão de etiqueta receber bem as pessoas (obrigado pela lição, mãe). Além disso, será que é mesmo tão ruim assim eu ter gostado de fazer isso por ela? Será que é uma coisa tão ruim que eu tenha gostado de ver o rosto de Stella se iluminar, mesmo sem perceber, a cada detalhe que seus olhos captavam? Só isso já me faria querer dar tudo a ela.

Nas poucas horas em que estivemos separados, fiquei pensando em novas maneiras de mantê-la feliz enquanto ela estiver no Reino Unido comigo. A lista até agora consiste em anotações aleatórias no bloco de notas do meu celular e inclui coisas como: *contratar um corretor de imóveis que encontre um espaço adequado para uma Stella Margaux em Londres* e *manter a casa abastecida com farinha de amêndoa*. É um trabalho em andamento.

Estou prestes a escrever outra ideia quando aparece uma mensagem de Geneva. É só uma mensagem rápida para me avisar que ela e o restante da família vão chegar para o jantar, seguida de: *Estou falando da família inteira. A Edith vai trazer a prole completa e o Andrew vai levar a esposa. Se ela entrar em trabalho de parto aqui, eu NÃO vou ficar pra ver.*

Então percebo que é hora de avisar a Stella. A coitada vai ter que encarar todo mundo hoje à noite de uma vez só, e me resta apenas torcer para ela estar pronta. Para nós dois estarmos prontos.

Ela diz que posso entrar quando bato na porta fechada, mas me detenho no meio do caminho depois de dar um passo para dentro.

Ela está deitada de bruços na cama, apenas com uma toalha que mal cobre a curva generosa de sua bunda. As pernas longas brilham e cintilam, dobradas para trás e cruzadas na altura dos tornozelos, os pés no ar. O notebook está aberto à sua frente, um e-mail digitado pela metade na tela, mas certamente não estou interessado no que ela estava escrevendo.

Caralho, essa mulher é gostosa demais. E, de alguma maneira, espera-se que eu mantenha as mãos longe dela.

— Desculpa — diz Stella, meio tímida, atraindo meu olhar de suas pernas para seu sorriso torto. — Eu sei que disse que ia tirar a semana de folga, mas parece que, putz, escorreguei e caí aqui na cama com o meu notebook aberto bem na minha caixa de entrada. Mas olha só, antes tomei um banho naquela banheira fantástica. Não deu pra resistir.

Minha boca está quase seca demais para formar palavras, mas consigo dizer:

— Não, eu só queria te falar que minha família está a caminho. Devem chegar para o jantar.

Com isso, o sorriso dela ganha traços de sofrimento, o computador ficando esquecido enquanto ela se senta. O movimento atrai meus olhos para a curva de seus seios que surge acima da borda da toalha. Seria tão fácil o tecido se soltar, escorregar, me mostrar mais um pouquinho dela…

— Eita — diz ela, e exala, me arrancando dos pensamentos que não deveria estar tendo.

Ela deixou bem claro sua posição quanto a contato físico, e até fantasiar parece fora de cogitação.

— Acha que vamos passar nos testes deles?

Ela se levanta e vai até o armário, onde já pendurou as roupas que trouxe.

— Bom, eu espero que sim. — Dou um passo à frente quando ela está prestes a descartar um vestido preto clássico e coloco a mão sobre a dela. — Usa esse aqui.

Ela me olha de volta, os olhos encontrando os meus por um segundo ardente. Não tem como ela não perceber o que estou pensando, ou mesmo captar a sensação irradiando de mim. Tenho certeza de que é recíproco pela maneira como o olhar dela me devora.

Ela abaixa a mão antes que um de nós cometa um erro.

— Pretinho básico, então.

As palavras ofegantes contradizem a postura séria que ela assume. Ela está tão afetada quanto eu. Constatar isso, no entanto, funciona tanto como um conforto como uma tortura; é difícil saber que nós dois queremos que *algo* aconteça e me lembrar por que não deveríamos deixar acontecer.

— Agora sai pra eu me vestir — exige ela, me enxotando em direção à porta.

— Ah, qual é, eu sou seu marido — insisto, com um sorriso. — Você não quer minha ajuda pra fechar o zíper?

— Se você ficar, acho que esse zíper nunca vai subir. Agora *sai*.

A porta se fecha na minha cara antes que eu consiga processar as palavras dela. Quando consigo, fico apreensivo, porque ela talvez tenha razão.



— Temos que esperar alguém anunciar nossa chegada ou podemos só entrar e pronto?

A pergunta sussurrada de Stella no caminho até a sala de jantar me obriga a conter uma risadinha. Não sei de onde ela tira essas ideias de como as coisas funcionam por aqui. Talvez esteja lendo Jane Austen demais.

— Não precisa de anúncio nenhum. — Estendo o braço para ela. — Está pronta?

Stella solta um suspiro e gira os ombros algumas vezes antes de deslizar a mão na curva do meu braço. Parece uma atleta se preparando para a maior competição de sua vida. De certa forma, acho que tudo isso é um jogo, então não vou me indispor com ela por se preparar.

— Ok, vamos lá.

As vozes vão ficando mais altas do outro lado das largas portas de carvalho conforme nos aproximamos. O tilintar de copos e algumas risadas me dizem que mamãe já deve estar no bar. Só me resta torcer para todo mundo beber e ficar *alegre*, e não beber e decidir *expor todo o nosso drama familiar na frente da convidada*. Já aconteceu inúmeras vezes, e Stella não precisa encarar isso tão cedo assim.

Todos estão circulando pela vasta sala quando entramos. Os filhos de Edith passam correndo pela mesa comprida e pelo aparador onde mamãe empunha uma coqueteleira com uma animação preocupante. Andrew está ao lado dela, dando golinhos em um espresso martíni com um ar soturno enquanto observa a esposa grávida sentada à mesa, que por sua vez observa com inveja a bebida que minha mãe está servindo.

Papai está conversando com o marido de Edith, que balança a cabeça com um entusiasmo exagerado e concorda com tudo que ele diz, hábito que ele adquiriu desde que meu pai anunciou os planos de se aposentar nos próximos cinco anos, como se essa bajulação tosca fosse garantir a Edith o cargo de CEO. A própria Edith conversa, exaltada, ao telefone, andando em círculos em um canto e levantando a mão descontente de vez em quando. Negócios, sem dúvida. Mesmo com papai ainda tecnicamente comandando a A. P. Maxwell International, é ela quem mantém tudo funcionando.

Calais é a primeira a notar nossa chegada e cutuca Geneva com o braço. As duas não são gêmeas, mas têm apenas dois anos de diferença, além de aparência e jeito muito mais parecidos entre si do que com o restante de nós. Calais está usando uma de suas próprias criações esta noite, provavelmente uma peça da coleção nova que fui forçado a ver da primeira fila no último desfile de sua marca. É brilhante e floral, e combinaria mais com uma praia na Flórida do que com o inverno da Inglaterra. Em contraste, o vestido verde-limão de mangas bufantes de

Geneva é entediante. Como modelo, já a vi vestindo roupas bem piores, mas ainda assim é uma monstruosidade para os meus padrões.

— Thomas! — exclama Calais, abrindo e indo até nós. O sorriso em seu rosto é nada menos que diabólico. — E Stella Margaux! Bem-vindos, bem-vindos!

Percebo a presença da última pessoa na sala quando ela se apressa em virar a cabeça na nossa direção, pois até então estava meio escondida atrás da minha mãe. Os olhos de Figgy passam de arregalados para semicerrados e, em seguida, assumem um ar angelical, tudo isso em um segundo, e seu rosto se ilumina quando nota que estou olhando para ela. Engulo um resmungo, torcendo para não ter acabado de passar a impressão errada a ela.

Conforme Calais se aproxima para dar um tapinha meio forte demais na minha bochecha e, em seguida, trocar dois beijos no ar com Stella, elogiando sua roupa, mamãe se aproxima também com dois espressos martínis na mão.

— Minha mais nova nora! — cumprimenta ela, e eu poderia jurar que vejo lágrimas em seus olhos. Pelo sorriso radiante que abriu, são lágrimas de felicidade. — Ah, querida, é maravilhoso poder te conhecer, finalmente. O Thomas anda mantendo a gente tão distante, mas eu estava *louca* pra te receber aqui.

Mamãe então entrega um martíni para mim e outro para Stella, fazendo um sinal para bebermos. Tomo um gole e sinto um arrepio quando a vodca pura arde em minha garganta com um toque de licor de café. Antes que consiga tomar um gole, Stella vai sendo conduzida para longe de mim por mamãe, Calais e Geneva. Tento ir atrás, mas Figgy se intromete em meu caminho.

— A Stella está se divertindo? — pergunta. — Ela pareceu um pouco intimidada quando entrou.

É uma afirmação tão mentirosa que quase solto uma gargalhada. Ela deve estar dizendo isso para se consolar, pois seria impossível Stella andar com a cabeça mais erguida do que quando entrou aqui.

— Ela está adorando — respondo, lançando um olhar na direção de Stella para ter certeza de que está tudo bem. Pelo visto, ela já está encantando minha mãe com seu sorriso largo e seus olhos brilhantes. — Vou levá-la para um passeio pela região amanhã, mostrar tudo que Cotswolds tem a oferecer.

Devo admitir, Figgy não perde a postura casual.

— Só não a leve aos nossos lugares secretos — provoca ela. — Não sei se ela vai gostar muito das ovelhas do sr. Duggan. Ela parece um pouco exigente demais pra isso.

Mais uma vez, não deixo de notar a alfinetada. Só porque Figgy não se importa de caminhar em meio a excrementos de ovelha e subir em árvores para assistir ao pôr do sol como fazíamos quando adolescentes, não significa que seja melhor que Stella: significa só que são pessoas diferentes.

Figgy sempre foi meio insistente, mas esses comentários dissimulados são novidade para mim. Será que essa é a última tentativa dela de me convencer a escolhê-la? Porque, se for, está falhando miseravelmente.

Não quero ser indelicado, apesar de ela estar se rebaixando.

— Prometo que essas coisas ainda serão só nossas.

A máscara que ela veste finalmente cai, revelando a ansiedade latente.

— Mesmo? — insiste ela. — Porque, pelo jeito como você tem me evitado, fico me perguntando se ainda somos amigos.

Amoleço um pouco.

— Claro que somos, Fig.

Nós dois nos conhecemos há muito, muito tempo, e não tenho a intenção de jogar fora toda a amizade que construímos, ainda que ela pareça desesperada pela chance de um relacionamento romântico.

— Mas nunca passaremos disso, ok? Preciso que entenda isso.

— Thomas — implora ela, agarrando meu braço. — Qual é, todo mundo sabe que esse seu casamento não é de verdade. Ela é só uma mulher com quem você se casou bêbado em Las Vegas e agora tá tentando encobrir o que aconteceu. — Ela aperta meu braço com mais força, as unhas se cravando em minha pele. — Não precisa mentir pra mim.

Meu coração passa a bater tão forte que talvez todos na sala consigam ouvi-lo. Ninguém mais disse isso com todas as letras na minha cara até agora, embora eu saiba que é o palpite de muita gente. Faria sentido Figgy ter suas dúvidas, mas ela não está nem perto de comprar a ideia.

A esperança estampada em seu rosto me dá náuseas. Ela acha mesmo que ainda tem chance e que tudo que precisa fazer é tirar Stella da jogada para ficarmos juntos. Não sei de que outro jeito posso fazê-la entender que isso jamais acontecerá.

— Mesmo que eu estivesse mentindo pra você — digo, entre dentes, desvencilhando meu braço de seu aperto —, isso não mudaria o fato de que sou casado e respeito os votos que fiz à mulher que você parece tão determinada a insultar. Aquela é a minha *esposa*, Figgy, você gostando ou não.

Ela entreabre a boca, surpresa, a mão caindo para o lado do corpo e, por um momento terrível, tenho a impressão de que vai começar a chorar. Mas então estreita os olhos e diz:

— Vou contar para os seus pais que esse casamento é de fachada. O que eles vão achar disso?

A pergunta é uma provocação. O que eles vão achar? Volto os olhos para Stella e minha mãe, que riem juntas. Calais e Geneva dividem uma troca de olhares que eu sei que significa *Ah, a gente gostou dela!*. Até uma Edith maligna observa Stella com curiosidade pelo canto do olho. Minha família já a recebeu de braços abertos, mesmo que tenham as próprias dúvidas a respeito de como o casamento aconteceu.

Além disso, em um mundo como o nosso, a reputação vale mais do que a verdade. Stella e eu não podemos voltar atrás agora que declaramos ao mundo que estamos juntos, e sei que minha família vai apoiar as mentiras enquanto elas beneficiarem o nome Maxwell-Brown, gostem ou não da minha esposa.

— Por mim... pode fazer o que bem quiser, dane-se — digo bruscamente, e então, um pouco alto demais, acrescento: — Aliás, será que você se importaria de tirar suas coisas do quarto ao lado do meu? — A pergunta atrai olhares para nós, mas não ligo. Estou queimando de dentro para fora, furioso com as ameaças mesquinhas dela. — Prefiro que a Stella fique mais perto de mim.

Antes que ela possa responder, Andrew grita:

— Espera aí, você e sua esposa não estão no mesmo quarto? — Quando olho para ele, recebo uma careta de suspeita. — Por quê?

Já estou exaltado, mas meu rosto fica ainda mais quente com a pergunta.

— Temos quartos suficientes nessa maldita casa pra cada um ficar com dois, se quiser — bufo. — É tão errado assim que cada um tenha o próprio espaço?

Ele zomba, e até minhas irmãs mais novas riem baixinho, mas todos sabem que se mamãe ou papai tivessem decidido de imediato que não tinham gostado de Stella, ficaríamos em lados opostos da casa.

— Vocês são recém-casados, Thomas — diz meu irmão devagar, virando o resto do seu espresso martíni. — Vão dar um jeito de sair de fininho no meio da noite para se enfiarem no quarto um do outro pra transar.

— Andrew!

Mamãe o repreende, virando-se para dar um tapa em seu braço antes de me lançar um olhar exasperado e constrangido. Ela então se vira para Stella.

— Sinto muito pelo comportamento do meu filho mais velho, mas vamos levar suas coisas para o quarto do Thomas. Vocês não precisam dormir separados.

Ela estala os dedos para a funcionária de prontidão junto à porta, e a mulher assente antes de sair correndo.

Quando mamãe volta a seus afazeres no bar, Stella e eu nos entreolhamos, e o pensamento que vejo estampado no rosto dela é o mesmo que com certeza está estampado no meu.

Putz, que merda.

Parece que vou dormir com a minha esposa hoje.



CAPÍTULO 19

Stella

— Então… acho que agora somos colegas de quarto.

Observo minhas malas no canto do quarto de Thomas. Estou com muito medo de encará-lo desde que o jantar acabou, sem saber o que vou encontrar em seu rosto. Irritação por ter que dividir o próprio espaço comigo? Empolgação diante da ideia de dormirmos juntos na mesma cama? Espero que não seja nojo, mas não posso descartar essa possibilidade.

— Pois é — diz ele, e finalmente deixo meus olhos se voltarem para seu rosto.

Não encontro nada do que estava considerando. Em vez disso, vejo um sorriso de cumplicidade, como se devêssemos ter imaginado que isso fosse acontecer desde o começo e ele não estivesse nem um pouco irritado com esse desfecho.

O que talvez seja o pior cenário de todos, porque com isso… com *isso* eu não sei lidar.

— O que achou do jantar? — pergunta ele, fechando a porta do quarto e indo em direção à cômoda.

Não conversamos no caminho até o quarto dele — até o *nosso* quarto — para que ninguém da família ouvisse, então acho que está na hora da nossa reunião. Só que, tirando o fato de eu ter sido bombardeada por horas com perguntas sobre a minha vida, meus negócios e meu casamento, o jantar foi bem tranquilo.

Foi exaustivo, mas dou um show como ninguém. Meu superpoder é a habilidade de conversar com qualquer pessoa, me aproximar e fazê-la se sentir a única no ambiente que é digna da minha atenção. Consigo ser bem-humorada e empática até com as pessoas mais amargas. O que,

neste caso específico, seria Edith. Diante da sua atitude sisuda, o vestido cinza e o rabo de cavalo apertado, me perguntei se ela já se divertiu alguma vez na vida. Ainda assim, Edith abriu o maior sorriso quando me pediram para contar a história de como construí meu império de macarons, quase como se estivesse orgulhosa de mim por ter conseguido.

Calais e Geneva também foram fáceis de conquistar, já que moda é a nossa praia. E a mãe de Thomas, Iris, praticamente não largou minha mão durante o jantar inteiro, e me preparava mais um drinque sempre que o meu estava no fim. Acho que agora sei de onde Thomas herdou isso.

Andrew e o pai de Thomas foram mais difíceis de conquistar. O pai acabou cedendo depois que mencionei, como quem não quer nada, a margem de lucro da minha empresa no ano passado. Mas Andrew… sei lá. Tem alguma coisa nele que não me agrada. Além disso, toda vez que ele olhava para Thomas, eu jurava que pairava no ar certo ressentimento.

E aí tem Figgy e a luta constante dela pela atenção do meu marido. Eu teria achado suas interações e anedotas sobre a longa e histórica amizade dos dois divertidas se não soubesse que ela está tentando roubar o meu homem.

Meu homem. Ai, meu Deus. Quer dizer, ele não é… eu não posso… pensar em Thomas dessa forma, porque, por mais que seja tecnicamente correto, não é algo que deveria passar pela minha cabeça.

— Achei que tudo correu muito bem — respondo, afastando o pensamento. — Sua mãe está apaixonada por mim. Até a Edith acabou amolecendo no final.

Pode ter tido alguma coisa a ver com os dez mil espressos martínis que Iris preparou, capazes de extrair simpatia de qualquer um. Tomei o suficiente para ficar relaxada e até meio alegre, mas não cheguei a ficar bêbada. Considerando o que aconteceu entre mim e Thomas da última vez que nos embebedamos, foi melhor assim.

— Pois é, eu vi a Edith sorrindo. — Thomas termina de tirar as abotoaduras e as coloca cuidadosamente em cima da cômoda. — O que é chocante… Eu nem imaginava que o rosto dela era capaz de fazer esse movimento.

Reviro os olhos de brincadeira e vou até minhas malas.

— Ela não é *tão* má assim. Aterrorizante, com certeza, mas é uma mulher de negócios astuta.

— E é por esse exato motivo que está prestes a assumir a empresa da família. Papai está planejando se aposentar nos próximos anos, então ela

vem se preparando para esse momento.

Impressionante, ainda que, pelo que vi mais cedo, isso não me surpreenda. Enquanto Andrew ficou sentado de cara amarrada, Edith cuidou de quatro crianças, atendeu pelo menos seis ligações de trabalho e deu respostas certeiras sempre que o pai dizia que não tinha certeza sobre algum dado.

— Que bom pra ela — elogio, e me ajoelho para pegar meus produtos de skincare noturno na mala. — Ela parece ser a pessoa perfeita para o trabalho.

Antes de me levantar, dou uma olhada em Thomas e quase derrubo as loções e cremes que seguro nos braços ao me deparar com a cena. Ele desabotoou a camisa social branca até a barriga e parou para tirar a barra de dentro da calça azul-marinho antes de terminar o serviço — e está me proporcionando uma visão perfeita de seu abdômen musculoso e do V delineado em seus quadris. E é… é uma bela vista.

Não discutimos como vai funcionar essa divisão do quarto, muito menos se vamos dormir na mesma cama (que, para a nossa sorte, é gigante), mas fica óbvio que Thomas não acha que tirarmos a roupa na frente um do outro seja proibido. Enquanto me levanto, cambaleando, ele tira a camisa e a pendura com cuidado no guarda-roupa. Dessa vez, fico observando os músculos definidos de suas costas.

Tá, preciso admitir: meu marido é um gostoso. Tipo, gostoso demais, ainda mais considerando a promessa que fizemos de mantermos as mãos longe um do outro quando ninguém estiver olhando. Não me pareceu uma tarefa assim tão difícil quando eu estava completamente sóbria, e ele, completamente vestido, mas agora que não estamos nenhuma dessas duas coisas, começo a sentir um frio na barriga, além de *muito* medo de quebrar as regras hoje à noite.

Dou um jeito de me recompor e murmuro para Thomas que vou ao banheiro me preparar para dormir.

— Ah, preciso escovar os dentes — diz ele, me seguindo até o cômodo de ladrilhos brancos.

Ou ele é um idiota distraído, ou está tentando me provocar com esses belos músculos à mostra. Mesmo assim, não o impeço quando nos aproximamos das duas pias; ele fica na da esquerda, e eu, na da direita. Thomas já me viu de ressaca e quase morta, então não me importo de tirar a maquiagem na frente dele, mas ficarmos juntos em silêncio é mais do que consigo suportar.

— Ei, sobre o que você e a Figgy estavam conversando antes do jantar? — pergunto, enquanto ele procura a escova de dentes no

nécessaire. — Quer dizer… se você não se importar de dizer. Pareceu uma conversa meio… acalorada.

Ele respira fundo e interrompe a busca por um instante, encontrando meu olhar no espelho.

— Bom, eu estava completamente enganado sobre ela acreditar que nosso casamento é de verdade.

Fico em choque. Thomas só quis manter essa farsa de casamento para tirá-la do seu pé, mas, se nem isso funcionou, o que ele tem a ganhar com esse nosso acordo? Figgy vai continuar insistindo se não me enxergar como uma ameaça. Tudo que o motivava a ficar comigo foi por água abaixo.

Mas *eu* ainda preciso dele. Por mais que deteste admitir, minha reputação ainda está em jogo, e nos separarmos tão cedo só pioraria a situação. Ainda não completamos nem um mês juntos. Como vai ser meu futuro se ele disser que quer anular o casamento e que cada um siga sua vida em cantos diferentes do planeta?

— Então quer abortar o plano? — acabo perguntando.

Thomas pestaneja na minha direção, horrorizado.

— De jeito nenhum — diz ele, com uma veemência que me faz recuar.

— Nossa, tá bom, foi só uma pergunta.

— Desculpa, eu… — Ele interrompe a frase e estende a mão para tocar meu cotovelo, demonstrando que sente muito com um leve aperto. — Só porque a Figgy suspeita de nós agora, não significa que nunca vá captar a mensagem e seguir em frente. Quero que a gente continue junto. Quero fazer isso dar certo.

O que me impressiona, a princípio, é que essas são as exatas palavras que desejei ouvir de Étienne um dia. As palavras que eu *esperava* ouvir dele quando percebesse que havia cometido o pior erro de sua vida e voltasse rastejando para mim.

Entendo que estamos em um contexto completamente diferente, mas ainda assim é tão reconfortante ouvir uma coisa dessas… Thomas está interessado em mim, pelo menos nesse sentido. Não está me rejeitando. Não vai me abandonar.

— Então tá — respondo.

É a única coisa que consigo dizer com o bolo cada vez maior na minha garganta.

Um longo momento se passa antes de Thomas abaixar a mão, mas ele não desvia o olhar de imediato, procurando algo em meu rosto. Deve ter encontrado o que procurava quando me obrigo a sorrir. Só então ele volta à busca pela escova de dentes e eu começo o primeiro passo da minha rotina de skincare.

Ele já terminou antes mesmo de eu chegar ao segundo passo de dez, então toca meu braço com delicadeza outra vez e sai do banheiro, fechando a porta para me dar um pouco de privacidade. Apoio o quadril na pia e respiro fundo para me recuperar.

O fato de Figgy não acreditar que somos casados pelos motivos certos não é *o ideal*, mas Thomas tem razão: se continuarmos com o plano, talvez ela se canse e siga a própria vida. E, considerando que a mãe dele é minha mais nova fã, não consigo imaginar que ela e o pai de Thomas vão continuar empurrando Figgy para ele. Vai ficar *tudo bem*. Ninguém vai roubar meu marido.

Termino a minha rotina e visto o pijama: short de seda cor de champanhe e uma blusa de alcinha. O que talvez tenha sido uma escolha de roupas equivocada, pois no segundo em que entro no quarto, começo a tremer só de sentir o piso de madeira sob os pés. Eu jurava que não estava tão frio quando entrei, mas talvez tenha sido o efeito de subir dois lances de escadas e o calor da bebida.

A certeza do equívoco se concretiza quando Thomas olha para mim. Está sentado na beira da cama usando só uma cueca boxer preta, e se eu já estava com o maior tesão por ele quando o vi sem camisa, vê-lo só de cueca é… Pois é, isso vai ser um problema. *Ele* é um problema. Por que não fui me casar com uma pessoa um pouco menos atraente? Alguém que não dificultasse tanto a tarefa de manter minhas mãos quietinhas?

Quando ele desvia os olhos do meu rosto para algum lugar mais abaixo, nem preciso perguntar o que está encarando. Consigo sentir o quanto meus mamilos estão duros, se exibindo com orgulho através do tecido fino. O motivo principal é eu estar congelando, mas também tem o fato de que…

Não. *Nada disso*. Não vou nem mencionar. Não vou pensar. E certamente não vou dar atenção à pressão que vai crescendo entre as minhas coxas.

Eu me recuso a pensar em *qualquer* coisa relacionada a isso, incluindo na forma como Thomas me olha como se eu fosse uma refeição completa.

Vou até o outro lado da cama e puxo as cobertas. Mais uma vez, as fronhas são de seda, e não são as que trouxe comigo. Ou todo mundo nessa família conhece os benefícios de usá-las, ou essa é só mais uma coisa que Thomas fez por mim. Se for a segunda opção, então eu me meti numa enrascada das boas, porque atos de serviço são meu ponto fraco, e ele continua jogando um atrás do outro na minha direção como se fossem granadas.

Mesmo curiosa, não pergunto. Só deslizo para debaixo do edredom, pego um prendedor de seda e torço para o meu cabelo continuar bonito de manhã. Não vou deixar esse homem me ver de touca. Podemos ser casados, mas com certeza ainda não chegamos a esse nível.

A cama, felizmente, é uma king size enorme, do tipo que dá pra rolar duas vezes sem tocar na outra pessoa. Quase nem sinto quando Thomas se deita lá no lado dele.

— Bom, então boa noite — digo a ele, estendendo o braço para apagar a luz do abajur na minha mesa de cabeceira. — A gente tenta de novo com a Figgy amanhã. Talvez, se trocarmos olhares carinhosos durante o café da manhã e nos chamarmos pelos apelidos mais nojentos que conseguirmos imaginar, ela acredite.

Thomas dá uma risadinha e apaga a luz de seu abajur também, mergulhando o quarto na escuridão.

— Vou pensar nisso. Boa noite, meu docinho de coco.

— Boa noite, amoreco.

Eu me forço a parar de sorrir e fecho os olhos com força, depois me viro de lado e fico de costas para ele. O *jet lag* ainda está me consumindo, então não vai ser difícil pegar no sono. Ou pelo menos não seria, se eu não estivesse virando lentamente um cubo de gelo. Sério, será que alguém diminuiu a temperatura do aquecedor do nosso quarto?

Passo vinte minutos tremendo antes de finalmente me deitar de barriga para cima, cansada de passar frio. Estou prestes a sair de baixo do edredom e procurar um suéter na mala quando Thomas me pergunta:

— Você tá bem?

Aperto os olhos na escuridão, culpada por tê-lo acordado, mas não vou mentir.

— Esta casa velha é uma geladeira — digo, com os dentes cerrados. — Tem mais cobertores em algum lugar?

Não consigo distinguir ao certo as feições dele, embora perceba que está balançando a cabeça.

— Aqui no quarto, acho que não. Sou muito calorento, então não costumo pedir para a equipe guardar nada extra no baú. — Mas aí ele acrescenta, num tom de voz mais baixo: — Chega mais perto, eu te esquento.

Por um terrível momento de fraqueza, considero a possibilidade. Chego até a me aproximar um pouco dele antes de recuar.

— *Não* — retruco, principalmente para o meu próprio bem. — Sem esse negócio de ficar agarrado. Regra número cinco.

— Pensei que só tivéssemos três regras.

— Eu acrescentei *não flertar* à lista.

Ele gargalha, um estrondo que vibra da ponta dos meus pés até o topo das pernas.

— Já quebramos essa um milhão de vezes. Será que agora vamos transformar a proibição de carinho em uma regra e quebrá-la também?

— Ah, nem vem dar uma de espertinho, seu…

A pele quente dele encontra a minha antes de eu terminar o insulto. Quase me sinto mal quando encosto os pés em sua panturrilha, mas apesar de ouvi-lo soltar um chiado de espanto ao sentir a temperatura deles, Thomas não se afasta. Na verdade, só me puxa para mais perto e me aconchega junto de si.

— Cacilda, você tá congelando mesmo — murmura ele contra meu cabelo.

Ele passa um braço ao redor da minha cintura e encaixa a mão na parte de baixo das minhas costelas, a apenas alguns centímetros da curva do meu seio.

— Por favor, nunca mais fala "cacilda" perto de mim — digo, suspirando, mas, *caralho*, ele é quentinho mesmo, que alívio.

— Não prometo nada.

Apesar da posição, relaxo enquanto o calor do corpo dele permeia o meu, descontraindo meus músculos e aliviando os arrepios na minha pele. Meus mamilos resolveram me trair e ainda estão duros como pedras. O que não é surpresa nenhuma, considerando que a pressão do corpo dele contra o meu é deliciosa, e não estou falando só do fato de ele ser uma bolsa térmica de carne e osso.

Admirar o corpo escultural de Thomas é uma coisa. Senti-lo de perto assim é outra bem diferente. A pele dele é macia, as palmas das mãos são ásperas, os músculos, firmes, e o toque, suave. Ele até desliza o joelho entre os meus, cada centímetro das minhas costas pressionando cada centímetro da parte da frente do corpo dele. A sensação me remete diretamente à noite no clube de *striptease*, ao momento quando me sentei no colo dele, àqueles dedos escorregando pela minha coxa e afundando em minha umidade. Ao jeito como ele me levou ao limite do prazer com tão pouco esforço. Ao fato de que ele poderia fazer isso de novo sem qualquer dificuldade; e eu sei que permitiria.

— Para de ficar se mexendo.

As palavras resmungadas contra o topo da minha cabeça me fazem ficar quieta, e eu nem tinha percebido que estava me mexendo.

— Eu não tava me mexendo — digo, bufando.

Na verdade, estou grata por ele não poder ver meu rosto e o constrangimento estampado nele porque, tá, tudo bem, talvez eu

estivesse mesmo me mexendo um pouco para aliviar a agonia crescente.

— Tava, sim. — Ele tira a mão de debaixo das minhas costelas e segura meu quadril, enviando faíscas pelo meu corpo e inflamando o combustível que já fluía para o meu centro. — Tava se esfregando em mim. Se continuar fazendo isso, vai começar uma coisa que não poderemos terminar.

Respiro fundo. Aquele Thomas bom-moço sumiu de novo, e o safado está de volta, aquele que só vejo quando estamos a sós.

Talvez ainda seja o efeito da bebida em meu organismo ou talvez sejam meus hormônios à flor da pele, já que tenho um homem pressionado contra mim desse jeito pela primeira vez em séculos, mas murmuro:

— Bom… talvez a gente possa.

Não me arrependo das palavras quando as ouço em voz alta, ainda que Thomas fique tenso por um momento antes de voltar a relaxar devagar.

— Foi você quem criou essas regras, Stella.

Com certeza não é um sim entusiasmado, nem mesmo um "talvez valesse tentar", mas a maneira como ele sussurra as palavras no meu ouvido soa como um convite. E o jeito como ele pressiona os quadris contra o meu corpo, me mostrando o que meus movimentos causaram, é outro empurrãozinho nessa direção. Mas ele deixa claro que a decisão ainda é minha.

— Talvez a gente pudesse dar uma alterada nelas — proponho. Meu coração dispara enquanto deslizo a mão por cima da dele e continuo até chegar ao seu corpo, onde escorrego a mão um pouco mais longe e alcanço o cós de sua cueca. — Porque, no fim, fiquei devendo uma pra você pelo que fez por mim no clube de *striptease*…

Thomas não me impede quando deslizo os dedos por baixo do elástico. Ele tensiona os músculos conforme me aproximo, chegando perto do seu…

— Você não ficou me devendo nada. — A frase me atinge como um golpe, e ele segura meu pulso com delicadeza. A rejeição me corrói até ele confessar: — E, se você fizer isso, eu posso acabar me apaixonando por você, o que *não* é permitido.

Rio daquela tentativa fraca de piada e viro o rosto para o travesseiro, tentando abafar a risada, mas não adianta.

— Foi mal. Vou ficar quietinha aqui.

Ele volta a colocar o braço em minha cintura.

— É, acho que é uma ideia melhor. — E como se não tivesse conseguido se controlar, ele me dá um beijo logo abaixo da orelha, me

causando arrepios de prazer. — Agora vai dormir.

— Pode deixar, durmo assim que o seu pau parar de me cutucar — retruco, o que me rende um tapa na bunda. Solto um som de surpresa e levanto a cabeça para encará-lo, em choque, tentando disfarçar o riso. — Você acabou de me *bater*?

— Foi só um tapinha de amor. Quando eu te bater de verdade, você vai notar a diferença.

De repente não sinto mais a menor necessidade do calor de seu corpo, porque estou mais quente que um inferno em fúria.

— Isso é uma ameaça ou uma promessa?

— Vai *dormir*.

— Tá bom, tá bom….

Reprimo minha libido e tento me acomodar para pegar no sono, mas, mesmo depois de cinco minutos, continuo sem conseguir. A respiração de Thomas também não se acalma.

— Não vou conseguir dormir — sussurro, na escuridão.

— Foram aqueles malditos expressos martínis — resmunga ele, enterrando o rosto no meu pescoço por um momento antes de nos fazer virar de barriga para cima. — Ela devia ter feito pornstars.

— Aposto que você nunca pensou que diria isso da sua própria mãe.

Rolo na direção de Thomas, abusando da sorte e jogando minha perna por cima da dele, principalmente porque não quero perder minha fonte de calor.

— Olha, realmente. — Ele passa o braço em volta dos meus ombros e, distraído, me faz carinho com o polegar. — Será que a gente pode conversar até pegar no sono? Pra se conhecer melhor?

— Nossa, mas eu já tô bem familiarizada com certas partes suas agora.

Ele solta um suspiro longo.

— Você é um perigo.

— É, já me falaram isso.

Thomas fica em silêncio por um instante, pensando.

— Me conta alguma coisa que ninguém mais saiba.

Isso é mais profundo do que qualquer coisa que já tenhamos abordado até agora. Viemos nos concentrando em assuntos sobre os quais podemos ser questionados em público, mas nada que nos ajude a conhecer um ao outro de verdade. Acho que temos evitado isso, com medo de gostar do que encontrarmos.

Penso na viagem até aqui, nas playlists dele e nos amigos que inspiraram seu gosto musical. Mas foi a música que ele me pediu para tirar que influencia minha resposta.

— Eu gosto de Ed Sheeran não ironicamente — comento, o que não soaria como uma confissão tão importante para muita gente, e de fato não é algo digno de vergonha, mas meus amigos jamais me deixariam em paz se soubessem disso. E considerando o desdém de Thomas pelo cara, é a mesma coisa que revelar meu segredo mais profundo e obscuro. — Ele é meu artista mais tocado há sete anos consecutivos.

Thomas resmunga e fecha os olhos com força.

— Meu Deus do céu, retira o que disse.

— O que tem de tão errado assim com o Ed Sheeran? — questiono, apoiando o peso do corpo no cotovelo para conseguir olhar para ele. — É só um ruivo simpático que faz música chiclete!

Thomas pressiona a palma da mão nas minhas costas, impedindo que eu me afaste demais.

— Olha só, eu não tenho nada contra o cara em si, e talvez a música dele não seja tão ruim, mas é que eu… sei lá, só não consigo ouvir.

Dou uma risada zombeteira.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa traumática com você enquanto uma das músicas dele tocava?

Ele fica em silêncio de novo. Ah, merda, será que aconteceu *mesmo* alguma coisa traumática?

— Teve uma vez, quando eu ainda estava na F2, que fiquei preso no aeroporto de Dublin porque um voo atrasou e, juro, acho que eles simplesmente tocaram todos os álbuns do Ed Sheeran em sequência e no modo aleatório — explica ele, depois de um longo tempo, falando como um homem que voltou da guerra. — Achei que estivesse no inferno. Você teria adorado.

Bato no peito dele.

— Quem vê pensa que você presenciou um assassinato cruel ao som de "Galway Girl".

— Ah, é, me esqueci de mencionar que eu também tinha acabado de começar a ter uma intoxicação alimentar — continua ele. — Estava lá, lutando pra sobreviver, tentando não vomitar no aeroporto inteiro, e aí, enquanto corria para o banheiro, tudo que eu via eram aqueles anúncios de manteiga Kerrygold. Estavam *em todo lugar*. — Ele estremece, assombrado. — Agora, toda vez que ouço uma música dele, penso em manteiga e imediatamente sinto vontade de vomitar.

Eu realmente não deveria rir, então me esforço muito para evitar, mas a imagem de Thomas de quatro no banheiro de um aeroporto com um astro do pop cantando ao fundo quase que em tom de ameaça me leva às lágrimas, a cabeça enterrada em seu ombro, tremendo de tanto rir.

Thomas, coitado, dá um tapinha nas minhas costas e espera até eu conseguir respirar de novo.

— Então, se algum dia eu te pedir pra pular uma música dele — diz Thomas —, agora você já sabe o motivo.

— Pode deixar, não vou me esquecer. — Seco os olhos, minhas bochechas doendo de tanto rir. — Nossa. Tá. Sua vez. Me diz algo que ninguém mais saiba.

Ele me olha de relance.

— Ué, acabei de dizer.

— Isso não conta, era um desdobramento da minha confissão.

Ele entreabre os lábios para protestar, mas pensa melhor. Em vez disso, desvia o rosto, encarando o teto por longos segundos antes de voltar a olhar para mim.

— Tem gente que já sabe disso, mas acho que você também deveria saber… Eu nunca namorei. Este é o meu primeiro relacionamento.

Quase dou uma risada sarcástica e peço para ele parar de mentir, mas algo me diz que é melhor não fazer isso. Então, levanto a cabeça e fico olhando para ele, procurando em sua expressão qualquer indício de que esteja brincando. Ele sabe blefar muito bem e já me enganou algumas vezes, mas… desta vez, parece ser pra valer.

— Tá de brincadeira.

Ele balança a cabeça.

— Juro por Deus.

— Sério? — insisto, e me sento na cama, o que faz a mão dele deslizar do meu quadril. — *Nunca?* Nem quando era mais novo?

— Ah, eu já saí com algumas pessoas, mas nunca foi nada que tenha levado a um título oficial ou que tenha exigido monogamia.

Continuo olhando para ele e esperando alguma explicação ou alguma outra revelação, mas ele se limita a me encarar com um sorrisinho irônico. Não está mentindo.

— Nossa, por *essa* eu não esperava. — Faço uma pausa novamente, processando aquela informação. — Não acredito que você pulou direto para um casamento.

— Pois é, acabei queimando algumas etapas. Então, se eu fizer algo de errado, saiba que é por falta de experiência.

— Olha, você vem fazendo um excelente trabalho até agora — elogio, com um tapinha em seu ombro. — Muito melhor que meu ex.

Minha intenção era fazer uma brincadeira, mas sinto um gosto amargo na boca, e isso transparece na frase. É como jogar um balde de água fria na nossa conversa, sufocando a leveza, e mergulhamos em um silêncio terrível conforme Thomas digere o que acabei de dizer.

Porra. Por que eu tive que estragar um momento legal falando do meu ex? Quem em sã consciência faz isso na cama com outra pessoa?

— Tenho uma pergunta meio estranha pra você — dispara Thomas, me arrancando da espiral de culpa. — Naquele café da manhã antes da corrida em Abu Dhabi, tive a impressão de que você esperava que eu ficasse bravo por causa da mentira sobre como nos conhecemos. Por quê?

Pestanejo algumas vezes, o constrangimento dando lugar à confusão. Não esperava que ele se lembrasse daquele momento. Para falar a verdade, eu mesma quase nem me lembrava, mas meu estômago se revira quando revisito a memória. Fico me perguntando se não seria melhor mentir ou só deixar para lá, mas, considerando o quão sincero Thomas tem sido comigo até agora, acho que essa situação exige que aja da mesma forma.

— Porque o Étienne, meu ex-noivo, teria ficado furioso — respondo.

Quer dizer, pelo menos essa seria a primeira reação dele. Com Étienne, havia sempre a necessidade de fazer um drama mais imediato, de gritar um *Ah, putain* seguido de alguns gestos excessivamente entusiasmados antes de suspirar e me dizer, de má vontade, que ia ficar tudo bem. Com Thomas, eu esperava o mesmo. Aquela frustração imediata, aquela culpa, antes da garantia de que as coisas se resolveriam. Mas assim como tinha pulado direto para um casamento sem nunca ter vivido um namoro, Thomas ia direto para as garantias, sem a fúria.

— Acho que eu estava me preparando para esse tipo de reação — concluo.

Thomas franze a testa e aperta um pouco mais meu quadril. É quase possessivo.

— Ele não parece ser um cara muito legal.

— Ele era, sim — corrijo, mas, quanto mais penso nisso, mais vontade sinto de acrescentar uma ressalva: — Quando queria ser.

— Pode me contar mais sobre ele? — Thomas faz uma pausa, depois volta atrás, balançando a cabeça. — Não, tipo… quero saber mais sobre quem você era quando estava com ele.

Ele não está errado em me perguntar sobre Étienne, porque conhecê-lo é importante para entender a pessoa que me tornei quando estávamos juntos.

Respiro fundo.

— Étienne tinha todo o poder no nosso relacionamento. Nem sempre foi assim, mas alguns homens… vão minando quem você é tão devagar que você mal percebe.

Nós nos conhecemos quando eu tinha só vinte e três anos, lutando para carregar o peso de administrar minha própria empresa e encontrar meu lugar no mundo. Ele era menos de um ano mais velho, mas tinha a vida organizada de um jeito que eu não tinha. E eu adorava aquilo. Adorava a confiança inabalável que ele demonstrava, a orientação que me oferecia, a maneira como segurava minha mão nos momentos difíceis.

— Ele administrava uma empresa de tecnologia que fundou na adolescência com o apoio da família — continuo, e lembro como fiquei impressionada ao perceber que nossas histórias eram muito semelhantes, mas ele alcançou bem mais sucesso do que eu durante o mesmo período. — Os negócios dele estavam decolando quando nos conhecemos e eu fiquei… admirada, acho. Acompanhava suas vitórias e, de alguma maneira, achava que ele sabia mais do que eu… sobre negócios e sobre a vida em geral. E ele sempre dava um jeito de reforçar isso com os comentários que fazia, mas sempre de forma sutil. De um jeito que parecia estar me ajudando, quando, na verdade, estava tentando me colocar pra baixo.

Hoje em dia vejo que eram maneiras sorrateiras de assumir o controle, de me fazer colocá-lo em um pedestal cada vez mais alto e depender dele para tomar todas as decisões. Admito que eu era *mesmo* um pouco exagerada no começo: teimosa, orgulhosa e tinha certeza de que sabia o que estava fazendo, mesmo quando não sabia, então a influência dele me passava confiança. Não parecia haver alguém ofuscando minha luz ou me moldando de acordo com os próprios padrões. Parecia uma expectativa à qual eu precisava corresponder, ainda mais quando acompanhada dos elogios deles.

E essa era a melhor parte. Quando eu o deixava radiante de orgulho. Saber que eu tinha feito um bom trabalho aos seus olhos, que o tinha deixado feliz. Que eu estava fazendo as coisas *direito*.

O que eu não sabia era que todo aquele orgulho não significava nada. Que as pequenas provocações se acumulariam e os elogios só serviriam para me fazer sentir vontade de continuar a agradá-lo, deixando todo o resto de lado. Nada disso me beneficiava de verdade. Na maioria das vezes, era ele quem saía ganhando. Meu sucesso dava *a ele* uma reputação boa, a ascensão do meu status chamava atenção para *ele*, e o apoio que eu lhe dava, mas raramente recebia em troca, só *o* tornava cada vez mais a estrela do nosso relacionamento.

Eu fui meio que… me rebaixando. Fui sugada para a órbita dele e passei a girar ao seu redor, e ele me chutou depois de anos, sem maiores explicações.

— Eu me diminuí para que ele se sentisse maior — digo, finalmente, quando percebo que fiquei tempo demais em silêncio, perdida em lembranças. — Ele não gostava quando eu roubava os holofotes. Então parei de dar motivos para ser vista.

Thomas faz pequenos círculos em meu quadril com os dedos, me confortando sem me interromper.

— Ainda estou trabalhando nisso. E já estou me saindo muito melhor agora, mas vai levar um tempo.

Ele emite um som baixinho concordando e assimilando minha confissão. Demora um bom tempo até ele perguntar:

— Tem algum motivo pra você ter ficado com o Étienne por tanto tempo?

Eu me desvencilho do toque dele, surpresa com a pergunta. É uma questão na qual ainda não me permiti pensar de verdade, e ter que encará-la agora — embora sem julgamento, apenas com um toque de curiosidade — me deixa irritada.

— Será que a gente pode conversar sobre outra coisa? Você me pergunta isso de novo quando a gente completar um mês inteiro junto.

Mais uma vez, minha intenção é fazer uma piada leve, mas o tom sai errado e faz Thomas franzir a testa.

— Só estou perguntando porque quero te conhecer — explica ele, com delicadeza. — Queria entender o contexto todo.

— Você precisa mesmo me conhecer? Não é como se isso aqui fosse real — disparo, depois volto atrás ao notar como minha resposta foi ríspida. — Não quero entrar nesse assunto hoje, tá bom? Será que a gente pode tentar dormir agora?

Fico na expectativa de que ele vá me pressionar, me obrigar a me abrir e compartilhar as coisas que me assombram lá no fundo da minha mente. E acho que eu faria isso. Acho que desabafaria tudo, dividiria o fardo com ele, permitiria que ele se aproximasse, ainda que eu não esteja pronta para admitir algumas coisas para mim mesma.

Só que Thomas não pressiona. Não me faz mais perguntas, nem reclama da minha incapacidade de deixá-lo se aproximar. Só segura minha mão e a puxa com carinho até eu me deitar ao seu lado outra vez. É bem mais delicado… e bem mais intenso do que deveríamos ser, mas não consigo impedir quando ele me envolve com um braço e me puxa para mais perto. É um abraço gentil, não muito apertado. Na medida.

— É que vai esfriar ainda mais durante a noite — murmura ele. — Mas prometo te manter aquecida.

Sei que não devo acreditar em homens quando eles fazem promessas. Mas só por hoje fecho os olhos e me permito acreditar nele. Só dessa vez.



CAPÍTULO 20

Thomas

O outro lado da cama está vazio quando acordo.

A julgar pelo som do chuveiro ligado, Stella não foi longe. Mesmo assim, a decepção causa um aperto no peito. Eu sei que é bobagem e totalmente ridículo. No entanto, me pego desejando que ela tivesse ficado um pouco mais.

A noite passada foi como uma corrida cheia de bandeiras vermelhas. Nossa conversa estava indo bem e caminhando para um lugar importante até ela bater em um muro e encerrar o assunto. Talvez eu tenha cometido um erro ao perguntar sobre o ex dela, mas ele teve um papel importante no processo dela de se tornar quem é hoje. Às vezes, em lampejos muito bonitos, consigo enxergar exatamente quem ela era antes de ele chegar e causar tantos estragos em sua vida. A mulher que conheci em Las Vegas… *aquela* é a Stella que pensei que teria vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Em vez disso, mal consigo ter um vislumbre antes de os portões que ela construiu se fecharem, me deixando do lado de fora.

Não quero mais ficar do lado de fora. Quero conhecer a mulher com quem me casei. Ainda não sabemos se é uma boa ideia, mas estou curioso demais para evitar.

Stella sai do banheiro em uma nuvem de vapor alguns minutos depois sem nada além de um sutiã de renda preta e uma calcinha combinando. Se o pijama dela ontem à noite já me deixou vidrado, agora é um milagre que meus olhos permaneçam fixos na minha cabeça.

— Merda, achei que você ainda estivesse dormindo — diz ela quando me vê sentado na cama. — Esqueci meu roupão aqui fora.

Ela não tenta se cobrir, nem grita comigo pedindo para eu fechar os olhos, apenas anda até o guarda-roupa, pega o roupão de seda e se enfia nele. Deve saber que estou observando cada movimento seu, mas não parece se importar. É tão confiante que poderia estar completamente nua e ainda agiria da mesma maneira. Entre sua confiança, a lingerie e a perfeição absoluta de cada centímetro do seu corpo, meu pau começa a latejar e fica quase duro como pedra em tempo recorde. Graças a Deus ainda não saí do edredom. Do contrário, ela daria mais que uma espiadinha.

Começo a me arrepender de não tê-la deixado me tocar ontem à noite. Em vez disso, meu desejo ultrajante de respeitar as regras dela acabou vencendo a batalha entre meu corpo e minha mente. Talvez tenha sido melhor assim, mas não consigo parar de fantasiar com a mão dela me acariciando, não consigo parar de me imaginar jogando-a na cama, afastando suas coxas macias e penetrando-a, ouvindo seus sons ofegantes de prazer em meu ouvido.

É uma tarefa árdua retornar ao presente quando percebo que Stella está falando comigo e amarrando o roupão, perguntando quais são os planos para o café da manhã.

Pigarreio e engulo as palavras que realmente gostaria de dizer a ela, algo como *Eu não dou a mínima para o café da manhã. Volta pra cama e me deixa terminar o que você começou*.

— O café da manhã é às oito — digo a ela. Minha voz sai rouca e baixa. — Vai ser a família toda de novo, só pra avisar.

— Contanto que eu não precise comer feijão, tudo bem.

Dou uma risadinha e passo a mão pelo cabelo. Não deixo de notar a maneira como seus olhos traçam a linha do meu bíceps ou o jeito como ela morde o lábio inferior carnudo tão rápido que eu não perceberia se já não a estivesse observando atentamente. Seria muito mais fácil se essa atração fosse unilateral, mas não. Nós dois estamos sofrendo com a confusão mútua de manter essa relação platônica por um bem maior.

Mas estou quase a ponto de mandar o bem maior para o inferno e arrancar essa calcinha de renda dela.

— O chef vai fazer o que você quiser — digo, e tento me ajeitar discretamente sob as cobertas. — Já terminou de usar o banheiro? Vou me arrumar assim que você estiver pronta.

Ela assente, o coque empoleirado na cabeça balançando com o movimento. Mesmo neste estado, de cabelo preso e com a pele brilhando por causa de algum produto, ela é a mulher mais linda que já vi.

E, se eu não sabia antes, certamente sei agora: vou me encrencar se não encontrar algo para odiar na minha esposa.



Stella e eu somos os últimos a descer para o café da manhã, mesmo sendo perfeitamente pontuais, o que significa que todos chegaram cedo — algo inédito nesta família —, o que *por sua vez* significa que tem alguma coisa acontecendo.

Olho para cada rosto ao redor da mesa ao conduzir Stella e puxar uma cadeira para ela. Geneva abre um sorriso malicioso quando nos sentamos, como se soubesse do segredo, enquanto Edith e Calais se mantêm ocupadas com seus celulares. Andrew e a esposa dele parecem não se importar nem um pouco com o que está acontecendo. Figgy, no entanto… Bem, ela pode estar olhando para o prato vazio à frente, mas seus ombros estão tensos e seus lábios estão pressionados em uma linha firme. Hum.

Para a nossa sorte, ninguém faz alarde ao chegarmos. Mamãe sorri para Stella do outro lado da mesa, praticamente vibrando de empolgação: outro sinal de alerta. Papai está sentado à esquerda dela, na cabeceira, com um semblante sério, nos observando, e uma inquietação toma conta de mim quando ele desvia o olhar para mamãe. Estamos prestes a ser emboscados.

Vejo que tenho razão quando mamãe bate palmas para chamar a atenção de todos.

— Agora que estamos todos aqui — diz ela, olhando ao redor —, quero fazer um anúncio.

Debaixo da mesa, Stella coloca a mão na minha coxa e aperta. Não é um toque sensual. É mais como se ela estivesse dizendo *Que porra é essa? Preciso me preocupar?*. Olho para Stella de canto de olho e dou de ombros levemente. Sei tanto quanto ela, mas tenho a sensação de que não vou gostar do que vai sair da boca da mamãe em seguida.

— Thomas — diz ela, e coloco a mão sobre a de Stella, tentando tranquilizá-la. — Seu pai e eu ficamos muito chateados por não termos sido convidados para o seu casamento. Era para ter sido um evento de família. Foi uma decepção muito grande receber a notícia por terceiros, para dizer o mínimo.

Eu deveria ter previsto isso. Ela planejou tanto o casamento de Edith quanto o de Andrew, empurrando as respectivas noivas para fora do caminho e fazendo tudo exatamente como queria. Pelo menos Stella e eu conseguimos evitar esse destino com nosso casamento-relâmpago.

Ou pelo menos era o que eu pensava.

— E é por isso que decidimos realizar outro casamento para vocês aqui!

Congelo. Stella congela. Os únicos sons na sala vêm dos filhos de Edith brincando com os carrinhos num canto e as risadinhas que ouço de Geneva. Aposto que ela foi a primeira para quem minha mãe contou seus planos, considerando que minha irmã mais nova é a filha favorita. Calais claramente está tentando conter a empolgação por nós, embora eu tenha certeza de que já lhe pediram para desenhar o vestido de Stella. Andrew, Edith e os respectivos cônjuges também não demostraram choque com a notícia. Nem mesmo Figgy parece surpresa.

Nós realmente fomos os últimos a saber.

Mamãe aguarda nossa reação, mas os lábios entreabertos e os olhos arregalados de Stella sinalizam que está atordoada demais para dizer alguma coisa. Se ela pudesse formar palavras, já sei que soltaria algo como *Você só pode estar de sacanagem com a minha cara, senhora*.

Tento pensar em algo para responder que não magoe minha mãe nem irrite meu pai. Só consigo disparar, com a voz aguda demais:

— Quando?

Mamãe fica encantada com a pergunta.

— Bem, temos um prazo bem apertado se quisermos que tudo aconteça antes do início da próxima temporada, mas estávamos pensando em meados de fevereiro. Talvez perto do Dia dos Namorados, o que acham?

As unhas de Stella se cravam em minha pele.

— Por que não esperar até as férias de verão? — pergunto, tentando não me opor completamente à ideia. Se fôssemos um casal de verdade que tivesse se casado por impulso, sem a presença dos familiares, íamos querer comemorar com eles depois, não? — O tempo vai estar melhor.

E isso daria a Stella e a mim mais tempo para elaborar nossa mentira e convencê-los a *não* fazer o que certamente será um casamento enorme e multimilionário. Não precisamos chamar mais atenção para o nosso relacionamento se vamos nos divorciar até o fim do ano que vem.

— Bobagem, não há motivo pra esperar — diz minha mãe, acenando com a mão e descartando a ideia. Ela volta o olhar para Stella. — Pode deixar tudo comigo, querida. Só preciso das suas medidas para o vestido de noiva e uma lista das suas preferências de cores… Calais vai desenhá-lo, é claro…

Stella assente várias vezes, processando tudo o mais rápido possível.

— Vai ser incrível, Iris — responde ela por fim, um pouco ofegante, e percebo que seu tom é mais de pânico que de empolgação. — Vou deixar tudo nas suas mãos, com certeza muito competentes!

— Então está resolvido. — Minha mãe bate palmas novamente, pondo fim à emboscada. — Vamos ter um casamento!



— *Não podemos* deixar sua mãe fazer isso.

Stella e eu estamos encolhidos num canto do corredor, conversando depois do café da manhã e do golpe que recebemos. Entendo a recusa de Stella, mas não acho que dá para desistir dessa ideia agora que tudo está em andamento, especialmente com a mamãe no comando.

— Olha só, podemos até deixar minha mãe preparando as coisas, mas não precisamos necessariamente nos casar quando chegar a data — sugiro, mantendo a voz baixa para não sermos ouvidos caso alguém saia da sala de jantar. — Talvez o casamento seja o novo prazo para o nosso divórcio.

Stella arregala os olhos.

— Dissemos que tentaríamos por um ano. Se fizermos isso, o casamento mal vai ter durado *três meses*. Pegaria muito mal para nós dois.

Ela tem razão, e não posso negar.

— Não sei, talvez o divórcio possa partir de mim sob o pretexto de querer me concentrar na minha carreira? — Juro que chego a ver a dor contorcer seu rosto ao ouvir minha sugestão, mas a expressão some depressa e ela contrai a boca, descontente. — Mas, obviamente, não quero que pareça que você está sendo abandonada outra vez.

— Ah, nossa, que gentileza — diz ela, com ironia. — Mas será que seria tempo suficiente para garantir que a Figgy se afastaria? Tenho a impressão de que ela está determinada a tentar por muito mais tempo.

— É só a gente dar um baita show até lá.

— Não sei se… — interrompe ela, e estou prestes a perguntar o que há de errado quando ouço passos.

Estou de costas para quem quer que esteja vindo pelo corredor, mas mesmo assim me aproximo de Stella, empurrando-a ainda mais para o canto. Os ombros dela batem no painel de madeira com um baque suave, uma inspiração profunda passando entre seus lábios. O som me distrai por um momento e dá origem a pensamentos um tanto impuros, e passo um dos braços ao redor de sua cintura e afundo a outra mão nos cabelos de sua nuca.

Para quem estiver assistindo vai parecer que estamos compartilhando um momento íntimo. E, sendo bem sincero, estar perto assim de Stella passa mesmo essa exata sensação.

Sem hesitar, ela leva as mãos ao meu peito, entrelaçando os dedos na minha camisa social. O movimento me puxa para mais perto, e fico me perguntando se isso é só encenação ou se ela está compensando o que perdemos na noite passada. De qualquer maneira, não dou a mínima; sentir a pressão do corpo dela no meu é uma delícia.

Inclino a cabeça, aproximo a boca de seu ouvido e pergunto:

— Consegue ver quem está vindo?

Stella deve ter entrado em curto-circuito, porque o primeiro som que ouço dela é um gemido suave. Demora mais um segundo até ela me dar uma resposta de fato, por mais ofegante que seja.

— Não. Talvez um dos seus irmãos?

Talvez. Talvez seja Figgy, a pessoa que queremos convencer de que tudo isso é real. Minha mãe não precisa de ajuda nesse aspecto, mas todo o resto? Bem, não faria mal.

Deslizo os lábios pelo pescoço de Stella e dou um beijo logo abaixo de sua orelha, do mesmo jeito que a fez estremecer ontem à noite. Obtenho a mesma reação, o corpo dela balançando contra o meu como se seus joelhos fraquejassem, e sou obrigado a sorrir. Ela pode inventar novas regras e regulamentos, mas o corpo dela me revela tudo que as palavras não dizem.

Faço de novo, roçando meus dentes em sua pele, e desta vez ouço um gemido mais suave que faz todo o sangue do meu corpo correr para o meu pau. Eu me masturbei no chuveiro — *duas vezes* — de manhã depois de vê-la com aquela calcinha quase inexistente, e tenho certeza de que isso vai se repetir no futuro se esse for o efeito que minha esposa continuar causando em mim.

Se pudéssemos ter apenas uma noite, um tempo juntos para acabar com toda essa tensão, talvez…

Alguém pigarreia atrás de mim. Uma mulher. Figgy.

Relutante, levanto a cabeça e olho para ela.

— Seu pai quer te ver — anuncia ela. Sua expressão é indecifrável, mas as palavras saem quase frias. — Está esperando no escritório com a Edith e o Andrew.

Faço cara feia e afasto a mão do cabelo de Stella, pousando-a em seu ombro. Se meus irmãos mais velhos também estão lá, deve ter algo a ver com a empresa.

— Volto o quanto antes — murmuro para Stella.

Ela assente e ajeita minha camisa no lugar.

— Pode demorar. Não precisa se preocupar comigo.

Aperto sua cintura mais uma vez e me obrigo a dar um passo para trás e seguir Figgy pelo corredor. Não tenho a menor necessidade de ser escoltado até lá, mas quando ela olha para mim com os olhos em chamas, sei que está prestes a me interrogar.

— Vai mesmo continuar com essa farsa? — pergunta ela.

Não mordo a isca.

— Vou continuar sendo carinhoso com a minha esposa, sim.

Figgy dá uma risada de deboche.

— Qual é, Thomas. Não é possível que você realmente queira isso. Um casamento gigantesco planejado pela sua mãe? Esse é o seu maior pesadelo desde que a gente era criança.

Ser lembrado do quanto ela me conhece me traz certo incômodo. Não importa que eu tenha um emprego muito público e que meu rosto esteja estampado em outdoors ao redor do mundo, sempre gostei da minha privacidade. Gosto de manter um círculo social restrito. Não preciso de estranhos bisbilhotando minha vida, e isso é a única coisa que um casamento grande traria.

Figgy sabe que não quero isso. Mamãe com certeza também sabe, então por que ela…

— Você contou para a minha mãe que acha que tudo isso é mentira? — pergunto, as peças se encaixando de repente. — É por isso que ela está nos forçando a aceitar esse casamento enorme? Pra fazer a gente provar que o relacionamento é real?

Figgy desvia o olhar, mas continua de cabeça erguida com um ar desafiador.

— Eu disse que ia contar.

— Inacreditável. — Solto uma risada de desdém. — Bem, espero que você se divirta no meu casamento. Se tiver sorte, minha mãe não vai te obrigar a ajudar com o planejamento.

Eu a vejo empalidecer, mas não sinto mais do que uma pontadinha de culpa com isso.

— Thomas… — diz ela, baixinho. — Eu só…

— Esquece, Figgy. — Chegamos ao escritório do meu pai, mas, seja como for, cansei desse assunto. — Não precisava ser assim.

Eu entro antes que ela possa dizer qualquer outra coisa.

Meu pai já está sentado diante da escrivaninha, com Edith ocupando uma das cadeiras à sua frente e Andrew em pé perto da janela. Fecho a porta ao entrar, deixando para fora minha raiva crescente junto com Figgy, e em seguida me sento ao lado de Edith.

Devo ter perdido alguma notícia bombástica, porque quando olho para minha irmã, ela está boquiaberta e mal consegue respirar. Minha atenção se volta para Andrew, cujos braços estão cruzados firmemente sobre o peito, mas cuja postura revela um certo triunfo.

— O que aconteceu? — ouso perguntar.

Nosso pai respira fundo e entrelaça os dedos em cima da escrivaninha.

— Como você deve saber, Thomas, vou me aposentar em breve. Estava discutindo o plano de sucessão da A. P. Maxwell para quando isso acontecer no final do ano que vem. Imaginei que, como estamos reunidos, agora seria o melhor momento para comunicar minhas intenções a todos.

A linha do tempo me fez reclinar na cadeira, surpreso. A última coisa que eu soube era que ele planejava permanecer como CEO por mais alguns anos. É uma mudança enorme.

— Edith vai permanecer como diretora de operações — continua ele. — E Andrew se tornará nosso CEO.

Isso explica o clima na sala. Eu jurava que Edith assumiria a coisa toda. Não que meu irmão seja um incompetente, mas Edith é só… melhor que ele em tudo. A ideia de ela ter que reportar qualquer coisa a Andrew é risível.

Mas ninguém aqui está rindo.

— Parabéns — digo a meu irmão, embora seja uma felicitação superficial.

Ele sabe que não o considero merecedor.

Como se lesse meus pensamentos, papai se levanta e se coloca ao lado de Andrew, dando dois tapinhas em suas costas como se ele fosse uma criança que acabou de ganhar uma partida de futebol. Alguém tem que ficar feliz por ele; eu e Edith é que não vamos.

Andrew se endireita e descruza os braços, chegando até a estufar o peito.

— Vou fazer algumas mudanças quando assumir — diz ele, mas não entendo por que está falando diretamente comigo.

Concordo com a cabeça e abro um sorriso tranquilo.

— Tem todo o direito.

— E uma dessas mudanças é que a A. P. Maxwell International não será mais patrocinadora da equipe McMorris de Fórmula 1.

Fico olhando para o meu irmão sem ter certeza de que escutei direito. Ele não pode estar falando sério. Não teria motivos para tirar isso de mim.

Sem esse patrocínio, sem esse *dinheiro*, não vou valer muita coisa no mundo da Fórmula 1. Aliás, para falar a verdade, tem gente que chega até a me chamar de piloto pagante, e embora eu seja *muito* bom no que faço, ainda não sou o melhor dos melhores. Contando só com o meu talento e com o patrocínio de empresas menores, eu talvez não consiga garantir uma das vinte vagas cobiçadas no grid. Sei disso. E Andrew também sabe, porque tentou chegar lá com os mesmos recursos e fracassou. Foi o meu talento que me levou à minha primeira temporada de F1, mas será que foi o suficiente para me manter lá por cinco anos?

Meu coração para por um segundo antes que eu diga alguma coisa.

— Como assim?

Preciso que ele repita. Ele precisa olhar no fundo dos meus olhos e dizer isso de novo para que eu saiba, sem sombra de dúvida, que está mesmo fazendo isso comigo.

— Nossos recursos serão mais bem aproveitados em outro lugar — explica ele, mas nada disso faz *sentido*. — Não estamos vendo o retorno que esperávamos quando se trata do nosso apoio à equipe. Tenho certeza de que você vai acabar entendendo. Além disso, Thomas, não fica bem patrocinarmos um piloto que deseja a morte dos oponentes. Quer dizer, fala sério. Você se ferrou com essa situação.

Ouço um zumbido nos ouvidos que começa baixo e vai aumentando. É estridente e abafa todo o resto das frases que Andrew diz. Meus olhos se voltam para Edith, absorvendo a expressão dura em seus olhos. Ela sabe o que isso significa para mim, sabe o que acabei de perder, e eu consigo ver o mesmo nela.

Nós dois tivemos nossos futuros arruinados de uma só vez. Meu pai se aproxima e coloca a mão em meu ombro com a intenção de me acalmar, mas seu gesto é só um peso me empurrando ainda mais para baixo.

— Você é um ótimo piloto, Thomas. Eles podem querer te manter mesmo sem o nosso patrocínio.

Eu já sei que não vão. Inclusive, sei exatamente quem está querendo o meu lugar.

E já sei que é aqui que meus sonhos terminam.



CAPÍTULO 21

Stella

— Vou fazer um vestido pra você e ponto-final.

Levanto as mãos e me rendo, sem ter como recusar quando Calais diz que vai desenhar um traje para eu usar na próxima festa de gala de Zaid Yousef. Além desse, ela vai criar o vestido de noiva também — um que não vou usar se Thomas e eu nos separarmos oficialmente antes disso —, mas ela parece mais do que contente com o trabalho extra.

Começamos a ter uma conversa sobre moda e as dificuldades de administrar o próprio negócio. Depois que Figgy arrastou Thomas para longe, Calais apareceu logo em seguida, entrelaçou o braço ao meu e me acompanhou até uma das muitas salas de estar para ficar com ela e Geneva.

— Somos as irmãs que sobraram — disse ela, jogando o cabelo castanho de um tom de mel por cima do ombro. — Aquelas pra quem nosso pai não dá a mínima porque não nos interessamos por hotéis.

Para alguém de apenas vinte e três anos, ela é bem pé no chão. Administrar a própria linha de roupas sendo tão nova é admirável, e me vejo um pouco nela. Calais tem a mesma idade que eu tinha quando a Stella Margaux começou a decolar, o que me lembra o quanto já conquistei. Cem lojas foram abertas, milhões de macarons foram vendidos, e, na próxima semana, começarei a trabalhar nos planos para a nossa tão esperada loja em Londres.

Tenho que agradecer a Thomas por essa última conquista. Se ele não tivesse me convidado para morar aqui, acho que nem teria considerado a expansão para o mercado europeu além das nossas duas lojas em Paris. A América do Norte já vinha me mantendo bastante ocupada, mas é hora de sonhar mais alto.

Falando no homem, eu o avisto passando pelo amplo arco da sala de estar. Seu maxilar está tenso, e as mãos, cerradas em punhos ao lado do corpo; há uma inquietação nele que eu nunca tinha visto.

Tem alguma coisa errada.

— Thomas? — chamo, esperando que ele me ouça e pare, mas Thomas nem diminui o passo. Lanço um sorriso de desculpas para Calais antes de me levantar do sofá. — Com licença um segundo.

Vou depressa até o corredor e chego a tempo de vê-lo desaparecer na esquina. Ele tem sorte de eu ser campeã em correr de salto, porque o alcanço alguns segundos depois, agarrando seu cotovelo e o obrigando a parar.

Thomas vira a cabeça na minha direção, furioso, até notar que sou eu. Quando nossos olhares se encontram, ele parece relaxar um pouco, mas a ruga de ansiedade entre as sobrancelhas continua lá.

— O que houve? — pergunto, sem largar o braço dele. — Você tá bem?

— Eu tô… — Ele para de falar antes de dizer "bem", comprimindo os lábios em uma linha firme, considerando o que de fato quer me dizer. — Eu só… recebi uma notícia.

Faço uma cara séria.

— Imagino que não tenha sido uma notícia boa.

Ele solta um grunhido, apesar da aparente tentativa de dar uma risada.

— É, acho que não é uma notícia boa.

Não quero pressioná-lo a me contar o que está acontecendo. Ele não me forçou ontem à noite, e quero retribuir o favor. Mas Thomas vê alguma coisa em meu rosto que parece despertar nele a vontade de se abrir comigo.

— Meu pai anunciou que a empresa vai ficar sob o comando do Andrew quando ele se aposentar no ano que vem.

Não vou fingir que sei muita coisa sobre a dinâmica familiar deles, mas, com base no que observei nas últimas doze horas, parece uma decisão inesperada.

— Nossa, eu pensei de verdade que seria a Edith — admito.

— Eu também. E acho que, no fim, eu estava contando que seria ela ou que meu pai ficaria por mais alguns anos.

— Por quê?

Thomas respira fundo, preparando-se para dizer alguma coisa.

— Porque com o Andrew no comando, a A. P. Maxwell International não vai mais patrocinar a McMorris.

Mais uma vez, não sou especialista, mas, do ponto de vista comercial, isso não parece bom.

— Tenho certeza de que vai ser um golpe e tanto para a equipe.

— Stella. — Ele coloca as mãos nos meus ombros e abaixa a cabeça. Ficamos cara a cara. Sinto como se Thomas estivesse implorando para que eu entenda. — Meu lugar na McMorris depende desse patrocínio. Sem ele, existe uma chance de eu não integrar mais a equipe.

Congelo.

— Espera, *o quê*?

Ao ver minha reação, ele me segura mais forte.

— A Fórmula 1… e pra ser sincero, corridas de carro como esporte, no geral, só funcionam se você tiver dinheiro. As equipes querem pilotos que, além de um bom desempenho, também tenham como gerar o máximo de receita possível. Você tem que ser um piloto espetacular para entrar no esporte sem um grande aporte financeiro, e ele também acaba sendo ainda mais importante para *se manter* por lá.

— Mas você tem outros patrocinadores, não tem? — insisto.

Ele assente.

— Tenho. Mas nenhum deles é tão significativo quanto o da minha família. E com o meu comportamento dos últimos tempos, se minha própria família abandonar o barco, com certeza outros patrocinadores farão o mesmo. E esse é o maior problema: se eles me deixarem também, aí é que não mantenho minha vaga.

Droga. Thomas e eu ainda estamos aprendendo um sobre o outro, mas já o conheço o bastante — já *vi* o bastante — para saber que ele quer continuar no esporte. E merece ficar. Imaginá-lo perdendo a vaga na McMorris porque a família vai deixar de apoiá-lo é um golpe enorme, um golpe que me atinge ainda mais fundo quando a magnitude da notícia começa a tomar forma na minha cabeça.

Durante o tempo que levo para pensar no que dizer, Thomas já está me soltando e passando a mão pelo cabelo, os movimentos agitados.

— Nosso *piloto reserva* de algum jeito ficou sabendo disso antes de mim — comenta ele, e se afasta alguns passos. Então se vira e recomeça o trajeto. — Acho que ele sabia que meu contrato não seria renovado por causa disso. Esse processo tá em andamento há um tempo, e mesmo assim *ninguém nem pensou em me dar a porra de um aviso*.

Qualquer coisa que eu teria para dizer morre na minha garganta. Não há nada que eu possa fazer para melhorar a situação, e isso me mata. Ele não merece o que está acontecendo, não merece ter o sonho destruído por causa de uma decisão que está fora de seu controle. Talvez ele pudesse conversar com o irmão e tentar convencê-lo a mudar de ideia,

embora, infelizmente, eu tenha a impressão de que eles não têm esse tipo de relacionamento.

— Tenho só mais uma temporada, e aí acabou — continua ele, tão magoado que consigo sentir no meu peito. — Não era pra terminar assim.

— Não precisa ser o fim — falo, sem pensar. Dou dois passos rápidos para a frente na tentativa de bloquear o trajeto dele e coloco as mãos em seu peito. — Talvez você consiga convencer o Andrew a continuar patrocinando a equipe. Ou, sei lá, por que não, talvez consiga convencê-los a te manter na equipe com base no seu talento. Você está se saindo muito melhor em comparação com o Arlo.

Ele solta outro suspiro, mas dessa vez em um tom sarcástico.

— Quem me dera que as coisas fossem assim tão fáceis.

Abaixo as mãos, e ele recua outra vez. A rejeição dói, mas eu a reprimo. Isso não tem nada a ver comigo. Eu já senti o chão sumir sob meus pés pela perda de um futuro que pensei que teria. Agora é a vez de Thomas encarar essa realidade dolorosa, e tudo que posso fazer é ficar aqui; estar presente para o caso de ele decidir que precisa de mim.

— Vou dar uma volta de carro — murmura ele, olhando na direção do saguão de entrada. — Preciso espairecer.

Concordo com a cabeça. Eu também precisaria de um tempo sozinha para processar uma notícia tão importante, e foi exatamente por isso que, após ser abandonada no altar, me tranquei por duas semanas e bebi uma quantidade absurda de vinho.

Mas então ele me surpreende.

— Quer dar uma volta comigo?

A mão que ele me estende é irresistível. Então nem tento resistir. Deslizo a palma da mão na dele e o deixo me conduzir até a entrada da mansão.

Meus saltos afundam no cascalho enquanto caminhamos até seu SUV. Mesmo arrasado, suas boas maneiras continuam impecáveis; ele abre a porta do passageiro para mim, me ajuda a afivelar o cinto de segurança e até se certifica de que a barra do meu vestido está dentro do veículo antes de fechá-la novamente. Não falamos nada enquanto ele entra ao meu lado e liga o carro, deixando-o roncar por alguns segundos antes de engatar a marcha e nos guiar pela estrada estreita.

O silêncio é incômodo. Não cabe a mim quebrá-lo, não importa o quão opressivo pareça ou o quão tentada eu esteja a importuná-lo com perguntas. Nem me importa para onde ele está nos levando.

Por enquanto, mantenho os olhos fixos na paisagem e observo as árvores, as plantações e as colinas. Isso aqui é lindo demais, bem

diferente do concreto infinito das cidades onde passei a vida inteira. Fico imaginando a tranquilidade que não deve ser morar num lugar desses. Estou quase abrindo o site de uma imobiliária só para ver o que tem disponível aqui pela região. Será que Thomas se importaria se eu fosse vizinha da família dele, mesmo depois do nosso divórcio?

Eu até perguntaria, se não quisesse ser a primeira a quebrar o silêncio, mas minha cabeça se vira na direção dele quando a música começa a tocar suavemente.

— Se eu vomitar — diz ele ao som das primeiras notas do álbum de estreia de Ed Sheeran —, a culpa é sua.

Luto contra uma risadinha, um calor borbulhante inundando meu peito.

— Putz, será que chegou a hora de eu te revelar que meus bolsos estão cheios de manteiga Kerrygold?

Thomas solta uma risada alta que parece surpreendê-lo, mas que faz seus ombros relaxarem um pouco.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, vai?

— Ué, foi você quem cometeu o erro de me contar seu segredo mais profundo e obscuro.

— Tenho certeza de que você nunca vai compartilhar isso com ninguém.

— Acho que os termos do nosso casamento englobam histórias vergonhosas, então não se preocupa.

O meio sorriso fica um pouco mais evidente em seu rosto. Quando ele estende a mão para segurar a minha, eu deixo, entrelaçando nossos dedos sem pensar duas vezes. A sensação é boa. É o conforto de que nós dois precisamos.

— Desculpa. — Ele olha na minha direção com um semblante mais suave, mas logo volta a prestar atenção na estrada. — Eu não deveria ter despejado tudo em cima de você, não é responsabilidade sua.

— Mais uma vez, tenho quase certeza de que concordei com isso quando assinei os termos do nosso casamento — comento. — E, enquanto estivermos casados, vou estar aqui pra ouvir todos os seus desabafos. — Faço uma pausa. — Principalmente porque adoro me meter na vida dos outros. É o meu único defeito.

Ele então dá uma risadinha suave, e o som é tão bom que fico desesperada para ouvi-lo de novo. Tem alguma coisa no jeito como eu o faço rir, ainda mais em um momento como este, que me desperta a sensação de que este é o meu propósito. Tudo bem, eu sei que fizemos burrada ao nos casarmos, mas talvez a gente tenha entrado na vida um do outro no momento certo.

— Minha esposa intrometida — diz ele, e esse apelidinho carinhoso, com um toque de insulto, faz meu coração disparar. — Tem alguma coisa que queira saber?

Eu me afasto um pouco do banco para que ele possa me ver melhor com a visão periférica.

— Bem, se estiver me dando carta branca… — E fico esperando até ele assentir antes de me recostar e continuar. — Você me disse uma vez que você e o Andrew não são tão próximos. Por quê?

Ele aperta minha mão por um segundo, e penso em retirar o que disse e mudar de assunto. Mas ao sentir suas mãos relaxarem, seu polegar acariciando o meu, me mantenho em silêncio.

— Então… acho que cheguei a te contar que tudo que meu irmão fazia, eu queria fazer também, certo? — pergunta Thomas depois de um tempo. — Ele foi o primeiro da nossa família a entrar no kart, e foi por causa dele que eu quis começar a correr. Meu pai ficou empolgado por ter dois filhos envolvidos no automobilismo, mas Andrew não foi tão receptivo à minha entrada, não ficou feliz quando meu pai começou a se concentrar mais em mim.

Posso até não ter irmãos, mas já ouvi histórias horríveis de rivalidade familiar. Pelo visto, a relação de Thomas e do irmão vai seguir esse mesmo caminho.

— Você disse que ele parou de correr e decidiu ir para a universidade. Aconteceu mais alguma coisa além disso?

O sorriso de político de Thomas resolve aparecer quando ele ouve minha pergunta.

— Aconteceu. — Ele parou porque nosso pai decidiu investir todo o dinheiro e toda atenção na minha carreira. Eu tinha só doze anos na época, mas acho que ele sabia que eu tinha potencial pra ir longe. Andrew, por outro lado, não estava apresentando um desempenho tão bom. Papai deu um ultimato a ele: meu irmão podia continuar correndo sem o apoio da nossa família ou ir para a universidade e ter uma vaga garantida na empresa após a formatura. Todos nós sabemos o que ele acabou escolhendo.

E agora, se as conclusões a que estou chegando estiverem corretas, Andrew está querendo se vingar do irmão mais novo por ter roubado seu sonho.

— E seu pai concorda com a decisão do Andrew de retirar o patrocínio? — pergunto, um pouco chocada. — Tá falando sério?

Thomas solta um suspiro.

— A culpa é minha por ter me envolvido em toda aquela situação com o Castellucci. Se eu não tivesse dito aquelas coisas… talvez tudo

fosse diferente. Mas entendo a motivação deles quando dizem que não me querem ligado à empresa.

Fico olhando enquanto a resistência praticamente some do corpo dele. É como se estivesse se *resignando* a aceitar isso tudo, como se de fato achasse que acabou.

— Nada disso, fodam-se eles — ouço a mim mesma dizer antes que meu cérebro consiga acompanhar. — A gente não pode deixar que usem isso como desculpa.

— A gente?

Claro que é isso que ele questiona.

— Sim, alteza, *a gente*. Isso aqui agora é um trabalho em grupo. A gente vai limpar seu nome e garantir que mantenha esse patrocínio.

Thomas dá uma risadinha incrédula.

— Isso me parece um plano meio exagerado, Stella.

Talvez até seja, mas estou pronta para encarar o desafio.

— Eu falei que ia dar um jeito de obrigar o Reid a falar com você, mas agora nosso objetivo tem que ser o Lorenzo Castellucci direto. Ele é a nossa chave pra recuperar sua reputação.

Thomas fica quieto, mas não importa. As engrenagens da minha cabeça estão fazendo tanto barulho que teriam abafado qualquer comentário que ele fizesse.

Volto a olhar pela janela. Alguns minutos antes, eu estava adorando o ritmo tranquilo da vida aqui, mas agora já estou pronta para voltar ao centro da cidade. Pronta para o caos com o qual sei lidar tão bem.

— Podemos ir pra casa? — pergunto, virando o corpo na direção dele. — Ou temos que ficar mais tempo?

A palavra "casa" escapa sem querer. Eu quis dizer *voltar para Londres*, ou para algum lugar diferente daquela mansão cheia de pessoas conspirando contra ele — contra nós.

Mas Thomas não parece se importar com a palavra que usei. Ele aperta minha mão pela última vez e depois a solta, preferindo colocar as duas no volante. Um segundo depois, faz uma curva em U e acelera para retornar à mansão.

— Em quanto tempo consegue arrumar as malas? — pergunta ele.

— Dez minutos, no máximo.

— Perfeito. — O sorriso suave que ele me lança faz meu coração bater mais forte. — Vamos pra casa, querida.



CAPÍTULO 22

Thomas

É uma loucura pensar que este pode ser o último ano em que piso na fábrica da McMorris — e é ainda mais louco quando penso que não posso tocar nesse assunto com ninguém.

Meu empresário me instruiu a manter sigilo e deixá-lo fazer o próprio trabalho. Enquanto ele procura novos contratos de patrocínio e sonda, com discrição, se alguma equipe vai ter vagas disponíveis no fim da próxima temporada, tenho que estar na sede da empresa finalizando minhas tarefas pós-temporada e agindo como se tudo estivesse ótimo.

Estou de volta a Silverstone depois de um dia com Stella em Londres, me recuperando das consequências da viagem a Cotswolds. Fizemos uma reunião sobre a temporada com a equipe, gravei vídeos para as redes sociais que serão postados durante o inverno e fiz minha última sessão no simulador antes de aposentarmos o carro desta temporada. Na próxima vez que eu estiver aqui, vai ser para testar a configuração do ano que vem, mas tenho um mês de folga antes disso.

Já está escuro quando desço para o saguão do prédio e passo por carros clássicos de F1 da McMorris, todos de anos anteriores. Esta tem sido minha casa por tanto tempo… Quatro dos meus carros de temporadas passadas estão atrás dessas paredes de vidro, uma lembrança de cada ano que passei com a equipe até agora. O quinto se juntará a eles em breve.

Em breve talvez eu não volte… e preciso me acostumar depressa com essa possibilidade, ou pelo menos parar de remoer essa mágoa. A verdade é que não sei ao certo se vão se livrar de mim. Talvez eu tenha provado o meu valor e seja possível continuar mesmo sem o patrocínio da A. P. Maxwell International.

Mesmo que seja o caso, não estou ficando mais jovem, e novos talentos batem à porta todos os dias, como Arlo Wood e Finley Clarke fazem questão de me lembrar.

— E aí, Tommy!

Expiro e me detenho ao ouvir o chamado. Olho na direção da voz e encontro Arlo se aproximando depressa. Ele está com o boné virado para trás e veste uma jaqueta que não vai mantê-lo aquecido no frio de dezembro, mas que o deixa parecendo um galã descolado.

— Não tá cansado de mim, não? — pergunto, abotoando o casaco. — A gente tá junto há uma temporada inteira e você ainda quer conversar?

— É só a saideira antes da pausa de inverno. — Ele sorri e se balança para a frente e para trás. — Vai na festa do Zaid?

O evento é daqui a uma semana, um dia após a festa de premiação anual da FIA, à qual nem Arlo nem eu precisamos comparecer, porque não ficamos entre os três primeiros colocados no Campeonato de Pilotos, e a McMorris não chegou nem perto de vencer o Campeonato de Construtores. Zaid ficou em segundo, com Axel Bergmüller em terceiro, mas após o acidente em Cingapura e os ferimentos que sofreram, ainda não se sabe se algum deles estará presente na cerimônia de premiação em Baku, no Azerbaijão. Assim como Lorenzo, Axel não foi visto em público desde o acidente, mas pelo menos enviou alguns comunicados à imprensa afirmando que voltará a correr na próxima temporada.

— Vou aparecer, sim — respondo. — Você vai?

Arlo assente, mas não ouço nada do que ele diz em seguida, pois me distraio com o celular vibrando com uma mensagem da Stella.

STELLA: Que horas você chega em casa amanhã?

— Desculpa, só um minuto — peço a Arlo, e começo a digitar.

THOMAS: No máximo às dez. Tudo bem por aí?

STELLA: Tudo ótimo. Só não se assusta se estiver parecendo que a cozinha explodiu quando chegar em casa.

THOMAS: É pra eu me preocupar?

STELLA: Claro que não. Eu sou profissional, bebê.

— Tá falando com a sua esposa?

Levanto a cabeça ao ouvir a pergunta de Arlo e reprimo o sorriso que por algum motivo decidiu surgir no meu rosto.

— Como você sabe?

Ele abre um sorrisinho irônico.

— Porque você tá com a maior cara de bobo do caralho, cara, com coraçõezinhos nos olhos e tudo. Espero achar uma mulher que faça isso comigo um dia.

Dou uma risadinha de deboche.

— Nós dois sabemos que vão ser várias mulheres, Arlo.

— Tomara. — Depois de me dar uma piscadinha, ele desvia de mim e se dirige às portas automáticas do estacionamento. — Te vejo no baile de gala semana que vem, meu velho.

Fico olhando o garoto ir embora, as palavras dele ecoando em minha cabeça enquanto coloco o celular no bolso. *Coraçõezinhos nos olhos?* Sério? Ele não poderia estar mais distante da verdade.

Admito que me sinto muito atraído por Stella desde a primeira vez que botei os olhos nela, então talvez seja por isso que estou com cara de bobo. Mas não passa disso: atração física. Tem um monte de mulher por aí que causaria o mesmíssimo efeito em mim.

Só que… também não posso negar que Stella está um nível acima das demais. E, bem, nossa viagem talvez tenha mudado um pouco as coisas. A forma como ela lidou com Figgy e minha família, além de ter se mostrado, mais uma vez, tão disposta a me ajudar, mesmo quando parecia tão difícil encontrar uma solução… Isso me fez olhar para ela de uma maneira completamente diferente.

Talvez seja um sentimento crescente desde que concordamos em continuar casados. É um desafio e tanto evitar uma conexão emocional quando você é forçado a conhecer alguém tão a fundo, ainda mais quando a pessoa é fascinante. E engraçada. E inteligente, e gentil, e de uma sagacidade afiadíssima, e, para coroar, tem um sorriso à altura de todo o restante.

É difícil não gostar de alguém quando essa pessoa é tudo que você poderia desejar.

É aí que minha ficha cai, e sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

Ai, merda.

Acho que estou me apaixonando pela minha esposa.



São quase dez da noite quando entro em casa e sinto o cheiro de baunilha e açúcar me atingir com força.

— Stella? — chamo, largando minhas coisas antes de ir para a cozinha, onde presumo que ela esteja cozinhando.

Vou ficar decepcionado se for apenas uma vela perfumada.

Para a minha sorte, vejo comida assim que dobro o corredor. Como já seria de esperar de Stella Margaux, há macarons em quase todas as superfícies, mas eles vêm acompanhados de cupcakes, uma grande variedade de biscoitos e uns três tipos diferentes de cobertura. É o paraíso das formiguinhas, e fico imensamente feliz por estar de férias. Vou poder provar tudo isso sem ter que dar explicações para a minha nutricionista no dia seguinte.

— Nossa — digo, quando Stella desliga a batedeira. — Estou me sentindo em um episódio de *Bake Off*.

Ela sorri para mim por cima do ombro com uma mancha de farinha muito fofa na bochecha.

— E eu nem tive um colapso nervoso enquanto preparava tudo.

Acredito nisso ao perceber o brilho que emana dela. Este é o lugar onde Stella se sente feliz. Está cercada pelas guloseimas mais doces, as ideias ganhando vida em suas mãos. De alguma maneira, não consigo imaginá-la fazendo outra coisa.

— Desculpa pela bagunça — diz ela, mas fico feliz ao constatar que ela não parece preocupada de verdade. — Assim que eu tiver uma cozinha comercial, vou parar de te encher o saco com isso. A propósito, obrigada por me mandar o número daquele corretor de imóveis. Já marquei algumas visitas.

Puxo um dos bancos da ilha, me sento e tiro do caminho um prato de macarons ainda a serem montados.

— Gosto de ter você aqui — admito. — Tem sido bom encontrar alguém quando volto pra casa.

Isso só aconteceu hoje? Sim. Mas também foi um prazer escutar Stella lá em cima enquanto estava em uma reunião on-line ontem e lembrar que não estou mais sozinho nesta casa ridiculamente grande? Mais uma vez, sim.

Stella ri baixinho e retorna à tigela da massa, tirando-a da batedeira um momento depois.

— Você já deveria ter arrumado um cachorro há bastante tempo.

Abro um sorriso, balanço a cabeça e pego um macaron de um dos inúmeros pratos. Não posso dizer que entendo muito do assunto, mas parecem perfeitos. E Stella também, usando meu avental com a bandeira do Reino Unido que ela jurou esconder quando me viu usá-lo hoje de manhã. Observá-la aqui neste ambiente causa uma falha no meu cérebro e desliga a parte que obedece às regras.

Eu me levanto de onde estou sentado e me aproximo dela por trás. Stella se assusta quando passo um braço de leve em volta dos seus ombros, meu antebraço em suas clavículas, as costas dela pressionadas contra o meu peito. Seguro o macaron na outra mão.

— Que sabor é este? — murmuro perto do ouvido dela.

— Thomas — repreende Stella ao inclinar a cabeça para trás, mas o que parece mesmo é que ela quer que eu continue, embora não tenha sido essa a intenção. — Você está quebrando várias regras no momento.

— Ué, não posso dar um abraço na minha esposa?

— Esposa de mentirinha — Stella faz questão de me lembrar, mas sinto o coração dela acelerando.

— Tá bom. Responde à minha pergunta e eu te deixo em paz.

Stella desce o olhar para o macaron na minha mão e responde:

— Laranja-de-sangue e creme de baunilha. Estou fazendo testes para o nosso cardápio de verão do ano que vem.

Concordo com a cabeça e deixo o braço escorregar em volta dela.Posso jurar que seu ombro acompanha a ponta dos meus dedos enquanto eu me afasto.

— Não vai embora — diz ela, quando dou um passo para trás. — Preciso que você bata o chantilly pra mim.

— Isso é um eufemismo pra alguma coisa?

— Vai sonhando. — Então ela aponta para uma tigela cheia de creme com um *fouet* ao lado. — Eu até colocaria na batedeira, mas não tenho nenhuma pá limpa no momento. — Nós dois olhamos para os pratos sujos dentro e ao lado da pia. — Bate pra mim até começar a endurecer.

— Tá, isso *com certeza* foi um eufemismo.

Stella ri, e o som é como música. Uma música que eu ouviria sem parar pelo resto da vida.

Depois de enfiar o que sobrou do macaron na boca, pego o *fouet* e começo a trabalhar. Não sei quanto essa maçaroca precisa endurecer, mas tenho certeza de que Stella vai me dizer quando eu chegar lá.

— O que achou do sabor? — pergunta ela, aproximando-se e encostando o quadril na bancada ao meu lado. — Te faz pensar em verão?

Não, não me faz pensar em verão. Na verdade, me faz pensar em um minuto atrás, quando eu estava com os lábios perto da orelha dela e no aroma cítrico que ela emana. Me faz pensar nos clubes escuros de Las Vegas, em abraços suados depois de uma corrida, em enterrar meu rosto no pescoço dela quando estamos na cama juntos porque não consigo passar mais um segundo sem sentir a pele dela contra a minha.

Engulo em seco.

— Acho que virou meu favorito.

Stella abre um sorriso, e juro que sinto uma palpitação no fundo do peito.

— Então tá decidido. Esse vai pro cardápio.

Ela dá as costas e volta ao que estava fazendo. Mesmo enquanto bato o chantilly, não consigo tirar os olhos dela. Vê-la assim tão à vontade, fazendo o que ama, é fascinante. Será que foi assim que ela se sentiu me vendo na pista? Se for, agora entendo suas reações pós-corrida.

— Stella? — Ela volta o olhar para mim, as sobrancelhas erguidas, a expressão radiante. — Mesmo que você acabe encontrando um espaço novo pra cozinhar — digo —, ainda quero que use essa cozinha.

O sorriso dela tem um ar de provocação.

— Você só não quer perder a oportunidade de ser minha cobaia.

Não é nem de longe o motivo, mas concordo.

— Me pegou.

Quando ela ri de novo, deixo a risada me invadir e desfruto da sensação efervescente como champanhe que corre em minhas veias.

É. Isso já nem está mais em discussão. Estou completamente apaixonado pela minha esposa.



CAPÍTULO 23

Stella

— Você tem tanta sorte de ter se mudado pra Londres com poucas malas! Se eu tiver que esvaziar mais uma caixa, vou dar um grito.

Começo a rir da reclamação de Janelle e passo pó compacto embaixo dos olhos. Ela está me fazendo companhia via ligação de vídeo enquanto me arrumo, e é um alívio estarmos finalmente no mesmo fuso horário. Tentar acompanhar a vida dela com uma diferença de cinco horas estava sendo difícil. A pobre Mika provavelmente vai continuar recebendo ligações minhas às quatro da manhã.

— Depois que você já tiver se aclimatado, precisa vir jantar aqui em casa — insisto. — Vou fazer todos os seus pratos favoritos.

— Ai, meu Deus, sim, por favor. Eu falei pro Ron que estava morrendo de vontade de comer biscoitos com molho e o cara me olhou como se tivesse descoberto que se casou com uma assassina em série.

— Tive a mesmíssima reação quando o Thomas me disse que a sobremesa favorita dele era uma comida chamada *spotted dick*.

Até Janelle se recuperar da gargalhada, já terminei de me maquiar e saí do banheiro.

— Como tá sendo morar com ele? — pergunta ela. — Ainda não apareceu na minha porta, então presumo que esteja tudo bem.

— Sinceramente? — Faço uma pausa, pensando na resposta, e vou até a cômoda, onde minha aliança me aguarda num pratinho de cerâmica. — Tá sendo ótimo. É muito fácil conviver com ele!

Faz quase duas semanas que me mudei e, tirando aquela visita à família dele, as coisas têm sido tranquilas. Ouso dizer até que têm sido boas. Boas até *demais*. Chega a ser preocupante, porque a última coisa

que quero agora é ter uma quedinha pelo meu marido. E, olha… talvez seja tarde demais para evitar isso.

Ai, meu Deus. Esquece isso. Não dá pra admitir uma coisa dessas ainda.

Apesar de nós dois termos uma vida corrida, arranjamos tempo para jantar juntos todas as noites. Caminhamos pelo bairro e passeamos pelos Jardins de Kensington. Sério, ele foi até conhecer o estúdio de pilates que fica no fim da rua para ver se eles ofereciam o tipo de aula que eu gosto — e ainda por cima fechou um plano para mim. Foi tão atencioso da parte dele que quase chorei quando ele me entregou o folheto do estúdio. Que vergonha.

É incrível que ele tenha conseguido fazer tudo isso comigo e por mim. Ele anda meio sobrecarregado ultimamente, entrando e saindo de reuniões com o empresário, gravando comerciais para os patrocinadores que ainda restaram e resolvendo outros assuntos da pós-temporada. Vai estar livre das obrigações da F1 depois da festa de gala de Zaid amanhã à noite, e estou curiosa para ver como nossa rotina vai ficar quando ele tiver tempo livre. Eu, no entanto, continuo atolada: minha agenda está caótica até o Natal, daqui a apenas duas semanas. A época de festas é a mais movimentada para mim, então vou precisar apagar muitos incêndios por aí (talvez literalmente).

— E você já decidiu se vai mesmo concordar com essa segunda festa de casamento?

Solto o ar com força e pego minha aliança, observando-a brilhar sob as luzes.

— Ainda não — respondo, honestamente. — Thomas e eu precisamos conversar mais a respeito do assunto.

Até onde consegui captar, estamos agindo como se o evento fosse mesmo acontecer. Enviei minhas medidas para Calais e disse a Iris que sou uma grande fã de cores neutras e quentes, então o que quer que vá acontecer a partir de agora está fora do meu controle.

Janelle dá uma risadinha. Consigo imaginá-la enrolando uma mecha de cabelo com o dedo.

— Eu já tô até vendo o dia em que você vai me ligar pra dizer que finalmente deixou aquele homem te comer em seis posições diferentes e…

— Vou desligar — interrompo em voz alta, sem a menor intenção de alimentar esse pensamento, principalmente porque já o tenho alimentado quase todas as noites quando estou sozinha no meu quarto. — Te ligo outra hora.

— Me liga depois que esse inglês gostoso ter der uma bela de uma surra de…

— *Tchau*, Janelle.

Aperto o ícone para encerrar a ligação antes que ela termine a frase e, em seguida, coloco minha aliança no dedo com mais força do que o necessário. A última coisa de que eu precisava era um lembrete da tensão sexual entre mim e Thomas — e de estar sozinha com a minha mão no escuro.

— Legal saber que a Janelle apoia nossa segunda festa de casamento.

Eu me viro bruscamente ao ouvir a voz de Thomas vindo na minha direção, sem perceber que a porta do quarto estava aberta ou sequer que ele estava no andar de cima. E a ligação estava no viva-voz…

— Está aí há muito tempo? — pergunto, hesitante, o rosto em chamas.

Nunca fiquei tão feliz pelo tom marrom-escuro da minha pele.

— Um tempinho… — diz ele, com um sorrisinho, embora esteja a apenas um passo de um sorrisão aberto. — Acho que tinha alguma coisa a ver com te dar uma bela surra de…

— Não — eu o interrompo, e começo a empurrá-lo para fora do meu quarto. — Você vai esquecer que ouviu uma única palavra que seja dessa conversa.

Thomas ri e anda para trás enquanto pressiono seu peito — seu peito robusto, forte, absolutamente perfeito e…

Ai, merda. Ando subindo pelas paredes desde a noite em que ele me abraçou na cama para me aquecer, e isso aqui não está ajudando a amenizar meu desespero. Mas são a gentileza e o carinho dele que estão me enchendo de admiração e me fazendo distribuir *sorrisinhos encantados* por aí o tempo todo. Eu já sabia que tínhamos uma conexão física, mas descobri que, na verdade, também gosto do cara como pessoa.

É uma complicação um tanto inconveniente se quisermos um término sem mágoas, seja em dois meses ou até o final do ano que vem. É claro que podemos ter uma relação amigável, mas não preciso que isso se aproxime ainda mais do território do "tenho uma quedinha pelo meu marido".

Paro quando Thomas também para, embora eu demore um instante para afastar as mãos de seu peito, aproveitando a oportunidade. Se interpreto corretamente o brilho em seus olhos, ele não se importa nem um pouco.

— Na verdade, só vim ver como está a sua agenda para hoje à noite — diz ele. — Ocupada?

Faço que sim com a cabeça e consulto o relógio.

— Daqui a uns dez minutos tenho minha primeira visita a um imóvel. — Levanto os olhos, e uma pergunta sai da minha boca antes que eu consiga pensar duas vezes. — Quer vir comigo? Preciso da opinião de

um morador local sobre os bairros. — Quando meu cérebro finalmente se dá conta do convite, acrescento depressa: — Sei que você deve ter um monte de coisas para fazer, então tudo bem se não puder.

Os poucos instantes que ele leva para considerar a ideia são os mais longos da minha vida, e me arrependo de ter perguntado. É claro que ele está ocupado demais para ir conhecer imóveis comigo, o que eu estava pensando?

— Vou reorganizar algumas coisas na minha agenda e vou contigo, sim.

Meu rosto fica, de alguma forma, ainda mais quente do que antes.

— Thomas, não precisa.

— Ah, eu sei que não precisa — responde ele. — Mas eu quero.

Começo a queimar da cabeça aos pés. Ele fala de um jeito tão casual, como se não fosse nada de mais rearranjar o dia inteiro para me acompanhar. Uma coisa tão simples e que, no entanto, altera a química do meu cérebro, liberando aquele maldito hormônio do apego.

— Tudo bem — digo, nem sei como.

O sorriso que ele abre me destrói por dentro, mas piora quando ele estende a mão na minha direção.

— Desce comigo, tenho uma coisa pra você.

Deslizar minha mão na dele prejudica minha estabilidade emocional, mas ajuda a me manter fisicamente firme em cima dos saltos. Mesmo quando chegamos ao pé da escada, os dedos dele continuam entrelaçados aos meus, me conduzindo atrás dele até chegarmos à cozinha. As costas largas de Thomas bloqueiam minha visão, então só quando ele sai do caminho é que vejo o que tem na ilha.

Sou recebida por uma caixa aberta com uma dúzia de donuts cobertos de chocolate, e há uma única vela encaixada no do centro. Fico parada observando Thomas acender um isqueiro prateado e, em seguida, passar a chama para a vela, dando um passo para trás assim que o pavio pega fogo. Depois ele se vira para mim, seu sorriso enrugando o cantinho dos olhos.

— Feliz aniversário de um mês.

Aperto os lábios para conter a risada de alegria que ameaça escapar, porque este homem é *ridículo*.

— Se estiver planejando me fazer usar um desses como aliança de novo — digo, depois de perceber que consigo manter a voz em um tom aceitável em vez de gritar como uma adolescente empolgada —, eu vou te largar.

— Na verdade, eu preferiria que a gente comesse esses, se estiver tudo bem pra você.

— Nesse caso, *acho* que podemos continuar juntos.

Eu me aproximo dele e da caixa, as pernas bambas, e então me abaixo para apagar a vela. Pego um dos donuts, com chocolate grudando nos dedos, e ofereço a ele. Mas, em vez de pegá-lo da minha mão, Thomas se inclina e o morde, sem tirar os olhos dos meus. É tão sexy que talvez eu precise voltar lá para cima e trocar de calcinha. A minha está tão molhada que poderia me incriminar.

Ele lambe os lábios e endireita o corpo. A única coisa que me resta fazer é enfiar o restante do doce na boca para não perguntar se ele quer passar o dia comendo donuts e, nos intervalos, usando a boca para outras coisas.

Para a minha sorte, Thomas quebra o feitiço anunciando que é melhor sairmos agora se não quisermos nos atrasar para a primeira visita. Lavo as mãos e deixo a água fria da torneira me refrescar. Não preciso ficar pensando em Thomas caindo de boca em mim como fez com aquele donut enquanto avaliamos fornos industriais.

Eu não deveria tê-lo convidado para me acompanhar. Não vou conseguir parar de pensar no meu marido — e em todas as coisas que poderíamos ter feito até agora se as minhas regras não existissem.



Depois de sobreviver a um dia inteiro na companhia de Thomas na sexta-feira, o sábado chega, e com ele o baile de Zaid Yousef. E tenho que dar os devidos créditos a Calais: a mulher fez um vestido sensacional.

Ao colocar o vestido que ela desenhou, faço uma anotação mental para contratá-la todas as vezes que eu precisar de alta-costura no futuro, mesmo depois que Thomas e eu nos separarmos. E pensando bem, se este vestido de seda com o decote drapeado mais lindo que já vi e uma fenda até a altura da coxa for uma amostra do que posso esperar para o meu casamento, talvez eu queira passar por todo o espetáculo só para ter a chance de usá-lo. O que é o corredor de uma igreja senão uma passarela com outro nome?

Estou animada para o evento à noite. Primeiro porque vai ser uma ótima desculpa para me arrumar e beber champanhe enquanto contribuo para uma boa causa. Segundo porque vou encontrar Willow Williams, e estou torcendo para ela cumprir a promessa de fazer Reid falar com Thomas.

A gente vem trocando mensagens, mas as conversas se resumem a fotos dos meus bolos e ideias de sabores, já que ela conhece todo o cardápio das minhas lojas. Além de ser superfã, ela é uma pessoa muito legal, e até me deu alguns conselhos sobre estar em um relacionamento com um piloto de F1. É estranho de repente pertencer a esse clube-das-mulheres-casadas, mas está sendo legal. O fato de Willow ser mais doce que qualquer receita que eu já tenha preparado com certeza ajuda bastante.

— Stella? — chama Thomas do corredor. — Tá pronta?

— Quase!

Estou parada na frente do espelho de corpo inteiro, decidindo que sapatos usar, quando alguém bate à porta. Olho de relance para a entrada do quarto com a intenção de pedir só mais cinco minutinhos, mas as palavras morrem na minha boca quando o vejo.

Como esperado, ele está de smoking, e já sei, por experiência própria, que vê-lo assim me deixa apaixonada. Mas hoje, de alguma maneira, ele está ainda mais bonito que em Las Vegas. Como isso é possível? É o mesmo homem, cacete. Os mesmos olhos azuis, da cor do oceano, o lugar perfeito para eu me afogar. O mesmo cabelo castanho penteado para trás, com uma única mecha solta caída sobre a testa. E o mesmo peito largo, os quadris estreitos e as mãos grandes que são capazes de coisas absolutamente perversas.

Será que é porque agora você não gosta dele só pela beleza?, sugere uma vozinha no fundo da minha cabeça.

E eu a mando calar a porra da boca.

Sinto vontade de chutar alguma coisa para poder xingar, porque não é justo que ele fique tão gato vestido assim. Para ser bem sincera, caso precisem de um novo James Bond, ele é a escolha ideal. Por outro lado, não sei se é uma boa ideia conceder licença para matar a um homem que costuma dizer "cacilda".

Enquanto o admiro, ele faz o mesmo comigo, os olhos absorvendo cada centímetro meu. Prendi o cabelo em um coque chique, deixando algumas mechas soltas para emoldurar o rosto, e apostei em uma maquiagem que é puro glamour. O vestido é a verdadeira estrela do show: a seda se ajusta ao meu corpo em todos os lugares certos e deixa o suficiente para a imaginação, mas fica inegavelmente provocante toda vez que o tecido ondula para trás, exibindo a minha coxa até o topo. Estou linda por fora, mas por dentro me sinto ainda mais.

— Uau! — Thomas suspira, ainda me encarando, sem disfarçar. — Você tá…

Arqueio uma sobrancelha para incitá-lo a terminar a frase. Não preciso dos elogios dele, mas quero todos. Quero que me elogie, que me adore e que me dê tudo que estiver disposto a me dar, pois também quero retribuir. A frase fica presa na ponta da minha língua, ameaçando sair em ondas de *talvez eu seja a mulher mais sortuda do mundo por ter você ao meu lado*, e *às vezes me assusta o quanto eu amo seu sorriso*.

— Você tá… — começa ele, mas para outra vez e respira fundo, o que quase o faz estremecer. — Não existem palavras para descrever o quão deslumbrante você está, Stella. Só olhar pra você já é um baita privilégio.

A voz dele sai tão dolorosamente genuína que rouba o ar dos meus pulmões. Alguma coisa está mudando entre nós, ficando perigosa. Eu não esperava sentir algo assim tão cedo quando meu mundo virou de cabeça para baixo. Pensei que levaria anos até meu coração partido ser capaz de bater outra vez, mas ele está voltando à vida, batendo forte aqui e ali para me lembrar de que não está morto. De que, com o toque certo, o estímulo certo, é capaz de melhorar.

Só não sei se tenho coragem de entregá-lo à cura. E se ele acabar se ferindo outra vez?

— Se *eu* estou recebendo elogios tão bons assim, a mulher que se casar com você de verdade vai ter muita sorte — digo, um lembrete a nós dois de que isso que está rolando não pode ir além, mas as palavras deixam um gosto amargo na minha boca.

Encaro o meu reflexo de novo, desesperada para interromper nossa conexão antes de fazer alguma besteira como puxá-lo para junto de mim e pressionar meus lábios nos dele. Em vez disso, aliso os quadris com as mãos.

— Tem certeza de que a cor está boa? Acho que ando exagerando no branco ultimamente.

Ele balança a cabeça, saindo do torpor em que se encontrava.

— Está perfeita. Além disso, ainda somos recém-casados, aproveite o máximo que puder.

— E temos um segundo casamento chegando. — Ouso olhar para ele. — Aliás, já deu um jeito de nos tirar dessa?

— Ainda não tentei de verdade — admite ele. — Mas estou começando a achar que é melhor a gente só deixar rolar. Consolidar de verdade nosso relacionamento na mente das pessoas. Além disso, qualquer desculpa para uma festa é válida, né?

Talvez ele esteja certo. Pode ser uma maneira elegante de provar a todos que nosso relacionamento é pra valer. Acho que Figgy vai parar de importunar Thomas depois de nos ver recitar os votos. E não é como se eu tivesse que planejar, organizar ou pagar por nada, então temos

motivos de sobra para entrar de cabeça nessa aventura. Não tenho muito do que reclamar.

Exceto por um pequeno detalhe: isto aqui não está parecendo tão falso ultimamente.

Afasto o pensamento, apontando para os três pares de sapatos em frente ao espelho, e tento mudar de assunto:

— Me ajuda a escolher. Qual deles combina melhor com o vestido?

Já sei qual vou usar — a sandália de salto com pérolas nas tiras — e não espero que Thomas tenha conhecimento suficiente de moda para fazer a escolha certa. Mas, para a minha surpresa, ele pega os que eu quero e gesticula para eu me sentar na cama.

Faço o que ele pede, esperando que me entregue as sandálias para eu calçá-las, mas ele se ajoelha na minha frente um momento depois. Sinto um arrepio quando ele envolve meu tornozelo com a mão e levanta meu pé, deslizando-o para dentro da sandália. A fivela da tira do tornozelo é complicada, mas ele consegue fechá-la com facilidade antes de repetir o processo do outro lado.

Não consigo nem respirar quando ele olha para cima com um sorriso satisfeito por ter completado a tarefa. Vê-lo de joelhos já é bem excitante, mas esse pequeno detalhe a mais acende uma fogueira dentro de mim que se alastra por todo o meu corpo.

— Pronta pra convencer mais pessoas de que estamos perdidamente apaixonados? — pergunta ele.

Minha resposta sai como uma expiração trêmula.

— Com certeza.

Porque, neste momento, isso não parece uma tarefa muito difícil.



Thomas não desgruda as mãos do meu corpo desde que saímos do carro e caminhamos pelo tapete vermelho.

Neste momento, uma delas permanece no meu quadril e me mantém aconchegada ao seu lado conforme atravessamos o salão e cumprimentamos todas as pessoas que ele conhece, desde pilotos e ex-pilotos, políticos e filantropos a celebridades diante das quais tento não ficar deslumbrada enquanto ele me apresenta, cheio de orgulho, como sua esposa. Antes disso, nossos dedos estavam entrelaçados, e ele me guiou pelos degraus de mármore na entrada, certificando-se de que

meus saltos não prendessem na bainha do vestido. Mal posso esperar para descobrir onde ele vai tocar em seguida.

Tomo um gole de champanhe para afastar o pensamento, feliz pelo breve alívio de não haver ninguém se aproximando da gente. Passo os olhos pelo salão em busca de algum conhecido e, embora veja alguns rostos vagamente familiares dos círculos que frequento, ainda não encontro aquele que estou procurando.

Tento não ficar muito decepcionada por ainda não ter visto Willow, mas Reid Coleman está circulando do outro lado do salão, e fico desesperada para que ele e Thomas conversem. Willow me prometeu que faria a ponte entre os dois hoje, então não vou arrastar Thomas até lá e só torcer para que tudo corra bem. Não, precisamos da nossa amiga em comum e de fala mansa para garantir que tudo corra bem.

— Quer dançar?

A pergunta de Thomas me distrai da minha busca.

— Você sabe?

Ele solta uma risada.

— Querida, eu cresci frequentando bailes de gala como este aqui. Aprendi a dançar valsa uns cinco minutos depois de aprender a andar.

— Olha só, então agora você vai ter que provar.

Viro o resto do meu champanhe antes de permitir que Thomas me arraste pela multidão até a pista de dança. Fiel à sua palavra, ele sabe mesmo dançar, e é tão cordial que mantém as mãos nos lugares apropriados praticamente o tempo todo, tirando um deslize aqui e ali, quando a palma da mão dele encontra a parte inferior das minhas costas.

— As pessoas estão olhando pra gente — murmura ele em meu ouvido quando contornamos a pista novamente.

Por cima do ombro dele, passo os olhos pela multidão. Thomas tem razão, há muitos olhos — e algumas câmeras — em nós.

— Não me surpreende — digo, despreocupada. — Somos um casal belíssimo. Eu ficaria ofendida se não estivessem olhando.

Sinto a vibração do peitoral dele contra os meus seios quando ele solta uma risadinha.

— Estou tentando não ficar com ciúme de todos esses caras que não param de olhar pra você.

Não deveria existir ciúme no nosso relacionamento, mas, ainda assim, uma onda de vertigem me invade.

— Ué, minha bunda tá mesmo *fantástica* nesse vestido, então não é de admirar que eles não consigam tirar os olhos de mim.

Em resposta, Thomas desliza a mão mais para baixo em minhas costas.

— Mas era de esperar que eles tivessem a decência de não cobiçar a esposa do próximo.

— Talvez você devesse me beijar — provoco, e me sinto quase tão ousada quanto na noite em que nos conhecemos. — Mostra pra eles que é você quem vai me levar pra casa hoje à noite.

— Eu poderia.

É uma resposta vaga que se perde no ar, como se ele não estivesse de fato considerando a possibilidade. Céus, eu não deveria ter dito isso, não deveria ter sugerido de um jeito tão provocante, mas nós *concordamos* que faríamos coisas assim para quando estivéssemos em público. Quem se importa com a forma como falei, afinal? Ainda é tudo falso, puramente de fachada.

— Mas? — insisto, e preciso saber o que o está impedindo. — É só uma pequena demonstração pública de afeto.

Thomas olha para mim, meu rosto tão perto do dele que seria fácil juntar nossos lábios.

— Esse é o problema.

Compartilhamos um suspiro, um instante de silêncio. Um segundo em que juro que somos os únicos no ambiente.

— Quando eu te beijar de novo, Stella — murmura ele —, quero que não seja só por causa do público.

Meu coração para. Não tenho certeza se ainda estamos dançando. Para falar a verdade, não sei de nada além da verdade que vejo no fundo de seus olhos. Ele falou sério em cada palavra que pronunciou.

E, para ser honesta comigo mesma, eu também quero isso. Quero um momento verdadeiro, genuíno, um momento desfrutando daquilo que me proibi de fazer por medo de me machucar.

Abro a boca, mas não sei o que dizer. Que quero isso também? Que isso é uma péssima ideia? Preciso de mais tempo para *pensar* antes de fazer algo que não me permita voltar atrás.

Então quase fico feliz quando alguém pigarreia ao nosso lado e me impede de fazer essa escolha.

Olho para o lado e encontro Willow parada ali com um sorriso tímido. Está com as mãos entrelaçadas na frente da barriga como se estivesse nervosa por estar atrapalhando, mas há uma determinação em seus olhos que não consigo ignorar.

— Willow! — exclamo, surpresa, soltando a mão de Thomas e dando um passo vacilante para trás. — Eu não sabia que você já tinha chegado.

— Sinto muito interromper — diz ela. — Mas, Thomas… Reid quer falar com você.



CAPÍTULO 24

Thomas

Reid Coleman não parece muito animado em me ver. E não posso culpá-lo.

Estamos em uma das salas dos fundos, o que nos dá um pouco de privacidade para conversar, mas fico com a impressão de que o homem vai sair correndo a qualquer momento. Ainda assim, ele me abre um meio sorriso, o que interpreto como um bom sinal.

— Parabéns de novo pelo campeonato — digo, tentando puxar conversa.

Acho que seria falta de educação simplesmente dizer: *Você pode, por favor, me colocar em contato com o seu companheiro de equipe para que a gente possa esclarecer as coisas?*

Ele passa a mão pelo cabelo dourado, o sorriso se contorcendo em algo mais autêntico, mesmo que não chegue aos olhos.

— Obrigado. Ainda é difícil de acreditar.

Também acho, considerando a maneira como ele deu um jeito de vencer. Mas gosto do cara, então não vou questionar o que aconteceu nos bastidores — quer dizer, se é que aconteceu alguma coisa. Já tenho drama demais com que me preocupar.

— Com certeza pareceu um pouco mais real quando você recebeu aquele troféu ontem — brinco, sabendo que ele teve que comparecer à cerimônia de premiação.

A vida de um campeão é assim. Não que eu saiba por experiência própria.

Fico aliviado quando ele ri, mesmo que seja uma risada um pouco forçada. Estamos numa situação constrangedora, nós dois sabemos, mas o pior é que não costumava ser assim.

Antigamente fazíamos piada sobre as alegrias e os traumas de ter entrado para a F1 ao mesmo tempo, tentando conquistar nosso espaço não apenas no mais alto escalão do automobilismo, mas em equipes com longos legados e listas de campeonatos ainda maiores. Dev e Axel também foram calouros com a gente, mas a situação deles não era exatamente a mesma. Eles foram para equipes que nunca haviam vencido um Campeonato de Construtores, como Dev na Argonaut Racing, ou que estavam começando a se firmar, como Axel na Specter Energy. Não tinham a pressão de estar em equipes históricas e cheias de torcedores como nós.

É claro que Reid e Dev sempre foram mais próximos, só pelo fato de serem americanos e terem crescido nos mesmos circuitos de kart. Mas Reid e eu? A gente também era próximo. E tudo foi para o ralo quando o companheiro de equipe dele quase me matou.

Pessoalmente, não acho que Reid me culpe pelo que falei sobre Lorenzo Castellucci. Como ele poderia me culpar se o próprio companheiro de equipe dele o empurrou para fora da pista, freou de maneira imprudente e ignorou várias ordens da equipe a favor de Reid? Se eu fosse Reid, todos saberiam quanto eu detestava Lorenzo.

Mas acho que é por isso que Reid ainda está em boa posição na D'Ambrosi, enquanto eu sou odiado por todos os fãs deles e possivelmente vou perder o emprego. Ele ficou de boca fechada. Eu, não.

— Como vai o Lorenzo? — me forço a perguntar.

Reid suspira.

— Ele está… tentando se conformar com o que aconteceu.

Não é bem a resposta encorajadora que eu queria ouvir, mas, pensando bem, o que eu esperava, afinal?

— Conseguiu falar com ele?

— Quando saí de Abu Dhabi, fui visitá-lo no centro de reabilitação. — Reid olha para o chão antes de voltar a me encarar. — Ele está querendo manter a discrição no momento.

— Você acha que consegue convencê-lo a me ver? — pergunto, hesitante. — Ou pelo menos atender a uma ligação minha? Preciso mesmo falar com ele.

Reid fica em silêncio por tanto tempo que começo a aceitar a rejeição. Mas *preciso* fazer isso acontecer. Mesmo que a conversa não leve Lorenzo a anunciar publicamente que não me odeia nem me culpa por nada, ainda sinto a necessidade de conversar com ele. Por mais egoísta que seja, preciso saber que não há ressentimentos, preciso saber que, apesar

de Lorenzo não estar bem agora, vai ficar bem um dia… seja lá o que isso signifique para ele.

— Eu já perguntei — admite Reid, finalmente.

Ergo as sobrancelhas.

— Como assim?

— Ainda não recebi uma resposta, e é por isso que não quis te falar nada, então é melhor não criar muitas expectativas. Mas perguntei se ele estaria disposto a conversar com você quando fui visitá-lo.

— Como você sabia que eu…

— Sua esposa pediu para a Willow me cobrar. — Desta vez, recebo um sorriso irônico. — As duas são bem insistentes. E, se Dev algum dia já me ensinou alguma coisa, foi a nunca irritar sua gestora de redes sociais.

Ele não está nem um pouco errado. O que me deixa mais impressionado, no entanto, é que Stella foi capaz de fazer exatamente o que disse que faria. Ela me ajudou a conversar com Reid e até o convenceu a entrar em contato com Lorenzo em meu nome, duas coisas que eu mesmo não tinha conseguido fazer ainda. Nem meu gerente, com todos os contatos dele, tinha conseguido me ajudar a conversar com ninguém. Mas Stella foi lá e fez.

— Você tem sorte de ter alguém lutando por você desse jeito — continua Reid. — Sinceramente, pensei que você tivesse enlouquecido quando soube que tinha se casado em Las Vegas, mas você escolheu bem.

Disso eu não tenho a menor dúvida. Apesar de ter sido uma decisão impensada regada a pura luxúria e bebedeira, escolhi a pessoa perfeita.

— É verdade — digo, sem conter um sorriso. — A Stella é… incrível. Preciso agradecê-la por ter organizado tudo isso.

Eu correria até ela agora mesmo se não precisasse conversar mais com Reid e ter certeza de que está tudo bem entre nós também.

Mas ele percebe que estou louco para ir embora, porque faz um gesto na direção da porta.

— Vai atrás da sua garota. A gente conversa mais antes do fim das férias.

— Quer dizer que cansou de seguir o protocolo da D'Ambrosi de me ignorar?

Ele abre um sorriso que me lembra o apelido de Reid, garoto de ouro.

— Acho que posso quebrar as regras.

Vou acreditar nisso assim que receber uma ligação dele, mas, por enquanto, sinto que acertarmos as coisas a ponto de eu não me sentir mal ao dar um tapinha de despedida em seu ombro e sair da sala.

Encontrar Stella ao voltar para o salão não é difícil, pois há uma multidão ao redor dela. Minha esposa está entretendo um grupo de pessoas com alguma história que a faz gesticular com a taça de champanhe, e eles não conseguem desviar o olhar. Nem eu, ao passar entre os convidados e seguir em sua direção. Coloco a mão em seu cotovelo, fazendo-a desviar o olhar da plateia. Quando percebe que sou eu, o rosto dela fica tão iluminado que sou obrigado a piscar algumas vezes para evitar o meu olhar de bobo.

— Vem comigo.

Ela não perde tempo: abre um sorrisão para os puxa-sacos e se retira da conversa com pedidos de desculpas.

— E aí? — pergunta ela, agarrando-se ao meu braço enquanto a guio pela multidão. — Como foi?

— Reid pediu para Lorenzo conversar comigo — respondo. — Não dá pra saber se ele vai aceitar, mas já é um começo.

Stella dá um gritinho empolgado e me puxa para mais perto.

— Ele vai aceitar conversar com você, eu tenho certeza. Nós vamos limpar seu nome.

E aí está, aquele "nós" outra vez. Adoro o som que sai dos lábios dela, mas não há nenhum "nós" aqui — tudo isso foi obra dela. Da insistência de Stella e de sua recusa em aceitar um não como resposta quando se trata de me ajudar. Minha própria família se contenta em me abandonar, mas Stella? Ela vem se mostrando pronta para me ajudar praticamente desde o primeiro dia.

Eu a levo para a sala em que Reid e eu acabamos de conversar, embora não haja sinal dele agora. Ótimo. Preciso desse momento a sós com ela.

— Tem mais alguma coisa que eu possa fazer por você? — pergunta ela, soltando minha mão e me olhando com expectativa.

— Não por agora. Eu só queria te agradecer.

— Pelo quê? — provoca ela. — Por ficar enchendo o saco da Willow, que por sua vez ficou enchendo o saco do Reid?

— Por ter feito isso acontecer. Por ter me dado uma chance.

A expressão de Stella fica mais suave, os olhos indo de arregalados de alegria para um tom de fascínio e ternura.

— Ah, Thomas. Achou mesmo que eu deixaria meu próprio marido sofrer? Você sabe que eu gosto mais de você quando está sorrindo.

Ergo uma sobrancelha, quase feliz por ela não estar me levando totalmente a sério. Se estivesse, temo que acabaria confessando uma coisa que nenhum de nós está pronto para admitir: que o que sentimos

um pelo outro vai muito além de uma atração superficial ou uma simples amizade.

— Ah, tá falando daquela *coisa britânica* que eu faço com o rosto?

— Fazer o quê, né? Ganhou minha simpatia.

— Bem, seu sotaque americano irritante também ganhou minha simpatia.

Ela arqueja e dá um tapa no meu peito, e mesmo fingindo estar ofendida, não há como esconder o riso.

— Você nunca disse que achava irritante!

Porque não é. Nunca foi. Eu poderia ouvi-la falar sobre qualquer coisa por horas a fio. Ela poderia ler cada página do dicionário para mim e eu ainda assim ficaria sentadinho contente e prestaria atenção até o fim em qualquer coisa que viesse dela.

Fecho os dedos em volta do pulso de Stella antes que ela pense em se afastar.

— Pra ser justo, é irritante de um jeito bem sexy.

— Tá flertando comigo, é, Thomas? — repreende ela, brincando. — Meu sotaque horrível te deixa com tesão?

Eu poderia responder isso verbalmente. E *deveria* usar palavras, porque a resposta é muito fácil: *me deixa com tesão pra caralho*. Mas, em vez disso, passo um braço em volta da cintura de Stella e a puxo para perto de mim, depois abaixo a cabeça até meus lábios encontrarem os dela. *Essa* é a minha resposta.

Se ela está surpresa com o gesto, não consigo perceber. Ela se inclina na minha direção sem hesitar, abrindo-se para mim quando passo a língua em seu lábio inferior e me convido a entrar. Será que ela vem pensando nisso tanto quanto eu? Porque eu estava *faminto* por esse beijo. Desesperado pela chance de saboreá-la outra vez. Ela é tão doce quanto eu me lembrava.

Parece que retomamos exatamente de onde paramos naquele clube de *striptease* em Las Vegas, antes de tudo ter sido suspenso por causa dos votos de casamento e do controle da crise. Desta vez, quero ir até o fim. Quero ver até onde poderíamos ter ido. Como uma noite juntos teria sido.

Só preciso tomar muito cuidado para não deixar essa pontada de afeto que sinto por ela atrapalhar.

Ela ainda está com a boca franzida quando me afasto e leva um segundo para abrir os olhos. Ainda estamos tão próximos que respiramos o ar um do outro, e não tenho planos de me afastar.

— Você acabou de quebrar as regras — afirma ela, em tom de alerta, sem fôlego, mas a ameaça não é nada assustadora. — Embora você tenha

me avisado que faria isso, eu acho.

Dou uma risadinha e deslizo as mãos de sua cintura até seus quadris.

— Que consequências vou enfrentar?

— Consequência nenhuma. Isso foi… — Ela respira fundo e solta o ar bem rápido. — Pra ser bem sincera, foi gostoso pra caralho.

Ela pode até estar dizendo isso, mas estou captando uma mensagem diferente de sua linguagem corporal. Ela ficou tensa quando a toquei, os ombros se encolhendo, e embora ainda não tenha se afastado, sinto que isso está prestes a acontecer.

— Acho que tem um "mas" vindo aí — afirmo, hesitante, e meu peito se aperta lentamente quando Stella dá um passo para trás.

— Não podemos voltar a fazer isso, Thomas — diz ela baixinho, com o tipo de resignação que deixa bem evidente: ela já passou tempo demais pensando nesse assunto.

Pelo menos agora tenho a minha resposta.

Suspiro, levanto a mão e esfrego a nuca, minha pele queimando com a rejeição.

— Eu sei.

E sei mesmo. Conheço as regras e sei por que elas existem. Sei que não deveria quebrá-las nem seduzir Stella para convencê-la a jogá-las fora. É uma merda, além de ser egoísmo da minha parte, mas como posso não querer mais um gostinho da mulher que estou tentando conquistar desde a primeira noite em que nos conhecemos?

— A gente anda negligente demais — continua ela. — Estamos complicando demais as coisas. Eu também tenho culpa, então não precisa se culpar sozinho.

Mas sinto que eu deveria. Claro, ela já flertou bastante comigo, mas não fiz nada além de incentivá-la. Porque eu queria levar isso adiante. Ainda quero.

Só que essa conversa é o golpe fatal nessa dinâmica fácil. E a culpa é toda minha.

— Entendo — eu me obrigo a dizer, e até forço um sorriso, torcendo para que pareça casual. — Precisamos ser mais cuidadosos daqui pra frente. — E aí, só para cravar a faca ainda mais fundo em mim, estendo a mão para ela. — Amigos?

Algo indecifrável surge no rosto de Stella, mas é substituído por um sorriso fácil que pareceria quase natural se eu já não tivesse visto seu verdadeiro sorriso tantas vezes.

Ela aperta minha mão.

— Amigos.

É a única palavra que não quero ouvi-la dizer.



CAPÍTULO 25

Stella

Deixei o clima superestranho e fico com vontade de me estapear por isso.

Sei que tomei a decisão certa ao frear as coisas entre mim e Thomas ontem à noite, mas fazer isso deixou as coisas esquisitas demais entre a gente. Depois do baile, nos afastamos assim que chegamos em casa, quase sem nos despedirmos antes de nos recolhermos em nossas alas separadas, como se de repente tivéssemos voltado a ser estranhos. Achei que declarar nossa amizade — e nossas intenções de mantê-la inalterada — aliviaria a tensão e facilitaria as coisas nesse casamento de fachada, mas não. Tudo que fiz foi complicá-las ainda mais.

Soube, desde o segundo em que os lábios dele tocaram os meus, que teria um problemão se não reforçasse as regras; o tipo de problema que tornaria nosso divórcio emocionalmente desafiador. Pior ainda: aquele beijo me fez questionar se quero, *de fato*, me separar dele. Foi uma constatação tão repentina e espontânea que quase me fez sair correndo da festa, mas consegui me manter firme. Cheguei até a dar *explicações* a ele enquanto meu coração ameaçava me estrangular e tentava ao máximo me impedir de pensar logicamente.

Mas eu tinha que fazer aquilo pelo meu próprio bem. Não posso correr o risco de me apegar a outro homem, desenvolver sentimentos por ele e ser abandonada de repente. Ou pior, me transformar em uma versão de mim mesma que não reconheço mais. Quase não saí viva da primeira vez. Acho que não sobreviveria a uma segunda.

Thomas está servindo duas canecas de café quando entro na cozinha arrastando os pés. Está com os olhos brilhantes, o rosto imaculado, mesmo tendo bebido tanto champanhe quanto eu ontem à noite. Em

comparação, sou obrigada a apertar os olhos contra a luz fraca do sol que entra pelas janelas e ainda não me dei ao trabalho de tirar a touca. Difícil acreditar que, não muito tempo atrás, me recusei a deixá-lo me ver com ela, mas, ah, somos oficialmente *amigos* agora. Não tenho por que esconder qualquer parte minha de um homem que não vai ser nada além de um amigo.

É exatamente isso que você quer, Stella. Pare de ser amarga e comece a ser inteligente.

— Não é justo você acordar parecendo um príncipe da Disney — murmuro, e ele me entrega a caneca de que mais gosto entre as duas.

A risada dele quebra um pouco do constrangimento persistente, e eu relaxo ao misturar creme e açúcar no meu café.

— Acho que essa foi a coisa mais legal que você já me disse. — Ele arranca a colher da minha mão e a usa na própria caneca. — Como tá se sentindo hoje? A fim de dar mais uma explorada por aí?

É reconfortante que ele esteja tentando voltar a agir como fazíamos antes do beijo. Não está usando minhas decisões contra mim… o que só me faz gostar ainda mais dele.

Tomo um gole de café e queimo a língua, mas pelo menos queimo também o desejo incessante dentro de mim.

— Vou encontrar a Janelle para um brunch — respondo. Então, sem querer passar a impressão de que estou me afastando, deixo escapar: — Talvez depois?

Ele faz que sim com a cabeça e se encosta na bancada.

— Sim, com certeza. Minha agenda está vazia até eu voltar a treinar depois da virada de ano.

— Deve ser uma delícia — suspiro, sentindo a exaustão decorrente de todo o trabalho que preciso fazer. — Minha agenda está um inferno até o Natal, mas depois vou entrar em recesso até a primeira semana de janeiro.

— Aliás, falando em Natal — diz ele —, você já fez algum plano? Vai querer ir pra casa?

Faço uma careta ao me lembrar da última conversa que tive com a minha mãe. Desde o Dia de Ação de Graças, só trocamos algumas mensagens (basicamente ela querendo saber se ainda estou viva).

— Vai ser esquisito se eu disser que, na verdade, não quero?

Thomas balança a cabeça.

— Também não estou com a menor vontade de passar o Natal com a minha família este ano. Não depois do que o Andrew e o meu pai aprontaram.

Não posso culpá-lo por isso.

— E tenho certeza de que sua mãe ficaria em cima da gente por conta do casamento — comento. — Talvez seja melhor evitarmos isso e fazermos alguma coisa sem eles.

Vai ser o primeiro período de festas em cinco anos que vou passar sem o Étienne, então as coisas vão estar esquisitas. Por que não acrescentar um pouco de emoção decidindo passar o feriado com meu marido de mentira? Além do mais, acho que não vai precisar de muito esforço para torná-lo melhor que o Natal passado, quando Étienne me levou para visitar a família dele.

Passei o período de festas inteiro sendo excluída das conversas ou ridicularizada toda vez que tentava falar francês. Ele me acalmou dizendo que era tudo brincadeira, que eu não estava perdendo muita coisa e prometeu que só voltaríamos a visitá-los de novo dali a anos. Será que eu não conseguia aguentar só mais uns dias?

— Aliás, o que vai querer de Natal? — pergunta Thomas, me tirando dos meus pensamentos.

Dou de ombros e tomo outro gole.

— Não consigo pensar em nada. Posso comprar tudo que quiser, então quem precisa de presentes?

— Resposta errada — retruca ele. — O que vai querer de Natal, Stella?

— Que você me deixe tomar meu café em paz.

— Sem chance. Vai, qualquer coisa.

Resmungo, sabendo que ele não vai desistir.

— Sei lá… talvez umas férias? Férias de verdade, com sol e calor, onde eu possa desligar o celular e não ter que me preocupar com o trabalho por um tempo.

Ele assente, pensando sobre o que acabei de dizer.

— Sabe… Joshua e Amara vão para as Maldivas nas férias. Podíamos ir com eles.

— Nem fodendo! — disparo, enfática, antes que consiga me conter.

Thomas levanta as sobrancelhas, e sei que vou ser obrigada a explicar. Faço uma careta.

— Eu ia passar minha lua de mel lá.

Vejo a compreensão perpassar o rosto de Thomas.

— Ah, entendi. — A conversa se acalma por um momento antes que ele diga: — Você não fala muito do Étienne.

Não falo mesmo, e toda vez que ele toca no assunto, tento falar de outra coisa. Sinto vontade de me justificar dizendo que ainda não estou pronta ou que ainda estou processando o trauma, mas não é nenhuma das duas coisas. Só não quero ser julgada.

— É que não tem necessidade — digo, como quem dispensa o assunto.

Mas Thomas decide colocar o dedo na ferida.

— Por que não?

Ele faz isso de uma forma muito gentil, mas machuca mesmo assim. Considero mentir, mas não vejo sentido. Ele disse que queria me conhecer, então… tudo bem. Vou finalmente responder à pergunta que evitei naquela noite em Cotswolds. Talvez isso o assuste tanto que a gente acabe se divorciando sem maiores complicações.

— Porque me sinto burra por ter ficado tanto tempo com ele — revelo, e por mais que tenha dificuldade em dizer essas palavras, sinto certa liberdade em pronunciá-las em voz alta. — Por ter ignorado tudo que havia de errado no nosso relacionamento.

Thomas volta a ficar calado, limitando-se a me encarar, mas não vejo qualquer sinal do julgamento que eu temia em seus olhos. Ele demonstra carinho, mais uma vez, quando pergunta:

— E por que você se sente assim?

Respiro fundo e decido me desafiar a ser completamente honesta, a expor as piores partes de mim.

— Porque, no fundo, eu sabia que ele não queria ficar comigo muito antes do dia do nosso casamento. E mesmo assim eu fiquei.

Agora que admiti, posso jurar que uma represa se rompeu em algum lugar da minha mente, deixando toda a minha culpa, tristeza e *ódio* por mim mesma transbordarem. Preciso desabafar antes que isso me devore viva ou me leve a fazer algo imprudente — como beber outra garrafa de vinho e filmar meus desabafos para o mundo inteiro ver. Querendo ou não, Thomas está prestes a se ver no meio de um tsunami.

— Fiquei porque era mais fácil do que ir embora. — As palavras saem em uma expiração forte, uma espécie de risada triste. — Eu achava que as coisas estarem *aceitáveis* era a mesma coisa que estarem *boas*. E então, quando ele foi embora no dia do nosso casamento, fiquei pensando…

Paro de falar, porque perco o fôlego, e inspiro tão forte que chego a estremecer. Thomas, no entanto, não tenta me interromper ou me impedir, e não faz nada além de estender a mão para firmar minha mão trêmula, evitando que eu derrame café em mim mesma.

— Eu achei que ele fosse voltar — admito, finalmente e pela primeira vez na vida, para Thomas, para mim mesma, para quem quer que seja. — Fiquei esperando que ele fosse voltar. Por mais que ele tivesse me dito, literalmente, *Não quero mais ficar com você, Stella*, eu fiquei esperando. Fiquei sentada na sala dos fundos da igreja por horas, torcendo pra ele mudar de ideia e perceber que tinha cometido um erro.

Dessa vez dou risada, porque chega a ser cômico o quanto fui boba em pensar que isso aconteceria.

— Mas aí ele não voltou. Meus pais me levaram para a minha casa… a que o Étienne e eu tínhamos comprado e para onde ele *ainda* não tinha levado nenhum pertence… e eu continuei esperando. Fiquei lá por alguns dias, depois fui para o apartamento em que morávamos juntos, mas ele também não estava lá. Na verdade, todas as coisas dele tinham sumido.

Não acho que Thomas tenha percebido que está apertando minha mão com força, mas a pressão é reconfortante, mesmo que a raiva em seu rosto não seja. Sou obrigada a desviar o olhar antes de reunir coragem para continuar falando.

— Sabe o desabafo bêbado que me meteu em toda aquela encrenca? — digo, para refrescar a memória dele. — Foi o que aconteceu quando voltei pra casa e comecei a beber, como se isso fosse me ajudar a esquecer como eu era patética por esperar pela realização de uma coisa que jamais aconteceria. — Balanço a cabeça, ainda me sentindo mal por isso. — Sabe, às vezes fico com a impressão de que ainda estou esperando o Étienne voltar. Que ele chegue e me diga que cometeu um erro. Que me quer de volta.

O aperto de Thomas fica um pouco mais forte.

— Pronto, agora você sabe a história inteira — termino, dando de ombros, desanimada, e abrindo um sorriso ainda mais abatido. — Aposto que não era isso que você estava esperando ouvir.

Quando paro de falar, o silêncio pesa, e consigo sentir o olhar de Thomas em mim, embora eu ainda não ouse encará-lo. Então ele diz baixinho:

— Ah, Stella.

Recolho a mão, de alguma maneira sem derramar o café, mas não consigo suportar a compaixão em sua voz ou a suavidade dolorosa em seus olhos. Não vejo pena em seu rosto, e fico grata por isso, mas seja lá o que for… esse olhar de compreensão que quase parece tomar minhas dores… consegue ser ainda pior.

— Preciso trocar de roupa — digo, com a voz abafada, colocando a caneca na bancada e voltando a abaixar a cabeça para que ele não veja meu constrangimento de perto. — Não quero me atrasar. Te encontro pra jantar mais tarde?

— Stella, peraí — chama ele, estendendo o braço para mim.

Mas já estou saindo da cozinha, determinada a esquecer que essa conversa aconteceu.



— Eu sou patética.

Janelle me olha por cima da borda do copo, e a mimosa ainda nem tocou seus lábios.

— Caramba… será que posso tomar um gole da minha bebida antes de começarmos com essa sessão de autodesprezo?

Suspiro e apoio os cotovelos na mesa.

— Desculpa. Acho melhor virar metade disso aí logo de uma vez, depois eu começo.

Ela faz o que eu mando e enxuga os lábios delicadamente com o guardanapo.

— Pronto, manda bala.

Não perco tempo e começo a desabafar, contando a ela tudo que aconteceu desde a última vez que nos falamos: o beijo no baile e a conversa sobre amizade que se seguiu, culminando no meu pequeno colapso hoje cedo. Sou interrompida uma vez pelo garçom, que vem anotar nossos pedidos, e só termino minha história quando nossas refeições são servidas.

— Eu… nossa — gagueja Janelle. Ela pega os talheres devagar e parece ter dificuldade para encontrar as palavras certas, seja para me confortar ou para me dizer que fui uma grande babaca nas últimas vinte e quatro horas. — Posso dizer uma coisa que você talvez não vá gostar?

— Manda ver — resmungo, pegando o garfo e fincando-o nos ovos.

— Tá, número um…

— Ai, *meu Deus*, você fez uma lista?

— Número um — repete ela. — Eu entendo o que te levou a criar essas suas regras aí, mas elas estão arruinando a sua vida.

— Como assim?

— Você tá se impedindo de ser feliz. — Ela corta os ovos beneditinos com uma precisão perfeita. — Poderia estar se divertindo com um homem legal que parece estar *muito* disposto a te dar todos os orgasmos que você quiser.

Sinto meu rosto esquentar, e não por medo de que as senhoras grisalhas na mesa ao lado nos ouçam, e sim porque ela tem razão. Thomas vem se mostrando pronto para essa tarefa desde o primeiro dia.

— Isso só complicaria o divórcio — enfatizo. — Eu não quero…

— Se apegar? — Janelle termina a frase por mim, como se soubesse exatamente do que tenho medo. — Seria tão ruim assim isso acontecer?

— Ué, *sim*?

— Por quê, Stella? — pergunta ela, em tom de desafio.

Porque não posso ter meu coração partido de novo.

— Porque não seria uma boa ideia e ponto — respondo, em vez disso. — Qual é o próximo item dessa sua porcaria de lista?

Janelle não pensa duas vezes.

— Número dois: está óbvio que você já gosta dele.

Balanço a cabeça, mas estou mentindo para nós duas.

— Eu não gosto dele… *desse jeito*.

— Ah, minha linda. — Um sorriso se abre lentamente em seu rosto. — Você está com os quatro pneus arriados por esse homem.

Quase me engasgo com os ovos que enfiei na boca. Levo alguns segundos para me recuperar e conseguir responder.

— *Não tô nada*.

— Ah, tá, sim. Aposto que já fica imaginando como seriam os bebezinhos miscigenados de vocês.

— Janelle!

Ela dá de ombros e dá mais uma garfada, depois mastiga, pensativa, e engole.

— Número três.

— Ai, porra… não acaba.

— Ninguém disse que vocês *precisam* se divorciar.

Lanço um olhar confuso para ela.

— Claro que precisamos. Isso faz parte do nosso acordo desde o início.

— Para de bancar a garotinha sonsa que não sabe de nada — repreende ela. — Não existe a menor razão pra este casamento não se transformar em algo real, mesmo que tenha começado como um erro.

Eu me encolho na cadeira. Minha amiga não está completamente errada, mas a ideia de me desviar do plano original e de permitir que as coisas mudem ao longo do caminho me dá arrepios. Mas, pensando bem, não fui eu mesma que disse que precisava parar de fazer planos?

— Não sei se daria certo — admito. — Não sei se conseguiríamos durar a longo prazo. E talvez seja só uma paixonite boba que vai embora assim que eu transar com outra pessoa.

Janelle reflete por um momento e me lança um olhar curioso.

— Que tal fazer uma lista de prós e contras pra ver se a coisa é séria?

Com nossa personalidade tipo A, nós duas adoramos uma lista de prós e contras, então eu mesma começo, ainda que não veja muita utilidade para essa situação.

— Pró: Thomas é tão bonito que deveria ser crime.

Ela assente com um entusiasmo solene.

— Eu amo o Ron com todo o meu coração, mas… sim, você tem razão.

— Contra — continuo, imediatamente —, ele é mais novo que eu.

Ela dá uma risada de deboche.

— Tipo, dois anos. Já tem idade pra comer pão de milho sem se engasgar.

— Tá bom. — Levanto meu garfo, em sinal de rendição. — Pró: ele é incrivelmente bonzinho. Sério! Tipo, muito, muito gentil. Ele se importa de verdade com a minha opinião e com os meus sentimentos.

— Olha, essa merece três pontos. Não deveria ser tão difícil encontrar um homem que te trate como um ser humano digno de respeito, mas é.

— Contra: outro dia ele deu um tapa na própria coxa e gritou "ê, beleza" antes de ficar em pé.

Ela faz uma careta.

— Tá, isso conta uns cinco pontos negativos.

— Pró: ele arranjou uma manicure *e* um salão pra eu fazer cabelo e as unhas toda semana.

— E com essa a conta acabou de ficar positiva de novo, bebê.

— E ouve só: ele insiste em pagar pelos dois sempre.

Janelle se recosta no assento, pressionando a mão contra o peito.

— Eu diria pra você se casar com ele se já não fosse casada.

Começo a rir, me sentindo um pouco menos oprimida pelas emoções pesadas.

— Acabei me esquecendo de mencionar que o Thomas quer que eu vá para as Maldivas com ele e os amigos no Natal.

— Vai, sim! Não deixa o Étienne te roubar a chance de conhecer um lugar bonito.

Balanço a cabeça.

— Tenho tanto trabalho a fazer pra tirar essa nova loja do papel e manter o resto do império funcionando… Não tenho tempo pra férias.

— Isso é exatamente o que alguém que precisa de férias diria — ressalta ela. — Deixa ele te levar pra uma viagenzinha rápida. Vai ser ótimo pegar um pouco de sol, tomar banho de mar e dar uma descansada, sabe? — Ela estende a mão por cima da mesa e segura meu pulso. — Você merece isso, viu? Eu diria até que *precisa* disso.

Tirar uma pausa do estresse da vida e do trabalho parece algo espetacular. E não é como se minha empresa fosse afundar se eu tirasse uma ou duas semanas de folga, como já aprendi. Qual o problema em me dar férias de verdade desta vez?

— Além disso — continua Janelle —, você claramente precisa dar uma relaxada. O sol ajuda, mas Thomas também tem um…

— Nem ouse continuar essa frase — interrompo, mas já estou tirando o celular da bolsa com a mão livre.

Desbloqueio a tela e seleciono a janela que contém a curta sequência de mensagens que já troquei com Thomas até agora. Janelle, por mais doce e vulgar que seja, tem razão. Eu mereço que um homem gostoso me leve para um destino ainda mais gostoso.

Mudei de ideia, digito, antes de me permitir reconsiderar. *Vamos dar uma fugidinha para o paraíso, Vossa Alteza.*



CAPÍTULO 26

Thomas

A visão de Stella com um vestidinho branco dando uns golinhos num old fashioned é sedutora. A visão de Stella com um vestido justo sendo o centro das atenções em um grupo de pessoas é ainda mais paradisíaca. Agora, Stella usando o menor biquíni que o mundo já viu, com um sorriso malicioso por cima do ombro? Foda-se minha declaração de amizade; não estou me sentindo *nem um pouco* a fim de ser só amigo dela no momento.

— Que bom que você me convenceu a vir pra cá — diz ela, com um suspiro sonhador, o olhar vagando pelas águas azuis cristalinas das Maldivas. — É lindo demais!

Não é nem de longe tão bonito quanto um vislumbre dela no deque do nosso bangalô flutuante, mas mencionar isso em voz alta seria proibido, então me limito a concordar:

— É mesmo — digo, enfiando as mãos nos bolsos do short.

Em resposta, Stella revira os olhos de brincadeira e joga as longas tranças por cima do ombro. *Trancei os cabelos para as férias*, explicou ela, quando voltou do salão com o novo visual. *Assim não preciso me preocupar com ele durante a viagem*. Não contei a ela que já sabia disso (graças à influência de Amara), porque adoro suas explicações sobre coisas que ela acha que não vou entender.

Duas semanas se passaram desde o baile e, como Stella andou superocupada, não a vi muito. Para ser sincero, nosso voo para cá foi o período mais longo que tivemos juntos nos últimos dias. Ela passou a maior parte do tempo capotada, exausta demais por conta das quinze horas diárias de trabalho ultimamente. Quando pousamos e fomos transferidos para o hidroavião que nos levaria ao resort (me certifiquei

de que *não era* uma propriedade da A. P. Maxwell International), trocamos algumas palavras e perguntamos um ao outro se estava tudo bem, mas foi só.

Estou torcendo para não nos desgrudarmos nessas férias, pois sinto falta de conversar com ela. Sinto falta das piadas que ela faz às minhas custas e de como aguenta respostas à altura sem se ofender. Sinto falta da nossa cumplicidade.

— Vou dar um mergulho — anuncia ela. — Aí depois a gente come alguma coisa?

Faço que sim com a cabeça.

— Parece ótimo. Joshua e Amara devem chegar nas próximas horas, aí podemos nos encontrar com eles.

— Mal posso esperar.

E então ela mergulha com tanta delicadeza que sinto a necessidade de perguntar se ela já nadadora profissional. Há tantas coisas sobre ela que ainda quero descobrir… Torço para ter a chance de fazer isso durante os dez dias que vamos passar aqui.

Quase me arrependo de ter reservado a casa de dois quartos para nós. Talvez, se fôssemos obrigados a dividir a cama outra vez, ficaríamos mais à vontade para conversar, talvez bater um papo tarde da noite, qualquer coisa que a fizesse se abrir comigo. Estávamos chegando lá antes, e aí estraguei tudo, mas estou determinado a fazer diferente nesta viagem.

Estou determinado a aprender tudo sobre ela. É isso que os amigos fazem, não é?



Algumas horas depois, Stella está com uma saia longa de algodão e um top minúsculo que deixa a curva dramática de sua cintura exposta. Ela apoia a mão na dobra do meu braço, e a imagem dos nossos braços lado a lado chega a ser quase cômica: a pele marrom brilhosa de Stella ficou mais escura depois de horas tomando sol; a minha ainda parece que nunca foi tocada por um raio de luz. Vou conseguir ficar bronzeado depois de alguns dias, mas por enquanto estou contente admirando o brilho de Stella.

Meu Deus, cara, para de ser ridículo.

— Estou animada pra conhecer seus amigos. — Ela me aperta com mais força e abre um sorriso. — Principalmente porque eles vão poder

me contar todas as suas histórias vergonhosas.

Lanço um olhar interessado na direção dela.

— É por isso que você não me deixa sair contigo e a Janelle? Para ela não me contar todos os seus podres?

— Talvez — responde Stella, serena. — Mas você e o mundo inteiro já viram meu pior momento, então nada que ela possa te contar vai ser tão ruim.

Entendo e me identifico. Nada que Joshua e Amara possam revelar vai ser pior do que meu discurso a respeito de Lorenzo. Eles podem contar a ela qualquer coisa sobre mim; acho que eu ficaria feliz se ela soubesse. É um bom jeito de me conhecer.

— São eles ali? — murmura Stella quando entramos em um dos muitos restaurantes do resort.

Paro e sigo o olhar dela até o casal parado junto ao corrimão da área externa. Não são difíceis de identificar, porque, além de Stella, são as únicas pessoas negras no estabelecimento.

— São.

— Que droga, deixamos de ser o casal mais bonito desse lugar. Estou furiosa.

É um jeito interessante de elogiá-los, mas Stella tem razão. Joshua e Amara formam um casal impressionante.

— Nossa, que esposa convencida — provoco-a de leve.

Ela abre aquele sorrisinho radiante e debochado para mim novamente.

— Se ao menos você soubesse no que estava se metendo quando se casou comigo…

— Ah, eu sempre soube.

— É verdade — reflete ela. — Você disse que gostava de mulheres convencidas.

— Ainda gosto. Muito.

Nossos olhares se encontram, e uma aura se forma ao nosso redor. O momento tira meu fôlego por um segundo, e me sinto tentado a levar meus lábios aos de Stella só para mostrar que eles são meus, ou pelo menos para tirar o fôlego dela também. Stella não fica imune ao impacto. Vejo na maneira como o pulso dela acelera na base do pescoço, na maneira como ela engole em seco, os olhos percorrendo meu rosto como se estivesse procurando por um motivo para continuar seguindo as regras que estabelecemos.

E deve ter encontrado o que procura, pois pigarreia e olha para o outro lado, estourando a bolha que nos envolve.

— Eles sabem da verdade sobre a gente, certo? — pergunta ela, acenando com a cabeça na direção de meus amigos.

Não deixo de notar a leve hesitação nas palavras de Stella, mas não teço comentários, embora não veja a hora de parar de ignorar essa forte atração que se recusa a diminuir entre nós mesmo que continuemos mentindo para nós mesmos ao dizer que somos capazes de superá-la. Até agora, no entanto, isso não aconteceu, e duvido que vá acontecer se não fizermos algo a respeito.

Por enquanto, vou só dançar conforme a música.

— Sabem, sim.

— Que alívio — diz ela, e a cutuco para irmos na direção deles. — Você sabe que sou uma ótima atriz, mas odeio mentir o tempo todo.

Então talvez a gente devesse parar de mentir um para o outro, tenho vontade de sugerir, mas, novamente, esmago o pensamento.

— Pode ser completamente sincera com eles.

É uma pena não podermos agir assim um com o outro.



Como eu suspeitava que fosse acontecer, meus amigos gostam mais de Stella do que de mim. O que é trágico, mas compreensível.

Fui (felizmente) deixado de lado enquanto eles se conheciam nos últimos dias. Stella e Amara praticamente decidiram se mudar para dentro do mar e ficam fingindo que são sereias do nascer ao pôr do sol. Elas ficam quietas sempre que nado mais perto, rindo baixinho e deixando bem claro que estavam falando de mim. Só se separam quando Amara e eu saímos para nos aventurar de jet ski ou de lancha. Nossos cônjuges, com espírito menos ousado, ficam para trás curtindo uns drinques na praia.

Stella e Joshua sempre parecem estar envolvidos em algum tipo de conversa profunda quando nos arrastamos de volta para terra firme, mas assim que Stella percebe que estou chegando, fica tão animada que Joshua me olha de um jeito indecifrável.

O Natal chega sem muito alarde, e o único indício são os presentes que trocamos antes do jantar. Com um limite de preço de vinte libras, os itens variam de inúteis e comicamente ofensivos — tipo o chaveiro da D'Ambrosi que Amara me deu — a atenciosos e gentis — como o disco de vinil de um artista de afrobeats que Stella deu para Joshua porque me ouviu dizer que ele gostava… Acredite se quiser: um mês inteiro antes

do lançamento oficial. Nem pergunto como ela conseguiu isso, e embora o preço *tecnicamente* não ultrapassasse o limite, com certeza exigiu mais trabalho do que vinte libras poderiam cobrir.

O presente dela para mim? Um avental laranja da cor do pôr do sol com uma logo enorme da Stella Margaux.

— Você fica bem com o meu nome no peito — brinca ela, me observando amarrar as tiras em um laço elegante na cintura.

A brincadeira tem um timing perfeito, já que eu jogo para ela uma camiseta da McMorris com meu nome e número.

— Então é melhor usar o meu nas costas.

Ela ri e a coloca por cima do vestido, exibindo-se para Amara, que pega o celular e tira várias fotos. Enquanto as mulheres dão uma saidinha até o deck para uma sessão de fotos, Joshua se aproxima e me diz baixinho:

— Agora eu entendi.

Olho para ele, mas o vejo encarando nossas esposas enquanto elas fingem ser modelos.

— Entendeu o quê?

— O que te levou a se casar com ela.

Dou uma risadinha irônica e esfrego o polegar na minha aliança. Não a tiro desde o fim da temporada.

— Acho que ninguém sabe de verdade o que me levou a fazer isso.

— Então entendi por que você quer continuar casado.

— Eu nunca disse que queria.

É a vez dele de me encarar com um semblante sério, como se estivesse enxergando as profundezas da minha alma. Sei que fui transparente quanto à minha atração por Stella e sei que minhas ações falam mais alto do que qualquer palavra que sai da minha boca. Ele nunca me viu tão dedicado a uma mulher.

Não tenho como vencer essa discussão, então tento devolver a pergunta:

— Por que acha que eu quero continuar casado com ela?

Joshua para por um momento e pensa um pouco.

— Porque ela te faz rir.

— E você acha *esse* um bom motivo? — zombo. — Qual é, fala sério.

— Não é só isso — explica ele —, mas faz parte. Ela… combina com você. Combina com o seu humor, com as coisas de que você gosta, com a sua gentileza. É atenciosa do mesmo jeito que você, apoia as pessoas sem esperar nada em troca… Nunca vi isso em nenhuma outra mulher que você já tenha apresentado pra gente. E com certeza não vi isso na Figgy.

— Então vai me dizer mesmo que a Stella é o meu par perfeito? — insisto, incrédulo.

Joshua se limita a dar de ombros, deixando o silêncio pairar e meus pensamentos irem a mil. Para ser sincero, tem dias que sinto que Stella e eu somos opostos, duas pessoas de mundos, criações e experiências de vida bem diferentes. No entanto, consigo entender quando ele diz que combinamos. Não sei. Nós dois juntos… fazemos sentido.

— Se a situação fosse outra, ela seria o tipo de mulher com quem eu gostaria de namorar pra valer — digo, incapaz de segurar essa confissão.

Joshua dá uma risadinha.

— Putz, então você finalmente está pronto pra ter uma namorada agora que tem uma esposa?

— Pois é, eu já tinha sacado a ironia da coisa.

— Então por que não tenta? — sugere ele.

— Ela não quer um relacionamento de verdade.

— Tem certeza?

— Considerando que ela bolou regras que deixam isso bem claro, sim, tenho.

Joshua aperta meu ombro, me forçando a olhar para ele e testemunhar sua expressão consternada.

— E desde quando você gosta tanto assim de seguir regras, Thomas? Você *sempre* procurou uma brecha. Se não fosse piloto, seria um advogado brilhante.

— Fico feliz que me ache tão inteligente assim.

Ele aperta meu ombro com mais força, bem na parte sensível do meu trapézio, acabando com o meu sarcasmo.

— No momento, estou achando ridículo o fato de um homem como você não conseguir tirar a cabeça da própria bunda e expressar seus sentimentos.

Eu me encolho, tanto pelo método de tortura física quanto pelas palavras duras do meu amigo.

— Meu Deus, a cada dia você fica mais parecido com a sua esposa.

— O amor tem dessas — diz ele, parando de apertar meu ombro e me dando um tapa forte nas costas antes de voltar a atenção para as mulheres rindo lá fora. — Sério, cara. Você nunca vai saber o que pode acontecer se não tentar.



Quando chega a véspera de Ano-Novo, estou no inferno.

Achei que morar com Stella me prepararia para uma semana inteira de férias juntos. Impossível ser tão diferente, certo?

O que descobri é que é possível ser bem diferente, sim.

Em casa, Stella não anda por aí quase nua, exibindo um biquíni novo todas as manhãs, o que me faz cogitar a possibilidade de ela estar me atormentando de propósito. A Stella de férias tem ombros relaxados e está sempre pronta para distribuir sorrisos. Ela fala alto, é engraçada, não pensa duas vezes antes de pegar minha mão e me arrastar para qualquer atividade que esteja programada no dia. Tira sonecas tranquilas em qualquer espaço conveniente, seja no sofá do nosso bangalô ou debaixo de um guarda-sol na praia, encolhida feito um gato, o rosto enfiado na curva do braço. Às vezes, até afasto as tranças dela do rosto só para ver melhor a paz em seu semblante.

É… não estou me saindo nada bem.

Para a minha sorte, temos apenas mais dois dias aqui antes de retornarmos para casa. Não tenho a mínima ideia de como será nossa dinâmica quando estivermos de volta, mas não vai ser tão difícil manter meus olhos — e mãos — longe dela quando estiver encasacada e protegida do inverno inglês. Quase sinto falta dos agasalhos de cashmere que ela costuma usar, embora não possa negar que vê-la em um biquíni branco de crochê me deixe com um tesão perigoso.

Para o jantar, hoje, ela está usando um vestido cujo corpete preto e justo empurra seus seios para cima e os faz transbordar ligeiramente, me deixando tentado a afundar o rosto naquela maciez. Ela aplicou uma maquiagem mais pesada do que vinha usando a semana inteira, escurecendo os olhos com sombra e desenhando uma linha que torna seu olhar ainda mais sedutor. E os lábios, pintados de um vermelho fechado como na noite em que nos conhecemos, estão nada menos que exuberantes. Se alguém dissesse ser capaz de dar vida à mulher dos meus sonhos, seria Stella neste momento. Para ser mais exato, Stella em qualquer momento.

Temo que dizer isso a ela vá assustá-la e fazê-la fugir para o oceano sem nem olhar para trás. Então, me contento em pegar a mão dela, girá-la e dizer:

— Você está deslumbrante.

— Você também não está nada mal — elogia ela, dando uma conferida no meu terno preto e minha camisa branca com alguns botões abertos. — Não imaginei que a gente fosse combinar tanto!

E é claro que ela está falando apenas da nossa combinação de cores, mas penso nas palavras de Joshua. *Ela combina com você*. Quanto mais

penso nisso, mais entendo o que ele quis dizer. A gente combina *mesmo*. Somos parecidos em vários aspectos, e mesmo naqueles em que não somos, tudo ainda assim se alinha.

— É verdade — concordo. Tento a sorte e entrelaço nossos dedos. — Estamos parecendo um casal de verdade. Olhando assim, quem vai dizer que é tudo de fachada?

Stella dá outra daquelas risadas cativantes que saem do fundo do peito, e o som faz com que eu me afunde ainda mais na toca do desespero. Preciso de *mais* dessa mulher, não importa o que ela esteja disposta a me dar. Eu a deixaria me usar em troca, deixaria ela cravar os dentes em mim e arrancar o que quisesse. Se ela decidisse me queimar, eu botaria ainda mais lenha na fogueira.

As palavras de Joshua, mais uma vez, me assombram. *Você nunca vai saber o que pode acontecer se não tentar*. Existem diversas interpretações possíveis para essa sugestão, umas melhores que outras. Mas *alguma coisa* vai ter que mudar. Não podemos ficar nessa de provocar um ao outro como se não houvesse uma espécie de fio nos unindo, um fio que vai ficando cada vez mais curto a cada dia. Vou enlouquecer se não fizer nada a respeito disso.

— Olha só, será que a gente… pode conversar? — pergunto enquanto ela se recupera da risada.

Meu coração acelera, ameaçando sair pela boca, porque *que porra* estou fazendo?

Stella olha para o relógio na parede.

— A gente já está atrasado pro jantar — diz ela, num tom pesaroso, claramente sem saber o que a espera. — Pode ser quando voltarmos?

Até lá vai ter passado da meia-noite, e vai saber quantos drinques teremos tomado. Pode vir a calhar, mas também existe uma chance de a bebida me fazer dizer todas as coisas erradas.

Ainda assim, engulo em seco, resignado.

— Ah, pode. Claro.

Não sei, porém, por quanto tempo vou conseguir aguentar calado.

Quero ficar com a minha esposa… pra valer. Mesmo que seja só temporário. Mesmo que seja só por uma noite.

Mesmo que essa noite seja a única coisa que vou ter.



CAPÍTULO 27

Stella

Tem alguma coisa errada com Thomas.

Odeio ter percebido isso. E odeio estar desesperada para fazer com que ele volte ao normal. Não era mentira quando eu disse que gosto mais dele quando está sorrindo, mesmo que seja egoísmo da minha parte não querer vê-lo chateado, porque eu… gosto dele.

Para o meu azar, como notei semana passada, estou completamente apaixonada por esse homem, presa a uma paixão que não dá pra espantar como se fosse uma mosca irritante. É uma verdade devastadora, mas passar quase todos os minutos do meu dia com Thomas me mostrou coisas bem íntimas e pessoais a respeito dele.

O objetivo das minhas regras era me impedir de desenvolver qualquer tipo de sentimento por ele, mas talvez eu devesse ter acrescentado *não olhe para mim, não fale comigo* e, certamente, *não sorria para mim* à lista. Porque mesmo sem sexo, com a intimidade limitada e minhas tentativas de me concentrar no trabalho, ele ainda conseguiu atravessar todas as minhas barreiras e criar raízes dentro de mim.

Só espero conseguir arrancá-las sem me machucar quando chegar a hora.

Ele está mais calado que o normal durante o jantar, falando apenas quando lhe dirigem a palavra e bebendo seu uísque com gelo. Quero me aproximar e perguntar o que está acontecendo. Deve ter algo a ver com a conversa que ele queria ter comigo mais cedo, e agora me sinto culpada por ter insistido em virmos jantar em vez de ouvi-lo na hora.

Por outro lado, acho que talvez eu tenha uma ideia do que ele ia dizer, porque a mesma coisa também está martelando na minha cabeça.

Seja lá o que estiver acontecendo entre nós, ficou impossível ignorar, mas preciso dar um jeito de esquecer isso. As coisas vão ficar mais fáceis quando voltarmos a Londres, para as nossas vidas, quando estivermos de volta à realidade e a todos os motivos pelos quais precisamos manter este casamento estritamente platônico. Os motivos podem até estar me escapando agora, sendo substituídos pelo frio na barriga toda vez que ele ri, mas vão acabar voltando. Eu só não posso cometer nenhum erro até lá.

Amara declara que é hora de dançar assim que nossos pratos são retirados. De repente, minha mão está na dela e estou sendo arrastada do restaurante para o bar à beira-mar, onde o equipamento de um DJ e uma ampla pista de dança foram montados na areia. Já tem algumas dezenas de pessoas por lá, a maioria bebendo, algumas dançando e todas aproveitando o calor da noite e a brisa suave que nos envolve. É a maneira perfeita de dizer adeus ao ano que passou e dar boas-vindas ao próximo.

Quando os meninos nos alcançam, Thomas tenta se aproximar de mim, mas há algo em seus olhos que me faz recuar. Não consigo entender bem o que é, mas me parece… pesado. Pesado demais para a noite que quero ter.

Aponto o polegar por cima do ombro na direção do bar.

— Vou pegar umas bebidas! — A música está alta, mas meu anúncio sai em um volume desnecessário. — Arrumem um lugar pra gente na pista de dança antes que fique lotada.

Amara entrelaça os braços no de Thomas e no de Joshua com um sorriso no rosto, e respiro fundo ao dar as costas para eles. Preciso de ar. Thomas e eu não podemos ter essa conversa que ele tanto deseja e está me encurralando para ter — não agora, e muito menos depois, quando estivermos sozinhos no nosso bangalô. Só precisamos sobreviver a mais dois dias dessa tensão sexual insuportável entre nós antes de conseguirmos escapar. Vai ter que dar, né?

Subo em um banquinho e levanto a mão para chamar o barman, que acena para mim enquanto termina de servir um cliente. Continuo respirando fundo e espero, tentando controlar a ansiedade, mas parece uma causa perdida. Estou *nervosa*. Tudo porque não confio em mim mesma para fazer a escolha certa se Thomas confessar que sente o mesmo que eu.

— Tudo bem aí?

Olho para o lado ao ouvir a pergunta e encontro um homem encostado no bar. Ele é tão alto que preciso levantar a cabeça para encará-lo. Bem bonito também, mas não chega aos pés do...

Não. Não faz isso.

— Tudo ótimo, obrigada — respondo com educação, mas desdenhosa, e logo olho para o outro lado.

Não dei nenhuma liberdade para essa conversa acontecer, e mesmo assim ele se aproxima, a colônia dele fazendo cócegas no meu nariz. Não gosto do cheiro.

— Você parece tensa — comenta ele, me analisando de cima a baixo. Para ser justa, ele não encara meus seios empinados, e sua cara de preocupação parece genuína, como se estivesse de fato incomodado com o desconforto de uma mulher estranha no bar. — Este lugar é lindo demais pra alguém não se sentir relaxado.

Concordo plenamente, e eu estaria a tranquilidade em pessoa se não estivesse tão preocupada com Thomas.

Dou uma segunda olhada para o homem e vejo que ele continua me encarando daquele jeito sério. Ah, dane-se, qual o problema em conversar rapidinho enquanto espero? Talvez seja a distração de que preciso.

E então ele diz:

— Qual é, meu bem, dá um sorriso.

Fecho os olhos por um momento e respiro fundo, porque, caralho, *é claro*. É claro que um cara desconhecido está me mandando sorrir. O que mais ele poderia fazer? Perguntar o que me deixou chateada? Ouvir atentamente e assentir? Ser compreensivo? Se importar *de verdade*?

Você está se referindo a todas as coisas que Thomas fez quando vocês se conheceram?

Engulo em seco o que realmente quero dizer a esse homem, coisas pelas quais Mika me aplaudiria, mas que poderiam me fazer ser expulsa do resort. O barman, graças a Deus, escolhe justo esse momento para se aproximar. Peço dois bourbons duplos. Um deles talvez seja para Thomas, se não acabar na cara desse homem antes.

— Desculpa — diz ele, rindo como se soubesse que disse a coisa errada, mas sem ligar muito. — É só que não suporto ver uma mulher bonita chateada.

— Em nenhum momento eu disse que estava chateada — respondo, impassível, e volto a olhar para a frente.

Então ele tem a *pachorra* de colocar a mão no meu ombro e alisar meu braço.

— Eu percebi. Que tal me deixar te animar um pouquinho?

O barman coloca as bebidas na minha frente. Sinto muito, Thomas, mas esse uísque não vai chegar, e posso acabar ganhando uma viagem só de ida para uma cela nas Maldivas.

Seguro o copo com força, pronta para levantá-lo.

— Acho que seria prudente tirar a mão da minha esposa.

Levanto a cabeça de repente e encontro Thomas parado ao meu lado. Ele está tão calmo que chega a ser intimidador, exalando o tipo de energia que me faz largar o copo no balcão, surpresa. O homem que está dando em cima de mim retira a mão num piscar de olhos e fica encarando Thomas como se estivesse chocado por vê-lo ali. Sei que eu estou.

— Foi mal aí, cara — diz o babaca, dando um passo para trás. — Não sabia que ela era comprometida.

Levanto a mão esquerda e mostro o dedo, exibindo meu anel brilhando sob as luzes de Natal. No entanto, antes que eu diga qualquer coisa, Thomas se coloca entre mim e o homem, me impedindo de dar um soco no sujeito. Ainda assim, a ideia do meu diamante machucar a cara dele me deixa eufórica.

Thomas diz algo ao homem que não consigo entender direito, mas isso faz o sr. Dá Um Sorriso assentir depressa e se afastar cambaleando.

Faço uma careta para as costas de Thomas.

— Eu ia dar um jeito nisso sozinha.

— Eu sei. — Ele se vira, ocupando o lugar onde o homem estava, mas se torna uma visão muito melhor do que a anterior. — Só quis poupar o cara da nota que ele ia gastar no hospital por causa do que você estava prestes a fazer. — Ele acena para o copo com gelo. — É pra mim?

Empurro o bourbon na direção dele, uma oferta de paz relutante. Ele bebe, e eu o observo de canto de olho, curiosa.

— Por que você veio até aqui? — pergunto, e então brinco: — Ficou com ciúmes de me ver com outro homem?

— Claro que fiquei — responde ele, sem hesitar. — Você é minha esposa.

Pego meu drinque, sentindo minha reação à primeira metade da frase ser amenizada pela segunda.

— Isso não significa nada, na verdade — murmuro, com o copo na frente do rosto. — É só de fachada.

Thomas fica calado enquanto tomo um gole de uísque, o que me força a não estremecer ao senti-lo descer queimando pela minha garganta. Quando volto a olhar para ele, vejo que está encarando a pista de dança.

— Sabe, eu nunca entendi isso — declara ele.

Estreito os olhos e o vejo colocar a bebida de volta no balcão.

— Nunca entendeu o quê?

— Homens que são babacas com as mulheres e esperam que elas fiquem cheias de tesão. É uma bizarrice da porra.

É sempre emocionante ouvir Thomas xingar, como se meu cavalheiro inglês tivesse se ausentado por um momento. Ainda assim, não entendo muito bem a mudança de assunto, mas dou de ombros.

— Tem mulher que gosta de *bad boy*.

— Ah, mas tem uma diferença entre ser um *bad boy* e ser um patife.

Não é a palavra que eu usaria, mas acho que o sentimento é o mesmo.

— Agora… isso? — Quase dou um pulo quando a mão dele pousa na minha coxa, mas congelo quando ele a desliza para baixo da bainha do meu vestido. — *Isso aqui* é ser *bad boy*.

Respiro fundo, sem conseguir me controlar. O calor se espalha pelas minhas bochechas e percorre minha corrente sanguínea, ficando mais intenso a cada milímetro que Thomas avança, deslizando a ponta dos dedos por entre minhas coxas.

— A gente tá em público — comento, refrescando a memória dele, mas as palavras saem ofegantes.

Não tento impedi-lo.

— Isso não faz parte das suas regras? — sussurra ele. Então posiciona o corpo de um jeito que bloqueia a visão das minhas pernas e nos dá um pouquinho de privacidade. — Nosso afeto não tem que ser sempre em público?

Quando ele alcança a renda da minha calcinha, um gemido me escapa.

— Você não está errado.

— Mas não precisa ser desse jeito.

Sim, precisa, porque senão as coisas vão passar dos limites. Isso já ultrapassou o limite, na verdade, e ainda assim não chega nem perto do que eu quero de verdade.

Com a mão livre, ele segura meu rosto e traça minha bochecha com o polegar.

— Você está ficando vermelha.

E eu coro mais ainda.

— Não estou.

— Dá pra ver.

— Não dá nada.

— Dá, sim. — Ele vai percorrendo meu rosto com os dedos. — A ponte do seu nariz. A ponta das suas orelhas. O topo das maçãs do seu rosto.

É difícil continuar respirando, mas de alguma maneira eu ainda consigo.

— Você tem prestado bastante atenção em mim.

— Claro que tenho, Stella. Quero conhecer cada centímetro seu.

Juro que acabei de levar um soco e que cada grama do meu bom senso foi completamente destruído.

— Você não pode falar essas coisas, Thomas.

— Por que não? — Ele me desafia. — Não combinamos de não guardar segredos um do outro?

Ele me pegou, mas esse jeito provocante me enfurece. Em vez de responder, viro a cabeça para afastar o toque dele do meu rosto, mas não afasto a mão que continua debaixo do meu vestido.

Vai embora, Stella. Não alimenta isso.

Thomas me observa levar a bebida à boca com a mão trêmula. Traça pequenos círculos na parte interna da minha coxa com os dedos, esperando minha resposta definitiva. Em vez de dizer alguma coisa, viro o resto do bourbon.

Ele começa a recuar, a ponta dos dedos descendo lentamente, mas agarro seu pulso antes que ele consiga ir muito longe. É a resposta que ainda não consigo dizer em voz alta.

Por mais errado que seja, eu quero isso. Quero *senti-lo*. Não sei ainda onde isso vai dar, mas quero senti-lo, quero fechar os olhos e ouvi-lo sussurrar todas as coisas que estou desesperada para ouvir. Quero parar de fingir que não tem um desejo enlouquecedor nos dominando.

No entanto, não estou pronta para admitir ou reconhecer todos os sentimentos por trás desses desejos. Não consigo confessar o quanto me apeguei a ele, ou que meu novo maior medo é já estar apegada demais para dizer adeus. Meu cérebro implora para eu não mergulhar, para eu me manter na superfície, ainda que Thomas já tenha alcançado o fundo do meu coração.

Não posso passar mais uma noite sem descobrir todas as coisas das quais fui privada pelas minhas regras. Tenho que fazer o que parece certo, a despeito das consequências.

— Sei que estou quebrando as regras — sussurra Thomas quando não digo nada, pronto para contra-argumentar e me convencer de que deveríamos quebrá-las um pouco mais.

No entanto, antes que ele possa dizer mais alguma coisa, eu me levanto de repente do banco. Thomas está prestes a dar um passo para trás, surpreso, mas seguro seu queixo, mantendo-o perto, e declaro:

— Fodam-se as regras.

Puxo o rosto dele na direção do meu até nossos lábios se encontrarem, um contato cru e esmagador, e o deixo saborear tudo que não consigo expressar em palavras. Ele parece entender a mensagem, pois envolve minha cintura com os braços sem hesitar, como se estivesse esperando

por isso, como se tudo que o estivesse impedindo finalmente tivesse desaparecido.

Meu corpo pega fogo quando ele me puxa para mais perto, e me deleito com a maneira como nos fundimos, ao mesmo tempo me odiando por ter evitado todos os momentos em que eu poderia, com tanta facilidade, ter tido *isso*. Enquanto ele move a boca contra a minha, a língua percorrendo meu lábio inferior, mal consigo lembrar por que o afastei por tanto tempo. Por que eu deixaria passar a chance de aproveitar esse pedaço do paraíso? Por que eu agiria como se não fosse inevitável?

Não vai dar para voltar atrás e seguir minhas regras depois disso. Seja lá qual for o elo que eu tenha estabelecido com elas, se desintegrou, e não sei se consigo recuperá-lo.

Thomas não me deixa esquecê-las, porém, ainda que eu queira agir como se elas nunca tivessem existido. Ele interrompe o beijo, lutando contra a própria vontade, os lábios se demorando no canto da minha boca.

— Você não pode estar falando sério. — Deslizando as mãos da minha cintura para os meus quadris, ele aperta meu corpo com força. — Diz que não tá falando sério, Stella.

Faço que sim com a cabeça, decidida.

— Estou falando sério. Chega de regras.

Não sei o que a dissolução delas significa ou onde isso aqui vai dar. Só esse primeiro passo já foi bem assustador.

— Meu Deus, eu esperei tanto pra ouvir você dizer isso. — Thomas exala, trêmulo, e me encara, procurando meu olhar. — Mas você não estava errada em colocá-las em prática. Sei que fez isso pra se proteger. E não… vou te pedir pra quebrá-las pra sempre.

Faço uma careta e sinto um aperto forte no peito. Ele está me *rejeitando*? É isso que ganho por finalmente expor meus desejos?

Thomas aperta meus quadris antes que eu mergulhe de cabeça em uma espiral de dúvida.

— O que estou querendo dizer é… acho que temos uma dívida e precisamos terminar o que começamos em Las Vegas. Mas só por hoje.

— Eu não… — Ainda não entendi direito o que ele quer dizer. — Não entendi.

— Quero uma noite com você — declara ele. — A noite que deveríamos ter tido antes de fugirmos pra nos casar. Depois voltamos a seguir as regras. Mas acho que precisamos disso. Tem essa…

— Tensão — termino por ele. — E é sufocante pra caralho.

— É, sim. — Ele passa o nariz no meu, fechando os olhos por um momento. Imagino a dor se instalando como um peso em seu peito, porque é isso que está acontecendo comigo agora. — É o que você quer, Stella?

Hesito. Não por não querer, mas porque meu coração decidiu que quer *mais* do que só isso. No entanto, não posso deixar que meu coração dite as regras, e a solução que Thomas apresentou resolveria o problema que está me deixando louca.

Nós dois podemos conseguir o que queremos sem sofrer as consequências. É uma carta branca, um acordo sem compromissos. Amanhã vamos estar livres de toda essa tensão sexual, sem essa necessidade de descobrir o que poderia ter acontecido naquela noite. Não vai mais ser novidade e vamos poder seguir em frente. É um plano perfeito.

Pelo menos, é o que digo a mim mesma, ainda que pareça mentira.

— Só por hoje? — repito, mas minha mente já está decidida.

Thomas assente.

— Só por hoje.

Respiro fundo e deslizo minha mão na dele.

— Então é melhor a gente fazer valer a pena.



CAPÍTULO 28

Stella

— Se é para reconstituir a noite que tivemos em Las Vegas — diz Thomas —, vamos precisar de uma garrafa de uísque.

Rindo, seguro a mão dele com mais força, quase correndo para acompanhar seus passos largos e apressados pelo deque até o nosso bangalô.

— Foi o uísque que fez a gente se casar — comento, refrescando a memória dele. — Talvez seja melhor pular essa parte.

Além do mais, ainda me sinto um pouco alta pela última rodada de drinques que tomamos no bar quando brindamos ao nosso acordo; foi a última dose de coragem líquida. A bebida nos deixou soltinhos e relaxados. Estou mais animada do que nervosa para essa noite, e embora eu não esperasse terminar o ano desse jeito, a ocasião parece cair como uma luva. Podemos ceder a esse momento de prazer e depois deixá-lo no passado.

Thomas concorda com relutância e reduz a velocidade, me dando a chance de alcançá-lo para então me abraçar. Eu me deixo ser conduzida de bom grado, nossos peitos se encontrando, e ele desliza as mãos até minha cintura.

— Acho que você tem razão — diz ele baixinho, os olhos mais escuros sob a iluminação baixa. — A gente já vai se divertir bastante sem uísque.

— Ah, é? — provoco. — Promete?

— Não acredito que está duvidando de mim, Stella — diz ele, e solta um muxoxo, abaixando a cabeça e encontrando meu queixo com a boca, mordiscando minha pele para me punir. — Você sabe que eu consigo te agradar.

Sei mesmo, e sinto um arrepio ao me lembrar dele me tocando no clube de *striptease*.

— Vai ter que me provar de novo.

— Com prazer, meu bem.

Deixo escapar um gritinho de surpresa quando ele me joga por cima do ombro e segura minha bunda para me impedir de cair.

— O que você *tá fazendo*?

— Você fica lenta demais com esses saltos — explica ele. — E cansei de perder tempo. Quero comer a minha esposa.

Ele é um mentiroso — eu uso saltos como ninguém —, mas vou deixá-lo usar essa desculpa para me tocar. Além disso, o tempo está mesmo passando. Faltam só algumas horas para a meia-noite — e depois só mais algumas para o nascer do sol. Quando o amanhecer chegar, isso tudo terá acabado. Quero estar bem satisfeita antes disso.

Então, dou um tapa na bunda dele em resposta e abro um sorriso malicioso. A risada dele se mistura ao som das ondas quebrando suavemente na praia.

Logo estamos de volta ao bangalô. Thomas me segura com facilidade enquanto destranca a porta e a fecha com um chute. Não pergunta para qual quarto eu quero ir. Vai direto para o dele.

— Fiquei imaginando você nessa cama desde o dia em que chegamos — diz ele ao me deitar com cuidado no colchão. — Penso nisso toda noite. E todo dia acordo com a mão no meu pau e fico desejando que você estivesse aqui.

Perco o fôlego quando ele se afasta e se coloca ao pé da cama, olhando para mim como se eu fosse, de fato, uma fantasia que se tornou realidade.

— Estou correspondendo às expectativas? — pergunto, quando recupero a voz.

— Você é melhor do que qualquer coisa que eu poderia ter imaginado.

Lanço um olhar para ele, uma obra de arte recortada pelo luar.

— Você também não é de se jogar fora.

Ele abre um sorrisinho, divertindo-se, mas isso não diminui a intensidade que vejo em seus olhos.

— Tira esse vestido — instrui ele.

A conversa fiada acabou.

O calor me inunda e se acumula em meu âmago. Meu instinto é provocá-lo, desafiá-lo a tirar meu vestido com as próprias mãos, mas a forma como ele falou me faz sentar e esticar a mão para trás, em busca do zíper. Abro o vestido devagar e vou até onde meus dedos permitem

na parte inferior das costas. Deixo o tecido cair até a cintura e, em seguida, puxo a saia até os joelhos para passá-lo pelos quadris com uma reboladinha. Quando o vestido chega na altura das minhas coxas, eu me abaixo e o tiro de vez. Thomas faz a gentileza de tirá-lo da cama e colocá-lo em cima da cômoda.

— Nossa, que atencioso — declaro de onde estou, apoiada sobre os cotovelos, exibindo a silhueta do meu corpo e a lingerie de renda.

— Agora o sutiã — diz ele, ignorando minha provocação.

Obedeço, sua voz grave e a brisa do ar-condicionado endurecendo meus mamilos. Antes que ele tenha a chance de pegar o sutiã, eu mesma o jogo no chão. Um pequeno ato de rebeldia. Tento outro quando enfio os polegares nas laterais da calcinha antes que ele me dê a ordem, arrastando-a devagar pelas pernas. Encerro o show chutando-a para fora da cama também. E então estou nua para ele.

— Você é tão malcriada. — Percorrendo meu corpo com os olhos, ele vai absorvendo cada centímetro. — E linda pra caralho.

Eu me deleito com a admiração dele, o peito estufado, os joelhos separados para que possa enxergar exatamente o que o aguarda. Estou encharcada e já inchada, pronta para o que vai acontecer. Preciso que ele sacie meu desejo e me permita finalmente raciocinar com clareza outra vez, sem que ele esteja à margem de todos os meus pensamentos.

— Sou melhor de perto — digo, abrindo um pouco mais as pernas.

O convite está feito, e espero que ele venha até mim, mas, em vez disso, ele começa a desabotoar a camisa, querendo me provocar também. Cada movimento é lento e calculado, e, embora eu quisesse muito que ele acelerasse o ritmo, estou curtindo o espetáculo. Não importa que eu o tenha visto só de sunga a semana inteira; isso aqui é diferente. Isso aqui é só pra mim.

O peitoral e o abdômen dele são perfeitamente definidos. É o corpo de um atleta, longo e esguio, aprimorado todos os dias na academia. A disciplina é o que mais respeito. Ele é um homem comprometido com seu ofício, determinado a fazer o que estiver a seu alcance para ser o melhor.

E estou aqui para colher os benefícios, então… no fim, acho que quem saiu ganhando fui eu.

Quando a camisa dele se junta à minha calcinha no chão, ele me segura por trás dos joelhos e me puxa para si, na beira da cama. Perco o fôlego e estico as mãos para me apoiar nos lençóis enquanto ele se ajoelha de frente para as minhas pernas abertas. É oficial: meu príncipe se foi. O safado está de volta.

— Thomas — digo, fazendo um movimento para me sentar, mas ele coloca a mão entre meus seios e me empurra de volta para baixo.

Quando ele coloca minhas coxas em seus ombros, minha boca se fecha e os protestos se dissipam.

— Você tem razão — sussurra ele, a barba por fazer pinicando minha pele. — É bem melhor de perto.

Ele passa um braço pela parte superior das minhas coxas, mantendo meus quadris imóveis enquanto morde, lambe e chupa até chegar aonde eu mais o desejo. Leva todo o tempo do mundo, saboreia cada gosto e me força a suportar a tortura. Bem quando penso que sua boca vai me aliviar da pressão crescente, ele muda para o outro lado e reinicia sua lenta jornada até eu chegar ao limite mais uma vez.

Já estou implorando e xingando quando ele chega à dobra da minha coxa de novo. Tudo que faço é gemer, me desfazendo por ele, excitada a ponto de sentir que, no segundo em que ele me tocar *pra valer*, vou explodir no mesmo instante.

— Sabe, estou feliz por termos esperado — diz ele, a respiração perpassando minha pele escorregadia. — Eu te conheço muito melhor agora. Sei do que você gosta. O que funciona pra você. Muito melhor que sermos desconhecidos que não sabem nada um do outro.

— Aposto que você teria se saído muito bem naquele dia — respondo, ofegante, ousando levantar a mão trêmula e passar os dedos em seu cabelo macio.

Uma parte desesperada de mim considera empurrar seu rosto para mais fundo entre minhas coxas, mas o jeito como ele me encara, com os olhos cheios de admiração, me faz acariciar sua bochecha. Que inferno de homem. O que ele me faz sentir também é infernal.

— Você ainda está a fim, Stella? — pergunta ele, como se sentisse o quanto estou entregue. — Só por hoje?

Neste momento, se Thomas me oferecesse mais do que só hoje, eu aceitaria. Mas ele está só querendo relembrar nosso acordo. Foi ele quem estabeleceu as regras desta vez, e estou determinada a respeitá-las, assim como ele fez comigo nas últimas semanas.

— Estou — suspiro, passando o polegar pela bochecha dele. — Ainda estou a fim.

Ele vira a cabeça e dá um beijo no meu pulso… depois desce a boca até o lugar onde eu sempre a quis.

O primeiro toque de sua língua quase me faz levitar para fora da cama, e volto a agarrar o cabelo dele com as mãos.

— Ai, *caralho*!

Eu até ficaria envergonhada pela minha exclamação gemida se não sentisse a vibração do grunhido de prazer que ele solta contra o meu clitóris. Cravo os calcanhares nas costas musculosas de Thomas enquanto ele me lambe repetidas vezes e começo a desejar que ele não estivesse me prendendo com tanta força na cama, pois minha vontade é de levantar os quadris e me esfregar em seu rosto. Ainda assim, contorço o corpo quando ele desliza um dedo para dentro, depois outro, curvando-se para pressionar o ponto que me faz apertá-lo com mais força. É tão bom que não consigo fazer muito mais do que balbuciar "isso" e "de novo" enquanto ele me leva ao auge.

Eu me sinto quente e caótica. Não vai demorar nada até eu estar completamente entregue, e quando chego lá, é com o nome dele em meus lábios e uma explosão de luz atrás dos olhos. Juro que sinto a alma sair do corpo e começar a pairar em algum lugar acima de mim enquanto meus sentidos rodopiam de volta ao meu corpo.

Não sei se foram minutos ou horas que se passaram até eu ouvi-lo murmurar:

— Às vezes não consigo acreditar que você é real. — A sensação dele pressionando beijos leves como plumas contra minhas coxas finalmente me devolve ao meu corpo. — Como uma pessoa pode ser tão perfeita?

Este orgasmo me faz travar uma guerra interna para não confessar que sou obcecada por ele, e a última coisa de que preciso é ser mais elogiada. Mordo a língua para não admitir algo que não vou poder retirar — algo que não posso admitir nem para mim mesma nem para ele.

— Eu não sou real — digo, empurrando-o delicadamente para trás para que eu consiga me sentar. Minha cabeça ainda está girando, e coisas perigosas ameaçam sair dos meus lábios. — Sou fruto da sua imaginação.

Paro de respirar quando ele leva os dedos molhados à boca.

— Então você é a alucinação mais saborosa que já tive.

— Fico lisonjeada. — Essas palavras saem quase como um gemido. Preciso de mais dele, e preciso agora. — Vem cá. Deixa eu te tocar.

Coloco as mãos nos ombros de Thomas e as deslizo por seu peito enquanto ele se levanta. Ele se contrai ao sentir meus dedos percorrerem os gomos rígidos de seu abdômen e perde o fôlego quando chego ao cós de sua calça. Abro o botão de cima, desço o zíper depressa e passo os dedos pelo elástico de sua cueca boxer, empolgada para sentir o peso dele, curiosa para saber qual é o meu prêmio.

Quando envolvo a ereção volumosa dele com a mão, hesito, minha confiança sumindo como uma poça d'água sob o sol do deserto. Eu já

sabia, desde a noite no clube de *striptease*, que ele portava algo impressionante, mas, porra… ele é facilmente maior do que qualquer pessoa com quem já estive.

— *Isso aqui* — digo, me desafiando a movimentar a mão para cima e para baixo, sentindo cada centímetro — é uma violação dos direitos humanos.

Ele se arrepia, mas ainda consegue provocar.

— Ah, vai, gatinha. Eu sei que você aguenta.

Não tenho lá tanta certeza, mas não costumo desistir, então é claro que vou tentar.

Antes que possa fazer qualquer outra coisa, no entanto, ele se afasta da minha mão, vai em direção à cômoda novamente e abre a gaveta de cima.

— Talvez tenha sido presunçoso da minha parte — diz ele, tirando um pacote brilhante de uma caixa —, mas desta vez eu trouxe camisinha.

— *Muito* presunçoso — respondo, deslizando de volta para a cama. O olhar lânguido dele acompanha cada movimento meu. — Além disso, é uma boa hora para te contar que tenho DIU?

Thomas congela por um momento antes de voltar, jogar a camisinha na mesa de cabeceira e subir em mim. Seus joelhos e antebraços pressionam o colchão, e suas coxas empurram as minhas, abrindo-as completamente, o tecido de sua calça desabotoada resvalando em minha pele mais sensível.

— Então quer dizer que podíamos ter feito isso em Las Vegas? Que podíamos ter evitado aquela saída em busca de camisinhas que acabou em casamento?

Dou uma risada debochada, pressionando o peito de Thomas com as mãos.

— Claro que não. Você era um estranho naquela época, e eu não transo com estranhos sem camisinha.

— Ué, e agora?

— Você é meu marido — replico, esfregando meu nariz no dele, sem me sentir tentada a acrescentar "de fachada" à frase. — Vi seus registros médicos e seus check-ups de rotina espalhados pelo escritório. Além disso, sei que não sai com ninguém há meses.

— Eu poderia estar transando com uma galera — murmura ele, olhando para a minha boca. — Você não sabe.

— Ah, acho que sei, sim. — Levanto o queixo e dou um beijo delicado em seu rosto, bem devagar. — Você anda ocupado demais pensando em mim pra desejar outra pessoa.

Minha intenção é provocá-lo, mas de repente percebo que meus próprios sentimentos por ele vêm à tona com essa frase. Como eu poderia olhar para qualquer outro homem tendo este daqui bem na minha frente? Por que eu me daria ao trabalho? Quem poderia estar à altura dele?

— Me pegou — diz ele, sem qualquer sinal de vergonha ou pesar. — Não pensei em mais ninguém desde o momento em que te vi.

Sinto um aperto no coração. Esse jogo está ficando cada vez mais perigoso. Continuamos forçando os limites, deixando os verdadeiros sentimentos transparecerem em frações de segundo, e depois os encobrimos com toques abrasadores e humor afiado. Eu deveria parar de fingir e ser sincera, mas não posso. Não posso permitir que isso seja mais do que dissemos que seria.

— Quem me dera poder dizer o mesmo — murmuro, sem fôlego e de forma casual, na tentativa de deixar o clima mais leve. — Eu mesma não consigo parar de pensar no Ed Sheeran.

Ele deixa escapar uma gargalhada e se afasta de mim, se levantando.

— Por favor, não, meu pior inimigo.

Dou risada também.

— A gente não manda no coração.

Neste momento, no entanto, meu coração só quer o homem que vejo bem na minha frente.

É uma constatação terrível, algo que terei que aceitar mais para a frente, porque agora Thomas está tirando a calça e a cueca boxer. Sou obrigada a apertar os lábios para não ficar boquiaberta de admiração.

— É falta de educação ficar encarando — repreende Thomas, apalpando a própria ereção.

Engulo em seco.

— Exibido.

— Só pra você.

E de repente ele já voltou para a cama. Segura firme os meus ombros enquanto se inclina e vai me empurrando até minhas costas alcançarem o colchão. Beija minha clavícula como se estivesse me recompensando por obedecer. É um beijo suave e macio, mas a mordidinha que dá na minha pele em seguida é tudo menos inocente. Dou uma risada debochando do movimento, embora o tom passe despercebido enquanto ele desce beijando meu corpo. Ele gira a língua ao redor de um mamilo, depois do outro, apenas para provar cada seio meu antes de voltar aos meus lábios.

— Está pronta? — pergunta ele de pertinho.

O tom que usa é grave demais, sério demais.

Faço que sim com a cabeça e tento me virar de bruços, em dúvida se consigo olhá-lo nos olhos, mas ele impede, colocando a mão em meu quadril e balançando a cabeça.

— Não. Eu quero olhar pra você. — Sua boca encontra a minha num beijo profundo e demorado, e fico ofegante quando ele se afasta. — Quero te ver gozar.

Afasto bem as pernas, convidando-o a se encaixar, e saboreio a maneira como a pressão dos quadris de Thomas as mantém abertas. Ainda assim, não faço isso com alguém há tanto tempo que congelo por um segundo ao me dar conta de que ele está em cima de mim. Mas no segundo em que encontro seus olhos e o vejo me encarando, verificando mais uma vez se estou de acordo com o que estamos fazendo, relaxo entre os lençóis e o toco.

O gemido que ele solta enquanto movimento a mão para cima e para baixo por seu membro me faz sorrir de satisfação, embora o sorriso seja rapidamente apagado quando ele desce com a boca até a minha outra vez. Afrouxo o toque quando nossas línguas se tocam, deixando que ele deslize o pau pela minha abertura, roçando-o em meu clitóris, e empino os quadris na direção dele para provocar mais daquela sensação.

Nosso beijo é interrompido quando ele arrasta os lábios da minha bochecha até meu ouvido.

— Ainda está a fim, Stella?

— Estou — digo, sem fôlego, ardendo de desejo, *necessitada* disso. — *Por favor*.

Consigo sentir o sorriso dele mesmo sem vê-lo. Eu ficaria brava comigo mesma por implorar se não estivesse tão desesperada para sentir o alívio.

Ele afasta minha mão do caminho com delicadeza, segurando a si mesmo e conduzindo-se pela minha umidade, cobrindo-se com ela.

— Que garota mais boazinha — murmura ele. — Então vou te dar o que você quer.

Ele roça a cabeça do pau na minha entrada, e agarro seus ombros, desesperada para tê-lo mais perto, dentro de mim. Estou impaciente, respirando com dificuldade, e ainda assim me vejo pressionada contra o colchão quando ele finalmente se afunda em mim. A sensação é entorpecente e excruciante, e o gemido que me escapa é lascivo, ricocheteando nas paredes e se acomodando na cama conosco.

— Caralho, como você é apertada — geme ele contra o meu pescoço. — Você precisa relaxar, meu bem.

— Não é você que tá com um *treco desses* enfiado dentro de você — digo, ofegante, enquanto ele se afasta, apenas para me dar um pouco

mais com o próximo movimento de seus quadris. — *Ai, meu Deus*.

Ele para por um instante, me dando a chance de me ajustar ao seu tamanho.

— O que foi que eu te disse? — pergunta ele, embora esteja mais para uma exigência à espera de uma resposta.

— Que eu aguento — resmungo.

— Isso mesmo. Agora relaxa e me deixa te foder do jeito que você merece.

Ele não abre espaço para discussão, então me forço a obedecer e relaxo músculo por músculo até a pontada de dor diminuir, transformando-se em algo intensamente prazeroso. Quando estou pronta para mais, cravo as unhas em seus ombros e levanto meus quadris, puxando-o para mais perto. Gemidos se misturam no ar enquanto ele me penetra ainda mais, chegando mais fundo a cada movimento até que estejamos unidos por completo. Levamos mais alguns segundos para entender como vai ser a dinâmica da coisa, mas não demora até começarmos a nos mover juntos, estabelecendo um ritmo perfeito.

— Assim. — A voz dele falha de tanto desejo. É um som rouco e baixo. — Boa garota.

Estou obcecada por essa versão de Thomas, a que sussurra elogios no meu ouvido por estar dando conta da enormidade dele. A que me penetra com força até atingir meu ponto G sem parar. A que morde e chupa meu pescoço, fazendo questão de me deixar marcada.

— Mais forte — imploro.

— Quer mesmo ficar sem conseguir andar amanhã? — pergunta ele, mas o movimento brusco de seus quadris me responde logo em seguida. — Porque eu posso fazer isso acontecer.

Quando ele dobra minha perna ainda mais para cima e empurra um dos meus joelhos contra o meu peito, grito com esse novo ângulo, arqueando as costas para fora do colchão.

— *Isso*, assim mesmo. — Inclino os quadris para ir de encontro a ele, me contorcendo, e estou tão preenchida que vou me sentir vazia quando ele tirar o pau de dentro de mim. — *Porra*, Thomas.

Ouvir o nome dele pronunciado como uma prece o faz se inclinar para me beijar e sentir o gosto dos meus lábios. Ele os morde com uma pressão que me faz estremecer e contrair os músculos involuntariamente ao seu redor. Isso me rende outro gemido e me obriga a repetir o movimento, dessa vez de propósito. Mas não consigo me gabar por muito tempo, pois ele desliza a mão por entre nossos corpos e, com o polegar, começa a esfregar meu clitóris.

— Se vai ficar fazendo isso — diz ele no meu ouvido, com uma nota ofegante em sua provocação —, então goza pra mim.

Já estou tremendo, a pressão aumentando e ficando cada vez mais quente, ameaçando transbordar a qualquer segundo. Mas tento me controlar, já que não quero conceder essa satisfação a ele, embora sinta que não vou conseguir evitar o orgasmo por muito mais tempo. Ainda mais quando ele sussurra:

— Goza no meu pau, Stella. Deixa eu sentir você gozar.

Estou explodindo em êxtase, pulsando ao redor do pau dele, com a cabeça jogada para trás e minhas pernas tremendo. Meu corpo fica leve e ao mesmo tempo parece infinitamente pesado, arrastado por uma correnteza, mas flutuando sobre as ondas. Eu gritaria, mas o ar foi arrancado dos meus pulmões; fico ofegante quando finalmente atinjo o ápice, o mundo lentamente voltando ao foco.

Ele não para de se mexer, devagar, constante, observando cada expressão que percorre meu rosto. Há uma ferocidade silenciosa nele que não estava ali antes. Estou tão destruída que não consigo fazer nada além de segurar o queixo dele com as mãos trêmulas, torcendo para ele perceber que quero continuar mesmo estando sensível. Quero que ele sinta o mesmo prazer, que despenque do mesmo penhasco.

Ele volta a acelerar o ritmo, e percebo um descontrole em suas estocadas. A mão que antes estava entre nós agora agarra meus pulsos, prendendo-os acima da minha cabeça enquanto ele enterra o rosto em meu pescoço. Não tem nem um único centímetro dos nossos corpos separado um do outro quando finco meus tornozelos em sua lombar, e a fricção é tão intensa que não sei como nenhum de nós ainda não pegou fogo.

Estou tentando fazê-lo chegar ao ápice, mas sinto um peso crescendo dentro de mim mais uma vez que aumenta a cada estocada. Meu corpo se enche e transborda de calor até eu me tensionar em volta dele novamente. Desta vez, meu gemido é tão alto que é impossível nossos vizinhos não terem me escutado.

O som é o suficiente para levá-lo ao clímax. Os quadris de Thomas vacilam algumas vezes antes de ele se acomodar bem fundo em mim, o corpo tenso enquanto seu pau pulsa, derramando-se. Quando ele solta um pouco os meus pulsos e consigo abaixar os braços, passo as mãos em seu cabelo e acaricio os ombros e as costas dele, sentindo a pele escorregadia de suor. Quero tocar cada centímetro de Thomas, quero gravar tudo na minha memória para nunca me esquecer de nenhum detalhe deste momento.

Meu peito sobe e desce conforme tento recuperar o fôlego, e quando ele pressiona a palma da mão em meu coração acelerado, sinto vontade de lhe contar meus segredos mais profundos.

— Exagerei? — pergunta ele, um sussurro ofegante contra minha pele.

Percebo um nó na minha garganta. Estou sendo sufocada por uma onda de emoções, todas aquelas que não tenho permissão para sentir.

— Na medida — respondo.

Ele me beija de novo antes de rolar para o lado e sair da cama a caminho do banheiro. Coloco a mão no peito no mesmo lugar onde a dele estava, tentando acalmar meu coração — e mostrar a ele que não deve se envolver em nada disso.

Thomas volta para o quarto com uma toalha de rosto úmida na mão e se senta na beira da cama. Afasta meus joelhos e passa a toalha quente devagar pela região interna das minhas coxas. É tão atencioso e tão a cara *dele* que me dá vontade de chorar.

— Aliás, a gente ainda não acabou, viu? — murmura ele. — Estou só te dando uma chance de se recuperar antes de irmos de novo.

Lanço um olhar para o relógio e relaxo ao ver que ainda falta meia hora para a meia-noite. Temos tempo. *Temos tempo.*

— Ah, nossa, que gentileza a sua — digo para as costas de Thomas enquanto ele leva a toalha para o banheiro, e aproveito para admirar sua bunda. — Mas eu já estou quase recuperada.

A risada retorna antes dele e me envolve pouco antes de seus braços me alcançarem. Não resisto quando ele me puxa para si, e apoio a coxa em seus quadris, descansando a cabeça em seu peito. É íntimo demais, e quase me parte ao meio.

— Sabe — reflete ele. — Agora que a gente consumou oficialmente o casamento, não dá mais pra pedir anulação.

Dou uma risadinha e enterro o rosto no ombro de Thomas.

— Você sabe que não é assim que funciona, né?

— Shhh — diz ele com delicadeza. — Deixa eu fingir que posso ficar com você.

Já estou sorrindo antes de me dar conta disso, e as palavras que não deveria confessar vêm junto.

— Eu já sou sua, Thomas. Não precisa fingir.

Sinto o rosto esquentar no mesmo instante, a vergonha me preenchendo. O pior de tudo é que não consigo pensar em uma piada para dizer a seguir, algo que o faça achar que estou só brincando. Em vez disso, abaixo a cabeça para ele não ver a expressão em meu rosto e dou um beijo em sua clavícula, torcendo para ele não me levar a sério,

relevar o que acabei de dizer e lembrar o que isso aqui significa: uma única noite.

Por sorte, o peito dele vibra enquanto ri baixinho.

— É mesmo — diz ele. — Tenho até os papéis pra comprovar.

Quase desabo de alívio, dando outro beijo em seu pescoço em um agradecimento silencioso.

— Aham. Pois é.

Caímos em um silêncio tranquilo depois disso, e ele percorre minhas costas com a ponta dos dedos, subindo e descendo. Minha ansiedade vai se dissipando um pouco a cada carícia. Não percebo que estou quase caindo no sono até o telefone dele começar a vibrar no chão sem parar, ainda dentro do bolso da calça.

— Não atende — murmuro, deitada em seu ombro, mas ele já está rolando para longe.

Sem ele perto de mim, sou atingida pela súbita e fria constatação de que me deixei apegar demais. Já descobri que esta noite não vai ser o suficiente, porque é impossível me livrar do que sinto por Thomas. Meus sentimentos não desapareceram de repente, nem se tornaram mais fáceis de controlar. Na verdade, ficaram ainda mais profundos, e estou começando a me afogar neles.

Preciso trancar meu coração agora ou nunca o terei de volta. Se eu não fizer isso, e se Thomas o partir… sei que vai ser o meu fim. Não posso me arriscar a desaparecer em outro homem. Não posso arriscar que ele se transforme em Étienne.

Thomas resmunga ao ver o nome na tela e me lança um olhar de desculpas.

— É a Maeve. Preciso mesmo atender.

Quase peço para ele ignorar a chamada, quase digo que *nós* é que precisamos conversar, mas de que adiantaria? Já fizemos nosso acordo. Nós dois só precisamos cumpri-lo, e talvez — *talvez* — fique tudo bem.

Faço um gesto para ele atender.

Ele pisca algumas vezes antes de se sentar na beira da cama, de costas para mim, e atender a ligação em voz baixa. Fecho os olhos e ouço vagamente, mas ele aumenta o volume da voz segundos depois, chamando minha atenção.

— Tá falando sério?

Thomas balbucia mais algumas frases e desliga, virando-se lentamente para mim.

— O que foi? — pergunto, afoita, mas já sei que é o fim da nossa noite juntos antes mesmo de ele responder.

Já sei que é o nosso fim.

— É o Lorenzo — diz, incrédulo. — Ele está pronto pra me encontrar.



CAPÍTULO 29

Thomas

Lorenzo Castellucci é só um menino.

Se alguém tivesse dito isso de mim quando eu tinha vinte e um anos, eu não teria levado numa boa. Nessa época eu já era adulto a ponto de ter uma Superlicença, uma vaga na Fórmula 1 e mais dinheiro do que podia gastar. Como alguém me consideraria um menino?

Hoje em dia eu entendo, porque estou olhando para alguém que tinha os exatos privilégios que eu e não fazia ideia do que o universo poderia lhe reservar. Mas ele sabe agora. E muito bem.

O centro de reabilitação fica quase no lado italiano da fronteira com a Suíça, aninhado no sopé das montanhas em um complexo tranquilo. Passei por pelo menos três pontos de controle de segurança para chegar ao quarto de Lorenzo, e há um homem vestido de preto do lado de fora da porta, esperando para me escoltar de volta ao saguão quando terminarmos. Não existe a menor chance de sair perambulando por aqui, não em um lugar onde um quarto privativo custa quase cem mil euros por mês.

No entanto, considerando que Lorenzo está de pé — sim, *de pé* — na minha frente, os cuidados aqui devem ser nada menos que milagrosos.

Ele segura um andador com tanta força que os nós de seus dedos estão quase brancos. O choque certamente está estampado no meu rosto, pois ele se apressa a dizer:

— Não acredite em tudo que ouve a meu respeito.

E não vou mais acreditar mesmo, considerando que a última e mais recente notícia era de que ele estava paralisado da cintura para baixo por causa do acidente. Talvez esse tenha sido o prognóstico por um tempo, até que os cirurgiões pudessem aliviar a pressão em sua medula

espinhal com cuidado e reparar os danos ao redor. E considerando a cena que se desenrola à minha frente, devem ter conseguido.

Passei a viagem de dezesseis horas até aqui me perguntando que versão de Lorenzo eu encontraria. Quando não estava pensando nisso, estava sentindo uma culpa angustiante por ter que deixar Stella de repente daquele jeito. Mas eu não estaria na Itália neste momento se não fossem as maquinações da minha esposa, além de ela ter literalmente me empurrando da cama para me fazer chegar aqui antes que Lorenzo mudasse de ideia sobre me ver.

— Pode entrar. — Lorenzo indica com a cabeça as duas poltronas perto da janela ampla, com vista para a paisagem nevada. — Senta aí.

Hesito, esperando que ele se vire e vá primeiro na direção das poltronas. Seus movimentos são lentos e calculados, apoiados pelo andador, mas ele consegue se virar bem. E anda sozinho.

Quero perguntar se ele está com dor ou se precisa de ajuda, mas minha boca permanece fechada, já que não quero correr o risco de dizer a coisa errada sem querer. Tento não ficar encarando quando finalmente me sento e espero até que ele faça o mesmo. O amontoado de bandagens sob sua camiseta sugere uma cirurgia recente, e pela careta que vejo em seu rosto, a recuperação não está sendo fácil. Essa jornada ainda é recente para ele, mesmo que já faça quatro meses desde o acidente.

— Obrigado por me receber — digo, assim que ele se acomoda na poltrona.

Lorenzo se recosta, relaxando nas almofadas, e me avalia em silêncio.

— Obrigado por encurtar suas férias pra vir aqui. — Mais uma vez, minha surpresa deve transparecer, porque Lorenzo solta uma risadinha de desdém bem sutil. — Acha mesmo que não saíram fotos suas e da sua esposa na praia? Os paparazzi não descansam. Você sabe disso mais do que ninguém.

E sei mesmo. Isso explica o alto nível da segurança por aqui, o que, por sua vez, explica por que ninguém vê um único fio de cabelo de Lorenzo há meses. Ele se isolou para garantir que ninguém o visse. O círculo dele deve ser pequeno e leal, já que nada vazou.

Mas, de alguma maneira, ele permitiu que eu entrasse.

— E como vai a esposa? — pergunta Lorenzo, inclinando a cabeça para o lado. O movimento o faz parecer ainda mais jovem, os cachos escuros caindo na testa como os de um menino que se recusou a deixar a mãe cortar seu cabelo. — Ainda é estranho te ver casado.

O sotaque italiano dele e seu charme inerente fazem o insulto soar quase como um elogio.

— Sei que pegou muita gente de surpresa — admito —, mas ela está bem. As coisas andam… muito bem.

Poderiam estar melhores se tivéssemos tido a chance de conversar antes de eu pegar um avião às pressas. A insistência dela para que eu viesse foi o motivo para eu não ter perdido tempo, e tento não ler as entrelinhas. Será que ela insistiu tanto porque me queria longe? Ou insistiu porque sabia o quanto eu queria — *precisava* — que esse encontro com Lorenzo acontecesse?

Não faço a menor ideia. Só sei que, no segundo em que eu pousar em Londres, ela e eu vamos ser obrigados a discutir os rumos do nosso relacionamento.

Achei que uma noite juntos ajudaria a dissipar a tensão, a me fazer parar de desejá-la e a apagar a chama que ardia incessantemente em meu peito.

Estou percebendo aos poucos, porém, que uma noite só com Stella nunca seria o suficiente. Fui burro em pensar que seria, e mais burro ainda em sugerir uma coisa dessas.

Lorenzo me encara por mais um momento, o semblante indecifrável.

— Eu sei que você não veio aqui pra bater papo — diz ele, finalmente.

— Não, não vim. — Respiro fundo. — Na verdade, vim até aqui para saber como você está.

— Ah, só isso? — pergunta ele, o insulto bem nítido desta vez.

— É a parte mais importante. — Não faz sentido ser nada além de franco com ele. — Mas eu também queria te pedir um favor.

Ele se cala, mas não espera que eu continue. Então, lança um olhar para a janela, contraindo o maxilar e provavelmente se perguntando se cometeu um erro ao me convidar para visitá-lo.

— Já sei o que vai pedir. — Ele me encara de novo, e vejo uma resignação no fundo de seus olhos. Vejo raiva também, mas não sinto que é direcionada a mim. — Em breve devo fazer uma coletiva de imprensa para explicar as coisas. Quero fazer as pazes publicamente. As pessoas precisam parar de te culpar por algo que foi culpa minha.

Arqueio as sobrancelhas, mas ele balança a cabeça, evitando minhas perguntas.

— Você não deveria ter dito o que disse — começa ele —, mas eu não deveria ter te dado motivo pra dizer aquilo.

Deixo aquelas palavras se acomodarem em minha mente. É uma admissão enorme, demonstra amadurecimento. Seis meses atrás, o cara estava rindo depois de quase ter me matado. Logo em seguida, quando pedi desculpas pelo vídeo vazado, veio jogar na minha cara que, se eu

fosse um piloto melhor, não teria batido nas barreiras ao primeiro sinal de uma pequena disputa.

Ouvi-lo assumir a responsabilidade pelo que fez é inesperado, mas bem-vindo. Só odeio que a atitude tenha sido motivada por tanta dor.

— Tenho que dar um jeito nessa bagunça que fiz. — Ele faz uma pausa e umedece os lábios. Por um momento, parece tão jovem e perdido que sinto vontade de colocar a mão em seu ombro, mas então ele levanta cabeça, e o ar contrito desaparece, dando lugar à velha arrogância de alguém que tem o rei na barriga. — Mas não vá esperando muita coisa. Algumas pessoas vão te odiar para sempre, mesmo que eu diga o contrário.

Solto um suspiro e assinto, aceitando o fato. A vida é assim quando você está sob o escrutínio do público. Mas é melhor quando você não dá brecha para te odiarem.

— Seu companheiro de equipe te fodeu feio com essa — termina Lorenzo, me olhando com pena. — Não precisava ter sido assim.

Quase concordo com a cabeça de novo, mas congelo ao registrar as palavras.

— Espera, o quê?

A pena se transforma bem rápido em confusão.

— Você não sabia? — Ele espera que eu balance a cabeça em negativa antes de explicar: — Foi o Arlo Wood quem vazou o vídeo. — Lorenzo diz isso como se fosse de conhecimento geral. — Foi ele quem filmou também.

— Não, isso não é… — interrompo-o, soltando uma risada nervosa. — Não pode ser verdade.

Não só não pode ser verdade como também não faz o menor *sentido*. Por que Arlo prejudicaria minha carreira daquele jeito? Temos nos dado bem como companheiros de equipe nos últimos dois anos. Não somos melhores amigos e definitivamente ainda competimos um contra o outro, mas sempre trabalhamos em sintonia. A gente se dá bem. Então por quê, além de fazer isso comigo, ele colocaria a si mesmo em risco? Qual o benefício?

— Tem certeza de que não foi o nosso piloto reserva? — sugiro, porque é alguém que teria motivos. — Finley Clarke?

Lorenzo balança a cabeça.

— Foi o Arlo.

A sala começa a girar conforme tento juntar as peças. Mas não importa o quanto eu tente, nada se encaixa.

— Você não sabia mesmo — murmura Lorenzo. — Achei que a notícia já teria chegado até você a essa altura.

— Chegado até mim? — repito, incrédulo. — Como *você* descobriu uma coisa dessas?

Ele contorce os lábios em um sorriso irônico.

— Posso não gostar de ser filho de um campeão mundial, mas as pessoas tendem a me contar mais coisas por causa disso. Acham que estão me impressionando, tentando se aproximar de mim. Arlo praticamente se gabou do que fez.

Por mais que eu não queira acreditar nisso… acabo acreditando. Arlo adora se exibir, adora impressionar qualquer um que puder, ainda mais alguém que considere mais impressionante do que ele mesmo. E já que os dois vieram da F2 juntos, talvez ele achasse que existia algum tipo de camaradagem ali, algo que Lorenzo, aliás, está deixando claro que nunca existiu.

Mas, falando em camaradagem, talvez Finley não tenha tido participação direta na situação, mas pode ter pedido para Arlo fazer isso. Afinal, eles já foram companheiros de equipe, e com Finley desesperado para entrar na F1, existe uma chance de que isso tenha sido um esforço conjunto para acabar comigo. Ainda assim, a culpa é de Arlo.

Seja como for, e a despeito do motivo que o levou a fazer isso comigo, o estrago já está feito. Se ele fez isso para me tirar da McMorris, ainda pode conseguir, mesmo com a tentativa de Lorenzo de ajudar.

— *Caralho* — suspiro.

Lorenzo me lança um olhar com um resquício de empatia.

— Acho que a próxima temporada vai ser interessante pra vocês dois.

Dou uma risada irônica. Isso é eufemismo. Não sei como vou olhar na cara de Arlo depois disso, muito menos resistir à vontade de estrangulá-lo quando voltarmos à fábrica para o trabalho de pré-temporada.

— Estou quase decepcionado por não poder testemunhar.

O mundo para de girar novamente com a lembrança de que Lorenzo não vai ter uma nova temporada. Pode até estar de pé e conseguir andar, mas isso não significa que possa voltar para o carro como se nada tivesse acontecido. Não sei o suficiente sobre a lesão dele nem sobre a recuperação para concluir se *poderia* ou não voltar a competir, mas não quero fazer essa pergunta.

— Se você pudesse — disparo —, gostaria de correr de novo?

Lorenzo leva apenas um segundo para pensar.

— Não.

— Não? Tá falando sério?

— É um clichê do caralho — admite ele —, mas esse nunca foi o meu sonho. Era o sonho do meu pai. Ele queria que eu continuasse o legado dele. Tinha toda essa… expectativa depositada em mim.

O comportamento de Lorenzo agora faz sentido de uma forma que nunca imaginei que faria. Não faço ideia da pressão de estar à altura do legado de um tricampeão mundial, de carregar o peso do nome Castellucci.

— Fico feliz por ter me livrado desse peso — conclui Lorenzo, e embora eu não duvide nem um pouco disso, o jeito como ele desvia o olhar me faz pensar se está mesmo me contando toda a verdade. — Enfim. O Reid te avisa quando a entrevista for publicada.

A dispensa fica clara. Hesito apenas por um instante antes de me levantar da poltrona. Lorenzo continua sentado, o andador entre nós, mas me acompanha com os olhos.

— Obrigado por me receber. — Quase ofereço a mão para cumprimentá-lo, mas penso duas vezes. Não temos esse tipo de relacionamento, esse tipo de dinâmica, e duvido que algum dia teremos. — Me avise se houver algo que eu possa fazer por você. E desculpa mesmo pelo que disse. Você não merecia isso.

O sorriso que ele abre mal levanta os cantos de sua boca. Não é uma demonstração de alegria. É um sinal de aceitação.

— Mas você não estava assim tão errado, estava?

— Não totalmente — admito, encontrando e sustentando o olhar dele. — Mas estava, sim, em boa parte.

A expressão firme de Lorenzo vacila, e um resquício daquela vulnerabilidade infantil retorna. É muito triste vê-lo desse jeito, e mesmo depois que ele volta ao normal, continuo com uma sensação horrível.

Só posso torcer para que os próximos capítulos dele sejam melhores que os anteriores.



Stella está na cozinha quando chego em casa.

Estou sem a menor noção de tempo, mas o sol e a neblina sinalizam que está cedo, e meu celular diz que acaba de passar das oito da manhã de uma quarta-feira. Com o *jet lag* que estou, fica parecendo que nunca viajei na vida, e não que viajo pelo mundo toda semana.

É como se eu estivesse entrando em um sonho quando apareço na cozinha. Stella está curvada na frente do forno usando o avental que me deu de Natal. Quando ela se levanta, vejo que segura uma forma de muffins em uma das mãos enluvadas e está com um sorriso largo no

rosto. Se alguém tivesse me dito que voltar para casa e encontrar minha esposa seria assim, eu teria me casado acidentalmente antes.

— Espero que goste de muffin de mirtilo — diz ela, o que não é exatamente a primeira frase que eu gostaria de ouvi-la dizer se isso fosse mesmo um sonho, mas aceito. — Achei que fosse querer uma coisinha gostosa quando voltasse pra casa. — Ela coloca a bandeja na bancada e tira a luva de forno, a aliança brilhando sob as luzes. — Desculpa, não é *spotted dick*, mas não tenho moral pra fazer um prato com um nome tão horrível.

A risada que deixo escapar soa tão natural quanto respirar, tudo porque foi Stella quem a inspirou.

— Tá perdoada — digo a ela. — Isso aqui já é tudo que eu poderia querer.

A única coisa de que eu precisava era da presença dela. Vê-la aqui é mais do que suficiente.

— Como foi? — pergunta ela enquanto tira os muffins fumegantes da forma, um por um.

A pergunta é casual, mas consigo sentir como ela está ansiosa para saber. Puxo um banquinho perto da ilha e me sento.

— Correu tudo bem, na medida do possível. Tive a chance de me desculpar, e Lorenzo também se desculpou. Ele vai dar uma entrevista em breve e disse que vai deixar claro que não guarda rancor de mim. Não sei se isso vai ajudar muito na minha reputação, mas fico feliz por termos conversado.

Parte da preocupação no semblante dela desaparece.

— Isso é muito bom. E como vai a recuperação dele?

— Melhor do que eu esperava. Ele estava de pé e andando. Não vai pilotar uma F1 tão cedo, mas também não parecia ansioso para voltar. Acho que desistiu de correr.

— Uau. — Stella enxuga as mãos no avental antes de desamarrá-lo lentamente, como se estivesse tentando absorver aquilo. — É uma decisão muito importante, estando ou não lesionado.

É, e passei bastante tempo no voo para casa refletindo sobre minha vontade de permanecer no grid. Ainda mais com a outra bomba que Lorenzo soltou.

— Fiquei sabendo de outra coisa interessante — digo, e Stella ergue as sobrancelhas, curiosa. — Foi o Arlo quem vazou o meu vídeo.

— Seu companheiro de equipe? — pergunta ela, perplexa.

— O próprio.

Ela arranca o avental pela cabeça.

— Chega, vou matar aquele embustezinho de merda.

Tentando não abrir um sorriso grande demais, ergo a mão para impedi-la enquanto ela marcha em direção ao meu lado da ilha.

— Agradeço pela disposição a defender minha honra, mas não vai ser necessário.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Por quê? Planejou alguma coisa pra ele? Já contou pra equipe?

— Não, e não vou contar. — Ao vê-la recuar, explico: — Ele vai acabar tendo o que merece uma hora ou outra. E quem sabe talvez Lorenzo diga alguma coisa. A melhor coisa que posso fazer é manter distância.

Stella não parece satisfeita, mas concorda mesmo assim.

— É, acho que a última coisa de que você precisa é sua esposa correndo atrás dele — resmunga.

Sinto um arrepio ao ouvi-la se referir a si mesma como minha esposa. O fato de ter dito isso e me recebido em casa com tanto carinho, ainda que não tenha tentado me abraçar, beijar ou tocar, significa mais do que ela imagina. Talvez esteja querendo que seja eu a tomar a iniciativa e demonstrar que ela não é a única contente por estarmos juntos de novo.

Estendo o braço e a seguro pela cintura, puxando-a para mim até que esteja entre meus joelhos. Comigo sentado e ela descalça, ficamos cara a cara. Consigo ver cada centímetro do rosto pelo qual estive desesperado durante todo o tempo em que ficamos separados.

— Senti sua falta — confesso.

Stella sorri e coloca as mãos no meu peito, mas vejo algo distante em seus olhos.

— Foram só três dias.

— Três dias além do que eu aguento. Não queria nem ter ido embora, pra começo de conversa.

Não queria tê-la deixado naquela cama, nua e satisfeita, parecendo um sonho. Não queria abrir mão da nossa única noite juntos. Mas o que me fizera sair havia sido a esperança de retomarmos o assunto e transformarmos aquela única noite em algo mais duradouro.

— Que fofo — diz ela, mas sem retribuir.

Quando desvia o olhar por um breve momento, sou tomado pela sensação de que as coisas não vão acontecer como eu queria.

— Será que a gente pode conversar? — pergunto bem rápido, antes que ela tente escapar. — Sobre a gente?

Ela fica calada e me encara, sem piscar, uma guerra que mal consigo ver acontecendo atrás de seus olhos. E então Stella responde:

— Acho que não temos nada pra conversar.

Não afasto as mãos dela, mas afrouxo um pouco o abraço. Como ela pode dizer que não temos nada para conversar quando temos um

milhão de coisas para resolver?

— Ah, qual é… — zombo, tentando ler em seu rosto qualquer sinal de que está brincando comigo, mas sem sucesso. — Não podemos deixar as coisas desse jeito. Nós não… — *Não encerramos o assunto, não combinamos pra onde iríamos a partir daqui, não nos demos a chance de explorar todas as possibilidades*. — Não tivemos uma conversa.

— Não é necessário — diz ela em um tom gentil, mas é como se estivesse me pisoteando. — Já tínhamos definido os parâmetros do que ia rolar. Conversar só vai complicar as coisas.

E *não* conversar vai *facilitar*? Ela não enxerga que isso não faz o menor sentido?

— Definimos que seria só aquele dia, Thomas. — O tapinha que ela dá no meu peito tem a intenção de me consolar, me mostrar que não há ressentimentos. Em vez disso, é como se ela estivesse cravando um cinzel na rachadura que se formou no meu coração, partindo-o ao meio. — Vamos deixar por isso mesmo.

— Tá bom. — Não é o que eu quero dizer. Não mesmo. Quero exigir que ela me ouça. — Entendido.

Recebo um sorriso forçado em resposta, e a distância em seus olhos aumenta. Ela está tão longe que, mesmo quando se inclina para beijar minha bochecha, não sinto nada.

— Agora preciso ir — anuncia ela ao endireitar o corpo. Eu a solto quando ela dá um passo para trás e me pergunto se essa terá sido a última vez que a tocarei longe dos olhos do público. — Vamos assinar o contrato de aluguel para a nova loja da Stella Margaux hoje. *Mal posso esperar* pela inauguração!

Ela age como se tudo estivesse perfeitamente normal, como se não tivesse tirado do meu mundo a cor, o som e a luz que ela trouxe. Quero ficar feliz por ela, ser o parceiro que ela merece, mas não consigo fazer mais do que encará-la e assentir.

— Te vejo mais tarde, tá? — diz ela por cima do ombro, e se dirige à porta.

Stella já foi embora antes que eu possa responder, mas, verdade seja dita, acho que ela nunca esteve aqui de verdade. A mulher que conheço não é aquela com quem acabei de falar. Essa aí era uma desconhecida… a estranha ao lado de quem acordei em Las Vegas meses atrás. Não é a mulher que afirmou ser minha. Nunca foi.

E ela acabou de deixar claro que nunca será.



CAPÍTULO 30

Stella

Partir o próprio coração é uma droga.

No último mês, venho me esforçando bastante para não pensar no buraco que foi reaberto em meu peito. A ferida está pior desta vez, doendo e sangrando, ameaçando me envenenar. Mas contanto que eu consiga seguir em frente, contanto que a adrenalina nunca passe, vou sobreviver.

Mergulhar de cabeça no trabalho foi o caminho mais fácil. Com a inauguração da loja nova marcada para a primavera, a lista interminável de tarefas me manteve ocupada e me deu um motivo para evitar Thomas. Eu sabia que teria que fazer isso no segundo em que ele me deu um beijo de despedida nas Maldivas e disse que conversaríamos quando chegássemos em casa. Se eu não tivesse agido a tempo, seria o fim do jogo para mim: eu me apaixonaria por ele.

Ia me perder de novo.

Escapei desse destino por um triz, mas, pensando bem, talvez não tenha escapado de fato, a julgar pelo vazio que sinto no peito. Foi assim que fiquei também quando Étienne foi embora, mas não de um jeito tão intenso. Atribuo isso ao fato de nunca ter me curado por completo da primeira vez, então essa segunda fratura acabou agravando a situação. Não é de admirar que tudo em mim pareça meio errado.

Ficar evitando Thomas tem sido uma tortura, mas é a única maneira de sobreviver a isso. Nossa conexão fácil e nossa amizade crescente se foram. No lugar delas, ficaram as conversas artificiais e a educação exagerada. Agimos mais como dois estranhos agora do que na noite em que nos conhecemos.

Talvez se ele não tivesse ido ver Lorenzo… se eu tivesse pedido para ele deixar o garoto esperando, as coisas teriam sido diferentes. Mas eu sabia que ele precisava ir. Aquela conversa foi mais importante do que qualquer coisa que ele e eu tivéssemos a dizer um ao outro. E eu sabia que não dava para renegar o acordo que fizemos de voltar a seguir as regras; do contrário, eu nunca teria sido capaz de ignorar o calor que sinto com ele.

Então, fiquei só olhando enquanto ele se afastava e tudo desmoronava.

Agora faltam duas semanas para um casamento que não sei se quero ter, e mal consigo olhar meu marido nos olhos. Não vai ser nada bom quando estivermos na frente das centenas de pessoas que a mãe de Thomas convidou, incluindo toda a minha família, que já acha que me casei pelo motivo errado. Quem é que vai acreditar que estamos perdidamente apaixonados se não trocamos mais do que um "oi" e um "até logo" nas últimas semanas?

Vai ser um desastre. Comecei a evitar as ligações de Janelle e Mika só para não ter que falar sobre o casamento e o que sinto a respeito disso, muito menos o que sinto em relação a Thomas. Não quero ter que dissecar esse assunto e encarar a possibilidade de ter estragado tudo me distanciando dele. Mas o que mais eu deveria fazer? Ficar por perto e me meter na pior situação possível? Deixar meu coração me guiar, em vez da minha cabeça?

De jeito nenhum. Já fiz isso uma vez e fui abandonada no altar. Não vou arriscar de novo.

Posso até estar evitando minhas melhores amigas, mas ao receber uma mensagem de Amara perguntando o que vou fazer hoje quando estou prestes a sair para uma última visita à nova loja da Stella Margaux, não hesito em enviar o endereço e dizer para ela me encontrar lá.

Nós temos conversado tanto quanto Thomas e eu, ou seja, quase nada. Ela, Joshua e eu voltamos juntos das Maldivas para o Reino Unido, mas só trocamos algumas mensagens desde então, geralmente fotos de férias e memes que nos lembravam uns dos outros. O fato de ela ter entrado em contato comigo parece algo que eu não deveria ignorar.

— Esse lugar é *maravilhoso* — elogia Amara, observando o espaço. Ela inclina a cabeça para olhar o mural quase concluído no teto. — Como você consegue fazer todas as suas lojas parecerem um sonho?

— Contrato pessoas que têm mais criatividade nos dedos mindinhos do que eu no corpo inteiro — revelo. — Conto minhas ideias, e elas dão vida a tudo.

Todas as lojas da Stella Margaux têm uma vibe semelhante, com decoração suave em tons pastel, arte personalizada que lembra retratos renascentistas e vitrines em que os doces parecem flutuar em nuvenzinhas. Quero que as pessoas entrem e se sintam transportadas para um lugar mágico e onírico, talvez até um pouco sobrenatural.

— Muito inteligente — elogia Amara, abaixando a cabeça e olhando para mim. — O Thomas me contou que você está trabalhando no cardápio de verão. Disse que sente falta de ser seu degustador, agora que você está trabalhando aqui em vez de em casa.

Tento não estremecer ao ouvir o nome dele e as indiretas bem diretas que ela está mandando. Sabia que o assunto viria à tona em algum momento, mas esperava que fosse demorar um pouco mais.

— Acabei de finalizar o cardápio, na verdade — respondo, optando por ignorar a menção a ele. — Vou te mandar pra casa com algumas amostras. Tem um de torta de limão que eu sei que você vai adorar.

— Thomas disse que o favorito dele era um de laranja-de-sangue com creme de baunilha.

Desta vez, o comentário vem acompanhado de um olhar penetrante enquanto ela diz o nome do amigo. Não acredito que fui boba de pensar que ela entrou em contato só por pura simpatia, porque essa aqui é uma situação bem diferente. Ela veio com a missão de apurar os fatos. E, por mais que eu odeie isso, respeito. Faria o mesmo pelos meus amigos.

Suspiro e me jogo num sofá azul-claro feito de pelúcia junto à parede.

— Vamos ter que falar sobre ele, né?

Amara se senta ao meu lado e dá uns tapinhas no meu joelho, me fazendo abrir espaço para ela se acomodar.

— Não seria necessário se você mesma falasse com ele, mas pelo jeito você está decidida a evitá-lo.

— Não estou, não — protesto, mesmo sabendo que é uma mentira descarada. — Só ando ocupada, como você pode ver. Isso aqui tem tomado todo o meu tempo.

— Tão ocupada que não consegue trocar mais que algumas palavras com o seu *marido*?

Franzo o nariz, odiando saber que ela tem noção de tudo isso, mas é uma das melhores amigas de Thomas. É claro que ele contou para ela. Se eu não estivesse evitando o julgamento das minhas próprias amigas, teria contado a elas também.

— A verdade é que não temos o que conversar — digo, sem acreditar muito no que acabei de dizer. — Somos um casal estritamente platônico que mora na mesma casa e leva vidas separadas.

— Gata, você mente muito mal. Tenta de novo.

Resmungando, deixo a cabeça cair contra a parede.

— Ai, tá bom. O Thomas te contou sobre nossa última noite nas Maldivas, não foi? — Espero até ela concordar, e sinto o rosto esquentar só de pensar que ela sabe alguma coisa sobre minha vida sexual, mas tenho certeza de que Thomas não compartilharia nenhum detalhe explícito. — Bom, a gente combinou que seria uma situação única, depois voltaríamos a seguir nossas regras. E foi exatamente o que fizemos.

Amara me avalia, semicerrando os olhos escuros.

— E era isso que você queria?

— Foi o que a gente combinou.

— Não foi isso que eu perguntei.

Eu me irrito, tentada a mandá-la cuidar da própria vida.

— E faz diferença?

Ela suaviza a expressão.

— Claro que faz. Como você se sente em relação a ele?

Não tem ninguém me forçando a responder às perguntas dela, muito menos a dizer a verdade, mas tenho reprimido isso há muito tempo e estou prestes a explodir.

— Eu gosto dele, Amara — sussurro. — Muito.

Ela estende a mão e aperta meu braço, satisfeita com a minha resposta, embora eu saiba que seu sorriso vai sumir rapidinho quando eu terminar meu raciocínio.

— Mas não posso colocar tudo isso a perder. — Engulo em seco, o nó crescente na garganta. — Esse casamento não pode ser nada além de falso.

Ela retira a mão como se tivesse se queimado.

— Você só pode estar zoando…

— Estou falando sério — declaro. — Minha vida inteira virou de cabeça pra baixo por causa do último homem com quem me relacionei. Se isso acontecesse de novo, ainda mais tão cedo, não acho que eu… — interrompo, sufocada pelas lágrimas iminentes que preciso lutar para conter. — Não sei se algum dia vou ficar bem de novo. E estou… com medo. Aterrorizada pra cacete, na verdade.

Amara suspira antes de levar os joelhos ao peito e abraçá-los. Ela fica em silêncio, deixando minha confissão se instalar no ambiente conosco, e volta o olhar para o mural. Eu me junto a ela, grata pela distração enquanto admiro a dedicação dos artistas ao fazer o trabalho. Ainda não terminaram, mas o que executaram até agora é magnífico — um lindo trabalho em andamento.

— Sei que ainda estamos nos conhecendo — murmura Amara finalmente —, mas tenho a nítida sensação de que você está se esforçando muito pra ser perfeita. E entendo, porque eu mesma costumava me sentir assim. Achava que eu tinha que ser perfeita e provar para os outros o quanto era digna do tempo, da atenção, da admiração deles. Tudo isso pra fazer alguém me querer.

Fico em silêncio, e ela contorce a boca em um sorriso irônico, as palavras reverberando bem lá no fundo, dentro de mim, por mais que eu odeie isso.

— Mas, Stella — diz ela —, nada disso importa. As pessoas que te querem na vida delas vão te aceitar do jeito que você é. Vão te valorizar do jeito que você merece. Quem não te valorizar nunca foi feito pra estar ou ficar na sua vida.

Pisco algumas vezes, afastando as lágrimas.

— E você acha que o Thomas me quer na vida dele desse jeito?

Ela solta uma risada irônica, quebrando um pouco da tensão.

— Claro que quer. O cara é obcecado por você.

E acho que posso confiar na opinião dela em relação a isso, já que ela e Thomas são próximos. Por outro lado, saber disso só aumenta minhas suspeitas quanto a este encontro.

— Ele te pediu pra vir falar comigo?

Desta vez, Amara é quem joga a cabeça para trás e gargalha por tanto tempo que quase começo a me preocupar. Finalmente, seca os olhos e me lança um olhar que diz *gata, você só pode estar de brincadeira.*

— Se ele soubesse que eu vim até aqui, me mataria. E quando digo que me mataria, quero dizer que ele escreveria uma carta com palavras muito fortes e me perdoaria depois de um dia, mas, pra ele, isso já seria bem agressivo.

Estremeço um pouco, porque, sim, é exatamente esse o homem por quem me apaixonei. Acho que não mudaria nada nele.

— Se ele é tão obcecado, por que não tentou lutar por mim? — digo, irritada. — Se ele não gostou da minha insistência em voltarmos a seguir as regras, algo que foi *ele* que sugeriu, aliás, era só ter me falado.

Amara me encara como se eu não fizesse ideia da situação.

— É *justamente* por ele te respeitar que não falou nada, Stella. Esse é o tipo de homem que ele é. Quando você diz não, ele toma como uma resposta final porque entende que não precisa de justificativas. Mas se der a ele um único motivo pra lutar por você, é o que ele vai fazer.

— E acha que eu não dei?

Ela pensa um pouco.

— Acho que você tem sido tão firme na sua posição que ele acredita que não tem como te fazer mudar de ideia. Mesmo que ele te dissesse como se sente, você não levaria isso em consideração na hora de tomar as suas próprias decisões.

Ergo os ombros.

— Nossa, *credo*. Eu não sou *tão* má assim.

Só que… talvez eu seja. Existe uma chance de eu tê-lo feito se sentir ignorado e desvalorizado. Quer dizer, as regras foram todas criadas por mim, com pouca contribuição dele. E talvez eu tenha me saído mal em retribuir os momentos de gentileza e ternura que ele sempre me demonstrou. Somando tudo, eu fico parecendo a vilã mesmo — tudo porque estava tentando evitar mais decepções.

Pelo jeito te ajudou bastante, considerando que agora você tá na merda!

— Nunca disse você que era — corrige Amara, despreocupada. — Mas você precisa dizer a ele como se sente, pelo menos assim os dois vão saber que estão na mesma página.

Bastam alguns segundos de reflexão para eu resmungar e esfregar a testa:

— Você tem razão.

— Claro que tenho. — Ela levanta a cabeça e abre um sorriso presunçoso. — Eu conheço o Thomas desde que ele era um merdinha irritante de calça curta. E, se você for sincera com ele, posso garantir que sua vida vai ficar muito mais fácil.

Tenho certeza de que ela também está certa a respeito disso.

— Tá bom. — Respiro fundo, me preparando para o que precisa ser feito. — Vou falar com ele em breve.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Hoje mesmo, talvez? À noite?

Dou um tapa na perna dela antes de me levantar.

— Não me apressa. Além disso, ele anda ocupado com todas as coisas da pré-temporada, e não quero distraí-lo. Preciso encontrar o momento certo, torná-lo especial.

E, o mais importante de tudo, fazer com que *ele* se sinta especial.

— Meu Deus, você é ainda mais romântica do que ele! — reclama ela. — Vocês formam um casal perfeito.

Apesar da provocação, sorrio comigo mesma e viro o rosto para que ela não veja.

É hora de seguir a regra número um. Hora de parar de guardar segredos.



Mais uma semana se passa antes que eu, covarde, me sinta ao menos um pouco preparada para falar com Thomas.

Entre a minha covardia e a agenda repentinamente agitada dele, ter um momento orgânico juntos tem sido impossível. Thomas passa mais tempo na sede da McMorris do que em casa, preparando-se para o início da temporada no final do mês. Minha agenda de trabalho também não ajuda. Adicione as provas do vestido e mil outros detalhes do casamento que Iris joga no meu colo, e é incrível que eu esteja tendo chance de dormir.

Hoje à noite, no entanto, Thomas finalmente vai estar em casa. E vamos poder conversar.

Na cozinha, me pego lançando olhares para o relógio quase de minuto em minuto, torcendo para que o tempo passe depressa. O jantar está no forno, e a sobremesa favorita de Thomas está fumegando no fogão, porque, sim, eu também finalmente tive coragem de tentar fazer *spotted dick*. Até passei uma hora no Waitrose procurando por todos os ingredientes certos. Sério, quem cozinha com sebo e frutas secas hoje em dia?

Estou prestes a começar o creme de confeiteiro quando meu celular vibra no bolso do meu avental. Ou melhor, no bolso do avental de Thomas. Sei que ameacei várias vezes jogar esse treco com a bandeira do Reino Unido no lixo, mas ele ganhou meu coração. Assim como Thomas.

Meu coração dispara só de pensar que pode ser ele me mandando mensagem. Em mais uma atitude ousada, mandei uma mensagem para ele hoje de manhã dizendo que cozinharia à noite e que queria conversar durante o jantar, se ele estivesse livre. Recebi uma resposta menos de trinta segundos depois dizendo que ele estaria em casa às oito.

São sete horas agora, então talvez seja um aviso de que ele está a caminho. Se for, agradeço a consideração, assim consigo me programar com mais precisão. Quero que tudo saia perfeito.

Mas, quando pego meu celular, não é o nome de Thomas que aparece na tela.

ÉTIENNE: Será que a gente pode conversar?



CAPÍTULO 31

Thomas

Vou me atrasar para o jantar com Stella, e a culpa é do maldito do Arlo Wood.

Normalmente, eu respeitaria a dedicação dele em se manter informado quanto às especificações do carro para a temporada, mas hoje minha vontade é só tapar a boca dele e mandá-lo parar com as perguntas. De qualquer maneira, os testes de pré-temporada no Bahrein só começam daqui a duas semanas e meia. Teremos bastante tempo para conversar com os engenheiros até lá. Nada disso precisa ser discutido hoje.

Eu ainda iria querer calar a boca desse garoto mesmo se Stella não estivesse me esperando, até porque a voz de Arlo tem sido o som mais irritante do mundo nos últimos tempos. Sei que é o meu recém-descoberto desgosto causando isso, tudo bem, mas ele é como um cachorro irritante latindo sem parar.

— Vamos encerrar as coisas por aqui — anuncia o chefe da equipe, então me levanto da cadeira e me retiro da mesa de conferências num piscar de olhos.

Não me importo se alguém vai me achar grosseiro por ter me despedido só com um aceno discreto e ido embora. Tenho um compromisso importante, uma conversa muito aguardada. A mensagem de Stella mais cedo quase fez meu coração parar. Dizer que foi inesperado seria o eufemismo do século, considerando que ela tem se esforçado bastante para me evitar ultimamente.

Uma parte de mim ficou tentada a ignorá-la do mesmo jeito que ela tem me ignorado. Foi uma reação mesquinha e infantil que não tem

nada a ver comigo, mas foi o que a rejeição dela despertou em mim, esse desejo incontrolável de fazê-la se sentir tão desconfortável quanto eu.

Mas isso seria injusto, então respondi a mensagem assim que a sensação passou e disse que estaria lá às oito. Tenho ficado nos dormitórios da equipe nos últimos dias, e essas reuniões noturnas não são um problema quando tudo o que preciso fazer é dirigir dez minutos na mesma rua, mas, se eu quisesse chegar a Londres antes das oito, deveria ter saído meia hora atrás. Já são sete horas, então, se não tiver trânsito e eu ultrapassar alguns — ok, *muitos* — limites de velocidade, talvez chegue só uns minutos atrasado.

— Thomas! Espera um segundo.

Reviro os olhos e não desacelero ao ouvir o grito de Arlo.

— Tenho compromisso, Wood.

Ele vem atrás de mim, apressado, e logo me alcança.

— Nossa, nossa. Um velhote desses, saindo à noite?

— Mais ou menos — respondo, olhando para a frente ao empurrar as portas que levam ao saguão.

— Que coisa — percebo o sorrisinho dele pelo canto do olho, mas também vejo que hesita um pouco ao ver que não o retribuo. — Tá tudo bem? Sei que você já é meio estranho em um dia bom, mas passou a semana inteira bem mais esquisito do que o normal.

E qual você acha que é o motivo, seu imbecil traidor?

— Tudo ótimo.

Ele me olha com suspeita, sem acreditar na resposta, mas não dou a mínima para o que ele pensa neste momento. Meu objetivo é sobreviver à temporada como companheiros de equipe, e se ele souber que o papel dele no vazamento do vídeo chegou ao meu conhecimento, terá a justificativa para o meu distanciamento.

— Tudo certo em casa? — pergunta ele, como se tivesse descoberto o motivo da minha chateação. — Já está tendo problemas no paraíso? Vocês dois não *acabaram* de se casar?

Não respondo. Em parte porque ele está certo, mas principalmente porque não é da conta dele e eu não preciso lhe dar satisfação alguma.

— Calma aí, vocês não vão dar uma festa de casamento em breve? — insiste Arlo. — Minha assistente disse que recebeu um convite. Não acredito que você não me entregou pessoalmente. Fiquei magoado, Tommy. Achei que a gente fosse mais próximo que isso.

Meus punhos chegam a coçar para apagar o sorriso presunçoso da cara dele. Como foi que eu pude achar Arlo cativante? O cara é pura bajulação escondida sob a pele de um piloto de corrida.

No entanto, é a menção dele ao casamento que mexe com algo no fundo do meu peito. A data se aproxima cada vez mais. Daqui a cinco dias, Stella e eu vamos declarar publicamente nosso compromisso um com o outro. Ou pelo menos espero que sim, porque, do jeito que as coisas estão, não sei se ela vai querer continuar com isso. Droga, eu não sei nem se ela quer ficar no mesmo *ambiente* que eu.

Pensando bem, ela não me convidaria para jantar em casa se não suportasse olhar na minha cara, não é? Não sei sobre o que ela quer conversar, mas considero um bom sinal que ela esteja cozinhando. Uma mulher que me odiasse certamente não faria uma coisa *dessas*… a menos que esteja tentando achar um jeito de me consolar depois de dizer que não tem intenção de me encontrar no altar.

Porra, preciso ir pra casa.

— Boa noite, Arlo — digo, quando sou atingido pela friagem da noite de fevereiro.

Para a minha sorte, ele entende a indireta, recua e me deixa ir sozinho até o estacionamento. Eu não ficaria surpreso se o cara suspeitasse que descobri os delitos que ele cometeu, mas nenhuma declaração vai sair da minha boca. Ele que fique remoendo as próprias atitudes.

A propósito, ficar remoendo minhas atitudes é tudo que posso fazer ao longo da viagem torturante de volta para Londres, embora, a cada quilômetro, eu sinta meu coração acelerar um pouco mais com a perspectiva de ver Stella. Senti *saudade* dela. Senti saudade das nossas conversas, das nossas manhãs tranquilas e dos nossos jantares juntos. Sei que a culpa não é toda dela pela distância que se abriu entre nós — o trabalho de ambos realmente assumiu o protagonismo nas últimas semanas —, mas tenho me sentido infeliz sem o seu humor contagiante e a sua fé inabalável em mim. Quero tudo de volta. *Preciso* disso de volta. Preciso *dela*.

Quando estaciono e entro pela porta da frente, sinto que estou prestes a explodir, sufocado pela necessidade de confessar tudo que tenho dentro de mim. Vou propor que a gente encare a festa de casamento como uma marca do nosso recomeço. Quero que seja o início da nossa vida como um casal de verdade, não como duas pessoas fingindo. Sim, temos um contrato legal que nos une em matrimônio, mas poderíamos ignorar isso e só… namorar. Aprender um sobre o outro de forma mais natural, sem pretensões nem encenações. Seríamos só nós dois. Sem segredos, sem mentiras e sem fingimento algum.

— Stella? — chamo, e coloco minhas malas no chão, mas não recebo resposta.

Vou andando na direção da cozinha, imaginando que ela pode estar lá, mas encontro o cômodo vazio, à exceção do jantar completo no balcão, incluindo a sobremesa. Já está tudo pronto, mas, ainda assim, não há sinal dela.

A preocupação pesa em meus ombros, tensionando meus músculos, mas me forço a afastá-la. Stella deve estar lá em cima se trocando. Talvez tenha derramado alguma coisa na roupa sem querer e precise vestir algo limpo.

Subo a escada de dois em dois degraus, chamando por ela de novo, imaginando que não deve ter me ouvido chegar ainda. Como não recebo resposta desta vez, a preocupação vai se transformando, devagar, em pavor.

O sentimento se dissipa por um momento quando abro a porta do quarto dela e a vejo, mas volta a me atormentar quando vejo a mala ao lado da qual ela está ajoelhada.

Ela levanta a cabeça, assustada, quando a maçaneta bate na parede, e odeio o pânico que toma conta dos seus olhos ao ouvir o som.

— Desculpa — digo, depressa, mas paro de repente quando a encaro. — O que você tá… o que você tá fazendo?

Ela olha para a mala e retoma a tarefa de colocar as coisas lá dentro.

— Preciso voltar para Washington.

As palavras saem quase como um sussurro, e não são ditas com a confiança habitual. É uma frase… fraca. *Ela* parece fraca, como se algo tivesse arrancado a vida de dentro dela e deixado apenas a casca. É uma Stella que eu nunca tinha visto.

— Você… o *quê*? — Balanço a cabeça, sem entender. Era sobre isso que ela queria conversar comigo? Sei que estou atrasado, mas não a ponto de achar que ela desistiria de esperar e começaria a colocar em prática qualquer plano que tenha traçado sem ao menos me explicar. — O que tá rolando?

Ela não levanta a cabeça, concentrada apenas na tarefa sendo executada, dobrando uma blusa e colocando-a na mala.

— Preciso resolver umas pendências em casa.

Em casa. Nas últimas vezes que ela disse isso, se referia a *esta* casa. Nossa casa. No entanto, além de achar a situação confusa, o que me preocupa é o *timing* dessa partida.

— Nosso casamento é daqui a cinco dias — aponto.

— Eu sei.

Espero, boquiaberto, por mais alguma explicação.

— Tá… — Tento não debochar, mas o tom irônico escapa mesmo assim. — Você volta até lá?

Ou será que é o jeito dela de me dizer que acabou? Que paramos por aqui?

Finalmente, Stella ergue os olhos. A tristeza em seu olhar me pega de surpresa, e minha respiração começa a falhar.

— Não faço ideia — sussurra ela.

— Não *faz ideia*? — repito, incrédulo. Estendo as mãos involuntariamente, implorando em silêncio para ela me deixar entrar e me dizer que diabos está acontecendo. — Stella, o que…

— Tenho umas pendências pra resolver — interrompe ela, mais alto dessa vez, mas ainda não é a voz dela.

Não reconheço a mulher diante de mim. E não sei o que a transformou em…

Não. Eu sei, sim. Se ela vai voltar para Washington e isso a deixou tão destruída, é por causa do ex. Alguma coisa aconteceu entre o convite para jantar hoje cedo e ela estar fazendo as malas agora, e tenho certeza de que tem a ver com ele. As únicas vezes que a vi se fechar desse jeito foram quando alguma atitude minha despertou uma lembrança que o envolvia ou quando eu a pressionava demais para compartilhar o próprio passado.

Fico preso em uma luta interna, então me coloco no chão diante dela, que continua ajoelhada do outro lado da mala. Tento fazê-la olhar para mim.

— Por favor, meu bem. Fala comigo. — Cubro a mão dela, que está sobre uma pilha de roupas, com a minha. — Tá tudo bem?

Ela se cala novamente, lutando para encontrar a resposta certa. Depois de um longo momento, vem a conclusão quase murmurada:

— Vai ficar.

Mas isso não é o bastante. Preciso de mais. Preciso de uma explicação verdadeira sobre o que Étienne disse ou fez para fazê-la rastejar de volta aos Estados Unidos poucos dias antes de termos que provar a todos que nosso amor é real.

— Stella — digo, hesitante, apertando os dedos dela, tentando mantê-la comigo, mesmo que ela já esteja se afastando. — Você não precisa…

— Thomas, agora eu tenho que ir, ok? — interrompe ela. As palavras são apressadas, e os olhos, suplicantes. — Posso fazer isso? Por favor?

Minha vontade é de responder que não, que não vou deixar porque não quero que ela saia de casa para ver outro homem. Mas isso não é da minha conta. Stella não precisa da minha permissão para nada, nunca precisou e nunca vai precisar. Tenho certeza de que ela também sabe disso, então o fato de estar pedindo, em vez de simplesmente afastar a mão e ir embora furiosa, é um golpe em meu coração.

Ela fala sem precisar usar palavras: sente por mim o mesmo que sinto por ela. É tudo recíproco, um círculo completo de respeito e admiração, o início de algo que está se tornando maior.

E agora tenho que vê-la ir embora para longe de mim.

Demoro para recuar. Demoro para me levantar. Demoro para dar um passo e observá-la fechar a mala. Stella mantém a cabeça baixa, os olhos baixos, os lábios pressionados com força. Vou me desmanchar se vir uma única lágrima escorrer por sua bochecha, mas duvido que ela se permita demonstrar essa emoção.

Preciso deixá-la ir e torcer para que volte. Ela já disse o que tinha a dizer, então não vou discutir, nem tentar dissuadi-la das próprias decisões, pois tenho a sensação de que ela precisa encerrar um assunto inacabado. Ainda assim, não consigo me impedir de segurar a alça de sua mala quando ela caminha em direção à porta.

— Quer que eu vá com você? — pergunto baixinho.

É um último esforço para ficar com ela. Mesmo que não possamos ficar aqui, ainda podemos ficar juntos.

A hesitação dela me anima, mas logo uma onda a leva embora, e Stella balança a cabeça, olhando para o chão.

— Tenho que fazer isso sozinha. — É uma declaração firme. — E você tem que se concentrar no seu trabalho. Nunca vou pedir que me coloque na frente dele.

Eu de fato tenho que trabalhar, mas deixaria tudo de lado se ela dissesse que precisa de mim.

— Eu posso...

— Thomas. — Ela balança a cabeça, implorando para que eu não termine a frase. — Preciso ir.

Por favor, não diga adeus. Por favor, não me diga que este é o fim.

Meu desejo se realiza quando ela vai embora sem dizer mais nada.



CAPÍTULO 32

Stella

— Não acredito que você vai falar com ele.

Lanço um olhar para Mika, irritada por ela ter voltado ao assunto depois de já termos conversado sobre isso. Acabei de chegar de um voo de Londres e estou de volta à cozinha da minha casa em Alexandria, bebendo a última garrafa de vinho que deixei aqui enquanto minha melhor amiga briga comigo. Não é onde quero estar, mas mesmo com ela questionando minhas escolhas, fiquei feliz em encontrá-la esperando na minha porta quando cheguei.

— Eu já disse — respondo, com a maior paciência do mundo. — Étienne e eu temos muitos assuntos a resolver, incluindo o que vamos fazer com essa maldita casa.

Aponto para essa monstruosidade ampla e vazia em que estamos sentadas e da qual mal posso esperar para me livrar.

Mika ainda não aceita.

— Os advogados poderiam ter resolvido isso numa boa, e você não teria que ficar longe do seu marido gostoso, que, aliás, tá *claramente* apaixonado por você. Ele nem queria que você fosse embora, pra começo de conversa. — Ela estreita os olhos, examinando meu rosto, e agora eu queria não ter confessado toda a história para ela. — Por que você tá fazendo isso consigo mesma?

É uma ótima pergunta. Por que estou fazendo isso comigo mesma? Eu poderia ter ignorado a mensagem de Étienne perguntando se poderíamos conversar, junto com as outras cinco que chegaram depois, todas me implorando para lhe dar uma chance de se explicar. Agora, no entanto, percebo que ele não estava implorando. Todas aquelas palavras… *por favor, me deixa explicar*, *quero fazer isso cara a cara*, *só quero*

que você volte pra casa e que a gente resolva essa situação eram exigências disfarçadas de súplicas.

Ontem à noite, no entanto, não consegui enxergar o que havia por trás disso. A descarga de adrenalina ao ver o nome dele na tela do meu celular depois de meses de silêncio foi o suficiente para roubar meu fôlego, minha confiança e meu bom senso. De repente, eu estava de volta à igreja, sozinha e de luto. A mulher que esperou horas, dias e semanas pelo retorno dele finalmente — *finalmente* — conseguiu o que queria. Ele tinha voltado.

Era o que eu queria o tempo todo… mas não senti o alívio, o conforto nem a alegria que tanto achei que fosse sentir. Só uma culpa devastadora e uma onda de autoaversão por ter passado tanto tempo ao lado dele. E pior: por ainda me sentir presa a ele, por sentir que tenho alguma espécie de *satisfação de merda* a dar para ele. Não consegui dizer não quando Étienne me pediu para voltar porque nosso laço ainda não havia sido rompido.

A pessoa que Thomas viu no chão do meu quarto era a pior versão de mim mesma, esvaziada pelo homem que vim encontrar e nem ao menos tive coragem de contar a ele. No entanto, sem que eu precisasse sequer mencionar o nome de Étienne, pude ver no rosto de Thomas que ele sabia, como se minha reação dissesse tudo que ele precisava saber.

Eu não queria que ele me visse daquele jeito, aos pedaços, em carne viva. Mas tudo que senti depois da partida de Étienne voltou com força total, e isso me fez magoar Thomas de um jeito que eu gostaria de poder desfazer. Mas não posso, então agora só me resta garantir que não tenha sido em vão.

Étienne cometeu um erro ao me abandonar no dia do nosso casamento, mas está prestes a descobrir que cometeu um erro ainda maior ao me convidar para retornar à vida dele.

— Falando sério — insiste Mika. — Que motivo você tem pra falar com ele de novo?

— Preciso colocar um ponto-final nessa história, Mika — retruco, pousando minha taça de vinho com um pouco de força demais. — Quero olhar nos olhos dele e finalmente perguntar por que ele me abandonou daquele jeito. Quero que isso acabe de vez.

Ela fica em silêncio, a cabeça inclinada.

— E se você não gostar da resposta? — pergunta.

— É impossível eu gostar de qualquer resposta que ele possa me oferecer. — Respiro fundo para aliviar a raiva que tenho no peito, tanto de mim mesma quanto dele. — Mas preciso ouvir da boca dele pra conseguir encerrar esse capítulo da minha vida e seguir em frente.

— Seguir em frente com o Thomas?

Fico quieta, mesmo que cada célula dentro de mim grite *sim, com o Thomas, se ele ainda me quiser*. Não sei se ele vai me aceitar depois do jeito como fui embora. Sei lá, talvez ele inclusive tenha passado a me odiar.

Se der a ele um único motivo pra lutar por você, é o que ele vai fazer.

As palavras de Amara ecoam em minha cabeça. Até agora, a única coisa que fiz foi afastar Thomas. Não dei a ele motivo nenhum para lutar por mim, mas estou torcendo para não tê-lo feito querer desistir. E não vou ter uma resposta para isso até terminar o que vim fazer aqui.

— Vamos ver — respondo, deslizando do meu banco e estendendo a mão para ajudá-la a se levantar.

Étienne deve chegar em breve, e a última coisa de que preciso é dela aqui ameaçando brigar com ele, então é melhor Mika voltar para casa.

— Tá, e o casamento continua de pé? — pergunta ela, pegando minha mão. Mika tirou o gesso e está usando uma tala para terminar o tratamento na perna, mas ainda está cambaleando. — Vai precisar avisar as pessoas se não estiver. A família inteira está se programando para viajar na quinta-feira.

Sinto um nó na garganta. Queria muito dar uma resposta definitiva, mas não posso. Ainda não. Não até eu falar com Étienne. Não posso caminhar até o altar de novo, mesmo que seja tudo fingimento, antes de enfrentar o trauma da última vez que fiz isso.

— Eu te aviso — murmuro. — Volta pra casa com cuidado.

O suspiro de Mika não me tranquiliza muito, mas o abraço apertado em que ela me envolve ajuda.

— É melhor você dar um belo de um pé na bunda daquele cara. E se ele tentar alguma coisa, eu…

— Vai matá-lo de um jeito que fique parecendo acidente — termino por ela, reprimindo um sorriso.

— Com certeza. — Ela me dá um último tapinha na bochecha. — Acaba com a raça desse maldito de uma figa, bebê.



A batida à porta da frente ressoa com exatos quinze minutos de atraso.

Pelos padrões de Étienne, é cedo. Mas, pelos meus, os que eu deveria ter estabelecido quando estávamos juntos, é tarde demais. Se ele tinha alguma esperança de que esta fosse uma conversa produtiva, vai ter que se esforçar mais que isso. Só mais um ponto contra ele.

Estou surpresa que minhas mãos não estejam tremendo nem suando ao abrir a porta e encontrá-lo do outro lado da soleira. E mesmo quando pouso os olhos nele, não sinto o que esperava. Não sinto… nada.

Bem, não, isso seria mentira. Sinto uma vontade louca de enfiar a mão na cara dele ao ver aquele típico sorrisinho repuxa os cantos de seus lábios carnudos. Ele é um homem objetivamente bonito, mas tem o rosto mais socável que já vi. Como não percebi isso antes?

— Stella — diz ele, como se estivesse cumprimentando uma velha amiga, e não a mulher de quem fugiu três meses atrás. — Que bom te ver. Você está ótima.

O esforço que preciso fazer para não nocauteá-lo deveria me render uma medalha de ouro olímpica, porque a audácia desse homem é inacreditável.

— Entra — digo, com esforço, enquanto abro mais a porta. — Vamos conversar na sala.

Ele passa perto demais ao entrar. O cheiro almiscarado de sua colônia quase me sufoca, me fazendo torcer o nariz, mesmo sabendo que ele não troca de perfume há anos. É o mesmo que antes me dava vontade de enterrar o rosto em seu pescoço e respirar fundo. Agora só me provoca ânsia de vômito, de tão pesado e insuportável. Não é nada parecido com o que Thomas usa.

Agora não é hora de pensar nele. Resolva isso aqui primeiro.

Não há muitos móveis na sala de estar, só um sofá e uma poltrona, que é onde decido ficar para impedi-lo de tentar se sentar ao meu lado. É melhor que ele esteja a pelo menos dois metros de distância, assim não consigo dar um soco decente nele.

A fúria fervendo em meu estômago é diferente do que estou acostumada a sentir, mas não deixa de ser bem-vinda. Sabia que haveria algum tipo de raiva, embora achasse que poderia ser abafada pela nostalgia e pelo amor que senti por ele no passado. O coração é imprevisível, afinal, mas felizmente meu cérebro parece estar levando a melhor aqui.

— Como você tá? — pergunta Étienne quando nos acomodamos.

A postura dele é tão relaxada que chega a ser irritante: pernas cruzadas, um tornozelo apoiado no joelho oposto. Ele não está usando meias com os mocassins caros e tem pele demais aparecendo para além da bainha de suas calças. Eca.

Dou uma risada irônica, mas sustento o olhar dele.

— Que audácia você me perguntar isso.

Ele levanta as mãos para mostrar que não vai discutir. Isso é novidade. A coisa que ele mais gostava de fazer era discutir. Quer dizer,

eu também sou bem respondona, e acho que ele respeitou isso por um tempo, mas discutir o tempo todo é exaustivo. Chegamos a um ponto em que eu praticamente estava sendo obrigada a dizer a ele que vinha em paz antes de começar qualquer conversa.

Vou dar a ele a chance de se explicar, assim não serei hipócrita.

— Eu sei — diz ele, baixando as mãos devagar. — E a culpa é minha.

Espera, ele… ele está mesmo assumindo a responsabilidade pelas próprias ações? Estou chocada. Chego a abrir a boca para responder com sinceridade à pergunta numa tentativa de recompensá-lo, mas ele *tem* que estragar tudo.

— Embora seja impossível você estar tão mal, considerando que já se casou de novo.

Ele diz isso como se não fosse importante, como se a situação não passasse de uma piada, mas o comportamento destrói qualquer boa vontade que pudesse estar se desenvolvendo em mim.

— Não me casei de novo. Eu só me casei — corrijo, bruscamente. — Considerando que nosso casamento nem sequer chegou a acontecer porque você não estava lá.

A constatação o faz soltar um suspiro e olhar para o chão. Ele parece quase… culpado. Como se soubesse o quanto pisou na bola. Mas ainda não ouvi um pedido de desculpas, então não dou muita importância.

— Acho que preciso explicar o que aconteceu — murmura ele, quando olha para cima novamente. Sua expressão é aberta e sincera, e ainda assim não me convence nem por um segundo. — Contar por que fui embora.

Eu só não quero mais ficar com você, Stella.

— Você já me disse por quê — falo, com o estômago embrulhado ao me lembrar das últimas palavras dele. — O que eu quero saber é por que resolveu fazer isso *naquele* momento. Por que você não disse alguma coisa mais cedo, antes de estarmos em uma igreja cheia de gente?

Por que você teve que, além de partir meu coração, me humilhar publicamente?

— Porque fui um covarde. — É uma resposta direta, sem hesitação, e respeito a franqueza, mesmo que a contragosto. — Nós dois sabíamos que havia algo errado com o nosso relacionamento antes disso, mas nenhum de nós queria admitir. Aquele era o último momento em que eu podia fazer alguma coisa.

Ele está certo ao dizer que nosso relacionamento estava em crise e que nenhum de nós tivera coragem de abordar o assunto. Mas alegar que aquele era o último momento em que ele podia dizer algo? Dá um tempo. Havia maneiras melhores de lidar com isso, e ele sabe.

— Só que, quanto mais penso no que fiz, mais me arrependo — continua ele. — Não apenas da maneira como te abandonei, mas de ter feito isso, em primeiro lugar.

Olha, por *essa* eu não esperava. O choque deve ficar estampado em meu rosto, porque ele aproveita o momento para descruzar as pernas e se inclinar para a frente. Se estivéssemos mais perto, tenho a sensação de que ele tentaria me abraçar como se fosse o mocinho de uma novela.

— Sinto *saudades* suas, Stella — diz ele, quase num sussurro. — Te abandonar foi o maior erro da minha vida.

O impacto daquelas palavras me faz perder as forças e me recostar na poltrona, mas não consigo acreditar no que ele está dizendo. Étienne saiu com outra mulher duas semanas depois do nosso término. É impossível ter sentido minha falta ou se arrependido *tanto assim* de suas escolhas se conseguiu fazer a fila andar tão depressa.

Por outro lado, eu não fiz o mesmo? Claro, a minha situação foi em resposta à crueldade dele, mas ainda assim toquei minha vida e me casei acidentalmente com Thomas.

Étienne parece estar esperando que eu diga alguma coisa.

— Obrigada por ter dito isso — digo, a muito custo, mas, pra falar a verdade, estou meio sem palavras.

Existe uma grande chance de ele estar mentindo para mim, mas também pode estar dizendo a verdade. Eu não sei mesmo. Seja como for… não importa, pois mesmo que eu não tenha conseguido admitir para mim mesma até agora, já estou farta desse homem há muito, muito tempo.

O problema é que ele não está satisfeito com a minha resposta. Quando me dou conta, ele já está no chão diante de mim, de joelhos, segurando minhas mãos. Fico tão surpresa que solto:

— Ah, pronto… lá vai.

Mas a frase não o impede de continuar:

— Eu não deveria ter feito isso — declara ele, olhando para mim como se eu fosse o sol, a lua e as estrelas. — Eu não deveria ter dito o que disse a você e não deveria ter ido embora.

Ele continua falando, mas percebo que ainda não ouvi as palavras *me desculpe*. Em vez disso, estou recebendo uma atuação digna do Oscar.

— A gente deveria tentar de novo. — É uma declaração, não uma pergunta, como se ele já estivesse contando que eu seria arrastada em seu turbilhão. — Podemos deixar tudo isso pra trás. Seria uma pena desperdiçar toda a história que temos juntos, não é?

Acho que você deveria ter pensado nisso antes de fazer o que fez, meu amigo, quero dizer a ele, mas estou ocupada demais tentando não morrer de

vergonha alheia. Tipo, sério… será que esse homem tem algum pé na realidade, cacete? Ele acha que vou me rastejar de volta para ele só porque temos uma "história"?

Desvencilho minha mão esquerda da dele e a levanto para que ele veja a aliança em meu dedo.

— Sou uma mulher casada, Étienne. Não tem essa de *tentar de novo* pra gente.

Ele solta um riso de deboche, o que denuncia um pouco toda aquela encenação.

— Ouvi dizer que seu casamento não é de verdade — diz ele, e há uma pitada de ameaça em seu tom que não me agrada nem um pouquinho. — Que vocês se conheceram e se casaram bêbados na mesma noite.

Plim, plim, temos um vencedor! Mas só porque ele fez uma suposição correta não significa que saiba alguma coisa sobre o que aconteceu entre mim e Thomas desde então.

— Talvez você precise parar de ouvir boatos — retruco, tentada a dar um chute nas costelas dele pra fazê-lo se levantar. — Porque meu casamento é bem verdadeiro.

Na verdade, estou com a certidão de casamento para provar isso bem na bancada da cozinha, porque a Stella bêbada colocou o endereço daqui ao preencher o documento. Quando abri o envelope mais cedo e vi meu nome impresso ao lado do de Thomas, chorei de saudades dele. Menos de vinte e quatro horas longe dele e a bonitona se acabando em lágrimas.

Se a certidão não for o bastante para provar que meu casamento é verdadeiro, então o que sinto pelo Thomas é a prova cabal.

— Stella, você mal conhece o cara. — Étienne baixa a voz, assumindo um tom grave e persuasivo. — Aja como a mulher inteligente que eu sei que você é e volte pra casa.

O pedido faz meu peito ficar apertado. Eu quero mesmo ir para casa. Desesperadamente. Mas esta aqui não é mais a minha casa. Não acho que tenha sido mais do que um lugar onde morei até encontrar o meu lar de verdade.

Minha casa é em Londres, com o homem que sabe que prefiro joias douradas. Que segura minha mão mesmo quando meus dedos estão congelando. Que equipou a cozinha inteira com meus eletrodomésticos favoritos, na minha cor favorita, e pede que eu cozinhe lá, a despeito da bagunça. E que me deixou ir embora para lidar com as pendências que me assombravam porque ele jamais me impediria de fazer algo.

A vida que construí em Washington era linda — até tudo desabar. E não tenho o menor interesse em reconstruí-la a partir do zero. Quero

mesmo recomeçar, como Étienne sugeriu, só que… não com ele. Eu quero que seja com Thomas. Quero começar de novo com ele como se nada disso fosse falso. Sem regras, diretrizes ou ordens a seguir. Só nós dois. Juntos. Seja lá como for.

— Eu e ele estamos começando a nos conhecer — respondo, puxando a outra mão para pegar o celular. Preciso reservar um voo. — E é o que vou continuar fazendo.

Étienne solta uma risada irônica e se senta sobre os calcanhares.

— Você não pode estar falando sério.

— Ah, eu sou uma mulher muito séria, Étienne — digo, a voz grave, embora esteja a segundos de abrir um sorriso de ira para ele. — Sabe, você me fez um grande favor, na verdade.

Ele torce o nariz, confuso.

— Como assim?

Balanço a cabeça e me levanto. É como se mil toneladas tivessem sido tiradas dos meus ombros.

— Você atendeu ao impulso de ir embora quando eu não consegui — explico. — Não que eu vá te agradecer, mas foi a melhor coisa que já fez por mim.

Ele bufa, ofendido, como se não conseguisse acreditar que eu seria grata por ele ter feito o que fez. E, embora eu não ame essa história e vá carregar as cicatrizes dela pelo resto da vida, acho que, no fim, foi bom que isso tenha acontecido. Ele nunca foi o homem com quem eu deveria estar. Só torço para que o homem que desejo espere um pouco mais por mim.

Porque estou voltando para casa.



CAPÍTULO 33

Thomas

Acabei descobrindo que é bem difícil fazer um ensaio de casamento sem a noiva. E é ainda pior quando você não sabe onde ela está nem quando vai voltar — se é que vai voltar.

Decidi me esconder no sótão da casa em Cotswolds para evitar todo mundo. Responder às perguntas da minha mãe e dos organizadores do casamento sobre o paradeiro de Stella tem sido um pesadelo, porque já usei todas as variações possíveis de *daqui a pouco ela tá aí*. Em breve as pessoas vão começar a achar que ela não vai aparecer. Na verdade, existe uma chance de ela não aparecer, mesmo. Isso aqui pode já ser um grande fracasso e só eu não fiquei sabendo ainda.

Mas não significa que eu não esteja tentando descobrir. O celular dela está desligado ou sem bateria, porque toda vez que ligo cai direto na caixa postal. Também existe a pior opção de ela ter bloqueado meu número, mas estou me esforçando ao máximo para manter o otimismo. Tenho algum motivo para isso? Não, nenhum, tirando o fato de que não acho que Stella faria isso.

Só preciso de uma resposta, um sim ou não definitivo. Um *sim, ainda vamos seguir com este casamento!* ou um *não, aqui estão os papéis do divórcio, adeus!* Não aguento esse limbo, mas não faço ideia de como me libertar dele.

Na minha mão, o celular vibra com uma mensagem de Maeve. *Descobri que a Stella pelo menos está no país*, é o que diz a mensagem. *Perguntei, com toda a gentileza do mundo, para a assistente dela onde Stella estava e recebi como resposta uma cópia do itinerário do voo. Ela pousou em Heathrow algumas horas atrás.*

"Com toda a gentileza do mundo" significa, na língua de Maeve, que houve pelo menos três ameaças de agressão física, uma tentativa de chantagem e um pedido de desculpas meia-boca após obter a informação desejada. Costumo repreendê-la quando faz essas coisas, mas a mulher faz o que precisa ser feito. E, neste caso, ela fez o que eu precisava.

Agradeço pela informação, solto o ar e sinto meu coração ficando mais leve ao se livrar um pouco do desespero que o assolava. Quero ficar aliviado por Stella ter voltado para este lado do oceano, mas se voltou de fato, onde ela está agora? Ela *sabe* que esse casamento está planejado para acontecer hoje — na verdade, daqui a pouco — e ainda assim não está aqui.

Uma batida à porta me faz levantar a cabeça de repente, a esperança crescendo em meu peito ao imaginar que pode ser Stella. Mas ela se esvazia como o balão de um palhaço triste quando Figgy enfia a cabeça para dentro. Ótimo. Claro que ela veio. Todo esse segundo casamento está acontecendo por causa da intromissão dela, então eu já deveria ter esperado por isso.

— Imaginei que estaria se escondendo aqui em cima — diz ela, abrindo a porta só para conseguir entrar.

Agradeço por ela ser rápida em fechá-la ao entrar e manter meu paradeiro em segredo, mas não estou com vontade de conversar, muito menos com ela. Ainda assim, resmungo e digo:

— Me pegou.

Ela lança um olhar ao redor que passa pelo sofá velho em que estou sentado e pelos armários de madeira que guardam várias roupas antigas e lembranças. Quando percebe que estou sozinho, franze a testa.

— Ué, cadê a Stella?

Eu poderia mentir para ela da mesma forma que já menti para todo mundo, e provavelmente deveria, em vista das circunstâncias, mas a ideia de dizer *daqui a pouco ela tá aí* outra vez me deixa enjoado.

— Não sei — digo, sinceramente.

Mas Figgy parece não entender.

— Não me diga que você também tá se escondendo dela — provoca. — Não pega bem para o noivo fazer isso.

— Não, não é isso… — interrompo, e passo a mão pelo cabelo, puxando a raiz. — Ela não tá aqui, Figgy. A Stella não tá nessa casa.

Figgy faz cara feia.

— Mas ela tá vindo?

De novo, tudo o que consigo dizer é:

— Não sei.

As palavras engasgadas me incriminam. Ela me encara por alguns segundos, tentando juntar as peças com as pistas que lhe dei, depois faz uma cara ainda mais séria, mas é a preocupação genuína estampada em seu rosto que me obriga a desviar o olhar enquanto meu estômago se revira.

— Thomas — diz ela baixinho, chegando mais perto até conseguir se agachar na minha frente. — O que tá acontecendo?

Estou tendo um vislumbre da Figgy que conheci quando pequeno, não daquela que começou a surgir nos últimos anos à medida que aumentava a pressão para me conquistar como parceiro romântico. É bom vê-la novamente, e sinto vontade de contar toda a verdade, mesmo que o objetivo desse plano com Stella fosse tirá-la do meu pé. Talvez eu tenha subestimado a empatia dela e a capacidade de entender o que estava em jogo. No fundo, acho que Figgy sabe que não quer nada comigo. Só foi empurrada para uma idealização de mim, do que eu represento, das coisas que poderia lhe oferecer.

Nenhum de nós deveria se resignar a viver pela metade em um casamento sem amor, e mesmo que as coisas com Stella acabem dando errado, ainda quero que Figgy encontre a pessoa certa.

Devo estar demorando muito para responder, porque ela estende a mão e aperta meu joelho.

— Não precisa me contar — murmura ela. — E, a propósito… me desculpa.

Levanto os olhos e encontro os dela, um pouco atordoado ao ouvir o pedido de desculpas.

— O quê?

Ela solta um suspiro, mas demonstra coragem e não desvia o olhar.

— Não vou fingir que entendo a situação entre você e a Stella, mas está claro que você gosta dela de verdade. Talvez até a ame.

Tenho me impedido de usar essa palavra porque é muito cedo. É algo que pode assustar não apenas Stella, mas a mim também. Só que… é com isso que estamos lidando aqui, não é? Essa atração por ela que revira meu estômago, faz meu coração disparar e permeia meus ossos não pode ser outra coisa.

— Essa parte eu entendo — continua Figgy, com uma risada autodepreciativa. — Soube no segundo em que você a trouxe aqui que minhas chances de ficar com você tinham acabado. E doeu. Foi por isso que contei minhas suspeitas para a sua mãe. Ela pode até ter armado todo esse casamento para testar o relacionamento de vocês, mas qualquer um vê o jeito como você olha para a Stella. Não precisa provar mais nada.

Ela aperta meu joelho mais uma vez antes de recuar e se levantar. Ainda está com a postura rígida, como se para ela fosse difícil admitir o que acabou de dizer. Apesar das nossas diferenças ultimamente, estou orgulhoso dela.

— Sinto muito pelo papel que desempenhei nessa história — declara Figgy. — Gostaria *muito* de ter meu amigo de volta. Por incrível que pareça, ninguém mais topa passear entre cocô de ovelha comigo só pra ver o pôr do sol.

A lembrança me arranca uma risada fraca.

— Vai ser um prazer continuar fazendo isso com você.

Volto a mim por um instante e me permito realmente encará-la pela primeira vez em séculos. Ela não é uma pessoa ruim, nunca foi. É só uma mulher forçada a um papel que desempenhou com excelência e que agora precisa descobrir como viver sem um roteiro guiando cada passo.

— Você vai encontrar a pessoa certa, Figgy.

O sorriso que surge em seu rosto revela descrença, mas ela não tenta contra-argumentar.

— Vou fazer o possível pra enrolar sua mãe. E, se eu encontrar Stella, trago ela aqui em cima.

Agradeço com um aceno de cabeça antes que ela se vire e vá embora sem dizer mais nada. Uma hora ou outra vou precisar sair daqui e explicar que o casamento foi cancelado porque a noiva me deu um bolo, mas, por enquanto, vou ficar sentado de cara amarrada.

Apoio a cabeça no sofá e fecho os olhos, desejando que esse sentimento não me destrua de dentro para fora. Nada disso estava nos meus planos, desde me casar com uma estranha até me apaixonar por ela. Não imaginei que ficar sem Stella por apenas alguns dias me reduziria a esse trapo, mas ela afetou todos os aspectos da minha vida.

Seja como for, preciso encarar os fatos: ela não vai voltar.

Antes que eu consiga me convencer a descer, no entanto, vozes altas vindo de fora chamam minha atenção. Há só uma janelinha aqui em cima, com vista para a entrada da casa, alta demais para eu espiar, mas a vidraça fina permite que o som entre. Não consigo entender as palavras, mas as vozes são agudas e irritadiças. Minha mãe deve estar brigando com um dos fornecedores por não querer aturar as exigências dela. É um sinal de que eu deveria me levantar e intervir. Ninguém é obrigado a sofrer só porque minha mãe é uma controladora.

Alguma coisa deve estar pesando sobre os meus ombros, pois sinto uma dificuldade enorme de me levantar, e mesmo depois de ficar em pé, não consigo movê-los. O barulho lá fora parece ter cessado, então pelo menos não há pressa para resolver a situação.

Estou quase me forçando a sair do sótão quando o som de passos subindo a escada me alcança. Não, não são pisões firmes, são *cliques*. O barulho de saltos altos. Figgy estava de botas quando entrou, e não consigo imaginar nenhum dos fornecedores usando saltos enquanto atravessam o terreno de um lado para o outro, então… a menos que seja Calais, Geneva ou uma das amigas supermodelos delas, deve ser…

Uma Stella ofegante, em toda a sua glória, usando salto agulha, irrompe na sala.

— *Puta que pariu* — solta ela, ofegante.

Enquanto se inclina e coloca as mãos nos joelhos, eu fico imóvel, só olhando para ela. Será que… será que estou alucinando? Acho que não cheguei ao nível de desespero em que a imaginaria curvada e respirando com dificuldade sem que eu tenha algo a ver com isso.

Pestanejo mais algumas vezes para garantir, mas Stella não desaparece.

— Você veio.

Ela ainda respira com dificuldade. Coloca as mãos na cintura e se endireita, mas abre um sorriso.

— Eu não ia perder a chance de ter uma festa.

Quero rir, descarregar todo o estresse dos últimos dias, mas estou tão chocado que não consigo emitir nenhum som.

— Eu teria ligado para avisar — diz Stella, depressa e nervosa —, mas queria fazer surpresa. Um gesto grandioso, sabe? Além disso, tive que dirigir do aeroporto até aqui, longa história, melhor nem perguntar, e… digamos que seria melhor para o bem da humanidade se eu nunca mais tivesse permissão para tocar num volante. Só que aí fiquei presa no pior trânsito do mundo e não podia avisar ninguém que chegaria atrasada porque meu número americano inútil decidiu que não ia funcionar na Inglaterra, e aí… — Ela faz uma pausa, respirando fundo novamente. — Tanto faz, não importa. Eu só não podia perder isso.

Tenho tantas perguntas, começando pela logística de como ela chegou aqui e por que voltou. Abro a boca, esperando as palavras saírem, mas tudo que consigo emitir é um ruído de incredulidade.

Um pouco do humor e da energia frenética de Stella desaparecem com o som, e os olhos escuros dela ficam suplicantes.

— Thomas, me perdoa. De verdade.

Quero dizer a ela que não tem nada pelo que se desculpar, porque ela está *aqui*. Parece que muitas coisas tentaram mantê-la longe de mim e, apesar de tudo, ela veio, mesmo que tenha corrido os últimos metros para conseguir; ela, a mulher que odeia correr.

Não a culpo por ter ido lidar com as próprias pendências, porque isso a trouxe de volta para mim, no final. Só preciso da confirmação de que ela planeja ficar. Agora, é tudo que importa. O resto já é história.

— Eu queria ter voltado mais cedo — continua ela, torcendo os dedos, apreensiva e sem jeito. — Eu tentei, mas…

— Falou com o Étienne? — interrompo.

Ele é o motivo para ela ter ido embora. Preciso saber se isso está resolvido antes de me permitir ficar aliviado demais.

Ela franze a testa, preocupada, como se tivesse medo de saber aonde quero chegar com essa pergunta.

— Falei — responde, lentamente. — Não foi uma conversa muito longa. Eu já sabia o que queria.

Então por que demorou tanto pra voltar?

A pergunta deve ter se infiltrado no ar, porque ela prossegue:

— Só consegui falar com a minha advogada ontem, mas agora ela já está cuidando de tudo, incluindo a separação das nossas finanças e a venda dos imóveis. Não planejo voltar para lá tão cedo.

Sinto o coração afundar e torço para ter entendido certo.

— Então… está tudo resolvido?

Ela assente.

— Está, sim.

Por um momento, ficamos só olhando um para o outro. Nós dois esperamos por essa chance de sermos honestos um com o outro, mas, agora que chegou, nenhum de nós sabe bem por onde começar.

Só que não posso deixar que ela vá embora de novo. Preciso de uma resposta definitiva para não ter mais que me conter… para finalmente parar de guardar segredo sobre o quanto a quero na minha vida.

— Acho que está na hora de você decidir se isso é de verdade ou só encenação, Stella — digo, porque é a isso que tudo se resume, não é? Real ou falso. Sim ou não.

Ficar ou ir embora.

O brilho que vejo passar por seus olhos me diz que ela reconhece as palavras da nossa primeira noite em Las Vegas. O contexto era diferente naquela época, sim, mas ainda se aplica neste momento; aliás, mais do que nunca.

E, para o meu imenso alívio, a resposta dela não mudou.

— Quero que seja de verdade.

Antes que eu perceba o que está acontecendo, ela já está em meus braços. Se fui eu quem deu o primeiro passo ou se foi ela, eu não saberia dizer. Mas nada disso importa. Só me importa que Stella esteja de volta ao lugar certo.

— Senti saudade — diz ela contra meu pescoço, o hálito quente na minha pele enquanto ela se agarra a mim. — Pensei em você a cada segundo que estive fora.

— Não consegui nem respirar desde que você decidiu ir embora. — Só agora consigo inspirar profundamente, seu doce aroma cítrico desfazendo os últimos nós em meu peito. — Estava esperando você voltar pra casa.

— Eu não tinha certeza se você ia querer me ver de novo.

Horrorizado, recuo até que ela seja forçada a olhar para mim.

— Como pôde pensar uma coisa dessas?

Seus olhos escuros estão cheios de angústia.

— Porque eu te machuquei e…

— Não, você não me machucou — interrompo-a firmemente. — Você foi embora porque precisava resolver as pendências pra que a gente pudesse ficar junto. Isso não me machucou. A ideia de talvez não te ver voltar é que doía, mas você está aqui agora.

— Você jura que não me odeia por ter ido embora? — pergunta ela com cuidado, mas há um toque de esperança em sua expressão.

— Eu jamais conseguiria te odiar. — Coloco o cabelo dela atrás da orelha e toco o canto de seu maxilar. — Meu Deus, Stella, eu sou louco por você. Você já deve saber disso, não?

Ela finalmente começa a abrir um sorriso.

— Estou começando a suspeitar, mas… talvez você possa me dar mais detalhes.

E aqui está ela… aqui está a minha garota.

— Eu sou louco pelo seu sorriso — digo —, pela sua risada, pelo seu senso de humor meio maluco. Fico louco quando você faz essa pose de mulher confiante, mesmo quando não está se sentindo assim, mas só de fingir já consegue fazer o mundo inteiro comer na sua mão… Preciso continuar?

Ela me abraça com mais força, olhando para o meu rosto como se nunca mais quisesse parar.

— Continua.

Atendo com prazer.

— Sou louco pelo seu jeito carinhoso e atencioso. Por você se esforçar tanto pra me ajudar e tornar minha vida melhor de tantas maneiras, grandes e pequenas. Por sempre me despertar a vontade de ser um cara melhor, de ter uma postura melhor, de almejar coisas melhores. — Eu me inclino e dou um beijo logo abaixo da orelha dela. Com isso, consigo provocar aquele arrepio que adoro, mas, o mais importante, me garante

a certeza de que ela não vai deixar de ouvir o que tenho a dizer em seguida. — Sou louco por tudo que você é, Stella.

Ela dá um leve suspiro de satisfação, derretendo-se contra meu peito.

— Então… isso significa que você quer que seja de verdade também?

A pergunta me arranca uma risada sincera. O que mais isso poderia significar? Mas estou disposto a dar qualquer garantia que ela quiser e precisar, todos os dias, até ser um fato tão consolidado em sua mente e em seu coração que ela jamais duvide.

— Sim, quero que seja de verdade. Quero que a gente tente de verdade.

— Ótimo — sussurra ela, os lábios subindo pelo meu pescoço. — Porque não consigo mais imaginar minha vida sem você. Ninguém mais é você. E você é tudo que eu quero, tudo com que poderia ter sonhado.

Minha cabeça gira, o sangue correndo tão forte e rápido em minhas veias que consigo ouvir meu pulso nos ouvidos, espalhando alegria por cada célula do meu corpo. Mesmo assim, tento parecer o mais tranquilo possível.

— Então acho que a gente deveria se casar. De novo. Solidificar esse compromisso num relacionamento de verdade, sabe?

Stella ri, e o som de sua risada se instala em meu coração.

— A gente precisa parar de fazer tudo fora de ordem — diz ela. — Como vai ser? A gente vai se casar pra… namorar?

— E você tem algo contra namorar seu marido? — pergunto, fingindo estar ofendido.

Ela balança a cabeça, erguendo as mãos e segurando meu queixo.

— Eu adoraria namorar meu marido. Ver no que dá.

Eu me inclino na direção do toque de Stella.

— Mas não precisamos nos apressar. Podemos ir no seu ritmo.

— Não quero ir com *tanta* calma assim — avisa ela. — Já estamos esperando tempo demais por algumas coisas.

Concordo, mas vou deixar que Stella dite o ritmo. Já estou contente só de estarmos nessa jornada juntos.

— Tem razão — murmuro, olhando para a boca de Stella. — Tem umas coisas que a gente precisa *mesmo* fazer.

Ela puxa meu rosto devagar, e eu não resisto. Nossos lábios estão a centímetros de distância quando ela sussurra:

— Acho que a gente deveria começar por isso aqui.

Sou eu quem encurta a distância desta vez, nossos lábios se encontrando em um toque doce e lento. É a maneira perfeita de selar nossas promessas um ao outro. O gosto dela foi o que tanto desejei nas semanas em que ainda éramos desconhecidos. É tudo de que preciso.

Além dela, é claro.



CAPÍTULO 34

Stella

— Dá pra acreditar que esse é o seu terceiro casamento e, ainda assim, também é o primeiro?

Lanço um olhar para Mika, que está recostada na cama da suíte nupcial — que, na verdade, é apenas um dos muitos quartos de hóspedes da mansão dos Maxwell-Brown — e tento assimilar esse fato.

— Olha só! — Tenho que rir, porque, sério, isso não é meio ultrajante? — Não tinha pensado por esse lado.

Também esparramada na cama, Janelle alisa o vestido carmesim de madrinha que está vestindo e se senta. Pode até não ter sido convocada para me ajudar com os preparativos do meu primeiro casamento, mas eu não ia perder a oportunidade de tê-la ao meu lado agora.

— E sem ofender seus dois últimos casamentos — diz Janelle —, mas esse aqui é *bem* melhor.

Por mais que doa admitir, considerando que investi tanto tempo, esforço e dinheiro no meu casamento com Étienne, Iris planejou uma obra-prima absoluta. Quando saí mais cedo para admirar as várias tendas e vi a profusão de flores frescas e os cardápios com estrelas Michelin — sim, *no plural* —, percebi que seria o evento da temporada, se não do ano.

— Nossa mãe pode não ser boa em muita coisa — diz Geneva, se enfeitando em frente ao espelho, também usando um vestido carmesim de madrinha —, mas, quando o assunto é casamentos e festas temáticas, ela é a melhor das melhores.

— Espera só até a festa de solstício de verão que ela faz — acrescenta Calais, o que me leva a olhar para baixo, onde ela está ajoelhada aos

meus pés, ajustando a bainha do meu vestido esvoaçante. — Um bacanal maravilhoso. Vai precisar de uma semana inteira pra se recuperar.

A expectativa de que eu vou estar lá preenche um vazio no meu peito que eu nem sequer sabia que existia. Por mais que não enxergue a mudança para cá como um completo abandono da minha vida em Washington, é um alívio saber que tenho outra vida me esperando aqui: uma com família, amigos e um homem que me venera. Até minha carreira vai ficar bem. É o mais doce dos recomeços, mais do que eu poderia ter pedido.

Mas a melhor parte é que eu *não pedi* por nada disso. Não existe uma única parte minha que teria torcido para conhecer um piloto de corrida de olhos belíssimos e fazer parte da sua família britânica de elite. Na verdade, vendo de fora parece bem mais um pesadelo terrível, e, mesmo assim, aqui estou eu, sendo vestida por uma das minhas cunhadas enquanto minha sogra negocia com os fornecedores para que este dia seja perfeito. Estou tão feliz que as lágrimas queimam no fundo dos meus olhos.

— Ei, não precisa chorar pelas inevitáveis orgias no jardim — repreende Amara, correndo para secar meus olhos com delicadeza usando um lenço de papel. — Desculpa, mas esse é o tipo de família que você arrumou. Sabe como são essas pessoas ricas e tradicionais, não sabe? Espera só até ficar sabendo de todos os sacrifícios que a gente faz com sangue de virgens.

Deixo escapar uma risada lacrimejante, olhando para o teto para não estragar a maquiagem.

— É, acho que vou ter que dar um jeito de lidar com isso.

— A gente vai te ensinar o básico de etiqueta — provoca Geneva. — Nada pior do que não saber o protocolo pra…

Uma batida forte na porta a interrompe.

Eu me viro, esperando encontrar um dos organizadores do casamento me dizendo que é hora de começar o show, mas, para minha surpresa, é Daphne, com os lábios franzidos, observando, a multidão. Quando pousa os olhos em mim, um pouco da tensão que vi nela desaparece, embora ainda haja algo em seus olhos que me preocupa.

Ela pigarreia.

— Stella, será que a gente pode conversar?

Eu poderia (e provavelmente deveria) mandá-la dar o fora. Mas, em vez disso, me pego concordando e a convidando para entrar. Talvez seja algum tipo de curiosidade mórbida, ou talvez eu queira a chance de ameaçá-la e impedir que revele algum detalhe deste casamento para a imprensa, mas precisamos mesmo conversar.

Daphne espera todas saírem antes de se sentar com delicadeza na beira da cama. Ao contrário do meu primeiro casamento, não estou usando um vestido de baile enorme, o que significa que posso facilmente me sentar na frente dela na penteadeira sem parecer uma idiota. Talvez seja necessário dar uma última passada a vapor no vestido marfim de corte perfeito antes de caminhar até o altar, mas, mesmo que eu não tenha a chance, as rugas valerão a pena por este confronto.

— Eu nem sabia que você tinha vindo — digo, ao ver que Daphne não parece disposta a ser a primeira a falar.

Não digo isso necessariamente para magoá-la — eu não fazia ideia de que ela estava na lista de convidados —, mas cansei de ser legal com uma pessoa que nunca foi legal comigo.

Daphne franze a testa.

— Claro que estou. Eu sou da sua família.

Não que você aja como tal.

— Eu apareceria mesmo que você fosse se casar no meio da Amazônia — continua ela, talvez por notar minha dúvida. — Tivemos nossas diferenças ao longo dos anos, mas ainda compartilhamos do mesmo sangue, Stella. Nunca vou deixar de te apoiar.

Uma onda de raiva me invade.

— Ah, então quer dizer que correr para contar para a imprensa sobre cada detalhe de como fui abandonada no altar é uma demonstração de *apoio* agora?

É a primeira vez que a acuso abertamente, e fico esperando que ela vá gaguejar e negar, mas Daphne suspira e levanta as mãos em derrota. Não nega uma única palavra.

Meu Deus, ela realmente fez isso, e nem se importa que eu saiba.

— Eu só estava tentando te ajudar — afirma ela, e solto uma risada de deboche, forçando-a a falar um pouco mais alto quando continua: — Não, sério, eu estava mesmo. E *ajudei*.

— Tá de brincadeira com a minha cara? — Balanço a cabeça, enojada. — Corta essa, porra. Você não me ajudou em nada.

— Pode acreditar no que quiser, mas você prestou atenção no que está acontecendo com o Étienne ultimamente? — pergunta ela.

Abro a boca para responder, mas a fecho quando percebo que não, na verdade, não prestei. No começo, não me senti forte o suficiente para observar a vida dele sem mim, e depois que me senti mais recuperada, simplesmente parei de me importar. Não tenho a mínima ideia do que está acontecendo com ele.

— Contar ao mundo o completo idiota que ele é foi a decisão certa — diz ela, com firmeza. — Se dependesse de você, isso tudo teria sido

varrido para debaixo do tapete e ele seguiria com a própria vida feliz, certo?

Ela faz uma pausa, me dando tempo para responder, mas continuo de queixo caído; ela está certa, e eu odeio isso. Queria que tudo sumisse rápido e silenciosamente, mesmo que isso significasse não haver consequências para ele.

Daphne interpreta meu silêncio da forma correta.

— Bem, eu não ia deixá-lo escapar impune. Janelle pode até ser boazinha demais pra fazer algo assim, mas eu não ia ficar sentada assistindo pessoas que amo serem enganadas sem retribuição. — Ela se senta ainda mais ereta, me encarando com um olhar severo. — Eu queria que aquele homem fosse destruído. Então contei à imprensa o que ele fez, que te deixou da pior maneira possível. Minha intenção nunca foi magoar você, que não cometeu erro algum. *Ele* tinha que pagar. E pagou. Agora está sofrendo as consequências dos próprios atos.

É a minha vez de franzir a testa, confusa.

— Como assim, sofrendo as consequências dos próprios atos?

Ela junta as sobrancelhas até onde o lindo e sutil Botox que aplicou permite.

— Você não sabe mesmo? — Ela me espera balançar a cabeça e solta um suspiro exasperado. — O cara tá arruinado.

Se ela quer dizer emocionalmente, então, sim, pude constatar esse constrangimento em primeira mão. Mas em qualquer outro aspecto? Não faço ideia do que ela está dizendo.

— Janelle me disse que ele voltou rastejando — continua Daphne. — Você perguntou a ele o motivo?

— Não, não perguntei.

Porque não fazia diferença para mim. Eu já sabia o que queria, e não era ele. Só tinha ido até lá para colocar o último prego no caixão do nosso relacionamento.

— É porque ele está perdendo dinheiro a rodo e a reputação dele foi pelo ralo. — Ela se inclina para a frente, certificando-se de que não estou perdendo nenhum detalhe. — Ele voltou porque precisa de você pra consertar tudo. Entre o fato de ter te abandonado e o fato de *você* ser a razão pela qual o negócio dele se manteve bem por tanto tempo, o cara tá ferrado. E só de ter tentado conseguir o seu perdão significa que ele também sabe disso.

Maldita Janelle por fazer fofoca para ela sobre mim, e maldita Daphne por me dar um soco no estômago desse jeito. Uma parte minha já sabia que Étienne não tinha voltado só porque sentia minha falta e não

conseguia viver sem mim, mas não me dei ao trabalho de questionar isso.

— Ele nem se desculpou — digo, sem nem me dar conta. — Então não foi como se ele tivesse implorado por perdão, exatamente.

Daphne me encara boquiaberta.

— Uau — murmura. — Foda-se aquele cara.

— Foda-se aquele cara — respondo, concordando plenamente.

Nós duas ficamos em silêncio outra vez, só processando a informação, nossa animosidade se dissipando aos poucos.

— Sinto muito se o que eu fiz te machucou — diz ela, depois de mais alguns segundos. Apesar de tudo, acredito que seja um pedido de desculpas, mesmo que eu não esteja pronta para perdoá-la. — E quando falei com a imprensa depois do seu segundo casamento…

— Espera, *o quê*? — gaguejo.

Ela torce o nariz, sem acreditar mais uma vez.

— Você jura que não lembra?

Quase respondo que não, definitivamente *não lembro*, mas preciso considerar todas as mentiras que Thomas e eu contamos sobre o que aconteceu naquela noite, incluindo o fato de nos lembrarmos.

— Eu estava lá — diz ela. — Fui sua testemunha. Literalmente assinei sua certidão de casamento. Você estava tão bêbada que nem se lembra disso?

Começo a me culpar por não ter dado uma conferida em nossa certidão de casamento com mais atenção, tendo me concentrado apenas no meu nome e no de Thomas juntos, sem nem me dar ao trabalho de procurar mais abaixo por mais alguém familiar.

— Stella — diz ela, em tom de advertência. — Não acredito nisso.

Levanto a mão para interromper o discurso decepcionado dela.

— Podemos deixar a culpa pra depois. Como você acabou sendo a testemunha do nosso casamento?

Daphne parece querer discutir, mas se limita a bufar.

— Encontrei você e o Thomas na farmácia por acaso — explica ela. — Vocês estavam… se pegando forte. — Ela faz uma careta de desgosto. — Por mais nojento que tenha sido, eu não conseguia acreditar no quanto você estava feliz. Não te via iluminada daquele jeito há séculos, e a maneira como ele te olhava… Sinto muito, Stella, mas não consigo me lembrar de uma única vez que o Étienne tenha parecido outra coisa senão presunçoso por ter te conquistado. Mas o Thomas estava pronto pra beijar o chão em que você pisava.

Sinto um nó na garganta. Queria conseguir me lembrar de tudo isso, mas saber que Thomas me olhava dessa maneira desde o começo me

transmite ainda mais certeza de que estamos fazendo a coisa certa.

— Não sei o que convenceu vocês dois a se casarem — diz ela —, mas os dois já tinham se decidido quando me viram. Imagino que nem se lembrem de terem feito piada de mim por ter ido até a farmácia para comprar antiácido, porque…

— Porque você é velha e não pode comer molho de tomate depois das nove da noite — digo, terminando por ela e me sentindo estremecer. — Estou me lembrando.

Ela revira os olhos, mas felizmente não pensa muito a respeito.

— Enfim, você praticamente me arrastou até a capela, implorando pra eu tirar fotos, porque você queria "mostrar pros seus futuros filhos". Foram essas as exatas palavras, inclusive.

Ok, caramba, eu me adiantei uns dez mil níveis.

— E você não tentou impedir a gente?

Daphne solta uma risada de deboche.

— Como se fosse possível. Vocês dois estavam decididos, não tinha como convencê-los do contrário. E pra falar a verdade… — Ela solta um suspiro, começando a parecer um pouco envergonhada por ter se envolvido nisso. — Eu meio que queria ver no que ia dar. Queria que você tivesse algo para esfregar na cara do Étienne, para mostrar que você era capaz de tocar a vida sem ele. Algo mais do que apenas uma noitada. É por isso que, quando a repórter me abordou, compartilhei todos os detalhes. Queria que ele ficasse sabendo.

Quero ficar brava, quero gritar com ela por todas as maquinações absolutamente ridículas dela, mas tudo que consigo fazer é apoiar os cotovelos nos joelhos e absorver tudo. Ela pode não ter lidado com tudo isso da maneira certa e me causado mais problemas do que eu jamais imaginei ser possível, mas, no fim das contas… Daphne me fez um favor. Ela é a razão de eu ainda estar com Thomas. Sem a intromissão dela, eu teria conseguido a anulação sem pensar duas vezes e seguido em frente com a minha vida.

Não teria tido a chance de me apaixonar pelo meu marido.

— Puta merda! — murmuro, resistindo à vontade de esfregar as mãos no rosto. — Então você sabia a verdade sobre aquela noite o tempo todo? E me deixou mentir sobre a história toda?

Ela assente, tentando conter um sorrisinho irônico e fracassando.

— Foi engraçado ver você tentando se safar dessa.

— Meu Deus, você é uma… — interrompo a frase antes de dizer algo bem maldoso e termino com: — Sinceramente, você é um gênio da conspiração e merece uma medalha por essa palhaçada toda.

Dessa vez, Daphne não contém o sorriso. Ela se levanta.

— Eu me contento com um destaque no brinde de casamento. — Ela olha para o relógio de pêndulo no canto da sala. — Falando nisso, já está na hora. Pronta pra se casar com aquele homem de novo?

Não tenho a menor dúvida em relação a isso.

— Sim. Estou.

— Está sóbria dessa vez, pelo menos?

— Nem um gole de álcool hoje — juro. — Aprendi a lição.

— Ótimo. — Ela alisa a frente do vestido, deixando o silêncio pairar por um momento enquanto um ar de seriedade volta a se instalar. — Estou feliz por vocês dois terem se encontrado. O Thomas é exatamente de quem você precisava.

Concordo. Parece pura sorte, e fico feliz que a força do acaso tenha decidido ficar do meu lado. Porque… por mais assustador que seja admitir para mim mesma, eu me apaixonei por Thomas. Quer dizer, corri de salto alto por aquele homem. Não dá pra dizer que isso não é amor.

— Parabéns, Stella — diz Daphne, em um tom mais suave dessa vez. — Agora vai atrás do seu final feliz.



Quando Iris me contou que a cerimônia seria realizada no terreno da mansão, não imaginei que teria outro casamento numa igreja. Mas, vejam só, há uma antiga capela de pedra, não muito longe da casa, cercada por colinas verdejantes e as melhores vistas que milhões de libras podem comprar.

Ela mal acomoda os cem convidados, e certamente não comportaria os outros cem que esperamos na recepção, mas é perfeitamente rústica, coberta de plantas e flores trazidas de estufas de todo o país. Não se parece em nada com a igreja moderna que escolhi para o meu primeiro casamento, e de algum jeito é muito mais a minha cara.

Do lado de fora da capela, aguardo com minha mãe e meu pai no caminho estreito que desce da casa, ouvindo os murmúrios felizes das pessoas que já estão lá dentro. Minha entrada está marcada para daqui a alguns minutos, e estou usando esses últimos momentos de paz para tentar acalmar meus nervos. Por outro lado, não sei se vou ter muita tranquilidade com minha mãe me olhando estranho e torcendo as mãos.

Ainda não conversamos a sós, embora ela tenha chegado ontem para participar do ensaio e do jantar de casamento. Tivemos várias

oportunidades, é claro, mas cada vez que olhamos uma para a outra, as palavras somem. *Sinto muito por ter me afastado de você,* é o que quero dizer a ela, *não estava conseguindo enfrentar sua decepção.* Mas a declaração não vai sair até eu ouvir o que ela tem a dizer primeiro. Sou teimosa e herdei isso dela.

— Preciso te dizer uma coisa antes de entrarmos — anuncia ela.

Tento trocar um olhar com papai para ver se ele consegue me dar alguma pista do que vem por aí, mas ele desvia o olhar de propósito.

— Ok. — Aperto meu buquê com mais força. — Pode falar.

Mamãe aperta os lábios por um momento, como se estivesse tentando elaborar algo difícil. Mas então sua expressão relaxa, ela estende a mão para segurar meus ombros, me puxando para perto, e bloqueia minha visão de tudo ao redor. Ela é a única coisa que vejo diante de mim.

— Me desculpe por ter duvidado dos seus sentimentos pelo Thomas — diz ela. — E peço desculpas do fundo do meu coração por ter feito você sentir que não podia mais conversar comigo por causa disso. Nunca quis te obrigar a escolher entre ele e nós.

Fica claro quem eu escolhi, considerando que é a primeira vez que estamos conversando de verdade desde o Dia de Ação de Graças. Mas mesmo assim ela apareceu para fazer parte de um dos dias mais importantes da minha vida, e estou feliz por ter minha mãe comigo.

— Tudo bem — digo a ela, e falo sério. Não tenho qualquer ressentimento da minha parte, nada que ofusque minha conexão com Thomas. — Entendo o que te fez duvidar de nós. Mas você veio até aqui nos apoiar. Isso é tudo que eu quero.

Ela franze um pouco a testa, talvez surpresa com a minha disposição a relevar essa questão com tanta facilidade. Quando a estranheza se dissipa, o sorriso que ela me lança é repleto de amor e alívio.

— Espero que ele te faça feliz — diz, baixinho, me puxando com força contra si. — É tudo que mais quero para você, Stella.

Eu a abraço e sussurro:

— Ninguém nunca me fez tão feliz.

Quando volto a me afastar, vejo a cerimonialista parada ao lado, acenando para chamar minha atenção. Chegou a hora.

— Pronta? — pergunta papai, os olhos já brilhando de lágrimas.

Se ele chorar, eu choro também.

— Pronta — respondo, e então entrelaço meus braços nos dele e da minha mãe.

Entramos apertadinhos pelas portas da igreja e pelo corredor, ambos estreitos, mas eu quase nem percebo. Estou totalmente concentrada em Thomas no altar — no futuro que se desenrola diante dos meus olhos.

Passamos a noite separados, demonstrando respeito à tradição, e, no escuro do meu quarto, tive medo de todas as coisas que poderiam dar errado hoje. E se ele resolvesse fugir como Étienne? E se não estivesse lá quando eu chegasse? E se tivesse ficado, mas obviamente contra a vontade?

Todas essas preocupações se dissipam quando o vejo sorrir para mim, praticamente na ponta dos pés, como se estivesse tentando não *correr* na minha direção. Lembro como Ron olhou para Janelle no dia do casamento deles. É aquele olhar que nunca achei que receberia. Como eu estava enganada.

Tento me concentrar nos meus pais beijando meu rosto e na piscadela que Janelle me lança enquanto lhe entrego o buquê, mas tudo que quero fazer é me virar para Thomas. Quando o faço, preciso de um esforço absurdo para não dar uma risadinha boba. Meu Deus, em quem esse homem me transformou?

Quando ele segura minhas mãos, não consigo conter o sorriso. Ele responde com outro sorriso, largo e brilhante, e se isso ainda não foi o suficiente para convencer a todos aqui de que somos um casal de verdade, então não sei o que vai ser necessário.

— Oi — sussurra ele para mim enquanto o celebrante ao nosso lado começa a falar.

— Oi — sussurro de volta. — Se tiver planos de fugir, pode me avisar agora? Queria estar preparada desta vez.

Ele morde o lábio inferior para abafar o que certamente seria uma gargalhada. Ainda assim, os ombros dele tremem, o que considero uma vitória.

— Não estou planejando fugir. — Os olhos azuis dele, da cor do oceano, percorrem meu rosto como se Thomas estivesse catalogando cada centímetro de mim e deste momento. — Mas, se quiser fugir comigo, a gente pode fazer isso.

Balanço a cabeça sutilmente.

— Acho que vou aguentar firme. Não quero decepcionar todo mundo que resolveu aparecer, sabe?

— Ah, vai, isso daria a eles uma bela história pra contar.

Com certeza daria, mas meu objetivo aqui é mostrar que somos dois bobões apaixonados e obcecados um pelo outro.

— Estou bem — digo. — Feliz por estar aqui com você.

Thomas aperta minhas mãos com mais força. Eu não reclamaria se ele nunca mais as soltasse.

— Eu iria com você até os confins da Terra, se me quisesse por perto.

Talvez eu não quisesse uma semana atrás. Na verdade, tenho certeza de que não queria. Neste momento, no entanto, desejo que ele venha comigo aonde quer que eu vá, e também desejo ir com ele para onde quer que ele vá. De agora em diante, não há mais como nos manter longe um do outro.

Quando chega a hora de recitar nossos votos — os clássicos, sem frescuras —, trocamos de forma rápida e eficiente, prontos para chegar à parte boa. Estou quase explodindo quando o celebrante anuncia que o noivo já pode beijar a noiva, e o riso que eu estava segurando finalmente escapa quando Thomas me envolve em seus braços.

— Eu estava esperando por essa parte — murmura ele, e então seus lábios encontram os meus.

É o beijo que o príncipe dá na princesa no final de um filme de conto de fadas, selando o amor dos dois; do tipo em que o cenário desaparece e ficam só os dois envoltos por uma névoa de luz dourada, com uma brisa suave balançando seus cabelos. É do tipo que faz você fechar os olhos e se deixar levar para algum lugar distante. Meus joelhos até fraquejam. Não fosse por ele me mantendo em pé, eu agora seria uma poça no chão. É perfeito.

Abro os olhos quando Thomas se afasta. O resto do mundo reaparece com um crescendo de comemorações e aplausos.

— Acha que eles acreditaram? — pergunta ele, sorrindo para mim.

Entre o beijo e o sorriso, fico sem fôlego, mas ainda consigo responder:

— Talvez a gente devesse fazer de novo só por precaução.

— Ideia brilhante.

Agora o beijo é menos do tipo conto de fadas e mais daquele tipo que se dá entre quatro paredes. Não me importo com quem esteja assistindo; que vejam o quanto eu desejo este homem. Que vejam a eletricidade que existe entre nós. Que vejam como decidimos escolher um ao outro.

Há alguns meses, continuar casada era uma aposta sem garantia de retorno. Mas agora?

Tenho quase certeza de que tiramos a sorte grande.



CAPÍTULO 35

Thomas

Três semanas depois
Março — Bahrein

Essa pode muito bem ser minha última temporada como piloto da McMorris. Na verdade, estou apostando nisso.

Stella se senta ao meu lado no meu carro a caminho do circuito de Sakhir para a primeira corrida da temporada. Rola a tela do celular e responde e-mails rapidamente, mantendo o bom funcionamento de seu império a distância. Sendo bem sincero, ela estava certa quando disse que era mais impressionante do que eu, pois eu provavelmente perderia a cabeça se tivesse que fazer todas as coisas que ela faz todos os dias. Sou mais pilotar um carro.

— Tá terminando? — pergunto a ela enquanto entro em uma rua lateral isolada que leva ao estacionamento. — Estamos quase chegando.

— Só mais alguns — murmura ela, os olhos ainda grudados no celular. — Depois eu prometo ser uma esposinha perfeita pra você.

Dou risada, mas não tenho dúvidas de que terei toda a atenção dela quando chegar a hora. Estamos mais inseparáveis do que nunca desde o nosso segundo casamento, e ela não hesitou quando a chamei para vir comigo ao Bahrein. Avisei que eu quase não teria tempo livre entre os testes de pré-temporada e o primeiro fim de semana de corrida, que os encontros que estávamos tendo a cada poucos dias teriam que ser interrompidos por um tempo, mas ela não se deixou abater.

— Só me casei com você pra conseguir mais carimbos no passaporte — brincou ela antes de me dar um beijo no queixo. — Até os confins da

Terra, lembra?

Pode não ter sido parte oficial dos nossos votos, mas se tornou a nossa promessa um ao outro. Sempre que possível, faremos um esforço para estarmos no mesmo lugar, o que facilita bastante toda essa coisa de namoro. Ouso dizer que estamos indo bem até agora. Quem diria que pular direto para o casamento me levaria a ter a melhor namorada do mundo?!

Quando entro no estacionamento e paro na vaga designada a mim, sinto uma descarga de adrenalina correr pelas veias. Em poucas horas, depois de mais algumas reuniões de equipe e ajustes de última hora no carro, estarei no grid assistindo às luzes se apagarem. Dizer que senti falta disso tudo é eufemismo, e pensar que já considerei desistir… é quase inacreditável agora. Estou determinado a lutar mais do que nunca. Vou provar que pertenço à elite do automobilismo, vou provar meu valor a qualquer equipe que me queira no futuro.

Embora os testes de pré-temporada da semana passada tenham sido promissores para a McMorris, a Specter Energy e a Mascort continuam no topo, com a D'Ambrosi não muito atrás. Alcancei uma respeitável P5 na classificação de ontem, apesar de ter ficado atrás dos grandes talentos — incluindo os dois campeões que retornaram, Zaid e Axel, e nosso mais novo campeão, Reid. Não tenho muitas chances de terminar melhor do que agora, ainda mais se Dev defender bem a quarta posição.

Não vou desperdiçar energia lamentando o resultado. Mais do que tudo, estou feliz em ver Zaid e Axel de volta e competindo com a mesma ferocidade de antes do acidente. Mas essa parece ser a única coisa que os une. Parte da casca grossa de Axel se suavizou durante o tempo em que esteve afastado, algo que não ouso considerar negativo. O cara precisava diminuir um pouco a agressividade fora da pista.

Zaid, por outro lado, parece ter endurecido. Não que ele fosse simpático, radiante e sempre sorridente antes — como Dev, por exemplo —, mas sempre teve uma aura cativante que atraía as pessoas. Não posso dizer que ela desapareceu por completo, mas… deu uma boa desbotada. Agora existe um muro que não me lembro de ter visto diante do meu ídolo antes. Mas tendo Dev como companheiro de equipe, não sei por quanto tempo esse muro vai aguentar.

— Você não vai acreditar.

A voz de Stella me arranca de meus pensamentos. Ela levanta o celular para me mostrar o nome de Edith no *remetente* de um e-mail encaminhado para mim e Stella. Continuando a leitura, percebo que vem da A. P. Maxwell International e é algo que *definitivamente* não deveria ter sido revelado a ninguém de fora da organização.

O assunto me faz congelar.

[CONFIDENCIAL] COMUNICADO À IMPRENSA: A. P. Maxwell International manterá parceria com a equipe de F1 McMorris.

Arregalo os olhos e em seguida troco um olhar com Stella.

— Só pode ser brincadeira!

— Continua lendo — insiste ela.

Atordoado, volto minha atenção para a tela, forçando meu cérebro a se concentrar na próxima linha.

"Mexi uns pauzinhos", escreveu Edith. "A parceria depende de você permanecer na equipe, mas o dinheiro vai te acompanhar para onde você for. Andrew não vai interferir nesse assunto outra vez. Aguarde por um pedido de desculpas dele em breve."

Releio a mensagem para ter certeza de que não estou alucinando.

— Cacete — suspiro. — Que pauzinhos foram esses que ela mexeu, você sabe?

Stella balança a cabeça.

— Não quero perguntar e não quero saber.

Concordo que essa é a melhor abordagem para o assunto, porque sem dúvida o movimento envolveu algum tipo de chantagem. Minha irmã mais velha, como diria Stella, não brinca em serviço. Mas nunca, nem nos meus sonhos mais loucos, imaginei que Edith fosse fazer algo assim por mim. Por outro lado, talvez ela tenha recebido alguns empurrõezinhos no caminho.

Lanço um olhar para minha esposa.

— Você teve alguma coisa a ver com isso?

Ela joga o cabelo por cima do ombro, altiva e confiante, minha versão favorita dela.

— Não nego nem confirmo. — Então faz uma pausa, a mão caindo no colo novamente. — Tá, eu nego, sim, porque não mereço levar o crédito por isso. Mas o assunto talvez tenha surgido quando conversei com a Edith semana passada sobre o quanto ela estava irritada com a decisão do seu pai de dar o cargo de CEO para o Andrew…

— Não, espera aí, calma, calma. Você falou com a *Edith*? — interrompo. — Sem ser obrigada?

— Nós duas somos empresárias experientes, Thomas, qual é? — Ela dá uma piscadinha para amenizar o clima da declaração. — Mas, sim, nós conversamos. Ela é direta, com certeza, mas é muito legal depois que você a conhece.

Quero fazer mais perguntas, mas um movimento do lado de fora das janelas me distrai, um lembrete de que precisamos entrar no paddock.

Minha mente gira em pura descrença com ambos os acontecimentos enquanto saio do carro e vou até o lado de Stella para abrir a porta.

Jamais imaginei que minha esposa e minha irmã se uniriam e fariam isso acontecer para mim, ou que seriam capazes de mudar essa situação. Tenho certeza de que a entrevista com Lorenzo que saiu há alguns dias ajudou, já que ele basicamente me inocentou de todas as irregularidades e revelou ao mundo que foi Arlo quem filmou e postou o vídeo do meu discurso. Meu companheiro de equipe tem estado ausente de várias reuniões de equipe desde então, e eu nem vou ficar muito surpreso se ele for trocado por outro piloto até as férias de verão, no máximo. E sabendo que a McMorris vai receber o dinheiro do patrocínio enquanto me mantiver na equipe… bem, fica óbvio quem será a prioridade deles, não é?

Stella desliza a mão na minha ao sair do carro, entrelaçando nossos dedos e dando um aperto suave.

— Você pode ficar na McMorris se quiser — diz ela baixinho enquanto nos dirigimos para a entrada do paddock, ignorando os flashes das câmeras. — Continue se saindo tão bem quanto vem se saindo e eles nem vão considerar outra pessoa para a sua vaga.

Aceno atordoado para as pessoas que gritam meu nome atrás das barreiras e quase deixo meu passe cair ao pressioná-lo contra o sensor da catraca. Achei que ficaria mais feliz com essa notícia, talvez até exultante por saber que tenho uma vaga garantida no ano que vem, mas a verdade é que… não sei como me sinto. Não sei mesmo. E tudo porque meus objetivos mudaram.

Quero mais do que só um lugar garantido em uma equipe no meio do pelotão. Quero mais do que um ou dois pódios durante a temporada inteira, se tiver sorte. Quero mais do que a McMorris pode me dar.

Só percebo que estou há um bom tempo sem responder quando Stella levanta minha mão e beija meus dedos, me trazendo de volta ao momento presente.

— É, acho que sim, vamos ver — digo, mas mesmo a resposta afirmativa não parece muito confiante.

Enquanto atravessamos a multidão e passamos pelos motor-homes que abrigam a equipe, Stella pergunta:

— Você *quer* ficar?

Bingo, essa é a questão. Será que quero ficar na McMorris? Será que conseguiria continuar reprimindo meus desejos e sonhos por essa vaga? A faísca em meu peito me lembra o quanto eu queria um lugar no esporte quando ainda competia no kart. Só estar na F1 já era um sonho, sim, mas sempre foi mais do que isso. É mais do que isso para todo

mundo antes de nossas expectativas serem diminuídas pela idade e pela experiência.

Mas por que diminuí-las agora, quando eu poderia lutar por mais?

— Eu quero competir pelo campeonato — digo, em um volume que só nós dois conseguimos ouvir. Desta vez, as palavras são confiantes. — Não sei se algum dia vou conseguir isso na McMorris.

Stella assente, compreensiva.

— Para onde você gostaria de ir?

Estamos prestes a passar pelo motorhome da Specter Energy, a placa azul-marinho e amarelo neon brilhando sob os holofotes como um farol. Sinto um aperto no peito, como se algo estivesse nascendo ali. Eu colocaria muita coisa a perder, mas…

— Tenho algumas ideias.



Como previsto, termino na mesma posição em que larguei.

Nada mau, e na verdade é um ótimo começo de temporada. Fica tudo ainda mais satisfatório porque Arlo terminou em P11, apenas um segundo atrás do décimo colocado, e não marcou pontos. Sei que deveria desejar mais para a equipe, mas, sinceramente, ele merece.

Stella está me esperando na garagem, os fones de ouvido verdes pendurados no pescoço e um sorriso largo no rosto. Ela joga os braços por cima dos meus ombros quando me aproximo, rindo e fazendo graça, mas não há como não notar o orgulho que vejo em seus olhos castanhos.

— Cara, como você é bom — diz ela enquanto a envolvo pela cintura. — Quase ultrapassou o Dev na largada. Ele foi obrigado a pensar rápido para defender a posição. Foi muito sexy da sua parte.

Se ao menos eu tivesse conseguido ultrapassá-lo… mas não deu. A Mascort desta temporada é, mais uma vez, uma façanha da engenharia que só a Specter Energy consegue superar. Mas isso não me impedirá de tentar novamente na próxima vez.

— Continuo perdendo — lembro a ela, mas volto a sorrir. Como poderia me sentir menos do que um grande vencedor com ela ao meu lado? — Já decidiu se vai a Jedá comigo para a próxima corrida?

Da última vez que perguntei, alguns dias atrás, ela disse que ia dar uma olhada na agenda e me avisaria. Mesmo tendo eliminado a maioria das regras dela, mantivemos as duas primeiras em vigor: sem segredos e a carreira de um não é mais importante que a do outro. Nunca pediria

para ela ficar longe de casa por mais tempo do que o aceitável, e sempre farei um esforço para estar ao seu lado quando ela precisar de mim.

Stella suspira como se não acreditasse na minha pergunta.

— O que eu falei sobre os carimbos no passaporte, Thomas?

— Que eles são a única razão pela qual você se casou comigo — respondo, sem hesitar.

— Isso aí. — Recebo um tapinha no peito seguido por uma de suas risadas inebriantes. — E esse carimbo ainda tá faltando, então vou com você. Espero que não tenha pensado que se livraria de mim tão depressa.

Não há um momento sequer em que eu não a queira comigo. Podemos ter decidido levar o relacionamento no nosso próprio ritmo, sem dar nenhum passo cedo ou rápido demais, mas seja lá o que for — chame de namoro, casamento ou simplesmente um relacionamento sério —, é incrível.

— Eu jamais seria presunçoso a este ponto — digo, e até aos meus ouvidos essa frase soa ridiculamente pomposa.

Mesmo assim, ela dá outra risada.

— Ótimo. Porque você não vai a lugar algum sem mim. — Ela faz uma pausa. — Quer dizer, até você ir para a Austrália, aí eu passo. O voo é longo demais.

— Ué, não era até os confins da Terra? — provoco.

Stella se inclina e me dá um selinho, roubando meu fôlego.

— Vou desenhar um mapa novo.

Eu a observaria desenhar um, contanto que ele ainda me levasse até ela. Stella poderia até reescrever a história da humanidade, se prometesse que ainda nos deixaria ficar juntos.

— E eu vou estar te esperando — continua ela. — Em casa.

Em casa. Nossa casa em Londres, onde os troféus dela agora estão ao lado dos meus. Onde a cozinha é cheia de eletrodomésticos, antigos e novos, em seu tom favorito de café com leite. O lugar onde espero sempre sentir o aroma cítrico e doce pairando no ar.

— E vai me esperar com uma sobremesa? — provoco, encurtando a distância para outro beijo leve como uma pluma.

É ela quem fica sem fôlego desta vez.

— Para você, Príncipe Encantado… faço todo o *spotted dick* que quiser.



EPÍLOGO

Stella

Oito meses depois
Novembro — Las Vegas, Nevada

O anel de noivado no dedo de Willow Williams fica refletindo a luz de um jeito que vai acabar deixando todo mundo cego até o fim do jantar.

— Meu Deus — murmuro para Thomas, estremecendo quando ela levanta a mão de novo e a refração me atinge em cheio no rosto. — Isso aí é uma arma de destruição em massa.

— É quase do tamanho dela — sussurra ele de volta. — Como ela tá conseguindo levantar o braço?

Dou uma risadinha.

— Ela é pequena, mas deve ser bem forte.

Tirando o potencial dano à retina, nosso jantar de aniversário de casamento está sendo fantástico até agora. Nossos amigos e familiares fizeram a viagem até Las Vegas para comemorar nosso primeiro ano de casamento no lugar onde tudo começou. Até alguns pilotos e as parceiras deles se juntaram a nós — incluindo os recém-noivos Dev Anderson e Willow Williams.

Digo *recém-noivos*, mas já faz mais de um mês, embora pareça que o pedido foi feito ontem mesmo, considerando o quanto os dois estão animados.

— O Dev tá *insuportável* — reclamou Thomas depois do primeiro fim de semana de corrida após o noivado. — Nós dois sabemos que eu sou obcecado por você, mas aquele cara? Completamente maluco de amor. Lamento que a gente tenha contribuído para o romance deles acontecer.

— Ah, sim, a gente, tá bom — reflito. — Porque *você* fez muita coisa mesmo, depois de *eu* ter disponibilizado a Stella Margaux de Manhattan de graça pra ele fazer o pedido de casamento.

Thomas levanta a cabeça, fingindo indignação.

— Fui eu quem conversou com você, não foi? Se eu não tivesse te contado como ele estava planejando fazer o pedido, não teria sido obrigado a ouvir a descrição poética dele do quanto está ansioso pra se casar com ela. Cometi um erro terrível.

Ele pode até achar que foi um erro, mas percebo os olhares carinhosos que ele lança para Dev e Willow do outro lado da mesa. No fundo, meu homem é um bobão romântico, do jeitinho que eu gosto.

— Ei, mas e aí, quando você vai me pedir em casamento? — pergunto, cutucando o joelho dele com o meu por baixo da mesa. — Nunca tive essa parte.

— Não, você só não se *lembra* dessa parte.

Ele abre um sorriso e segura minha mão, mantendo os dedos sob os meus e fazendo com que meu próprio diamante gigantesco brilhe sob as luzes. Apesar de tecnicamente estarmos apenas namorando desde o nosso último casamento em fevereiro, na maioria dos dias acho que nos esquecemos de sermos qualquer outra coisa que não casados.

— É o que você quer? — pergunta ele, enquanto brinca com a minha aliança. — Porque eu posso fazer acontecer. — Em seguida, inclina a cabeça na minha direção até ficarmos cara a cara, e meu coração acelera. — Aceita se casar comigo pela terceira vez, Estelle Margaux Wilhelmina Tyrrell Baldwin Maxwell-Brown?

Finjo pensar no assunto, torcendo a boca antes de concordar.

— Sim, aceito. E você está com sorte… conheço uma capela aonde podemos ir. É melhor a gente pular logo toda aquela coisa chata de festa de casamento.

Thomas leva minha mão à boca e beija minha aliança.

— Na verdade, tenho uma ideia melhor.

— Ah, é? — Levanto uma sobrancelha. — O que seria melhor do que se casar comigo várias vezes?

— Tatuar suas iniciais no meu dedo.

Deixo escapar uma risada surpresa e me inclino para trás.

— Meu amor, acho que talvez as letras nem caibam.

— Vão caber — diz ele, com tanta confiança que faz meu sorriso sumir.

Ele está falando sério.

— *Você* quer fazer uma *tatuagem*? — insisto, tomada pela descrença. — Sei que já te chamei de imitação do Harry Styles, mas não achei que

fosse querer ir tão longe com isso.

Ele balança a cabeça ao ouvir meu comentário, mas felizmente ignora minhas piadas.

— Quero fazer uma tatuagem porque não posso usar minha aliança quando estou correndo — explica. — E quero te levar comigo o tempo todo.

Fico meio atordoada, talvez por causa de todo o vinho que já bebemos, mas… não, estou quase desmaiando mesmo. Quase desmaiando de emoção.

— Ah — solto, e mesmo sabendo há séculos que estou apaixonada por ele, o gesto ainda me atinge com a força de um trem em alta velocidade. — Eu amei a ideia.

Ele se anima.

— É? Gostou mesmo?

— Aham. — É tudo o que consigo dizer, porque minha garganta está ficando apertada, mas me obrigo a continuar: — E eu te amo. Tanto. Tipo, uma quantidade absolutamente ridícula da qual eu ficaria envergonhada se não tivesse certeza de que você sente o mesmo e não te ouvisse declarar isso umas vinte e sete vezes por dia.

Thomas ri do meu discurso e abre um sorriso que me lembra por que me apaixonei por ele.

— Bom, se você me ama tanto, por que não faz uma tatuagem comigo?

— Tatuagens combinando? — debocho. — Você não acha… cafona?

— Nossa, com certeza. — Ele se inclina e dá um cheirinho na minha orelha. — Mas tudo em Vegas é meio cafona, né?

Ele não está errado. Quer dizer, já tivemos um casamento cafona em Vegas, então que mal faria mais uma cafonice?

— Além disso — continua Thomas —, você não pode usar sua aliança sempre porque passa metade do tempo com as mãos na massa. Uma tatuagem faz sentido pra você também.

— Você se acha muito espertinho, né? Só não quer fazer uma tatuagem sozinho.

— Talvez — admite ele.

Eu o encaro por um instante. Nunca me interessei muito por tatuagens, mas se tem alguém que poderia me convencer a fazer uma, é ele.

— Tá bom, dane-se, eu topo.

Ele não hesita em pressionar os lábios nos meus para um beijo rápido em comemoração.

— Meu Deus, eu te amo tanto…

— É a vigésima oitava vez que você diz isso hoje.

— E falo cada vez mais sério.

— Então mal posso esperar pela vigésima nona.

— Vai acontecer depois que minhas iniciais estiverem no seu dedo.

Eu me inclino para outro beijo.

— Aposto cem pratas que você não aguenta até lá.

— Tem razão — sussurra ele de pertinho. — Eu te amo, Stella.

Não consigo responder que também o amo porque ele ocupa meus lábios com outro beijo, mas tudo bem. Ele sabe.

Nosso amor é uma coisa que não vai ficar só em Vegas.



AGRADECIMENTOS

Apesar de ela não ter tido permissão para ler este livro, o maior agradecimento vai para a minha mãe D. Todos o seu incentivo me ajudou a superar o estresse de escrever com um prazo apertado. Devo tudo a você. Eu te amo muito.

Minha agente, Silé Edwards. Amo suas mensagens de áudio que mais parecem um podcast de tão longas e espero receber muitas outras no futuro. Você é a melhor de todas.

Minhas editoras, Kinza Azira e Mary Baker, merecem o crédito por tornarem este livro o melhor que poderia ser e por todos os comentários que deixaram no documento do Word. Quase me acabei de rir. *Bon appetit*!

Chloe, Ana, Carol-Anne, Rosa e toda a equipe da Pan Macmillan: obrigada por me receberem no escritório e por tornarem o lançamento do meu romance de estreia, *Um amor sem freio*, um sonho no Reino Unido. Um abraço a todos vocês do outro lado do Atlântico! Jessica, Tina e todo mundo da Berkley, além de todos os meus editores e tradutores internacionais, agradeço por tudo que fizeram para levar essas histórias a mais leitores.

Leni Kauffman, por mais uma vez criar a obra de arte mais deslumbrante para a capa.

Soraya, por organizar eventos e ser uma ótima parceira de conversa (precisamos mesmo começar esse podcast). Mahbuba, por ser a mulher mais encorajadora do mundo e me deixar autografar livros na sua loja. E Teigan, obrigada por ser tão corajosa e ir até os livreiros perguntar se eu poderia autografar exemplares de *Um amor sem freio* — estou oficialmente contratando você para administrar minha carreira no Reino Unido.

Zarin, Bei, Aaliyah, Kell, Moon, Ruqi, Ali, Alissa, Norhan, Deidre, Chloe, Nat e Marina, obrigada por me apoiarem tanto. E à equipe do Pit

Wall Recs, obrigada por organizar um comitê de observação tão incrível para o GP de Mônaco e me convidar para falar sobre *Um amor sem freio*.

Val, Kristin e Arzoo: estou muito feliz que nossa amizade tenha ido além da faculdade e sobrevivido a esses últimos dez anos. Desculpem a demora para contar a vocês que eu era escritora, mas, ei, que bom que agora podemos comemorar todo mundo junto.

Sammy, você é a melhor irmã e amiga que uma garota poderia querer. O lançamento de *Um amor sem freio* no Reino Unido não teria sido o mesmo sem você. Ainda estou pensando naquelas tortas de carne…

"Bom, pelo menos ele não está tocando '*The A Team*'." Meu *A Team*, eu amo todos vocês e me arrependo de ter dito essas palavras, mas fico muito feliz por termos ouvido nossa música homônima ao vivo tantas vezes e tão por acaso. E obrigada à equipe do Aeroporto de Dublin por tocar Ed Sheeran várias vezes por horas seguidas (foi o que pareceu) — vocês não fazem ideia do que inspiraram aqui.

Flamingo House: Kate, eu realmente não sei o que faria sem você. Obrigada por aguentar minhas birras e usar educação positiva para me ajudar a terminar o trabalho. Adoro nossas conversas na piscina e nossos telefonemas que nunca duram menos de três horas. Natalie, irmãzinha descolada que me mantém jovem, obrigada por sempre ser minha líder de torcida e se orgulhar quando consigo ser vulnerável (o que é raro). *SWTM* para sempre.

E minha mãe J. Queria que você estivesse aqui para ver isso, mas acredito que é você quem faz tudo acontecer, e isso me consola. Obrigada.



SOBRE A AUTORA

SIMONE SOLTANI é autora de romances e já foi *ghostwriter*. Nascida e criada em Washington, D.C., obteve o bacharelado em geografia na George Washington University, o que ela gosta de pensar que é muito útil para a construção dos mundos em seus livros. Quando não está escrevendo, gasta boa parte do tempo planejando férias que nunca vai tirar, reorganizando suas inúmeras estantes de livros e assistindo a esportes enquanto fica aconchegada com seus cães.